

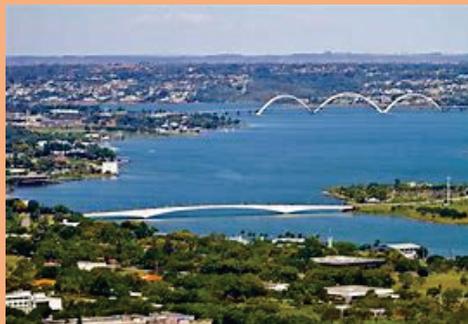
ORGANIZAÇÃO

Neuza de Farias Araújo

Vitor João Ramos Alves

Maria José Magalhães

Thiago Sebastiano de Melo



SEMINÁRIO INTERNACIONAL GÊNEROS E INTERDISCIPLINARIDADES: “A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE”



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL
GÊNEROS E INTERDISCIPLINARIDADES:
“A PRÁTICA DA INTERSECCIONALIDADE
NA CONTEMPORANEIDADE”**

ORGANIZAÇÃO

Neuza de Farias Araújo
Vitor João Ramos Alves
Maria José Magalhães
Thiago Sebastião de Melo

Brasília / DF
2020

FICHA TÉCNICA

Comissão Organizadora do Livro Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades “A práxis da interseccionalidade na contemporaneidade”

Neuza de Farias Araújo
Vitor João Ramos Alves
Maria José Magalhães
Thiago Sebastiano de Melo

Comissão Organizadora do Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades “A práxis da interseccionalidade na contemporaneidade”

Neuza de Farias Araújo (Coordenação Geral)
Maria José Magalhães (Coordenação Geral)
Neio Lucio de Oliveira Campos
Lana Magaly Pires
Maria Conceição da Silva Freitas
Thiago Sebastiano de Melo
Vitor João Ramos Alves

Apoio Técnico ao Seminário

Centro de Excelência em Turismo (UnB)
Faculdade de Educação (UnB)
UnB TV da Universidade de Brasília (UnB)

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL
GÊNEROS E INTERDISCIPLINARIDADES:
“A PRÁTICA DA INTERSECCIONALIDADE
NA CONTEMPORANEIDADE”**

ORGANIZAÇÃO

Neuza de Farias Araújo
Vitor João Ramos Alves
Maria José Magalhães
Thiago Sebastiano de Melo

Brasília / DF
2020

A reprodução do conteúdo deste livro é permitida somente para fins não comerciais, desde que citada a fonte e respeitados os direitos autorais.

658 Araújo, Neuza de Farias

Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: “a práxis da interseccionalidade Na contemporaneidade”/ Neuza de Farias Araújo (org), Vitor João Ramos Alves, Maria José Magalhães e Thiago Sebastião de Melo.

1a ed.- Brasília/DF, Editora Otimismo, 2020

260 p.

ISBN 978-65-89538-00-4

1. Violência 2. Gênero 3. Feminismo 4. Racismo
I. Título.

CDU 396

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	07
APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO	13
DOS TEMPOS DA URGÊNCIA DE PENSAR E AGIR: EDUCAÇÃO, CIDADANIA E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM PORTUGAL.....	21
<i>Maria José Magalhães</i>	
<i>Raquel Rodrigues</i>	
<i>Ana Beires</i>	
<i>Camila Iglesias</i>	
A INTERSECCIONALIDADE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO	35
<i>Eunice Léa de Moraes</i>	
É SOCIAL OU CIENTÍFICO? O CASO DO PROJETO MENINAS CIENTISTAS	47
<i>Renatha Cândida da Cruz</i>	
AS MULHERES DEFICIENTES NO MERCADO DE TRABALHO NO TURISMO	59
<i>Donária Coelho Duarte</i>	
O NOVELO PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO E A CONSUBSTANCIALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS	71
<i>Vera Simone Schaefer Kalsing</i>	
AVANÇOS E RECUOS NO RECONHECIMENTO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	84
<i>Sônia Regina da Cunha Barreto Gertner</i>	
INTERSECCIONALIDADE NO COTIDIANO DE COLETIVOS DISCENTES E DOCENTE SOB A ÓTICA DECOLONIAL	94
<i>Flávia Luciana Naves Mafra</i>	
<i>Isabela Grossi Amaral</i>	

MULHERES PESCADORAS: INTERSECCIONALIDADES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM ITAPISSUMA / PE / BRASIL.....	103
<i>Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão</i>	
GÊNERO, CLASSE E RAÇA/ETNIA: POR UMA ARTICULAÇÃO PLURINÍVEL E PLURIDIMENSIONAL	117
<i>Manuel Carlos Silva</i>	
EMANCIPAÇÃO E TRABALHO DOCENTE	134
<i>Fernando Bomfim Mariana</i>	
DIVERSIDADE SEXUAL, DE GÊNERO E A LUTA PELA TERRA: EXPERIÊNCIA DO COLETIVO LGBT DO MST.....	143
<i>Vinícius da Silva Oliveira</i> <i>Alessandro dos Santos Mariano</i>	
O MST E A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE	153
<i>Caroline Bahniuk</i>	
INTERSECCIONALIDADES DA OBESIDADE EM MULHERES POBRES NO BRASIL.....	165
<i>Denise Oliveira e Silva</i>	
TRABALHO E ORGANIZAÇÃO DAS CAMAREIRAS NA ESPANHA – UMA EXPERIÊNCIA INTERSECCIONAL	184
<i>Ernest Cañada</i>	
TURISMO, GÊNERO E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	201
<i>Cristiane Sousa de Araujo dos Santos</i>	
A INTERSECCIONALIDADE NA (DES)CONSTRUÇÃO DE SABERES DO SAMBA E DE RODAS DE SAMBA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.....	213
<i>Vitor João Ramos Alves</i>	
CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CAMINHOS DAS PESQUISAS ...	227
<i>Neuza de Farias Araújo</i>	
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES.....	245



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

AGRADECIMENTOS

*Neuza de Farias Araújo*¹
*Maria José Magalhaes*²

Expressar-se, compartilhando o mundo íntimo que vibra dentro de nós em forma de sentimentos, implica no comunicar-se. Para tal, utilizamos a palavra, aqui de forma escrita, como meio desta comunicação. O vocábulo “palavra” faz-nos lembrar do Educador Paulo Freire que, em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, nos ensina: “a palavra instaura o mundo do homem”. A palavra é também tida como comportamento humano – significante do mundo – a que não designa apenas coisas ou pensamentos, mas *práxis*.

Entre os dias 28, 29 e 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020, realizamos – em formato virtual – o Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: “A práxis da interseccionalidade na contemporaneidade”. Este evento foi resultado da parceria entre os Grupos de Pesquisa CNPq “Gêneros e Interdisciplinaridades” e “Feminismos e História das Mulheres”, do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB), com a Universidade do Porto (U.Porto/Portugal). Um encontro de importantes reflexões teóricas sobre a interseccionalidade e suas inferências na sociedade; com participação popular e construção crítica do conhecimento, que nos permitiu compartilhar nestes registros o sentimento de gratidão.

¹ Doutora docente associada IV do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB). Coordenadora dos Grupos de Pesquisa CNPq “Gêneros e Interdisciplinaridades” e “Feminismos e História das Mulheres”. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9684502030719345> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-6442-6981>

² Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto / Portugal. Investigadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0253932634770618>



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Assim, como palavra resultante desse significativo encontro, escolhemos “obrigada”.

Obrigada a todas e todos que contribuíram para a realização deste nosso Seminário.

Obrigada a Magnífica Reitora da Universidade de Brasília, Professora Márcia Abrahão Moura, primeira mulher a exercer o cargo de reitora na instituição, pelo apoio e incentivo em todas as realizações de práticas educativas dentro da universidade.

Obrigada ao Professor Neio Lucio de Oliveira Campos, diretor do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, até a presente data, pela contribuição dada à ciência do Turismo nesses 20 anos de atividades do Centro de Excelência do Turismo (UnB). São 20 anos de construção do conhecimento, ensino, pesquisa e extensão que dão embasamento ao Turismo enquanto ciência.

Obrigada aos demais membros da Comissão Organizadora do Seminário, composta pela Professora Lana Magaly Pires, Professora Maria Conceição da Silva Freitas, Professor Thiago Sebastião de Melo e Professor Vitor João Ramos Alves, que contribuíram no planejamento e efetivação de todo o encontro.

Obrigada aos demais moderadores: Professora Isabel Clavelin, João Lucio Cruz, Professora Marutschka Martini Moesch, Professor Neio Lucio de Oliveira Campos, Professora Maria Elenita Nascimento, Professor Thiago Sebastião de Melo, Professora Lana Magaly Pires e Professora Maria Conceição da Silva Freitas que auxiliaram na condução de cada debate construído nas datas do evento.

Obrigada aos conferencistas convidados: Professor Manuel Carlos Silva, Professora Margarida Felgueiras, Professora Vera Simone Kalsing, Bruna Giorjiani de Arruda, Professor Ernest Cañada Mullor, Professora Maria do Rosário Andrade, Professora Isabel Clavelin, Professora Renatha Cândida Cruz, Professora Sônia Regina da Cunha Gertner, Professora Donária Coelho Duarte, Professora Joseanes Lima dos Santos, Letícia Parks, Winnie Campos Bueno, Beth Caline, Vinicius da Silva Oliveira, Professora Caroline Bahniuk, Professora Miriam



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Abramovay, Professora Denise Oliveira Silva, Professora Renísia Cristina Garcia Filice, Professora Eunice Léa de Moraes, Professora Flávia Luciana Naves Mafra, Professora Isabel Maria Casimiro e Professor Fernando Bonfim Mariana, pelas contribuições teóricas e empíricas apresentadas durante as mesas realizadas.

Obrigada aos colaboradores Cristiane Araújo, Ylana Rodrigues, Bruna Roberta Santos, Hiago Neves Cardoso, Iara Ancelmo, Leticia Pedroso, Alessandra Santos e Ana Quintiliano pelo suporte aos conferencistas e moderadores durante o evento.

Obrigada aos integrantes da UnB TV, da Universidade de Brasília (UnB), que atuaram de forma eficiente e eficaz para o sucesso do evento, como apoio técnico durante todas as mesas, transmitindo ao vivo os debates e registrando-os na página da UnB TV do canal Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=cAUHXw5Xoks>

Entende-se que o conhecimento é um processo que se constrói por meio de uma relação dialógica e recíproca, entre pessoas afins que idealizam um futuro melhor. Assim, a construção deste registro, do Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades, se efetiva não de forma solitária, mas principalmente a partir da colaboração de cada um dos participantes aqui nomeados.

Muito abrigada!

Brasília, 30 de dezembro de 2020.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

APRESENTAÇÃO

*Neuza de Farias Araújo*³
*Maria José Magalhães*⁴

É com imensa satisfação que apresentamos o livro Seminário Internacional Gênero e Interdisciplinaridades: “A Práxis da Interseccionalidade na Contemporaneidade”, realizado em 28, 29 e 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020, na Universidade de Brasília, Brasil, resultado do intercâmbio entre o Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB), Brasil, e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto, Portugal.

A Cooperação da Universidade de Brasília (Brasil) e a Universidade do Porto (Portugal)

O Seminário surge como resultado do intercâmbio de pesquisa, iniciado no ano de 2008, por ocasião do Congresso Feminista de Lisboa e posteriormente firmado entre os Professores: Dra. Neuza de Farias Araújo (UnB/Brasil), Dr. Neio Lucio de Oliveira Campos (UnB/Brasil) e Dra. Maria José Magalhães (U.Porto/Portugal), com a colaboração do Centro de Excelência em Turismo (CET/UnB/Brasil) e a Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia da Universidade do Porto (U.Porto/Portugal), a partir de eventos, pesquisas, docência, participação em bancas de mestrado, conferências e lançamento de livros, firmados pelas temáticas dos grupos de pesquisa, a

³ Doutora docente associada IV do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB). Coordenadora dos Grupos de Pesquisa CNPq “Gêneros e Interdisciplinaridades” e “Feminismos e História das Mulheres”. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9684502030719345> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-6442-6981>

⁴ Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto / Portugal. Investigadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0253932634770618>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

realização de dois Seminários Internacionais realizados em 2015 e 2017 no Centro de Excelência em Turismo.

Os executores são os seguintes Grupos de Pesquisa, vinculados ao CNPq, “Gêneros e Interdisciplinaridades” – GINTER/CET/UnB e “Feminismos e História das Mulheres” – CET/UnB, tendo como líder dos dois Grupos a Professora Dra. Neuza de Farias Araújo.

Os grupos agregam pesquisadores estudantes de pós-graduação e graduação para o desenvolvimento de pesquisas sobre a interdisciplinaridade dos gêneros em diversos aspectos do conhecimento, nos contextos acadêmicos, sociais e culturais, visando uma contribuição científica a nível regional, nacional e internacional.

O Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, parceiro do convênio firmado entre as universidades, tem como líder a Professora Dra. Maria José Magalhães.

Os debates e as pesquisas, entre ambos os núcleos, já vêm sendo desenvolvidas no domínio do gênero e da interdisciplinaridade, com participação em simpósios, congressos pesquisas nacionais e internacionais, publicações de livros e capítulos de livros, estabelecendo comparações no domínio interdisciplinar, feminismos e história das mulheres.

A colaboração apresenta como objetivo geral, construir conhecimentos sobre Gênero e Interdisciplinaridade no campo de turismo, educação e trabalho.

O objetivo do seminário foi reunir, para além de pesquisadoras, professoras e professoras, e demais profissionais do Centro de Excelência em Turismo, da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília e Universidade do Porto, convidando professores pesquisadores e demais profissionais de universidades estrangeiras e brasileira, a saber: Universidades do Minho, Portugal, Universidade de Barcelona, Espanha, Universidade de Moçambique, África, e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), além de outras Universidades brasileiras (Universidade Federal Rural de



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Pernambuco, Universidade Lavras, Coordenadoria do Laboratório de Estudos Transdisciplinares, Coletivo de Mulheres Docentes UFLA, Grupo de Pesquisas Mulher e Raça - MURA, Frente Estadual pelo desencarceramento de São Paulo e Associação de Amigos de Pessoas Presas – AMPARAR, Coletivo LGBT MST/PR (UFPR), ENSP/Fiocruz - Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz, Comitê Fiocruz para acessibilidade e inclusão da pessoa com deficiência, entre outras. O objetivo, assim, foi apresentar conferências e promover um debate crítico, a fim de divulgar as pesquisas e análises sobre o empírico, das questões referentes a problemática que envolve a interseccionalidade na contemporaneidade.

A iniciativa de promover este seminário partiu de nossas discussões no contexto do intercâmbio e do projeto conjunto, construção do conhecimento e a necessidade de ampliar o debate sobre a temática, principalmente das questões sociais – as quais estão alargadas na contemporaneidade – envolvendo a interseccionalidade (aqui, considerada como formas e diferentes marcadores sociais de gênero, raça, classe, sexualidade, de modo interativo e dialógico na vida em sociedade).

Sendo o turismo um campo acolhedor deste debate, em termos transversais, foi possível privilegiar este domínio, integrando as reflexões para elaborações de ações e políticas nesta área do conhecimento, que engloba a sociedade, parte importante no contexto do turismo.

Convidamos a todos os leitores, a lançar um olhar sobre este trabalho fruto de percepções de autoras e autores de diversos continentes e regiões brasileiras, aportando contribuições importantes para o conhecimento, nomeadamente para as questões sociais que envolvem as problemáticas de gênero, classes sociais, raça/etnia e os desafios para os feminismos.

Muito obrigada.
Saudações feministas!

Brasília, 30 de dezembro de 2020.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

INTRODUÇÃO

*Neuza de Farias Araújo*⁵
*Maria José Magalhães*⁶
*Vitor João Ramos Alves*⁷
*Thiago Sebastiano de Melo*⁸
*Lana Magaly Pires*⁹
*Maria Conceição da Silva Freitas*¹⁰

No âmbito da parceria entre a Universidade de Brasília (Brasil) e a Universidade do Porto (Portugal), surge no ano de 2008 o projeto de intercâmbio de pesquisa, firmado entre os Professores Dra. Neuza de Farias Araújo (UnB/Brasil), Dra. Maria José Magalhães (U.Porto/Portugal) e, posteriormente, Dr. Neio Lucio de Oliveira Campos, firmando o intercâmbio de conhecimento e pesquisa do Centro de Excelência em Turismo

⁵ Doutora docente associada IV do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB). Coordenadora dos Grupos de Pesquisa CNPq “Gêneros e Interdisciplinaridades” e “Feminismos e História das Mulheres”. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9684502030719345> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-6442-6981>

⁶ Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto / Portugal. Investigadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0253932634770618>

⁷ Doutor pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Geografia, da Universidade de Brasília. Docente do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB), e integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003037867498422> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0002-2548-7340>

⁸ Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA na Universidade Federal de Goiás – UFG. Docente do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB), e integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2887809032343087>

⁹ Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, e integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Feminismos e História das Mulheres. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8278212437792419>

¹⁰ Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília. Docente do Departamento de Teoria e Fundamentos, área de Educação e Trabalho, da Universidade de Brasília, e integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Feminismos e História das Mulheres. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2298230132252269>



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

(CET/UnB/Brasil) e da Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia da Universidade do Porto (U.Porto/Portugal).

A partir de eventos, pesquisas, docência, participação em bancas de mestrado, conferências e lançamento de livros, firmados pelas temáticas dos grupos de pesquisa, surge no ano de 2012 o Grupo de Pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades GINTER/CET/UnB e a posterior o Grupo de Pesquisa Feminismos e História das Mulheres, tendo como membro líder a Professora Dra. Neuza de Farias Araújo.

A área de pesquisa predominante se circunscreve pelas Ciências Humanas; Sociologia e Turismo. Desde então o primeiro Grupo agrega pesquisadores, estudantes de pós-graduação e graduação, para o desenvolvimento de pesquisas sobre a interdisciplinaridade dos gêneros em diversos aspectos do conhecimento, nos contextos acadêmicos, sociais e políticos, trazendo uma contribuição científica a nível regional, nacional e internacional. Os debates e as pesquisas já vêm sendo desenvolvidas pelos grupos no domínio dos gêneros e da interdisciplinaridade, com construção de vários trabalhos de dissertações de mestrado em Turismo e áreas afins, participação em simpósios, congressos, pesquisas nacionais e internacionais publicadas em artigos científicos e livros, estabelecendo comparações no domínio interdisciplinar.

Nesse ano de 2020, mesmo com todas as dificuldades, devido a pandemia do Covid-19 que percorre o país e todo o mundo, os grupos de pesquisa se uniram e decidiram aceitar o desafio de promover (em formato virtual) o Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: “A Práxis da Interseccionalidade na Contemporaneidade”, realizado em 28, 29 e 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020, na Universidade de Brasília, Brasil. O evento, se faz como resultado do intercâmbio entre o Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB/Brasil), e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto (U.Porto/Portugal).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Como comissão organizadora do Seminário atuaram os professores: Dra. Neuza de Farias Araújo (Coordenação Geral), Dra. Maria José Magalhães (Coordenação Geral), Dr. Neio Lucio de Oliveira Campos, Dra. Lana Magaly Pires, Dra. Maria Conceição da Silva Freitas, Dr. Thiago Sebastião de Melo e Dr. Vitor João Ramos Alves, tendo como apoio técnico o Centro de Excelência em Turismo (UnB/Brasil), a Faculdade de Educação (UnB/Brasil), a UnB TV da Universidade de Brasília (UnB/Brasil) e a Universidade do Porto (U.Porto/Portugal).

Tendo em vista que a interseccionalidade é uma abordagem conceitual que propõe o entendimento e o enfrentamento de problemas estruturais da sociedade partindo da indissociabilidade dos marcadores sociais como gênero, raça/etnia, classe social, sexualidade, capacidade física, entre outras; a proposta do evento foi de aproximar a realidade da teoria e da prática, em diferentes dimensões e contextos desta interseccionalidade, refletindo sua operacionalidade analítica e capacidade organizativa na esfera da transformação social.

As exposições ao longo do evento construíram um arcabouço que permitiu analisar as questões de interseccionalidade e suas contribuições para a formação de uma consciência sobre justiça social. Em seu conjunto, as falas procuraram compreender como as articulações das diferentes categorias sociais se inter-relacionam e estruturam a vida dos sujeitos, produzindo desigualdades e injustiças, desvelando a complexidade da situação de pessoas e grupos, afirmando a coexistência de diferentes fatores como: vulnerabilidades, violências, discriminações, subordinação.

Como forma de registro dos importantes debates realizados no evento, alguns dos conferencistas e convidados aceitaram em participar da realização deste livro, enviando à Comissão Organizadora seus registros sobre a temática.

Para abrir os debates, apresentamos o registro “Dos Tempos da Urgência de Pensar e Agir: Educação, Cidadania e Prevenção da Violência de Género em Portugal”, das pesquisadoras Maria José Magalhães, Raquel Rodrigues, Ana



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Beires e Camila Iglesias. O texto propõe uma breve reflexão a respeito do percurso histórico e contextual que a prevenção primária da violência de gênero em contexto escolar tem traçado em Portugal.

Eunice Léa de Moraes apresenta em seu registro, intitulado “A interseccionalidade e as relações de gênero e étnico-raciais na educação”, que as políticas públicas para prevenção, cuidado e assistência as mulheres negras obesas no Brasil precisam superar o “defeito” de origem da sociedade brasileira, baseado no racismo de distinção social, a fim de compreender a obesidade. O objetivo central do registro, portanto, é de contribuir para uma análise de princípios e pressupostos epistemológicos da interseccionalidade das opressões no Brasil, no âmbito do contexto educacional.

A riqueza do registro de Renatha Cândida da Cruz, intitulado “É social ou científico? O caso do projeto meninas cientistas”, se faz em apresentar as experiências empíricas do Grupo Empodera, criado em 2018 por estudantes, professores e técnicos administrativos do Instituto Federal de Goiás, Campus Uruaçu/GO.

No registro seguinte, Donária Coelho Duarte revela os desafios das mulheres deficientes no mercado de trabalho no turismo, a partir de um estudo realizado em 2015. Conforme a autora, as discussões sobre o gênero devem estar presentes no contexto da empregabilidade de pessoas deficientes e, mais especificamente, no turismo, já que a maioria dos hotéis investigados em 2015 davam preferência ao emprego de homens ao invés de mulheres deficientes; mesmo levando em conta as características do setor analisado.

Vera Simone Schaefer Kalsing, em seu registro “O novo patriarcado-racismo-capitalismo e a consubstancialidade das relações sociais”, apresenta, de forma sucinta, a ideia do novo patriarcado-racismo-capitalismo, da socióloga brasileira Heleieth Saffioti, e também, a perspectiva da consubstancialidade das relações sociais de sexo, raça e classe, da socióloga francesa Danièle Kergoat, procurando demonstrar que as duas



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

abordagens apresentam pontos de convergência, embora, as autoras discordassem em vários aspectos.

No registro “Avanços e recuos no reconhecimento social da pessoa com deficiência”, Sônia Regina da Cunha Barreto Gertner apresenta alguns aspectos sobre os avanços e recuos sociais no reconhecimento das pessoas com deficiência. Pontua também que a atitude negacionista, em relação à ciência, segue deixando seu lastro, na educação ao capacitismo estrutural, no meio ambiente à cultura, na violência contra mulher ao racismo, no trabalho infantil ao trabalho escravo, no extermínio de índios e quilombolas aos assassinatos de lideranças populares no campo, entre outras, num retrocesso nunca visto antes.

Importante também destacar, na participação da autora, que no exato momento de sua fala, dia 30 de setembro de 2020, os números computados mundialmente sobre o corona-vírus já computavam mais de 32 milhões de infectados, com quase 1 milhão de mortos; dos quais aproximadamente 5 milhões de casos foram no Brasil, alcançando a marca, lastimavelmente provisória, de 140 mil mortos.

Flávia Luciana Naves Mafra e Isabela Grossi Amaral escrevem juntas sobre a “Interseccionalidade no cotidiano de coletivos discentes e docente sob a ótica decolonial”. As autoras apresentam questões sobre o debate da interseccionalidade, que envolve um grande desafio, uma vez que esse conceito - assim como outros conceitos e práticas centrais das lutas de grupos subalternizados - tem sido apropriado por grupos diversos e sua potência contida no contexto neoliberal. Assim, os debates sobre interseccionalidade refletem em lutas de poder e disputas territoriais.

No texto “Mulheres pescadoras: interseccionalidades de gênero, raça e classe em Itapissuma/PE/Brasil”, Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão resgata a história das mulheres pescadoras que vivenciam as opressões de gênero, raça, classe; além de problematizar quem são estas mulheres, o que fazem e quais os obstáculos que superam em sua rotina diária. Sua pesquisa está fundamentada na epistemologia



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

feminista e na literatura que envolve as interseccionalidades de gênero, raça e trabalho precário, juntamente com suas complexidades.

Manuel Carlos Silva, em seu registro “Gênero, classe e raça/etnia: por uma articulação plurinível e pluridimensional”, promove uma revisitação de clássicos e síntese condensada de trabalhos publicados, sobre desigualdades de classe, de gênero e étnico-raciais, a partir de uma abordagem plurinível e pluridimensional, sobre essas desigualdades; e, a nível da *práxis política*, apresenta a necessidade de uma articulação de diversas organizações e movimentos sociais num horizonte de emancipação social.

No registro “Emancipação e trabalho docente”, Fernando Bomfim Mariana reflete acerca do tema do trabalho docente numa perspectiva emancipatória, a partir de uma ótica epistemológica libertária, transformadora e sensível aos tempos vindouros. Reflexões necessárias para este momento de pandemia que todos nós - alunos, alunas, docentes, pesquisadoras e coordenadores pedagógicos - vivenciamos.

O processo de construção do Coletivo das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é apresentado por Vinícius da Silva Oliveira e Alessandro dos Santos Mariano, no trabalho “Diversidade sexual, de gênero e a luta pela terra: experiência do coletivo LGBT do MST”. A vivência empírica do texto nos convida a conhecer mais sobre a luta e as conquistas desse coletivo aqui apresentado.

Somando esforços para apresentar as experiências múltiplas dos sujeitos Sem Terra, Caroline Bahniuk contribui com um registro sobre “O MST e a educação da juventude”, colocando em destaque a sua relação com o Ensino Médio, a partir de experiências realizadas nas áreas de Reforma Agrária, tendo como referência a proposta de educação emancipadora do MST.

As questões relacionadas à “Interseccionalidades da obesidade em mulheres pobres no Brasil” são tratadas por



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Denise Oliveira e Silva em seu registro, revelando o interesse de compreender a corporeidade da obesidade na biografia de mulheres de baixa renda, diagnosticadas como obesas por programas de saúde e proteção social no Brasil, a partir do Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares da Gerencia Regional de Brasília, da Fundação Oswaldo Cruz sobre Biografias de Mulheres Obesas Pobres no Brasil.

Ernest Cañada contribui para o debate apresentando a realidade das camareiras, também conhecidas como “kellys”, na Espanha, que passaram de praticamente invisíveis para protagonistas de momentos-chave no debate político.

A interseccionalidade também se faz presente no registro “Turismo, gênero e qualidade de vida no trabalho: uma pesquisa bibliográfica” de Cristiane Sousa de Araujo dos Santos; o qual podemos identificar algumas reflexões a respeito da relação existentes nessas categorias sociais. A autora confirma que ainda há muitas desigualdades nas relações de gênero e que, de acordo com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável nº 5, da Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), em todas as ações públicas se faz necessário incluir, até 2030, a igualdade de gênero nas relações de trabalho e oportunidade de emprego.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, Vitor João Ramos Alves problematiza e destaca a importância da interseccionalidade na construção e desconstrução de saberes e práticas sobre o samba brasileiro e suas manifestações como rodas de samba, a partir da interseccionalidade, em seu registro “A interseccionalidade na (des)construção de saberes do samba e de rodas de samba no território brasileiro”. O autor acredita que na associação metodológica de categorias de análise como gêneros, classes, raças, entre outras, é possível também reconhecer o protagonismo de mulheres negras de periferias urbanas na construção do samba como identidade nacional e gênero musical; e as rodas de samba como espaço social e símbolo de empoderamento feminino negro.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Neuza de Farias Araújo, portanto, sintetiza os debates deste livro, apresentando em seu registro “Considerações sobre os caminhos das pesquisas” algumas considerações sobre a temática que envolvem a interseccionalidade, compartilhando alguns resumos de pesquisas desenvolvidas por autoras e autores dos grupos de pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades e Feminismos e História das Mulheres, efetivados nos anos de 2014 a 2019.

A abordagem interseccional, assim, mostra a coexistência e a subordinação de diferentes fatores, como se interseccionam em contextos históricos e específicos nas dimensões da vida social, que não são separadas – (co)existem e se revelam na totalidade social. Que todos esses trabalhos possam despertar a curiosidade e convidá-los à novas construções do conhecimento sobre a interseccionalidade, a fim de somarmos esforços na luta contra o racismo, o sexismo, a opressão de classe, a transfobia, o capacitismo e muitas outras violências ainda presentes historicamente na sociedade brasileira.

Boa leitura!



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

DOS TEMPOS DA URGÊNCIA DE PENSAR E AGIR: EDUCAÇÃO, CIDADANIA E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM PORTUGAL

*Maria José Magalhães*¹¹

*Raquel Rodrigues*¹²

*Ana Beires*¹³

*Camila Iglesias*¹⁴

A modernidade e a expansão dos ideais europeus brancos só foi possível se pensarmos no que ela trouxe de negativo, nomeadamente o período extenso do colonialismo e de exploração e escravização de outras pessoas e civilizações. No entanto, como refere Walter Mignolo (2017, p. 4), este processo de exploração foi também reflexo da “emergência de uma estrutura de controle e administração de autoridade, economia, subjetividade e normas e relações de gênero e sexo” que os países colonizadores impuseram não só na sua organização interna como naqueles que invadiram. A subjugação de determinados grupos intensificou-se com a emergência do Iluminismo, que reforçou a noção de contrato social, no qual existe um entendimento implícito entre indivíduos e a ordem social (WITTIG, 1989). A premissa que lhe cabe, de que todos os homens nascem livres e fazem as suas próprias escolhas (PATEMAN, 2003; WITTIG, 1989), não incluiu as mulheres que

¹¹ Doutorada em Ciências da Educação, FPCEUP, CIEG e FPCEUP-CIIE. ORCID-ID: <http://orcid.org/0000-0001-6213-8396> E-mail: mjm@fpce.up.pt.

¹² Doutorada em Ciências da Educação, Investigadora PhD FPCEUP-CIIE. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7875829298673254> ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0003-1752-3732> E-mail: raquelrodriguesm@fpce.up.pt

¹³ Mestre em Ciências da Educação, Investigadora em Educação e Gênero, UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0001-5574-0944> E-mail: ana.beires@gmail.com

¹⁴ Advogada e Criminóloga, Faculdade de Direito da Universidade do Porto e UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. Endereço do CIÊNCIAVITAE: <https://www.cienciavitae.pt/pt/6D16-6E15-6659> E-mail: camilaiglesias04@gmail.com



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

permaneceram subalternizadas e sem o reconhecimento dos seus direitos.

Apesar do termo Feminismo ter surgido para denominar as lutas pelos Direitos das Mulheres apenas nos finais do século XIX, em França (TAVARES, 2008), ao longo dos séculos, existem exemplos de mulheres que fizeram este trabalho por si, pelas outras mulheres e também pelas crianças: a italiana Christine de Pizan que, no século XV, escreveu sobre a situação das mulheres e sobre as desigualdades às quais estavam sujeitas (LEITE, 2008); os salões literários promovidos pelas *Preciosas Francesas*, durante o século XVII (ZECHLINSKI, 2012; LOPES, 1989); a Portuguesa Paula da Graça, que escreve sobre uma multiplicidade de temas, incluindo sobre os direitos das mulheres, no século XVIII (d'ARMADA, 2008); Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft que, durante o século XVIII, reivindicaram para as mulheres a categoria de cidadã e uma melhor educação, respetivamente; a americana Isabella Baumfree/Sojourner Truth que chamou a atenção para as interseções género/raça, no século XIX; e as feministas de variados países que alimentaram os movimentos até, pelo menos, à segunda metade do século XX, durante as duas primeiras ondas dos Feminismos.

À semelhança de outros países, também em Portugal se verificou que muitas mulheres que tiveram um papel de destaque nas lutas contra “os principais males que as afetavam” (ESTEVES, 2001, p. 87) e em várias reivindicações pelos seus direitos, foram as mulheres que tiveram acesso à educação, ou seja, uma minoria (ESTEVES, 2001). Graças a estas e outras ativistas, os movimentos feministas tiveram grande expressividade na primeira metade do século XX através da sua participação, por exemplo, na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (em 1908) ou nas que integraram, mais tarde, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (em 1914): destacam-se destes dois grupos Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo, Adelaide Cabete, Maria Veleda, Maria Lamas,



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Elina Guimarães (CORREIA, 2013; CARVALHO; VIEIRA; SANTOS; MELO, 2003).

As duas primeiras décadas do século XX contrastam com as décadas seguintes, especialmente a partir de 1933, quando foi oficialmente instaurado o regime fascista em Portugal - Estado Novo - que durou mais de quatro décadas ininterruptas, até 1974. Com o novo governo ditatorial apareceram também as organizações para mulheres que eram permitidas e favoráveis ao regime, a Obra das Mães pela Educação Nacional (1936) e a Mocidade Portuguesa Feminina (1937) que, algo influenciadas pelas suas semelhantes italiana (Mussolini), alemã (Hitler) e espanhola (Franco), tinham como objetivos preparar as raparigas e as mulheres de acordo com os valores tradicionais e conservadores, confinando-as essencialmente à domesticidade, maternidade e educação das crianças (PIMENTEL, 2006). Durante as décadas que se seguiram as mulheres não deixaram de lutar pelos seus direitos, ainda que de forma pouco expressiva já que muitas destas reivindicações se diluíram também na luta antifascista, dada a conjuntura política e a sua rejeição ao feminismo (TAVARES, 2008), mas também pelo facto dos movimentos democráticos ou de oposição nem sempre terem conseguido separar-se dos discursos tradicionais impostos às mulheres (Gorjão, 2002 *apud* TAVARES, 2008). Neste período destaca-se a publicação de uma obra de resistência, o livro *Novas Cartas Portuguesas* por Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, que foi proibido e considerado imoral (TAVARES, 2008).

A Revolução de Abril, em 1974, trouxe o fim do regime e, dois anos depois, a Constituição da República Portuguesa, que ainda hoje vigora. A partir desta data foi criada legislação que previa uma maior igualdade entre homens e mulheres e mecanismos que a asseguram como, por exemplo, a Comissão da Condição Feminina, fundada em 1977, cujo grupo de trabalho foi liderado por Maria de Lourdes Pintasilgo (até hoje a única mulher a ocupar o cargo de Primeira Ministra no país) e que continua nos dias de hoje a fazer esse trabalho, mas enquanto



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (MONTEIRO, 2010).

A entrada de Portugal para a União Europeia, em 1986, e a consequente adoção e/ou ratificação de documentos internacionais (a título de exemplo: CEDAW, 1979; Declaração e Programa de Ação de Viena, 1993; Plataforma de Pequim, 1995; Convenção de Istambul, 2011) têm orientado não só as políticas nacionais como enformado as estratégias para a promoção da igualdade, para a eliminação da violência de género e da violência doméstica e no namoro nas mais variadas frentes.

Sobre a Prevenção em Portugal: breve contextualização político-histórica

Apesar da história governativa do Estado Português ao longo de diferentes décadas ter vivenciado vários sistemas políticos, somente com a vigência do conhecido Estado de Direito Democrático foi possível a auscultação das “primeiras” preocupações e reflexões teórico-práticas no que a prevenção de violência de género em contexto escolar concerne (PIMENTEL; MELO, 2015). Neste sentido, é fundamental sublinhar que Portugal tem tido a capacidade de acompanhar as mais variadas realidades políticas e sócio históricas, objetivando a transformação social, sendo que, um dos grandes desafios dos últimos anos tem sido, precisamente, o pensar a elaboração de políticas educativas sobre a prevenção da violência em contexto escolar (DIAS, 2008; MAGALHÃES et al., 2016).

Perante esta linha de desenvolvimento conjuntural, no ano de 2012, Portugal integra no seu sistema jurídico interno a Diretiva 2012/29/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 25 de Outubro, alusiva ao estabelecimento das normas mínimas relativas aos direitos, ao apoio e à proteção das vítimas da criminalidade. Já no ano seguinte, é adotada, a Resolução do Conselho de Ministros [RCM] nº 102/2013, de 31 de Dezembro, que configura o V Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e de Género e que inclui o III Programa de



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Ação para a Prevenção e Eliminação da Mutilação Genital Feminina, e que é relativa ao V Plano Nacional de Igualdade de Género, Cidadania e Não Discriminação. E aqui deve ainda ser mencionado que este V Plano fez-se reger pelos pressupostos da Convenção de Istambul (2011), tendo-se estruturado em 5 áreas estratégicas: i. Prevenir, Sensibilizar e Educar; ii. Proteger as Vítimas e Promover a sua Integração; iii. Intervir junto de Agressores(as); iv. Formar e Qualificar Profissionais; v. Investigar e Monitorizar (RCM 102/2013, pp. 7017/18).

Com este desenvolvimento estratégico-reflexivo em mente, a governação Portuguesa, no ano de 2017, elabora a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC, 2017), a qual é percebida como sendo capaz de integrar:

[...] um conjunto de direitos e deveres que devem estar presentes na formação cidadã das crianças e dos jovens portugueses, para que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática, no quadro do sistema educativo, da autonomia das escolas e dos documentos curriculares em vigor (ENEC, 2017, p.1).

Convém igualmente ser referido que Portugal desenvolveu, também no ano de 2017, o documento do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, o qual objetivou o refletir sobre,

Um perfil de base humanista significa a consideração de uma sociedade centrada na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais. Daí considerarmos as aprendizagens como centro do processo educativo, a inclusão como exigência, a contribuição para o desenvolvimento sustentável



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

como desafio, já que temos de criar condições de adaptabilidade e de estabilidade, visando valorizar o saber. E a compreensão da realidade obriga a uma referência comum de rigor e atenção às diferenças (PASEO, 2017, p. 6).

Tendo em conta a necessidade presente de ação e intervenção no contexto nacional, Portugal, até à data, no que a problemática das políticas sociais e educativas que influenciam os princípios orientadores da prevenção da violência de género em contexto escolar diz respeito, tem persistido no trabalho legislativo e educativo, do qual a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «*Portugal + Igual*», Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018, de 21 de maio), é exemplo.

Deste modo, importa refletir que a Violência Contra Mulheres e Meninas e a Violência de Género têm sido, em particular ao longo das duas últimas décadas, reconhecidas como questões de direitos humanos e como um grave problema de saúde pública, com sérios danos no desenvolvimento de crianças e de adolescentes tanto no contexto internacional, como no contexto nacional (WALKER, TOKAR; FISCHER, 2000; MENDES, 2011; MILLER et al., 2014; MURNEN, 2015; BANYARD et al., 2019).

Simultaneamente, é necessário compreender-se a existência de estratégias de prevenção primária da violência, tidas como promissoras, e as quais são implementadas em contexto escolar. No entanto, a avaliação escassa destas estratégias não tem permitido a construção de um quadro avaliativo claro sobre os possíveis impactos a longo prazo que estas mesmas estratégias possam ter (STELKO-PEREIRA; ALBUQUERQUE WILLIAMS, 2016; CAHILL et al., 2019; CROOKS; JAFFE; DUNLOP; KERRY; EXNER-CORTENS, 2019).

Argumentamos, neste sentido, que é essencial que educadores/as e toda a comunidade educativa envolvida na vida



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

das/os estudantes, apreenda e aprenda competências e estratégias capazes de reconhecer e prevenir a violência (NOLETO, 2008; ALSAKER; VALKANOVER, 2012; SULLIVAN; SUTHERLAND; FARRELL; TAYLOR; DOYLE, 2017; BAKER-HENNINGHAM; SCOTT; BOWERS; FRANCIS, 2019). Sendo, precisamente, no âmbito deste foco concetual que o *Projeto BO(U)NDS – Laços, Limites e Violência Estudo Longitudinal de Programas de Prevenção da Violência de Género em Contexto Escolar*¹⁵ objetiva compreender e avaliar quais as estratégias que, efetivamente, funcionam para a prevenção primária da violência de género, assim como os efeitos a longo prazo que estas estratégias de prevenção têm na vida dos/as jovens, tendo como pano de fundo o contexto escolar e a perspetiva pedagógica e educativa.

Do Projeto BO(U)NDS: Objetivos, metodologias e etapas de trabalho

O Projeto BO(U)NDS pretende ser um importante marcador na investigação científica no que respeita à avaliação dos programas de prevenção primária da violência de género em contexto escolar. O Projeto está a ser realizado simultaneamente em Portugal, no Brasil, na Alemanha, na Grécia e no Reino Unido, tendo esta parceria por objetivo final a realização de uma comparação hermenêutica entre estes diferentes países agora mencionados, integrando as estruturas educativas, contextos específicos e tipos de intervenção analisados e específicas a cada um dos contextos em causa.

Para alcançar os objetivos previstos no Projeto, foi delineado um conjunto de estratégias para recolha empírica de dados com recurso às metodologias quantitativas e qualitativas, numa abordagem que inclui não apenas adolescentes e jovens

¹⁵ Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, cuja instituição de acolhimento é a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Centro de Investigação e Intervenção Educativas e cujas instituições parceiras são UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta e Centro Interdisciplinar de Estudos de Género.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

que tenham frequentado programas de prevenção primária da violência, mas, também, docentes, facilitadores/as e decisores políticos.

Num primeiro momento, e para perceber quais as principais características destes programas de prevenção primária, realizou-se um mapeamento ao nível nacional em todos os países. Este mapeamento constituiu, no caso de Portugal, uma pesquisa exaustiva (*desk research*), através da internet, de organizações e equipas que estivessem a implementar estes programas em contexto escolar, além de um contacto individual com todas as escolas/agrupamentos do país (continente e ilhas). De referir que este contacto foi realizado através dos endereços eletrónicos das instituições disponibilizados na lista oficial do Ministério da Educação. Neste âmbito, deve ser indicado que deste processo de levantamento de informação emergiram importantes resultados e também contatos estratégicos que, em fase posterior, foram utilizados para as etapas seguintes do projeto.

Já na segunda fase de recolha de dados, foram elaborados guiões de entrevistas adaptados a docentes, facilitadores/as e decisores políticos, com a finalidade de ouvir deles e delas quais as suas perceções acerca da intervenção no terreno, desafios e dificuldade encontradas, bem como indicações sobre aquilo que eles e elas consideram que poderiam ser um programa de prevenção primária da violência de género “ideal”. É possível, após uma breve análise de conteúdo, indicar que para a totalidade dos/as entrevistados/as, um “programa ideal” deve ser um programa prolongado no tempo, cujo carácter longitudinal permita um trabalho continuado e sistemático de modo a potencializar os seus resultados. Simultaneamente, os e as entrevistados/as referem como sendo um entrave a esta continuidade o facto de, em muitos casos, estes programas serem implementados por organizações externas à escola (ONG, por exemplo), no âmbito de financiamentos pontuais que não se estendem por mais de um ou dois anos.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Em razão destes constrangimentos de tempo e recursos, muitas vezes a avaliação de impacto - principalmente as designadas *follow-up*¹⁶ - não integra o cronograma dos programas implementados. E esta ausência de avaliação ou acompanhamento influencia, diretamente, a compreensão no que concerne os efeitos a médio e longo prazo das intervenções realizadas. O que por sua vez impede, em certa medida, que eventuais lacunas sejam colmatadas ou que as potencialidades da intervenção sejam melhor desenvolvidas.

Relativamente àquele que é o objetivo de auscultar em primeira pessoa acerca dos impactos a médio e longo prazo dos programas de prevenção primária da violência em contexto escolar, estão previstas três etapas de recolha empírica a serem desenvolvidas com adolescentes e jovens que tenham frequentado este tipo de programas, a saber: 1) aplicação de um questionário a nível nacional; 2) grupos de discussão focalizada; 3) narrativas biográficas.

Pode já ser indicado que o questionário construído pela equipa do projeto foi aprovado pelo Ministério da Educação Português, e que este contempla dimensões a respeito das perceções dos/as jovens sobre a violência de género; sobre os programas de prevenção em que participaram; e, também, procura compreender quais os aspetos que eles e elas consideram essenciais neste tipo de intervenção. Este questionário será, nos próximos meses de 2021, disponibilizado *online* e, simultaneamente, serão realizados grupos de discussão focalizada com adolescentes e jovens que tenham frequentado este tipo de programas de prevenção nos últimos anos.

Destes grupos serão recrutados jovens (rapazes e raparigas) para a última etapa empírica do Projeto BO(U)NDS, que é a realização de narrativas biográficas. Por meio das narrativas, procurar-se-á compreender em profundidade de que forma e quais os principais efeitos/impactos que a participação

¹⁶ Ou “acompanhamento”. A expressão *follow-up* é comumente utilizada para referir-se às avaliações de impacto realizadas após decorrido algum tempo (semanas ou meses) do término da intervenção.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

deles e delas neste tipo de programa teve nas suas vidas, nas suas percepções e nas suas escolhas. Importando ainda referir que, em razão dos constrangimentos levantados pela pandemia, todas as etapas empíricas que antes seriam realizadas presencialmente foram ajustadas para sua realização *online*, nomeadamente as entrevistas, os grupos de discussão focalizada e tudo indica que também as narrativas biográficas.

O recurso à análise de conteúdo tem sido e continuará a ser uma ferramenta fundamental para sistematização de categorias de análise e consequente organização reflexiva de conclusões e de interrogações para pesquisas futuras. Diferentes quadros e grelhas de análise, como também figuras e grelhas sinópticas de resultados, serão elaborados por forma a estimular a disseminação científica, como também a aproximação da informação e do conhecimento à sociedade civil. Isto tendo sempre como foco o conseguir dar resposta ao objetivo transversal do Projeto BO(U)NDS que é, se possível, compreender qual o impacto a longo prazo destas intervenções na vida de adolescentes e jovens, oferecendo pistas sobre quais as estratégias que funcionam melhor.

Considerações

O presente artigo pretende desenvolver uma breve reflexão a respeito do percurso histórico e contextual que a prevenção primária da violência de género em contexto escolar tem traçado em Portugal. Percurso que tem como marco inicial o período de transição democrática portuguesa da década de 1970, alargando o seu mapa sócio-histórico de desenvolvimento nas consequentes e graduais conquistas dos direitos das mulheres.

Deste modo, reflexivamente, pode ser percebido que este mesmo percurso de diferentes conquistas em termos direitos civis, legais e até mesmo educativos é, também ele, emergente da desocultação da violência de género - nomeadamente a violência nas relações de intimidade e na violência doméstica - e nas suas simultâneas estratégias de prevenção.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Assim, é precisamente neste âmbito de ação e pensamento, que diferentes estratégias para a prevenção primária da violência têm sido implementadas em Portugal, principalmente através dos programas (e projetos) de prevenção em contexto escolar que se popularizaram nos últimos anos.

A investigação a ser desenvolvida por esta equipa de trabalho, através de Projetos como o Projeto BO(U)NDS, procura dar resposta a um importante questionamento sobre quais as estratégias e abordagens melhor funcionam em termos de prevenção primária da violência de género em contexto escolar. Com a grande finalidade de compreender qual o impacto destas intervenções na vida daqueles e daquelas que a experienciam. É, com este sentido de urgência conceptual e interventiva, que se coloca também em análise o lugar atual da cidadania e sua relação intrínseca com a educação, por forma a sublinhar a necessidade fundamental de perceber a prevenção primária como ferramenta de acesso a lugares cruciais de ação no combate à violência de género.

Referências

- ALSAKER, F. D.; VALKANOVER, S. The Bernese program against victimization in kindergarten and elementary school. *New Directions of Youth Development*, 133, p. 15-28, 2012.
- d'ARMADA, F. O livro feminista de 1715 – O primeiro grito revolucionário. Rio Tinto: Evoluta Edições, 2008, 85 p.
- BAKER-HENNINGHAM, H.; SCOTT, Y.; BOWERS, M.; FRANCIS, T. Evaluation of a violence-prevention programme with Jamaican primary school teachers: A cluster randomised trial. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 16, n. 15, 2797, p. 2-18, 2019.
- BANYARD, V. L.; EDWARDS, K. M.; RIZZO, A. J.; THEODORES, M., TARDIFF, R.; LEE, K.; GREENBERG, P. Evaluating a gender transformative violence prevention program for middle school boys: A pilot study. *Children and Youth Services Review*, 101, p. 165-173, 2019.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- CAHILL, H.; KERN, M. L.; DADVAND, B.; CRUICKSHANK, E. W.; MIDFORD, R.; SMITH, C.; FARRELLY, A.; OADES, L. An Integrative Approach to Evaluating the Implementation of Social and Emotional Learning and Gender-Based Violence Prevention Education. *International Journal of Emotional Education*, v. 11, n. 1, p. 135-152, 2019.
- CARVALHO, C.; VIEIRA, C.; SANTOS, E.; MELO, L. (2003). Feminismo – conceito polêmico. Perspectiva histórica. In MARQUES, C.; NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, M. J.; da SILVA, S. M. (Coords.). *Um Olhar Sobre os Feminismos. Pensar a Democracia no Mundo da Vida*. Porto: Publicações UMAR, 2016, p. 31- 45.
- CORREIA, R. L. M. P. O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas: a principal associação de mulheres da primeira metade do século XX (1914-1947), 157p. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2013.
- DIAS, I. Violência e género em Portugal: abordagem e intervenção. *Cuestiones de Género: de la igualdad y la diferencia*, 3, p. 153-171, 2008.
- ESTEVES, J. Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1ª década do século XX. *Penélope*, 25, p. 87-112, 2001.
- LEITE, L. Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação, 228 p. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil, 2008.
- LOPES, M. A. *Mulheres, espaços e sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, 232 p.
- MAGALHÃES, M. J.; TEIXEIRA, A. M.; DIAS, A.T.; CORDEIRO, J.; SILVA, M.; MENDES, T. *Prevenir a violência, construir a igualdade*. Porto: UMAR, 2017, 188 p.
- MENDES, C. S. Preventing school violence: an evaluation of an intervention program. *Rev Esc Enferm USP*, v. 45, n. 3, p. 581-8, 2011.
- MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.
- MILLER, E.; DAS, M.; TANCREDI, D. J.; MCCAULEY, H. L.; VIRATA, M. C. D.; NETTIKSIMMONS, J.; O'CONNOR, B.; SANCHEETA, G.; VERMA, R. Evaluation of a gender-based violence prevention program for student athletes in Mumbai, India. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 29, n. 4, p. 758-778, 2014.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- MURNEN, S. K. A social constructivist approach to understanding the relationship between masculinity and sexual aggression. *Psychology of Men & Masculinity*, v. 16, n. 4, p. 370-373, 2015.
- MONTEIRO, R. A emergência do feminismo de Estado em Portugal: uma história da criação da Comissão da Condição Feminina. Lisboa: CIG, 2010, 101 p.
- NOLETO, M. J. Abrindo espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008, *E-book*, 109 p. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/178532por.pdf>
- PATEMAN, C. O contrato sexual: o fim da história?. *ex aequo*, 8, p. 31-43, 2003.
- PIMENTEL, I. F. Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina. *Campus Social*, 3/4, p. 19-43, 2007.
- PIMENTEL, I. F.; MELO, H. P. (2015). *Mulheres portuguesas*. Lisboa: Clube do Autor, 2015, 528 p.
- PORTUGAL. Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, 2017. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania.pdf
- PORTUGAL. Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 «Portugal + Igual», Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018, de 21 de maio. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/a/115360102>
- PORTUGAL. Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória - Despacho n.º 6478/2017, 26 de Julho. Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/107752620/details/2/maximized>
- PORTUGAL. Resolução do Conselho de Ministros n.º 102/2013. Diário da República, 1.ª série — N.º 253 — 31 de dezembro de 2013. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/483890>
- STELKO-PEREIRA, A. C.; de ALBUQUERQUE WILLIAMS, L. C. Evaluation of a Brazilian School Violence Prevention Program (Violência Nota Zero). *Pensamiento Psicológico*, v. 14, n. 1, p. 63-76, 2016.
- SULLIVAN, T. N.; SUTHERLAND, K. S.; FARRELL, A. D.; TAYLOR, K. A.; DOYLE, S. T. Evaluation of violence prevention approaches among early adolescents: moderating effects of disability status and gender. *Journal of Child and Family Studies*, v. 26, n. 4, p. 1151-1163, 2017.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- TAVARES, M. Feminismos em Portugal, 1947-2007. 625 p. Tese (Doutoramento em Estudos Sobre as Mulheres) - Universidade Aberta, Portugal, 2008
- WALKER, D. F.; TOKAR, D. M.; FISCHER, A. R. What are eight popular masculinity-related instruments measuring? Underlying dimensions and their relations to sociosexuality. *Psychology of Men & Masculinity*, v. 1, n. 2, p. 98-108, 2000.
- WITTIG, M. On the social contract. *Feminist Issues*, p. 3-12, 1989.
- ZECHLINSKI, B. P. Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades. 229 p. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Brasil, 2012.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A INTERSECCIONALIDADE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO

*Eunice Léa de Moraes*¹⁷

O Brasil tem uma situação político-estrutural de relações sociais que balizam a formação da sociedade brasileira entre dominadores(as) e dominados(as), exploradores(as) e explorados(as), opressores(as) e oprimidos(as), entre a casa grande e a senzala, entre o chicote e a resistência do quilombo, entre o lugar do(a) branco(a) e o lugar do(a) negro(a).

Referentemente a esse contexto, Gonzalez (1979, p.19) empreende uma análise ao pontuar que:

O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem os seus adventos do racismo.

Ao focalizar, nessa análise, as relações raciais na dimensão estrutural do capitalismo, Gonzalez suscita uma visão histórico-crítica das relações coloniais desiguais, que se reproduzem e se perpetuam no Brasil após a abolição da escravatura, fomentando ideologicamente o racismo negro e indígena em favor de benefícios socioeconômicos do povo

¹⁷ Socióloga. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação (ICED). Membro dos Grupos de Estudos e Pesquisas GEPERUAZ e GEPJUV/ICED/UFPA. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Associada da Associação Nacional de Pós-graduação da Educação (ANPED/GT21). E-mail: eunicelea@ufpa.br Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6306913447085185> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0002-3836-5764>.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

branco. Historicamente, essa é uma problemática muito importante da formação da sociedade brasileira.

Nesse sentido, Gonzalez (1984, p. 224), utilizando-se dos aportes epistemológicos da psicanálise para criticar a ideologia da branquitude eurocêntrica do colonizador, predominante no Brasil e na América Latina, considera que o racismo “se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” e “que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”. A ideologia predominante supracitada torna o racismo e o sexismo inauditos na sociedade brasileira, sendo a relação entre eles profundamente opressora para as mulheres negras e indígenas.

Nessa perspectiva histórica, as mulheres negras têm sido as maiores vítimas desse modelo colonizador das desigualdades de gênero e étnico-raciais do Brasil. A maioria vive em condições socioeconômicas precárias, em situação de pobreza e de discriminação no mercado de trabalho, assim como no sistema de saúde e no educacional. Ainda nesse contexto, elas também estão expostas à violência, especialmente devido ao racismo e ao sexismo, que preconizam a negação de sua condição de ser mulher negra.

Demarca-se, dessa forma, o contexto da escravatura brasileira, que tem origem na colonização europeia – geradora do racismo –, cujas bases são as relações sociais de poder como forma de exploração e dominação territorial, política, econômica e cultural. Decorre daí a necessidade de uma reflexão crítica, a seguir realizada, sobre as condições e as consequências do racismo e do sexismo na educação. Para tanto, este ensaio, do ponto de vista metodológico, adota como base estudos bibliográficos acerca das relações de gênero e étnico-raciais. O objetivo é contribuir para a compreensão e a análise de princípios e pressupostos epistemológicos da interseccionalidade das opressões no Brasil, no âmbito do contexto educacional.

Em síntese, busca-se refletir sobre a interseccionalidade e as relações de gênero e étnico-raciais na educação.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Intersecção: Capitalismo, Racismo e Sexismo

Logo de início, trago para nossa conversa as palavras de Lélia Gonzalez: “Até hoje os brancos falaram por nós. Temos que assumir a nossa própria voz. É aquele velho papo, temos que ser sujeitos do nosso próprio discurso, das nossas próprias práticas” (GONZALEZ, 1986, p.165).

A fala de Lélia norteia e instiga a reflexão teórica de pensar as condições históricas estruturais que originam a exclusão de um grande segmento da população brasileira, principalmente no mercado de trabalho, na educação e no lugar da moradia, entre outros que atravessam a trajetória de gerações, cruzando visões diversas sobre o ser negro e ser negra.

A análise de Gonzalez sobre as relações desiguais de uma sociedade dividida em classes aponta a prática discriminadora constituída dentro da exploração e da dominação de classe na relação do capital sobre o trabalho, que expressa, na prática social, as posições hierárquicas de gênero, de raça, de etnia etc., materializadas no racismo e no sexismo inseridos em um contexto histórico e socioeconômico, interpretadas à vista de uma determinada concepção política.

Dessa forma, o racismo e o sexismo, por serem fenômenos concretos de relações sociais, não podem ser descartados da análise marxista, uma vez que as relações entre gênero, raça e classe têm um elo: a relação de dominação/opressão, seja racial, seja patriarcal, perpetuadas ao longo do tempo.

O sociólogo Octavio Ianni (1989, p.102) pontua que

O modelo pelo qual o colonizador português e o jesuíta organizaram a sociedade, economia, política e cultura do Brasil-Colônia parece ter instituído um padrão muito característico do modo pelo qual os grupos e classes dominantes, anos e séculos depois, lidam com a maioria do povo.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Nesse contexto de sistemas opressores, dominadores e exploradores, o racismo, o sexismo e o classismo atuam interligados e produzem o "cruzamento" de múltiplas formas de discriminação e de desigualdade, formando uma matriz de dominação, assim definida por Collins (2019, p. 460):

Matriz de dominação: organização geral das relações hierárquicas de poder em dada sociedade. Qualquer matriz específica de dominação tem: (1) um arranjo particular de sistemas interseccionais de opressão, por exemplo, raça, classe social, gênero, sexualidade, situação migratória, etnia e idade; e (2) uma organização particular de seus domínios de poder, por exemplo, estrutural, disciplinador, hegemônico e interpessoal.

Essa matriz representa um arranjo particular de sistemas interseccionais de opressão e seus domínios de poder, os quais produzem: (i) o racismo – como distinção, exclusão ou restrição (de raça, cor, etnia, origem etc.) relativamente aos direitos humanos; e (ii) o sexismo – como pensamento e ações patriarcais de dominação.

Interseccionalidade da opressão de gênero, de raça e de classe

No início da década de 1990, no contexto interdisciplinar, Kimberlé Crenshaw e diversas pesquisadoras norte-americanas, inglesas, canadenses e alemãs conceituam a interseccionalidade como as intersecções da raça e do gênero, principalmente.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Na perspectiva do feminismo negro, o conceito de interseccionalidade ajuda na compreensão da articulação de diferentes categorias sociais (gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, corpo, geração, entre outras) que se inter-relacionam, estruturando a vida dos sujeitos sociais, em especial das mulheres, e evidenciando a subalternização, a opressão, a discriminação, a desigualdade e a injustiça social. Esta inter-relação, combinada, delineia na sociedade visões que “estereotipam e classificam capacidades e atributos de brancos e negros, de mulheres e homens, de modo a produzir condições diferenciadas de acesso a direitos e a oportunidades” (BAIRROS, 2013, p. 14), historicamente vivenciadas pelas mulheres negras.

Os estudos feministas apontados por Hirata (2014) demarcam a origem do paradigma da interseccionalidade desenvolvido nos países anglo-saxônicos a partir da herança do *Black Feminism*.

Embora o uso do termo a ponto de se tornar *hit concept*, como denomina Elsa Dorlin (2012), e o franco sucesso alcançado por ele datem da segunda metade dos anos 2000, pode-se dizer que sua origem remonta ao movimento do final dos anos de 1970 conhecido como *Black Feminism* (cf. Combahee River Collective, 2008; Davis, 1981; Collins, 1990; Dorlin, 2007), cuja crítica coletiva se voltou de



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

maneira radical contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo (HIRATA, 2014, p. 61).

Para Ângela Davis (2018, p. 33), por trás do conceito de interseccionalidade, “há uma valiosa história de lutas. Uma história de diálogos entre ativistas no interior de movimentos, entre intelectuais da academia e entre esses dois setores”. Observa-se, nesse conceito patenteado por Kimberle Crenshaw em 1989, um enfoque integrador de dimensão transdisciplinar das desigualdades, identificando tanto a discriminação racial quanto a discriminação de gênero, de maneira a se compreender mais profundamente como tais discriminações operam juntas e impõem limitações às possibilidades de êxito das mulheres negras.

Crenshaw (2002) subdividiu a noção de interseccionalidade em duas categorias: a estrutural, por tratar da posição das mulheres negras na intersecção da raça e do gênero, tendo como ponto central as violências e suas respostas; e a política, por focalizar as políticas feministas e as políticas antirracistas que marginalizam a questão da violência em relação às mulheres negras.

Para Collins (2019, p. 447-448),

Os domínios estrutural e disciplinar do poder operam por meio de políticas sociais que tocam todo o sistema e são gerenciadas sobretudo pela burocracia. Em contraste, o domínio hegemônico do poder visa justificar práticas exercidas nesses domínios de poder. Ao manipular a ideologia e a cultura, o domínio hegemônico atua como um elo entre as instituições sociais (domínio estrutural), suas práticas organizacionais (o domínio disciplinar) e a interação social cotidiana (domínio interpessoal).

A interseccionalidade, desse ponto de vista, caracteriza-se como um instrumento de luta política, como uma das formas de



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

enfrentar as múltiplas opressões sofridas pelas mulheres negras, em especial. Dessa forma, a interseccionalidade é considerada pelas feministas negras como um elemento diferenciador das trajetórias das mulheres e, ao mesmo tempo, alicerce do feminismo negro contemporâneo, evidenciando que as relações raciais são intrínsecas as relações de gênero.

Portanto, o pressuposto epistemológico do pensamento feminista negro, enquanto interconexão dos sistemas de dominação, remete ao processo histórico do conhecimento produzido sobre a opressão, compreendendo-se que esse é um termo (opressão) que descreve qualquer “situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade. Raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outras, constituem as principais formas de opressão” (COLLINS, 2019, p. 33), no contexto nacional e internacional.

De tal modo, torna-se pouco provável que se possa pensar na superação da dominação racial feminina sem uma compreensão histórico-crítica da maneira como essas relações sociais são determinadas no decorrer do tempo e do espaço em que se realizam.

Interseccionalidade e Educação

A exploração/opressão capitalista, com sua racionalidade coercitiva, está presente na educação. “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila para manter o controle” (FREIRE, 1987, p. 65). Ela encontra legitimidade em procedimentos e instrumentos didáticos e de gestão opressores utilizados na escola de forma autoritária, hegemônica e desigual, tornando opressoras as relações político-pedagógicas de produção do conhecimento e do poder gerencial da escola.

Nessa perspectiva de educação, historicamente hegemônica pelas classes dominantes e subordinada ao capital, a formação da classe trabalhadora direciona-se à servidão do trabalho nos âmbitos social, técnico e ideológico.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Dessa forma, “como uma fábrica de perversidades [...] A educação de qualidade é cada vez mais inacessível na atualidade” (SANTOS, 2000, p. 10), sendo sua finalidade perpetuar a divisão social do saber e do poder.

Assim, nessa concepção educacional de subordinação economicista, a lógica que fundante é a da exploração e da dominação da produção, desenvolvida por valores, conhecimentos e habilidades que se articulam aos interesses e às necessidades das classes e dos grupos sociais dominantes. “Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder as demandas do capital” (FRIGOTTO, 1996, p. 26), com ensinamentos voltados à preparação de mão de obra para a produção, que vai sendo modificada e traçada ao longo do tempo em novas bases da exploração do capital sobre o trabalho, a partir das crises do capitalismo.

Compreender esse processo opressivo não se restringe apenas ao entendimento da exploração econômica capitalista sobre as trabalhadoras e os trabalhadores. É necessário perceber as diferenças dos sujeitos que formam as relações sociais históricas de classe no mercado de trabalho, na educação e na sociedade de modo geral, além de compreender a relação de classe que se corporifica em sexo e em raça, com suas especificidades de diferenças, as quais são transformadas pelo capital em desigualdades e discriminações.

De acordo com o Ministério da Educação do Brasil, o corte de R\$ 4,2 bilhões do orçamento para 2021 será repassado a todas as áreas do ministério. Nas universidades e institutos federais de ensino, a previsão de corte é de R\$ 1 bilhão (a contenção no orçamento não inclui as despesas obrigatórias, como pagamento de pessoal). Esses valores estão no Projeto de Lei Orçamentária Anual 2021, feito pelo Ministério da Economia e confirmado pelo Ministério da Educação (Fonte: Agência Senado). Assim, a educação, de forma determinista, vai moldando e adaptando os indivíduos com mecanismos coercitivos de ajuste à ordem social vigente, estabelecida pelas normas transmitidas pelo poder central do capital.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar da Educação (PNAD Educação), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, apontou que, nesse ano, 3,6% das pessoas de 15 anos ou mais, de cor branca, eram analfabetas, percentual elevado para 8,9% entre pretos ou pardos (diferença de 5,3 p.p.). Das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos (IBGE, 2019).

No ensino médio, relativamente às pessoas de cor branca, 57,0% tinham concluído esse nível no país; no que concerne a pretos ou pardos essa proporção foi de 41,8%. Entre as pessoas de cor branca, 90,4% estavam na idade/etapa adequada; entre as de cor preta ou parda, essa taxa foi de 85,8%. Em 2019, 23,8 milhões de pessoas de 15 a 29 anos com nível de instrução superior incompleto não frequentavam escola, curso de educação profissional ou pré-vestibular. Mais da metade (53,0%) eram homens e 65,7% eram de cor preta ou parda (IBGE, 2019).

Entende-se que esses dados evidenciam a diferença racial transformada pelo capital em desigualdades, as quais geram as discriminações raciais e sexuais, articuladas à opressão de classe e perpetuadas em narrativas e comportamentos discriminatórios que prejudicam em grande proporção a população negra. Essa condição de opressão de negras e negros é de responsabilidade do processo de marginalização, o qual é imposto pelas práticas discriminatórias de uma sociedade marcada pelo autoritarismo opressor e explorador das classes dominadoras sobre as classes subalternizadas.

Em referência ao exposto, Bell Hooks nos lembra de que uma educação como prática da liberdade “se torna uma força que nos aproxima, expandindo nossas definições de lar e comunidade, ao invés de nos fragmentar e separar” (HOOKS, 2019, p. 177). Muitas gerações negras sabem o significado de ter uma educação não libertadora, pois esta, conforme os dados da



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

PNAD (IBGE, 2019), expulsa essas gerações do ambiente escolar.

De tal modo, a opressão – como relação de poder para manutenção do *status quo*, existente em diversas formas de sociedade e organização política de subjugação da grande maioria da população – provoca na escola uma dicotomia entre professores(as) como depositantes dos conteúdos e transmissores(as) de valores, comportamentos e conhecimentos; e alunos(as), como depositórios que recebem passivamente esses ensinamentos.

Considerações

Nessa luta de classes entre opressores(as) e oprimidos(as), o embate do processo educativo é não permitir que a formação humana seja atrelada a uma visão mercadológica das leis que regem o mercado, como a educação na perspectiva economicista. “Está, pois, no plano dos direitos que não podem ser mercantilizadas e, quando isso ocorre, agride-se elementarmente a própria condição humana” (FRIGOTTO, 1996, p. 32). Dessa forma, a realidade é concebida como espaço conflitante de luta de classes, em que a educação é parte inerente das relações sociais de poder – unidade dialética com a totalidade, no contexto contraditório da sociedade capitalista.

Assim sendo, o grande desafio que se coloca nesse cenário é pensar, compreender e atuar na luta política pela superação da exploração e da opressão em uma sociedade desigual, racista, sexista, LGBTQI+fóbica e antidemocrática. Para quê? Para a transformação da organização social brasileira contemporânea, nos planos econômico, político, jurídico, ideológico, cultural e educacional. Em que perspectiva? Tanto na de avançar na crítica teórica da naturalização do racismo e do sexismo quanto na de progredir no enfrentamento das desigualdades raciais e sexuais, com vistas a construir uma educação da diferença para incluir e não excluir, que reafirme a



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

condição de raça, de classe e de identidade de gênero das pessoas.

Para os movimentos negros brasileiros, é no interior da luta política antirracista que está a educação, segmento essencial na centralidade reivindicatória em toda trajetória histórica de luta das organizações negras. Apesar disso, de modo geral, a educação segue marcada pela ausência de ação-reflexão-ação sobre as inter-relações etnicorraciais e de gênero no projeto político-pedagógico escolar da maioria das instituições de ensino, cerceando a liberdade da garantia de direitos e relações igualitárias entre educadores(as) e educandos(as) que compõem o cenário cotidiano da escola.

Portanto, pensar em uma educação democrática em prol de uma sociedade igualitária com justiça social, que inclui todas e todos, significa refletir sobre a naturalização do classificador da diferença racial, usado para demarcar as desigualdades sociais e excluir a população negra. Dessa forma, a resistência se fará presente em qualquer tempo em que as liberdades sejam oprimidas.

Referências

- BAIRROS, Luiza. Apresentação Seppir. *In*: MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* (org.). Dossiê Mulheres Negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. IPEA, Brasília, 2013.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CRENSHAW, Kimberle. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Trad. Liane Schneider. Rev. Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- DAVIS, Ângela. A liberdade é uma luta constante. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a crise do capitalismo real. 2 ed. São Paulo. Cortez, 1996.
- GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. *In*: 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979. Anais.... Comunicação reproduzida pela Universidade Católica do Rio de Janeiro/BR.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: Revista Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, Cortez: 1984, p. 223-244.
- GONZALEZ, Lélia. A cidadania e a questão étnica. *In*: TEIXEIRA, João Gabriel Lima(org). A construção da cidadania. Brasília: UNB, 1986.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. São Paulo: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1. 2014.
- HOOKS, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo. Elefante, 2019.
- IANNI, Octavio. Sociologia da Sociologia. São Paulo: Ática, 1989.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/PNAD Educação 2019. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Brasília, 2019.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

É SOCIAL OU CIENTÍFICO? O CASO DO PROJETO MENINAS CIENTISTAS

*Renatha Cândida da Cruz*¹⁸

Estudantes, professores e técnicos administrativos do Instituto Federal de Goiás Campus Uruaçu se reuniram, em 2018, para a criação do Grupo Empodera, com o objetivo de iniciar e desenvolver projetos e ações para o enfrentamento das violências ainda frequentes em nossa sociedade. Diante do imenso desafio do grupo, a primeira ação foi a elaboração do projeto “Meninas Cientistas: a construção feminina do saber” a partir da chamada pública proposta pelo Edital n. 31/2008 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTIC). Dentre as mais de 700 propostas inscritas, o projeto Meninas Cientistas foi uma das 78 ações aprovadas para efetivação de práticas que estimulasse estudantes do sexo feminino, matriculadas no ensino básico da rede pública, a reconhecerem seus potenciais na ciência, sobretudo nas áreas de Engenharia Civil, Informática e Química, no município de Uruaçu.

O município de Uruaçu localiza-se a aproximadamente 300 quilômetros da capital do Estado de Goiás e da capital do país. Possui uma população estimada em 40.840 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020). Em 2020, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade atingiu 95,6%. Em 2018, foram 5.332 matrículas no ensino fundamental, nas 25 escolas disponíveis, e 1.534 matrículas no ensino médio, nas seis instituições do município, também de acordo com o IBGE (2020). Com base no Instituto

¹⁸ Doutora em Geografia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Uruaçu. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2305750793354748> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0003-4311-9565>. E-mail: renatha.cruz@ifg.edu.br



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - IMB (2019), apenas 20% das instituições de ensino de Uruaçu possuem laboratórios de ciências; 40% possuem quadras cobertas; 80% possuem laboratórios de informática e 90% possuem biblioteca ou acesso à internet.

Não há estatísticas indicativas quanto à efetivação de projetos integradores que, sobretudo na rede pública, proporcionem a estudantes o contato com as diferentes ciências, ainda na educação básica, por meio de uma perspectiva que transcenda a sala de aula e possibilite novas estruturas curriculares voltadas a uma formação ampliada.

Entretanto, apesar da ausência de um dado estatístico, é possível identificar uma histórica concentração dos recursos públicos nas regiões metropolitanas brasileiras, tornando menos frequentes projetos que promovam redução das desigualdades e enfrentamento das violências nos pequenos municípios. Diante deste contexto, o projeto Meninas Cientistas reforça o compromisso do IFG – Campus Uruaçu com o ensino, a pesquisa e a extensão, a promover uma aproximação com a comunidade e fortalecer as práticas educativas das instituições públicas de ensino da região.

Em dezembro de 2019, concluímos o primeiro ano de atividades do projeto Meninas Cientistas com uma equipe de 60 pessoas, composta por 24 membros do IFG Uruaçu e 36 participantes externas, compreendidas entre professoras e estudantes de três escolas públicas do município. Durante o ano de 2019, foram realizadas oficinas nas áreas de Engenharia Civil, Robótica e Química; rodas de conversas com pesquisadoras das respectivas áreas; visitas a laboratórios científicos; capacitação de professoras da rede pública; construção de protótipos de estruturas na área da construção civil; iniciação à robótica e realização de experimentos voltados para a iniciação às ciências na perspectiva do ensino de Química. As atividades foram, em sua totalidade, executadas com o uso de materiais de baixo custo. Toda a estrutura metodológica do Projeto Meninas Cientistas, por sua vez, foi



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

amplamente discutida com a comunidade aos fins de efetivar as práticas de inclusão e imersão no ambiente científico, de modo que se propiciou uma ativa participação das estudantes dos cursos técnicos e superiores do IFG Uruaçu e das docentes das escolas participantes.

Ademais, as ações do projeto Meninas Cientistas objetivaram e ainda objetivam a aproximação da comunidade com o IFG Uruaçu e a priorização das demandas das mulheres, que resistem às desigualdades e adversidades diárias no ser, existir, produzir conhecimento e fazer ciência. Por esses motivos, o projeto Meninas Cientistas envolve uma multiplicidade de conhecimentos postos em associação com os diálogos, os saberes individuais e a ciência. Com base nestes princípios, recebemos no IFG Uruaçu, em 2019, estudantes do Centro de Atendimento Educacional Especializado Herbert José de Souza – CAEE Betinho; do Colégio Estadual Joana Darc; e da Escola Municipal Eneas Ferrnandes de Carvalho. As estudantes atendidas são, em sua maioria, de baixa renda, residentes da zona rural, da comunidade quilombola, e possuem necessidades educacionais especiais, havendo ainda aquelas cujas famílias vivem da venda de resíduos adquiridos no lixão da cidade ou residem em áreas com intensa exposição ao tráfico de drogas e à exploração sexual.

Diante desse contexto, vale destacar os desafios enfrentados para permanência das estudantes ao longo das oficinas que, vale ressaltar, atendiam uma faixa etária entre 9 e 14 anos. Ocorreram, em grande medida, dificuldades de continuidade geradas pela necessidade de trabalho para complemento da renda familiar, casamentos ou licença maternidade por parte das estudantes. Salientamos, porém, que um menor índice de evasão ocorreu dentre as estudantes bolsistas. Quanto às bolsas, a partir da aprovação do projeto Meninas Cientistas, o CNPq proporcionou a oferta de nove bolsas de Iniciação Científica Júnior (ICJ) para as estudantes das escolas participantes durante o período de 12 meses; além de três bolsas para Apoio Técnico em Extensão no País (ATP),



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

destinadas às professoras das escolas participantes; e duas bolsas de Iniciação Científica (IC), recebidas por estudantes dos cursos superiores em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) e Engenharia Civil do IFG Uruaçu. Posteriormente, a discente de ADS deixou o projeto como bolsista para realização de uma pesquisa como bolsista de Iniciação Científica (IC), permanecendo como voluntária da ação. Uma outra estudante de Engenharia Civil a substituiu. Ademais, vale destacar que três estudantes voluntárias tiveram seus projetos de pesquisa aprovados nos editais internos do IFG e receberam bolsas de IC para pesquisarem, respectivamente, sobre: os 10 anos do IFG Campus Uruaçu; notícias falsas associadas à Reforma da Previdência no Brasil; a culpabilização das vítimas de feminicídio em redes sociais. Embora não diretamente relacional, estas últimas concessões demonstram parte do incentivo à pesquisa gerado pelo projeto.

Circunscrito ao projeto em si: três estudantes de cada escola – CAEE Betinho, Colégio Joana Darc e Escola Eneas – receberam bolsas ICJ; uma professora de cada escola recebeu bolsa ATP; e duas estudantes do ensino superior do IFG Uruaçu receberam bolsa IC para desenvolvimento das ações. Em geral, o Grupo Empodera ofereceu oficinas a cada quinze dias nos laboratórios do IFG Uruaçu. No primeiro semestre de 2019, estudantes das escolas participantes produziram sabonetes, aromatizantes e xampus nos laboratórios de Química, bem como os protótipos de Robótica com o uso do Arduino. Em seguida, as estudantes receberam formação na área de Engenharia Civil, com ênfase na aprendizagem de estruturas com o uso de macarrão e balas em goma, bem como na elaboração de pontes com palitos de picolé. Durante a realização das oficinas, as diversas áreas do conhecimento foram estimuladas, sobretudo a matemática, a química, a física e a lógica. Em geral, as oficinas foram orientadas pelos professores coordenadores das áreas, mas protagonizadas pelas discentes dos cursos técnicos e superiores do IFG Uruaçu, ou seja, foram elas que promoveram as práticas laboratoriais oferecidas às estudantes das escolas



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

participantes. Isso significa que as estudantes, compreendidas entre as discentes do IFG e das escolas convidadas, constituíram-se as protagonistas do ensino, pesquisa e extensão, pois foram aquelas que ensinaram, aprenderam e observaram os resultados de suas oficinas e dos demais desdobramentos decorrentes do projeto Meninas Cientistas.

No fim de cada módulo das oficinas, foram realizadas palestras com pesquisadoras atuantes nas áreas de exatas, a proporcionar um reforço no estímulo ao protagonismo das estudantes da equipe e das escolas participantes. Como resultados perceptíveis desta iniciativa, identificamos uma participação maciça no Campus Party, que ocorreu em Goiânia no mês de setembro de 2019 e é considerada a maior experiência tecnológica de inovação, ciência, criatividade e entretenimento digital do mundo, além do destacável número de estudantes que realizaram inscrição no processo seletivo para os cursos técnicos integrados do IFG Uruaçu 2020-1.

Além destes, o projeto Meninas Cientistas acumula inúmeros resultados positivos. Adicionalmente à aprovação no Edital n. 31/2018 do CNPq, o projeto foi aprovado em terceiro lugar no Edital n. 003/2019 da Proex/IFG, que proporcionou a oferta de cinco bolsas de ICJ, durante o segundo semestre de 2019, para as estudantes dos cursos técnicos do IFG que oferecem as oficinas às discentes das escolas participantes. Houve, ainda, a aprovação no Edital n. 002/2019 do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, recurso que possibilitará a aquisição de equipamentos imprescindíveis para a ampliação das ações do projeto nos próximos anos.

O projeto Meninas Cientistas obteve também a aprovação pelo Comitê Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), que proporcionará a expansão das ações para os oito municípios com maior percentual de famílias em situação de vulnerabilidade social: Amaralina; Campinaçu; Cavalcante; Colinas do Sul; Monte Alegre de Goiás; Montividiu do Norte; Santa Terezinha de Goiás; Teresina de Goiás. Na ocasião, serão oferecidas oficinas de construção civil para



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

mulheres, na ação nomeada “Ela Resolve”. Como forma de proporcionar as condições de permanência das participantes, serão oferecidas oficinas de Química e Robótica a seus filhos, na ação chamada “Mini Cientistas”. As vagas remanescentes da segunda ação serão destinadas a professores da rede pública dos municípios participantes da proposta. As ações Ela Resolve e Mini Cientistas objetivam a superação da pobreza e o enfrentamento das violências a partir do conhecimento científico, do estímulo ao protagonismo das crianças e adolescentes participantes, e do fortalecimento das parcerias institucionais necessárias para assegurar a descentralização das políticas públicas no Estado de Goiás.

Apesar destes reconhecimentos do projeto, identificou-se ao longo do tempo um questionamento constante quanto à sua natureza: o Projeto Meninas Cientistas é uma ação social ou científica? Cabe aqui ressaltar que, quando as ações do Projeto Meninas Cientistas são associadas a uma perspectiva social, usualmente observa-se um tom depreciativo, de modo a frequentemente relacionarem o projeto ao que, de modo crítico, chamam de ações “assistencialistas”. Há, por detrás desta crítica, uma intenção de desconsiderar a extensão em sua relevância científica.

Por outro lado, quando se enquadra o Projeto Meninas Cientistas como prática meramente científica, o fazem para excluí-lo das possibilidades de fomento de recursos voltados para ações afirmativas de inclusão de grupos historicamente discriminados. Em síntese, é notável que as ações destinadas ao protagonismo de estudantes da educação básica nas ciências são, de maneira constante, vistas ora como científicas demais para uma ação emancipatória, ora como demasiadamente “assistenciais” para serem validadas como prática de ciência. Em ambos os casos, os direitos, o protagonismo e a emancipação de meninas e mulheres a partir da ciência são perspectivados como elementos prescindíveis ou pouco relevantes. Nesse sentido, propõe-se as seguintes questões de ordem reflexiva: o papel da



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

ciência não é social? O conhecimento e as práticas científicas não constituem potenciais caminhos emancipatórios?

Outro questionamento recorrente acerca do Projeto Meninas Cientistas é: por que, em 2019, as ações foram direcionadas exclusivamente para meninas? Várias argumentações relevantes compõem o universo de respostas desta interpelação, de modo que problematizamos alguns desses elementos no livro digital “Meninas Cientistas: a construção Feminina do Saber”, publicado recentemente. Em síntese, Cruz, Salgado e Gomes (2020) ressaltam a luta histórica das mulheres pelo direito ao voto e ao trabalho, à propriedade da terra, e pela efetivação de leis de proteção, a exemplo da Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340/2006) e da tipificação do crime de feminicídio (Lei n. 13.104/2015). As autoras também problematizam a sub-representação das mulheres em filmes e programas infantis das décadas de 1990 e 2000, compreendidos como forma de desestímulo à representatividade. Aliás, é evidente a recorrência com que as mulheres tiveram e ainda têm seus lugares definidos por uma estrutura sexista, marcada por estereótipos que, por vezes, as distanciam das ciências e, sobretudo, das exatas. Nesse sentido, Cruz, Salgado e Gomes (2020) também discutem, em um contexto atual, o silenciamento e as violências como elementos impactantes às mulheres nas ciências.

Os dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - DIEESE apontaram que, no quarto trimestre de 2019, as mulheres tiveram rendimento mensal médio 22% menor do que os homens. Nesse caso, há quem problematize a escolaridade como fator para justificar a diferença salarial. Entretanto, mesmo entre um universo de trabalhadores com ensino superior, as mulheres receberam salários 38% menores do que os homens em 2019. No que se refere à ocupação de cargos de gerência e direção, a cada dez profissionais, apenas quatro são mulheres, mesmo em um país majoritariamente feminino. Apesar disso, quando as mulheres ocupam os mais altos cargos de gestão, identificou-se que elas



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

possuem rendimentos 29% menores do que os homens. No que tange à sobreposição de jornadas de trabalho, destacamos o tempo despendido com os afazeres domésticos que, em geral, compõem trabalho não remunerado, e no qual as mulheres gastam 95% mais tempo que os homens. Em números ainda mais gritantes, se levarmos em consideração uma jornada de oito horas diárias, mulheres se encontram ocupadas com afazeres domésticos por 68 dias no ano, de acordo com o DIEESE (2019).

Além desses dados, mulheres precisam resistir, diariamente, à diversas condições estruturais. De acordo com o Atlas da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020), a cada duas horas, uma mulher é assassinada no Brasil. Destas, 68% são negras, perfazendo uma taxa de 4,3 a cada 100 mil mulheres. Ainda de acordo com o instituto, entre 2008 e 2018, o homicídio de mulheres negras aumentou 12,4%, enquanto o de mulheres não negras reduziu 11,7%.

Em uma pesquisa rápida pela expressão “primeira mulher a” em plataformas de buscas digitais, encontraremos vários resultados relativos ao século XXI. Na observação destas pioneiras, não faltam relatos acerca dos entraves estruturais que dificultaram suas jornadas pessoais e que, até os dias de hoje, persistentemente impedem que outras tantas tenham acesso aos seus espaços de direito no âmbito acadêmico. Sônia Guimarães, a primeira Doutora em Física do país, relatou que sua vida “é quebrar barreiras” (MANDÊ, 2019, p. 1). Ester Sabino e Jaqueline Goes de Jesus são pesquisadoras brasileiras da Universidade de São Paulo, e sequenciaram o genoma do coronavírus em apenas 48 horas. Jaqueline Goes de Jesus relatou ao Jornal Metrôpoles (NUNES, 2020) que a divulgação de suas pesquisas, em parceria com Ester Sabino, mostrou o relevante trabalho que muitas mulheres cientistas realizam, ainda que sem o devido reconhecimento. Além disso, a pesquisadora problematizou o fato das mulheres terem sido historicamente consideradas menos capazes no fazer científico.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Para além da questão histórica de representação feminina na ciência, é necessário também problematizar o relevante elemento racial, que carrega consigo ainda mais agravantes distorções estruturais. A título de exemplo, embora prêmios destinados às mulheres que se destacam no ambiente científico existam, estes ainda enfrentam desafios de representação plural. Em 2018, o prêmio "Para mulheres na ciência", promovido por uma grande corporação mundial do mercado da beleza, potencializava pesquisas nas áreas das Ciências da Vida, Ciências Físicas, Ciências Matemáticas e Ciências Químicas. Apesar disso, das sete selecionadas, não havia diversidade. O resultado nos instiga a refletir os motivos pelos quais o protagonismo científico com destacável relevância encontra-se limitado dentre as mulheres brancas. Em 2020, a astrofísica Rita de Cássia dos Anjos, ganhadora do prêmio "Para mulheres na ciência" no respectivo ano, respondeu essa dúvida: "não existe incentivo para pessoas negras na ciência" (OLIVA, 2020, p. 1).

Superadas as estatísticas e questões estruturais de acesso ao mundo acadêmico, enfrenta-se, além disso, violências no interior da própria academia. Um exemplo encontra-se no artigo "*Organic synthesis—Where now? Is thirty years old. A reflection on the current state of affairs*" publicado pela *Angewandte Chemie* - um jornal da German Chemical Society (GDCh), uma das mais conceituadas revistas de Química da Alemanha, escrito pelo químico Tomáš Hudlický, do Departamento de Química e Centro de Biotecnologia da Universidade de Brock, no Canadá, em 2020.

Ao discutir a diversidade da força de trabalho, o autor dá o tom de suas críticas: apresenta os grupos sub-representados, nos quais destaca as mulheres e as minorias, e os associa a uma preferência impositiva ou com "status preferencial", perspectivando-os como grupos que supostamente receberiam um "tratamento preferencial" no âmbito da universidade (HUDLICKÝ, 2020, p. 4, tradução nossa). Nesse sentido, o autor reconhece, ainda que de maneira inconsciente ou acidental, que sempre houve um grupo hegemônico ocupando as cadeiras mais



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

destacáveis da ciência, em uma estrutura que relegou as mulheres e demais minorias sociais à invisibilização e segregação. Com a ampliação do ingresso de mulheres e demais minorias nas universidades, o autor mostra inquietude pelo que acredita ser um modo discrepante de acesso às oportunidades, gerando “discriminação com os grupos com maiores méritos” (HUDLICKÝ, 2020, p. 4, tradução nossa). Ao prosseguir, o autor questiona formações vistas por ele como impositivas acerca da “equidade, inclusão, diversidade e discriminação de gênero” (p. 4, tradução nossa). O artigo foi questionado mundialmente e, atualmente, não está disponível no site da revista. Entretanto, o material ainda circula nas redes sem dificuldades de acesso.

Em linha argumentativa similar, há o artigo “*The association between early career informal mentorship in academic collaborations and junior author performance*”, dos autores Bedoor AlShebli, Kinga Makovi e Talal Rahwan da New York University Abu Dhabi, e publicado pela revista Nature Communications em 17 de novembro de 2020, considerada um jornal de relevante impacto científico internacional. Em síntese, os autores afirmam que, se orientado por uma mulher, um jovem cientista terá sua carreira prejudicada. Novamente, são destacadas como minorias sub-representadas as mulheres e “pessoas de cor” (ALSHEBLI; MAKOVI; RAHWAN, 2020, p. 2, tradução nossa). Mesmo com os apontamentos dos revisores acerca da fragilidade metodológica inerente ao estudo, o artigo foi publicado. A revista publicou uma nota acerca de uma investigação interna para uma resposta editorial relativa aos apontamentos de gênero amplamente questionados pela comunidade científica internacional.

Estes e outros exemplos ajudam a ilustrar, ainda que em uma fração de recorte, o panorama de elementos geradores de condições desiguais de acesso aos ambientes científicos, ainda mais dificultados às mulheres negras e demais diversidades. Observa-se que, quando algumas dessas adversidades são vencidas e há um ingresso nos espaços de direito, a exemplo



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

das universidades, Institutos Federais e Centros Federais, torna-se notável o surgimento de sucessivos questionamentos acerca da qualidade, validade das produções e também das ações coordenadas por pesquisadoras em todas as áreas do conhecimento, da vida pública e das representações políticas.

Os já mencionados recorrentes questionamentos destinados ao Projeto Meninas Cientistas refletem essa constante tentativa de deslegitimação. Percebe-se que, quanto mais as minorias sociais apropriam-se de seus direitos e propõem ações para que outros tantos sujeitos diversos ocupem os espaços que lhes pertencem por direito, mais se avolumam os questionamentos acerca das formas de ingresso, da credibilidade de suas publicações e metodologias, além de evocações de uma falsa premissa meritocrática. Diante do questionamento sobre as ações do Projeto Meninas Cientistas serem científicas ou sociais, encerra-se com uma indagação: quando a ciência deixou de ser social?

Referências

- ALSHEBLI, Bedoor; MAKOVI, Kinga; RAHWAN, Talal. The association between early career informal mentorship in academic collaborations and junior author performance. *Nature Communications*, [s. l.], p. 1-8, 17 nov., 2020. DOI <https://doi.org/10.1038/s41467-020-19723-8>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-020-19723-8>. Acesso em: 21 nov. 2020.
- DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Brasil). Mulheres ganham 22% menos do que os homens no País, revela Dieese. *Confederação dos Trabalhadores do Serviço Público Federal - CONDSEF*, Brasília, p. 1-2, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://www.condsef.org.br/noticias/mulheres-ganham-22-menos-que-os-homens-pais-revela-dieese>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: Uruaçu. [S. l.], 2020. Disponível em:



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/uruacu/panorama>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- IMB. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Banco de Dados Estatísticos de Goiás: Uruaçu - Goiás. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/bde/>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Brasil). Atlas da Violência 2020. Brasília: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- MANDÊ (Agência). "Minha vida é quebrar barreiras" diz a 1ª mulher negra doutora em física. *Universa*, [S. l.], p. 1-3, 16 nov. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/16/minha-vida-e-quebrar-barreiras-diz-a-1-mulher-negra-doutora-em-fisica.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- NUNES, Bethânia. Jaqueline Goes de Jesus, a brasileira que sequenciou o coronavírus em 48h. *Metrópoles*, [S. l.], 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/jaqueline-goes-de-jesus-a-brasileira-que-sequenciou-o-coronavirus-em-48h>. Acesso em: 22 nov. 2020.
- OLIVA, Gabriela. 'Não existe incentivo para pessoas negras na ciência', diz astrofísica vencedora de prêmio para mulheres cientistas. *O Globo*, [S. l.], 16 set. 2020. Celina, p. 1-4. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/nao-existe-incentivo-para-pessoas-negras-na-ciencia-diz-astrofisica-vencedora-de-premio-para-mulheres-cientistas-24628363>. Acesso em: 20 nov. 2020.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

AS MULHERES DEFICIENTES NO MERCADO DE TRABALHO NO TURISMO

Donária Coelho Duarte^{19*}

Constata-se que a sociedade emana por atitudes mais responsáveis seja dos clientes e consumidores, empresas e organizações, bem como dos demais atores sociais (SECCHI & BUI, 2018; FERREL; HARRISON; FERRELL & HAIR, 2019). Tal fato perpassa pela questão da inclusão de pessoas deficientes que devem exercer os seus papéis na sociedade e usufruir dos seus direitos de forma plena como os demais cidadãos. Esse processo de inclusão inclui o direito de acesso ao mercado de trabalho de forma digna e plena.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) revelam que 15% da população mundial se declara com algum tipo de deficiência (ONU, 2011). No Brasil, conforme o último Censo do IBGE de 2010, 23,9% da população brasileira alega ser deficiente, um número expressivo, já que quase 1/4 dos brasileiros afirmaram ter algum tipo de deficiência. Os dados obtidos no ano de 2010 já revelavam naquele ano uma expressiva parcela da população que alegava possuir algum tipo de deficiência. Dentro dessa parcela, 26,5% da população feminina (25,8 milhões) alegava ser deficiente em 2010, contra 21,2% da população masculina (19,8 milhões) – (IBGE, 2010). Esse percentual expressivo demanda políticas públicas que garantam a essas mulheres o direito à educação, o que permitirá a sua capacitação para ingressar no mercado de trabalho.

¹⁹ Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada da Universidade de Brasília. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7361440038891329>. E-mails: donaria@unb.br e donaria@hotmail.com ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0001-7673-0227>

* Este trabalho apresenta os principais pontos do artigo de DUARTE, D. C. A empregabilidade de mulheres deficientes na hotelaria de Brasília. Turismo: Estudos e Práticas (UERN). Mossoró/RN, v. 9 (Dossiê Temático), pp. 1-13, 2020. ISSN 2316-1493.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Os fatores citados impactam os diversos setores da sociedade, dentre eles a prestação de serviços no qual se enquadra o turismo. A proposta desse estudo é, portanto, discutir de forma qualitativa o papel da mulher deficiente no mercado de trabalho no setor turístico a partir dos dados coletados na pesquisa realizada em 2015, onde essa teve como objetivo analisar o relato de duas mulheres deficientes que trabalhavam em dois hotéis localizados no setor hoteleiro de Brasília (DUARTE & CUNHA, 2015).

O contexto de trabalho das mulheres deficientes no setor turístico

Uma importante ferramenta para a inclusão social das pessoas, sejam elas deficientes ou não, refere-se a sua inserção no mercado de trabalho. Entretanto, especificamente para as pessoas deficientes, o trabalho revela-se como um importante veículo que lhe permite a inclusão na sociedade. Corroboram com esse pensamento Lima, Tavares, Brito e Cappelle (2013) consideram que para as pessoas deficientes o trabalho é considerado uma importante via de inclusão social.

Entretanto, apesar de extremamente relevante para a promoção da inclusão social, constata-se a necessidade de políticas públicas que garantam ao deficiente o direito de acesso ao mercado de trabalho.

Nesse contexto, no Brasil destaca-se a Lei 8.213 de 24 de julho de 1991, mais conhecida como a Lei de Cotas, que trata da contratação de deficientes pelas empresas. A mesma define que empresas privadas e públicas com mais de 100 funcionários devem preencher entre 2 e 5% de suas vagas com trabalhadores deficientes. Empresas que possuem de 100 a 200 funcionários devem reservar, obrigatoriamente, 2% de suas vagas para deficientes; entre 201 e 500 funcionários, 3%; entre 501 e 1000 funcionários, 4%; e empresas com mais de 1001 funcionários, 5% das suas vagas.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Constata-se que a existência de uma legislação específica que trate do ingresso de pessoas deficientes ao mercado de trabalho é um fator importante para que haja inclusão dessas pessoas. Entretanto, Moraes (2017) considera que, por mais que exista uma melhora na educação profissional, formação, qualificação, leis que legitimam o direito ao trabalho para pessoa deficiente, inserção e permanência deste grupo no mercado de trabalho ainda é insatisfatória. Para a autora, a Lei de Cotas é vista como um instrumento que garante a inclusão da pessoa deficiente a uma vaga, porém a obrigatoriedade da Lei não garante o reconhecimento ao sujeito que não é acreditado. A autora considera que a baixa escolaridade é um entrave visto pelas empresas no momento da inserção no mercado de trabalho, mesmo a lei colaborando a favor da pessoa deficiente. Incluir a pessoa deficiente no mercado de trabalho é visto ainda de forma engessada, onde o deficiente ocupa uma vaga e não um espaço social, não é totalmente inserido, muito menos reconhecido profissionalmente (MORAIS, 2017).

Essa dura realidade apontada por Moraes (2017) é vivenciada por todos os deficientes, sejam eles homens ou mulheres que não conseguem alcançar, de fato, o seu reconhecimento como indivíduos produtivos na sociedade. Entretanto, é necessário mencionar que para as mulheres esse fardo é maior, pois, além da questão de possuírem uma limitação, ainda devem provar o seu valor como atuantes numa sociedade que ainda privilegia o gênero masculino.

Sob este aspecto, a Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas (CDPD) aprovada em 13 de dezembro de 2006, durante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), preconiza a ampliação dos direitos básicos das pessoas deficientes. Dentre os princípios elencados, prioriza a busca da igualdade de oportunidades em sentidos ampliados, no mercado de trabalho, na educação e nas mais diversas esferas; e a equiparação de gênero, de modo que não haja distinção entre homens e



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

mulheres deficientes sob nenhum aspecto social (BRASIL, 2009).

Os princípios dessa Convenção são importantes, já que a participação no mercado de trabalho de mulheres deficientes é comparativamente menor que o de homens deficientes, tendo em vista que empregadores em todo o mundo preferem empregar homens deficientes em vez de mulheres deficientes (SHARMA & ANNA, 2017).

Desta forma, Farias (2020) considera que não é a deficiência a única variante produtora de desigualdades. O fato de ser mulher numa sociedade notadamente machista, de ser negro/a numa sociedade racista, ou de envelhecer numa sociedade que cultua corpos saudáveis e produtivos, denuncia a coexistência de uma série de condições geradoras de desigualdade e exclusão social.

Sharma e Anna (2017) ressaltam que a discriminação de gênero é um tema importante que deve ser trabalhado, já que mulheres deficientes precisam enfrentar numerosos desafios pessoais e profissionais por serem mulheres, especialmente nos países em desenvolvimento. Vale lembrar que pesquisa foco de análise deste artigo foi realizada no Brasil, país que se enquadra nesse contexto.

Magnabosco e Souza (2018) consideram que pensar os entrelaçamentos entre os estudos feministas e de gênero e os estudos das deficiências possibilita a elaboração de um olhar mais complexo para as questões sociais que se apresentam. Os autores consideram que esse entrelaçamento permite o desenvolvimento de uma crítica com vistas à produção de outros sentidos e, conseqüentemente, outras realidades, nas quais as diferenças, hoje consideradas abjetas, possam ser entendidas como mais uma possibilidade de manifestação das vidas e não como algo que deva ser normalizado ou mesmo extirpado da sociedade.

Gomes, Lopes, Gesser e Toneli (2019) também são congruentes com esta linha ao enfatizarem que o campo dos estudos feministas da deficiência oferece importantes



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

contribuições para as ciências sociais e humanas, bem como para a produção de políticas públicas que tenham o potencial de considerar todas as formas de estar no mundo. Os autores consideram que uma dessas contribuições é a de ampliar as noções de identidade para garantir a viabilização de políticas públicas que considerem as diversas formas de existência. Outra contribuição se refere à preocupação em tornar as vidas não normativas mais inteligíveis, especialmente as das mulheres deficientes que sofrem uma dupla condição de opressão e vulnerabilidade (GOMES; LOPES; GESSER & TONELI, 2019).

Farias (2020) constata que inexistem políticas públicas que assegurem o protagonismo das mulheres deficientes na sociedade. Para a autora, há falta intérprete de libras em hospitais e demais espaços prestadores de serviço; os livros, textos e equipamentos, em sua grande maioria, não estão acessíveis aos deficientes visuais; e nos logradouros públicos a acessibilidade é superficial, sobretudo nos espaços onde pessoas podem ser vistas e ouvidas, a exemplo de grande parte das tribunas legislativas brasileiras, as quais são inacessíveis aos deficientes físicos.

Sobre os setores mais propensos ao emprego de mulheres deficientes, Sharma e Anna (2017) apontam que, dependendo do tipo de setor industrial ou grupo ocupacional, homens deficientes são mais propensos a trabalhar na fabricação, construção e transporte, enquanto a presença de mulheres deficientes é mais proeminente em educação, empregos de hospitalidade, saúde e serviço social. Assim, o setor turístico pode se revelar mais propenso ao emprego de mulheres deficientes, já que oferece funções mais relacionadas ao trabalho reprodutivo, como camareiras, cozinheiras, recepcionistas, entre outros serviços, entretanto não estão relacionados a cargos de gerência (ARAÚJO, 2016).

Tendo como base os fatores expostos, constata-se que há vários aspectos que delineiam um cenário desfavorável e desanimador no emprego de mulheres deficientes, dificultando ou até inviabilizando a sua atuação de forma plena. Tais fatos



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

demandam um desafio a ser enfrentado pelas mulheres deficientes em diversos setores, inclusive no turismo que necessita quebrar barreiras na vertente da empregabilidade.

Análise dos principais dados sobre a empregabilidade de mulheres deficientes a partir da coleta realizada em 2015

Os principais dados da pesquisa realizada em 2015 serão apresentados a seguir, lembrando que a análise na íntegra deste estudo encontram-se no artigo de Duarte (2020). Vale ressaltar que, para uma análise mais precisa dos perfis das entrevistadas no setor hoteleiro de Brasília, as mesmas foram denominadas de entrevistada 1 e entrevistada 2.

Os dados coletados revelam uma diferença na experiência profissional de ambas, já que a entrevistada 2 trabalhou em vários setores e a entrevistada 1 revela que este era o seu primeiro emprego registrado. Entretanto, vale lembrar que a entrevistada 1 era bem mais jovem que a entrevistada 2 e isso pode ter contribuído para a sua menor experiência. Perguntadas se a limitação influenciou na entrada no mercado de trabalho dessas mulheres, obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistada 1: Tive dificuldade, não tive muitas entrevistas.

Entrevistada 2: Bom, quando me ligaram era para trabalhar na cozinha como coopera, aí eu falei para a moça que não tinha como eu trabalhar na cozinha carregando as coisas. Aí ela informou que tinha vaga de telefonista. Por isso que quando eu vejo a oferta de emprego eu olho bem para ver se eu dou conta, tenho que ver se irei precisar dos braços. Eu não dou conta de carregar muitas coisas, poucas coisas eu faço com o braço que tenho a limitação. Aqui eu consigo. Para você pensar em trabalhar, você tem que pensar como vai ser no ônibus, qual a distância, o tempo que vai levar, que horas vou chegar, se é



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

longe vou andar muito.... Uma coisa eu falo, não falta emprego para portador de deficiência, aqui mesmo já vieram fazer a vistoria, para ver se o hotel está de acordo com a legislação, e ele estava certinho (DUARTE & CUNHA, 2015).

Nesse questionamento, a entrevistada 1 reforçou que obteve dificuldade para ingressar no mercado de trabalho, já a entrevistada 2 analisou não somente a vaga que lhe foi oferecida, mas se conseguia realizar suas atividades, ponderando sobre o trajeto que iria percorrer e o tempo que iria levar até a chegada ao estabelecimento. Isso demonstra a sua responsabilidade já que analisou de forma crítica se seria possível o aceite ao cargo oferecido.

Indagadas sobre qual era a opinião das entrevistas sobre o mercado de trabalho para pessoas deficientes, ambas responderam de forma positiva, que pessoas deficientes podem ingressar no mercado de trabalho:

Entrevistada 1: Sim, não vejo problema nenhum, eu consigo executar todas as minhas funções, tudo que me impõe eu faço.

Entrevistada 2: Na minha opinião sim, pois eu consigo me locomover perfeitamente e acredito que para outras pessoas com deficiência não existiria dificuldades (DUARTE & CUNHA, 2015).

Quando questionadas sobre qual era a importância do emprego em suas vidas, as entrevistadas discorreram da seguinte forma:

Entrevistada 1: O trabalho é tudo, ele me dá auto estima, liberdade, gera convivência e me fez aprender a conviver com vários tipos de pessoas. [...] tem gente que tem limitações e eu não tenho nenhuma. Quando eu tive a minha filha a médica



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

perguntou se eu queria alguma acompanhante. Aí eu disse que dava conta de cuidar dela sozinha, então assim eu não tenho limitações. Os médicos falam que sou uma pessoa muito determinada. Na minha última consulta o médico perguntou como eu trabalhava, então eu respondi: trabalhando... rrsrrs. Até os médicos vem como uma limitação e isso muitas vezes incapacita a pessoa e assim se a pessoa tiver força de vontade ela vai longe. E eu não vejo isso como uma barreira.

Entrevistada 2: Quando eu me tornei portadora de necessidades especiais, eu fiquei 10 anos fora do mercado de trabalho. Na época eu não me aceitava ainda! Meu primeiro emprego foi como fiscal de loja, eu me senti um pouco de dificuldade não pelas pessoas mais por mim mesma. Eu gosto muito de trabalhar aqui, aqui que eu retiro meu sustento, eles não pagam mal, a gente só trabalha 6 horas por dia. Fazemos a refeição aqui mesmo, café da manhã e almoço (DUARTE & CUNHA, 2015).

Analisando tais relatos constata-se que ambas as entrevistadas enfatizaram a importância do trabalho, o que é congruente com os autores Lima, Tavares, Brito e Cappelle (2013), já que os mesmos consideram que o trabalho é uma importante ferramenta para inclusão das pessoas deficientes na sociedade. Vale ressaltar o relato da entrevistada 2 que levou 10 anos para aceitar o seu corpo depois do acidente sofrido.

Questionadas se, na opinião das entrevistas, a contratação de mulheres deficientes trouxe vantagem competitiva para os hotéis aos quais elas trabalhavam, as respostas foram positivas:

Entrevistada 1: Acho que sim, mostra que o hotel está preocupado, que tratam igual, sem exclusão. Dá o mesmo serviço para todos e eu gosto de ser tratada igual, eu não gosto que ninguém queira me limitar.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Entrevistada 2: Muda a imagem do hotel, apesar que na maioria dos casos as empresas contratam por causa da legislação. Eu acho que se não houvesse ela, não haveria tanta contratação de maneira geral. Força as empresas a terem (DUARTE & CUNHA, 2015).

A resposta da entrevistada 2 foi congruente com o pensamento de Morais (2017), que afirma que, apesar da legislação existente, a pessoa deficiente ocupa uma vaga em função da obrigatoriedade do cumprimento da lei e não um espaço social. Pondera-se que a organização pode passar uma imagem de empresa inclusiva e responsável quando, na realidade, está apenas atendendo o que a legislação obriga em termos composição no quadro de funcionários de pessoas deficientes.

Por fim, a entrevista é encerrada com o questionamento específico sobre quais dificuldades as entrevistadas consideravam que as mulheres deficientes tinham para estarem inseridas no mercado de trabalho. As respostas foram as seguintes:

Entrevistada 1: Vejo que pessoas com deficiência têm muitas limitações, mas depende da deficiência e do cargo que ela vai ocupar.

Entrevistada 2: Existe sim um pouco de dificuldade, mas para mim nunca teve dificuldade. Eu não encaro a minha deficiência como empecilho. Eu não tenho vergonha de pedir ajudar, usar meu passe livre, eu não tenho orgulho de pedir ajuda. Eu sou bem madura com a minha deficiência. Eu me aceito bem (DUARTE & CUNHA, 2015).

As entrevistadas relataram que as mulheres deficientes possuíam dificuldades para estarem inseridas no mercado de trabalho, mas, dependendo das funções a elas delegadas,



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

conseguiam executar suas atividades, conforme relato da entrevistada 1. Já a entrevistada 2 relatou que aceitava a sua limitação, as dificuldades que a mesma lhe impunha e que usufruía dos seus direitos como cidadã deficiente. Ambas entrevistadas são realistas das suas limitações, das suas capacidades de exercer funções a elas delegadas, mas também demonstram força de vontade e motivação para exercerem o seu papel na sociedade.

Considerações

A partir do estudo realizado em 2015, algumas considerações podem ser feitas. A primeira é que há formas do não cumprimento, de fato, da Lei nº 8.213. Uma delas é evitar a contratação de mais funcionários e, portanto, não ter a obrigatoriedade na contratação de deficientes, conforme o relato de vários gerentes na pesquisa realizada em 2015. Outra forma refere-se ao emprego de deficientes com limitações leves, que não requeiram grandes ajustes nas instalações do estabelecimento. Constata-se, portanto, que a existência da Lei não é garantia de pleno emprego para as pessoas deficientes.

Conclui-se também que as discussões sobre o gênero devem estar presentes no contexto da empregabilidade de pessoas deficientes e, mais especificamente, no turismo, já que a maioria dos hotéis investigados em 2015 davam preferência ao emprego de homens ou invés de mulheres deficientes, isso mesmo levando em conta as características do setor, mais focado em atividades voltadas no trabalho reprodutivo, propenso, a princípio, ao gênero feminino. Tal fato é congruente com o que relatam Sharma e Anna (2017) sobre a preferência dos empregadores por homens ao invés de mulheres deficientes. Portanto, a discussão sobre a questão do gênero e deficiência no turismo devem ser ampliadas e aprofundadas a outros setores do ramo, no intuito de contribuir para a quebra de barreira de marginalização dessas profissionais.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Referências

- ARAÚJO, C. F. S. A dupla jornada de mulheres inseridas no mercado de trabalho turístico em Aracaju-SE. Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. 27 a 29 de abril 2016. Programa de Pós-graduação em Sociologia – PPGS. Universidade Federal de Sergipe – UFS, Sergipe, p. 859-871, 2016.
- BRASIL. Lei de Cotas. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8213compilado.htm.
- BRASIL. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, 26 de agosto de 2009, seção 1, p. 3.
- BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Lei n.º 13.146, de 06 de julho de 2015. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília-DF, p.1/96.
- DUARTE, D. C. & CUNHA, P. D. Mercado de trabalho e mulheres deficientes: um estudo exploratório sobre a empregabilidade no setor hoteleiro de Brasília - DF. Revista Cenário, v. 3, p.71 - 85, 2015.
- DUARTE, D. C. A empregabilidade de mulheres deficientes na hotelaria de Brasília. Turismo: Estudos e Práticas (UERN). Mossoró/RN, v. 9 (Dossiê Temático), pp. 1-13, 2020. ISSN 2316-1493.
- FARIAS, A. Q. Para quem quer ver além: deficiência visual e empoderamento feminino. Research, Society and Development, v. 9, n.1, p. 1-25, 2020. e193911832, (CC BY 4.0),| ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1832>
- FERRELL, O. C.; HARRISON, D. E.; FERRELL, L.; & HAIR, J. F. Business ethics, corporate social responsibility, and brand attitudes: an exploratory study. Journal of Business Research. v. 95, February, p. 491-501, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.07.039>
- GOMES, R. B., LOPES, P. H., GESSER, M., & TONELI, M. J. F. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019>



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).
Resultados Gerais da Amostra - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>
- LIMA, M. P.; TAVARES, N. V.; BRITO, M. J.; & CAPPELLE, M. C. A. O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. Revista de Administração Mackenzie, v. 14, no. 2, São Paulo, SP, mar/abr 2013. ISSN 1518-6776 (impresso), ISSN 1678-6971 (*on-line*)
- MAGNABOSCO, M. B.; & SOUZA, L. L. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n256147>
- MORAIS, K. H. Mercado de trabalho e a pessoa com deficiência intelectual: entraves e oportunidades. Revista Espacios. vol. 38, n. 12, 2017, ISSN 0798 1015
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Brasil. A ONU e as pessoas com deficiência, 2011. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>
- SECCHI, D.; & BUI, H. T. M. Group Effects on Individual Attitudes Toward Social Responsibility. Journal of Business Ethics. 149, p. 725-746, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10551-016-3106-x>
- SHARMA, A.; & ANNA, D. The Only Disability in Life is a Bad Attitude: A Literature Review on Hindrances in the Professional Front of People with Disabilities. Acta Humana, v. 6, p. 7–33, 2017.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O NOVELO PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO E A CONSUBSTANCIALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS

*Vera Simone Schaefer Kalsing*²⁰

Neste texto, busco apresentar de forma sucinta a ideia do novo patriarcado-racismo-capitalismo da socióloga brasileira Heleieth Saffioti, e também, a perspectiva da consubstancialidade das relações sociais de sexo, raça e classe, da socióloga francesa Danièle Kergoat, procurando demonstrar que as duas abordagens apresentam pontos de convergência, embora, as autoras discordassem em vários aspectos.

O novo patriarcado-racismo-capitalismo – A metáfora do nó

Saffioti desenvolveu uma abordagem teórica que entende as relações sociais a partir do que ela chamou de simbiose entre três sistemas de dominação-exploração: patriarcado-racismo-capitalismo, ou novo entre três contradições sociais básicas.

Segundo a autora, o sexismo e o racismo teriam nascido praticamente na mesma época. Na gênese do escravismo, constava um tratamento distinto dispensado a homens e a mulheres.

Quando um povo conquistava outro, submetia-o a seus desejos e a suas necessidades. Os homens eram temidos, em virtude de representarem grande risco de revolta, já que dispõem, em média, de mais força física que as mulheres, sendo, ainda, treinados para enfrentar perigos. Assim, eram sumariamente

²⁰ Professora associada do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras. Coordenadora do MURA, Grupo de estudos e pesquisas sobre mulher e raça. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3836347268665052>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

eliminados, assassinados. As mulheres eram preservadas, pois serviam a três propósitos: constituíam força de trabalho, importante fator de produção em sociedades sem tecnologia ou possuidoras de tecnologias rudimentares; eram reprodutoras desta força de trabalho, assegurando a continuidade da produção e da própria sociedade; prestavam (cediam) serviços sexuais aos homens do povo vitorioso (SAFFIOTI, 2009, p. 25).

Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, conforme a autora, a fusão, entre os três sistemas de dominação-exploração. Essa fusão é também compreendida por Saffioti como “nó”.

O nó formaria uma nova realidade, apresentando uma contradição própria, e seria constituído pelas três subestruturas: gênero, raça/etnia e classe social, já que é presidido por uma lógica contraditória, distinta das que regem cada contradição em separado (SAFFIOTI, 2009).

[...] O importante é analisar essas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas em um nó. Não se trata da figura do nó górdio nem apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes (SAFFIOTI, 1998). Não que cada uma dessas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória [...] (SAFFIOTI, 2009, p. 25).

Saffioti entende essa simbiose como um processo histórico, em que, de acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. Havendo uma motilidade, isto é, nada é fixo, “aí inclusa



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

a organização destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade – novo patriarcado-racismo-capitalismo [...] – historicamente constituída” (SAFFIOTI, 2009, p. 26).

A imagem do nó não consiste em mera metáfora; é também uma metáfora. Há uma estrutura de poder que unifica as três ordens – de gênero, de raça/etnia e de classe social – embora as análises tendam a separá-las. Conforme a autora, o prejuízo científico e político não advém da separação para fins analíticos, mas sim, da ausência do caminho inverso: a síntese. “O patriarcado, com a cultura especial que gera e sua correspondente estrutura de poder, penetrou em todas as esferas da vida social, não correspondendo, há muito tempo, ao suporte material da economia de *oikos* (doméstica)²¹” (SAFFIOTI, 2009, p. 26, grifos da autora).

O patriarcado perpassa todas as esferas da vida social, não se restringindo ao ambiente doméstico. Isto quer dizer, na esfera política, no mercado de trabalho, na esfera cultural, na religiosa, em tudo, está presente o sistema patriarcal, a estrutura da nossa sociedade é, deste modo, patriarcal. E, falando de como a simbiose se dá...

De outra parte, o capitalismo mercantilizou todas as relações sociais, nelas incluídas as chamadas específicas de *gênero* [...] Da mesma forma, a raça/etnia, com tudo que implica em termos de

²¹ Aqui, a autora está se referindo à perspectiva weberiana do patriarcado, pela qual, inclusive, muitas vezes as feministas foram criticadas. “Quando consta apenas o termo dominação, suspeita-se de que a visão da sociedade seja tripartite – política, econômica e social, isto é, de filiação weberiana. Talvez esta tenha sido a razão pela qual outras feministas atacaram, e ainda o fazem, o conceito de patriarcado, pensando sempre na formulação weberiana, cujo contexto histórico inspirador foi a sociedade sem Estado. Tratava-se, portanto, de um conceito referido à economia de *oikos*, ou, simplificando, à economia doméstica” (SAFFIOTI, 2009, p. 3). Saffioti, com sua ideia de exploração-domação e vice-versa, justamente por juntar os dois processos (ou duas faces) e também de alternar a ordem, entendo que deixa clara a sua perspectiva marxista, mas também, não descarta, por sua vez, a visão weberiana, ao entender que o patriarcado traz em si um caráter duplo: econômico (exploração) e político (dominação). Mas não, entendendo como dois processos, e sim, como dois lados de um mesmo processo.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

discriminação e, por conseguinte, estrutura de poder, imprimiu sua marca no corpo social por inteiro. A análise das relações de gênero não pode, assim, prescindir, de um lado, da análise das demais contradições, e, de outro, da recomposição da totalidade de acordo com a posição que, nesta nova realidade, ocupam as três contradições sociais básicas (SAFFIOTI, 2009, p. 26).

É fundamental, de acordo com a autora, a compreensão dessa nova realidade, dessa totalidade, formada pelas três subestruturas, que agora passa a ser compreendida como novo patriarcado-racismo-capitalismo.

Ademais, o gênero, a raça/etnicidade e as classes sociais constituem eixos estruturantes da sociedade. Estas contradições, tomadas isoladamente, apresentam características distintas daquelas que se pode detectar no nó que formaram ao longo da história [...]. Este contém uma condensação, uma exacerbação, uma potenciação de contradições. Como tal, merece e exige tratamento específico, mesmo porque é no nó que atuam, de forma imbricada, cada uma das contradições mencionadas. Além disto, esta concepção é extremamente importante para se entender o sujeito múltiplo [...] e a motilidade entre suas facetas. Efetivamente, o sujeito, constituído em gênero, classe e raça/etnia, não apresenta homogeneidade. Dependendo das condições históricas vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que vivas, colocam-se à sombra da primeira. [não que as outras deixem de existir, elas somente terão uma proeminência menor que a que está dominando]. Em outras circunstâncias, será outra faceta a tornar-se dominante. Esta mobilidade do sujeito múltiplo



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

acompanha a instabilidade dos processos sociais, sempre em ebulição²² (SAFFIOTI, 2015, p. 83).

Vamos tentar entender como essa simbiose se opera na realidade social.

Segundo a autora, o capitalismo se apropriou desta “desvantagem” (grifo meu) feminina, procedendo com todas as demais da mesma forma. Tirando proveito das discriminações que pesavam contra a mulher, e assim continua a proceder. É possível verificar que, nas cadeias produtivas nacionais e internacionais, as mulheres predominam nos estágios mais degradados da terceirização ou quarteirização.

A Nike, por exemplo, usa mão de obra feminina oriental, trabalhando em domicílio e recebendo quantias miseráveis. Todos os estudos sobre força de trabalho feminina no mundo de economia globalizada revelam sua mais acentuada subordinação. Isto equivale a dizer que, quanto mais sofisticado o método de exploração praticado pelo capital, mais profundamente se vale da dominação de gênero de que as mulheres já eram, e continuam sendo, vítimas (SAFFIOTI, 2015, p. 138).

Aqui, a autora vê um problema, o perigo deste tipo de análise, segundo ela, reside em resvalar-se pelo dualismo (SAFFIOTI, 2009, p. 30).

Não há, de um lado, a dominação patriarcal e, de outro, a exploração capitalista. Para começar, não existe um processo de dominação separado de outro processo, este de exploração. Por esta razão, usa-se,

²² Aqui, de algum modo, podemos perceber certo destaque à perspectiva identitária, embora se saiba que a autora se definia como marxista. Mas também, percebemos uma proximidade com o pensamento de Danièle Kergoat, na ideia de que os processos sociais estão em constante transformação.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

aqui e em outros textos, a expressão dominação-exploração ou exploração-dominação. Alternam-se os termos, para evitar a má interpretação da precedência de um processo e, por via de consequência, da sucessão do outro. De rigor, não há dois processos, mas duas faces de um mesmo processo. Daí ter-se criado a metáfora do nó para dar conta da realidade da *fusão* patriarcado–racismo–capitalismo.

Esta soma/mescla, de acordo com a autora, de dominação e exploração, é entendida como opressão (SAFFIOTI, 2009).

É pensar, desse modo, que, tanto o capitalismo, como o racismo e também o patriarcado, atuam conjuntamente, simultaneamente, de forma imbricada, como um único sistema de dominação-exploração.

Aqui, entendo que existe uma proximidade entre as duas abordagens, tendo em vista que Danièle Kergoat vai dizer que as relações sociais continuam a operar e a se manifestar sob suas três formas canônicas: exploração, dominação e opressão, como veremos adiante.

A socióloga Helena Hirata, parceira de Danièle Kergoat em muitos estudos e pesquisas, entende que há proximidade entre as duas autoras, no que se refere à ideia do nó de Saffioti e à perspectiva da consubstancialidade das relações sociais de Kergoat (CASTRO & RONCATO, 2018). Partiremos agora para a apresentação desta abordagem.

A consubstancialidade das relações sociais

Danièle Kergoat faz parte de uma corrente de feministas denominadas feministas materialistas francófonas. As feministas materialistas assim se autodenominam e não se auto-intitulam como marxistas, ainda que utilizem grande parte das categorias marxistas, por serem críticas à primazia da luta de classes e ao determinismo econômico.

Para as feministas materialistas, as relações de sexo, de raça e de classe são relações dialéticas, contraditórias,



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

antagônicas e hierárquicas. Contudo, diferente do marxismo ortodoxo, que entendia a luta de classes como motor da história, e esta se refere somente à classe econômica, para as materialistas, não vivemos sob o prisma de uma única relação social (KERGOAT, 2002) e, nenhuma relação social é primordial ou tem prioridade sobre outra, isto é, não há contradições principais e contradições secundárias, e essas três relações mencionadas são consubstanciais, elas formam um nó, se reproduzindo e se co-produzindo mutuamente. Para elas, não existe relação social sem oposição.

Para entender como esse processo acontece na realidade social, trazemos aqui uma citação de Kergoat.

[...] A participação da mulher no mercado de trabalho aumenta, mas as segmentações, horizontais e verticais, entre empregos masculinos e femininos, perduram. As desigualdades de salário persistem, e as mulheres continuam a assumir o trabalho doméstico. A meu ver, no entanto, isso não representa nenhuma aporia ou contradição interna às relações sociais de sexo, mas aponta para o fato de que o capitalismo tem necessidade de uma mão-de-obra flexível, que empenhe cada vez mais sua subjetividade: o trabalho doméstico assumido pelas mulheres libera os homens e, para as mulheres de alta renda, há a possibilidade de externalização do trabalho doméstico para outras mulheres (KERGOAT, 2010, p. 94).

No que se refere às relações raciais, a autora argumenta trazendo o exemplo do trabalho de *care*, ou seja, do cuidado, em que podemos perceber de modo muito evidente como as relações de sexo, de raça e de classe estão imbricadas e, por que não dizer enoveladas, como queria Saffioti? Considerando que principalmente em se tratando dos países europeus (mas não somente destes), tem havido nas últimas décadas um



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

aumento estrondoso deste tipo de trabalho e, a mão-de-obra empregada, em sua maioria, são mulheres, pobres e pertencentes a certas etnias/raças e regiões específicas (africanas e asiáticas).

Assim, não se pode argumentar no âmbito de uma única relação social. O suposto paradoxo aponta para a imbricação, na própria gênese da divisão sexual do trabalho produtivo e reprodutivo, de diferentes relações sociais, e de relações sociais que não podem ser abordadas da mesma maneira (KERGOAT, 2010, p. 94).

As relações sociais de sexo, segundo Kergoat (2009), se baseiam antes de tudo em uma relação hierárquica, trata-se de uma relação de poder, de dominação.

Segundo a pesquisadora brasileira Mirla Cisne, que se ancora nas feministas materialistas em seu trabalho *Feminismo e consciência de classe no Brasil*, “o conceito de *rappports sociaux de sexe* é diretamente fundamentado no de relações sociais de classe” (CISNE, 2018, p. 72, grifos da autora).

De acordo com a ideia de consubstancialidade das relações sociais, que Danièle Kergoat afirma que são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações de sexo, de raça e de classe se reproduzem e se co-produzem mutuamente, a autora explica isto através da ideia também presente nas feministas materialistas, desde Colette Guillaumin, Nicole-Claude Mathieu, e ainda, mais contemporaneamente, Jules Falquet, a partir da diferenciação entre dois termos que só existem na língua francesa: *relations sociales* e *rappports sociaux*. O primeiro termo refere-se às relações interindividuais (intersubjetivas) que ocorrem em nível micro, já o segundo, às relações que se dão em nível macroestrutural. No português, só temos um termo: “relações sociais”. As *relations sociales* são relativamente fáceis de modificar, quanto às *rappports sociaux*, estas só podem ser transformadas indiretamente, coletivamente.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

As relações intersubjetivas são próprias dos indivíduos concretos entre os quais se estabelecem. As relações sociais (*rappports*), por sua vez, são abstratas e opõem grupos sociais em torno de uma disputa [enjeu] (KERGOAT, 2010, p. 95).

O que elas querem dizer com isto? Que as *relations sociales* mudam constantemente porque são relações que ocorrem entre indivíduos concretos, já as *rappports*, não, porque são relações entre grupos sociais. Mas que, de nada adianta²³ as relações interindividuais mudarem, se isso também não acontecer em nível macro. De nada adianta um casal mudar, e o fato de percebermos que podem estar ocorrendo mudanças entre casais, quando o trabalho doméstico é dividido, quando na verdade, o companheiro apenas “ajuda” nas tarefas domésticas, na maioria das vezes, ou, que não existe violência doméstica em nosso meio, se essa mudança não for realmente comprovada em toda a sociedade, ou seja, no âmbito das relações sociais.

A distinção entre relação intersubjetiva e relação social permite compreender que, se a situação mudou de fato em matéria de relações intersubjetivas entre os sexos e nos casais, as relações sociais, porém, continuam a operar e a se manifestar sob suas três formas canônicas: exploração, dominação e opressão (que podem ser ilustradas pelas diferenças salariais, pela maior vulnerabilidade e maior risco de ser vítima de violências)²⁴. Ou seja, se, de um lado, há um deslocamento das linhas de tensão, de outro, as relações sociais de sexo permanecem intactas (KERGOAT, 2010, p. 95).

²³ No sentido de que o efeito é inócuo.

²⁴ Aqui, entendo que podemos incluir vários outros fatores como a distribuição desigual de poder entre os sexos, o controle da sexualidade feminina, o aborto ilegal, etc.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Eu penso que o capitalismo vai levando à reprodução do patriarcado, do racismo e da exploração capitalista por si mesma, intrasexo, quando as mulheres são exploradoras de outras mulheres, mulheres brancas explorando mulheres negras, ou seja, o capitalismo se apropria do patriarcado e do racismo, as próprias mulheres, porém, brancas, exploram mulheres negras e mulheres pobres, os homens da classe trabalhadora exploram, mandam, tratam com violência suas esposas²⁵. As próprias mulheres reproduzindo o patriarcado (CISNE, 2018). Isto, a meu ver, nada mais é do que o que Kergoat chama de coextensividade e consubstancialidade das relações de classe, de raça e de sexo que, segundo ela, se reproduzem e se co-produzem simultaneamente (KERGOAT, 2010 p. 94). Como em forma de espiral que não se fecha em si mesma.

A afirmação abaixo corrobora a ideia de que o pensamento das duas sociólogas apresenta proximidades. Kergoat chega a usar o termo “nó” para explicar o funcionamento das relações sociais e as suas contradições.

Mas o fato de as relações sociais formarem um sistema não exclui a existência de contradições entre elas: não há uma relação circular; a metáfora da espiral serve para dar conta do fato de que a realidade não se fecha em si mesma. Portanto, não se trata de fazer um *tour* de todas as relações sociais envolvidas, uma a uma, mas de enxergar os entrecruzamentos e as interpenetrações que formam um “nó” no seio de uma individualidade ou um grupo (KERGOAT, 2010, p. 100, grifos da autora).

Uma questão muito interessante nessa abordagem é quando a autora fala da ideia de que somente essas três relações (sexo, raça e classe social) podem ser compreendidas como relações sociais de oposição, de contradição, de

²⁵ A filósofa estadunidense Angela Dawis nos mostrou isso em seu clássico *Mulheres, raça e classe*.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

antagonismo, pelo fato de trazerem em si processos de dominação, opressão e exploração. Também quando defende a ideia de relação social e se coloca contrária à ideia de categoria, pois entende esta apenas como um marcador descritivo. Ideia muito presente nas perspectivas identitárias. Entendo que este é um dos problemas dessas perspectivas, e este é também um dos incômodos de Kergoat em relação ao conceito de interseccionalidade. Essas ideias ficam nítidas nos excertos abaixo.

Uma relação social é uma tensão em torno da qual se criam grupos (eles não estão dados de início), enquanto uma categoria é apenas um marcador descritivo. Além disso, de acordo com a minha definição, para que se possa falar em “relação social”, é preciso que esta domine, oprima e explore [...], o que não é, a meu ver, o caso de categorias como idade, religião ou deficiência, pelo menos, em nossas sociedades (KERGOAT, 2016, p. 20)²⁶.

[...] O termo “interseccionalidade” me incomoda por remeter ao cruzamento de categorias. O que é absolutamente legítimo para algumas utilizações, por exemplo, com a finalidade de mostrar, como fez Crenshaw, que as mulheres negras e pobres estavam na intersecção de vários sistemas de dominação e que essa intersecção não era considerada pelo sistema jurídico estadunidense. Mas no que me diz respeito — eu sou socióloga —, a questão não é entrecruzar *categorias*, mas partir das *relações sociais que fabricam tais categorias*, rastrear os processos que estão na origem da produção de grupos e pertencimentos objetivos e subjetivos (KERGOAT, 2016, p. 21, grifos da autora).

²⁶ Para uma compreensão mais aprofundada, ver Kergoat (2010, p. 99).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Para Kergoat, a noção de categoria parece trazer uma ideia muito estática, podendo representar a impossibilidade da mudança e da revelação dos aspectos das relações de poder e dominação. De outro modo, compreendo que sexo, raça e classe fazem parte de relações sociais, de processos que estão permanentemente em mudança, pois se constituem como relações dialéticas, relações dinâmicas que, segundo a autora, “estão em perpétua evolução e renegociação” (KERGOAT, 2010, p. 98).

Não podemos dissociar as categorias das relações sociais dentro das quais foram construídas. Assim, trabalhar com categorias, mesmo que reformuladas em termos de intersecções, implica correr o risco de tornar invisíveis alguns pontos que podem tanto revelar os aspectos mais fortes da dominação como sugerir estratégias de resistência (KERGOAT, 2010, p. 98).

A ideia de consubstancialidade, como espero ter mostrado, não implica que tudo está vinculado a tudo; implica apenas uma forma de leitura da realidade social. É o entrecruzamento dinâmico e complexo do conjunto de relações sociais, cada uma imprimindo sua marca nas outras, ajustando-se às outras e construindo-se de maneira recíproca [...] (KERGOAT, 2010, p. 100).

Considerações

Para concluir, podemos dizer que as duas abordagens, esses dois referenciais teóricos que compreendem a realidade social desde a perspectiva da simbiose entre três contradições sociais básicas, ou, da consubstancialidade de três relações sociais fundamentais que se imbricam e são transversais, constituem-se como ferramentais de extrema potencialidade para explicar a realidade social, contraditória, antagônica e extremamente desigual em que vivemos.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Referências

- CASTRO, Bárbara Geraldo de; & RONCATO, Mariana Shinohara. Entrevista com Helena Hirata. <https://doi.org/10.20396/ideias.v7i11.8649521> Acesso em dez. 2018.
- CISNE, Mirla. Feminismo e consciência de classe no Brasil. 2ª edição. São Paulo: Editora Cortez. 2018.
- KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais. In ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. São Paulo: Boiempo, 2016, p. 17-26.
- KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos Cebrap*, n. 86, p. 93-103, mar. 2010.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009, *online*.
- KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. *Pro-Posições* - vol. 13. N. 1 (37) - Jan/abr. 2002.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil*. 2009. Acesso em: 10 de nov. 2018. Disponível em: http://www.flasco.org.br/portal/pdf/serie_estudos_ensaios/Heleiet_h_Saffioti.pdf



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

AVANÇOS E RECUOS NO RECONHECIMENTO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

*Sônia Regina da Cunha Barreto Gertner*²⁷

No momento deste Encontro, (30 de setembro de 2020), o mundo já computa mais de 32 milhões de infectados com o novo coronavírus, com quase 1 milhão de mortos, dos quais aproximadamente 5 milhões de casos foram no Brasil, onde já se alcançou a marca, lastimavelmente provisória, de 140 mil mortos.

Neste cenário pandêmico emergem as questões políticas que agravam as condições trágicas, tanto sanitárias quanto econômicas. Além dos diferentes impactos sociais trazidos pela pandemia da COVID-19, temos convivido no atual governo brasileiro com a práxis neofascista e a irresponsabilidade política de um presidente que trata a pandemia como uma “gripezinha”, comportamento que tem sido identificado como uma versão da necropolítica em tempo real.

Em todos os campos observamos um verdadeiro homicídio doloso dos números confiáveis que permitiriam observar a realidade brasileira com mais responsabilidade. A começar pela saúde pública onde ocorre uma guerra oficial contra a realidade dos dados estatísticos, a atitude negacionista em relação à ciência, segue deixando seu lastro, da educação ao capacitismo estrutural, do meio ambiente à cultura, da violência contra mulher ao racismo, do trabalho infantil ao trabalho escravo, do extermínio de índios e quilombolas aos assassinatos de

²⁷ Mestre em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz. Psicóloga. Pedagoga. Especialista em Saúde Mental e Psicanálise (UERJ) e em Gestão de Organizações de Ciência e Tecnologia em Saúde (ENSP). Membro do Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência. Professora no Curso de Especialização em Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão da pessoa com deficiência – DIHS/ENSP. Pesquisadora da Fiocruz. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1230175048603127> ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0003-3564-5039> E-mail: sonia.gertner@fiocruz.br



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

lideranças populares no campo, entre outras, num retrocesso nunca visto antes.

No mês de maio de 2020, mais de 1 milhão de pessoas perderam o emprego e precisaram recorrer ao seguro-desemprego, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Números subestimados e contraditórios com o período pré-pandêmico apontam para uma taxa de desemprego de 11,7% da população economicamente ativa. E o que vemos é um total descaso com o cuidado que essas pessoas necessitam e, mais do que isso, o que vemos é um sarcasmo com o sofrimento de uma parcela enorme da população brasileira que precisaria contar com um sistema mais inclusivo, acessível e ágil, capaz de responder às complexas situações que as atingem primeiro.

Neste Seminário sobre a temática da “Práxis da Interseccionalidade na Contemporaneidade” somos desafiados a pensar nos marcadores sociais da diferença, que podem ser, tanto da natureza humana quanto resultado de construção social (raça, gênero, deficiência, sexualidade, classe, religião). Analisando-os em suas intersecções, percebemos que algumas diferenças, são mais evidenciadas que outras, negando direitos, espaços e uma vida plena a tantas pessoas.

O termo interseccionalidade é usado para fazer referência às formas como estes diferentes marcadores interagem entre si influenciando a forma como experimentamos a vida em sociedade. O conceito nasceu no final da década de 1980 e seu uso no Brasil tem sido popularizado nos últimos anos pelas múltiplas vozes, especialmente do feminismo negro.

Em um artigo publicado em 1989, a norte-americana Kimberlé Crenshaw (1959) foi a primeira intelectual a sistematizar a ideia de interseccionalidade. Ela a definiu como um método para compreender a maneira como múltiplos eixos de subordinação se articulavam e para pensar estratégias para superá-los. Ao analisar o conceito explica que:



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

[...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p.177).

Ainda que o conceito tenha sido inicialmente mobilizado para pensar principalmente essas duas categorias - gênero e raça - outras têm sido acrescentadas, uma vez que vivemos em um mundo cujas estruturas sociais são marcadas por desigualdades existentes e experimentadas através da violência de gênero, do genocídio étnico-racial, opressão das sexualidades dissidentes, dos corpos invisibilizados. Nesse sentido, a interseccionalidade permite uma maior compreensão acerca dessas relações historicamente estruturadas.

Carla Akotirene, teórica e militante, afirma que “racismo, capitalismo e hétero-patriarcado devem ser vistos pela perspectiva da interseccionalidade”. Podemos considerar assim, a interseccionalidade como uma categoria analítica relevante para pensarmos esta questão no Brasil e os desafios para a adoção de políticas públicas eficazes. A autora aponta que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. E que “às vezes oprimimos, mas às vezes somos oprimores”.

Vivemos uma conjuntura marcada pelo aumento da representação política de grupos conservadores, portanto, é necessário pensar estratégias com vistas a superação das várias opressões, buscando transformar a realidade individual e coletiva. Por isso, a necessidade de falar sobre a pessoa com deficiência e o papel das políticas públicas, no sentido de dar



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

visibilidade e empoderamento para esse público, na ressignificação das ações, no âmbito da educação, saúde, assistência social, infraestrutura e outros, de modo a minimizar este marcador social (corpo com algum tipo de impedimento, que pode ser de ordem intelectual, física, sensorial).

Esta situação de invisibilidade fica ainda mais gritante quando tomamos conhecimento que o Brasil, segundo o último censo de 2010, possui $\frac{1}{4}$ de sua população com algum grau de deficiência. Numa avaliação mais recente contou-se pelo menos 23 milhões de pessoas nesta situação.

Ao pensarmos em avanços e recuos no reconhecimento social da pessoa com deficiência evocamos dois documentos de suma importância. O primeiro é a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas que, por meio do Decreto no 6.949, de 25/08/2009, obteve, no Brasil, status de emenda constitucional. Nele se estabelece que os Estados Partes “*tomarão todas as medidas necessárias para assegurar a proteção e a segurança de pessoas com deficiência que se encontrarem em situações de risco*”, inclusive em emergências humanitárias (art. 11).

O outro documento é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei no 13.146, de 06/07/2015) que estabelece em seu art. 4º que toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação em razão de sua condição.

Além destes dois importantes documentos existem muitos outros e reconhecemos que em termos de legislação o Brasil tem arcabouço legal suficiente para a questão dos direitos da pessoa com deficiência, porém o que nos falta são políticas públicas e investimentos que façam valer estes direitos.

No início dos movimentos das pessoas com deficiência a luta era pela autonomia. Hoje compreende-se que esta precisa ser buscada numa relação de interdependência. A deficiência passa a ser vista como forma de estar no mundo. Passa a ser



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

condição identitária. A interseccionalidade vem fortalecer esta perspectiva, legitimar o lugar de fala e nomear a violência.

Falar de protagonismo da pessoa com deficiência como atitude que exige do próprio sujeito ocupar seu lugar de direito na sociedade, exige também ações e atitudes da família, da sociedade na remoção de barreiras, do estado, no sentido de implantar e implementar políticas, a fim de reconhecerem em cada pessoa com deficiência as características individuais, valores e potenciais para o seu empoderamento no contexto da diversidade humana.

Contudo no Brasil, apesar dos marcos legais já citados, que podem ser considerados avanços históricos, temos assistido a retrocessos e perdas de direitos, baseadas em interpretações advindas das políticas neoliberais que se acirraram no Brasil.

Poderíamos citar como exemplos: o Benefício de Prestação Continuada (BPC) que foi alterado em 14 de setembro de 2020, por uma portaria conjunta (nº7) em que se aplicam novas regras para concessão do benefício, visando restringir o acesso. Embora ainda se utilizasse a definição equivocada de deficiência como incapacidade era um direito usufruído por muitas pessoas com deficiência.

A medida ameaça ainda, invalidar o trabalho da comissão que por quatro anos se dedicou a aprovar e validar o IFBr-M, instrumento baseado em convenção internacional buscando o Modelo Único de avaliação Biopsicossocial da Deficiência para que as pessoas com deficiência tenham acesso a políticas públicas. Este índice leva em consideração toda globalidade da situação em que se encontra a pessoa com deficiência, inclusive a questão socioeconômica. Agora, se a avaliação fica sob responsabilidade principal do médico perito do INSS volta ao seu caráter biomédico que vem sendo duramente questionado e em declínio desde que a transição para o “modelo social” vinha ocorrendo.

A política de cotas também tem sofrido ameaças concretas. Duas investidas no Congresso contra a Lei de Cotas (nº8.213/1991) para defender interesses do empresariado: a



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

primeira foi a PL 6159/2019 que pretendia modificar a contagem, ou mesmo permitia que fosse paga uma multa de 1 em salário mínimo em lugar da contratação de um trabalhador com deficiência. Felizmente esta PL foi engavetada pelo Congresso devido à pressão social. Outra tentativa de descaracterizar o direito, foi a proposta de que o percentual de cotas fosse dividido com a programa do jovem aprendiz. Tirar direitos de uns para dar aos outros, não tem sentido. Ela foi igualmente sustada. Mas por quanto tempo?

Outras investidas foram a extinção da Sec. de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) do ME, a tentativa de fechar o Conselho Nacional de Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade), só não conseguindo porque o STF aceitou uma ação direta de inconstitucionalidade.

E por último, o famigerado Decreto 10.502 de 30 de setembro de 2020, que enquanto acontecia esse Seminário, o governo trabalhava na desconstrução da educação inclusiva, num retrocesso de séculos, interrompendo um processo de grande conquista da sociedade, não obstante a necessidade de investimentos e estruturação por parte dos governos. Retrocedemos à lógica da segregação, das escolas “especializadas” em que a diversidade da natureza humana é retirada do espaço público por arbítrio sabe-se lá de quem: da escola? do médico? da família? da justiça? Assim, reforça-se o modelo biomédico que considera a pessoa apenas em relação às suas lesões. No Brasil séc. IX, o modelo de segregação inspirado no modelo europeu, criou os centros de convívio e estudos em que elas ficavam separadas da sociedade e algumas dessas instituições permanecem até hoje, com muitos prejuízos das pessoas com deficiência e de toda sociedade.

O que está na base desses retrocessos não é novo – a discriminação, que está prevista como crime no art. 3º, IV da Constituição Federal. Mas existe um termo – Capacitismo, que cada vez mais tem sido utilizado no Brasil para expressar bem esse tido de comportamento social em relação às pessoas com deficiência.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Anahi G. Mello, que se apresenta como pesquisadora, ativista, antropóloga, feminista, surda, lésbica, é referência nos Estudos Críticos da Deficiência na América Latina, aponta à necessidade de reconhecer o capacitismo como categoria interseccional que frequentemente gera violências dirigidas às pessoas com deficiência. Assim define o capacitismo:

[...] uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais, etc.), aproximando as demandas dos movimentos de pessoas com deficiência a outras discriminações sociais, como o sexismo, o racismo e a homofobia. (Mello, 2016: 3272)

No capacitismo ocorre um julgamento moral, onde a deficiência é o elemento considerado inferior em comparação ao padrão de normalidade que definirá se a pessoa é plenamente humana, a partir da avaliação do que é ou não capaz de fazer, considerando como critério único a funcionalidade das estruturas corporais. Nesta concepção se considera uma determinada “hierarquia” de corpos para definir quando um corpo ou um comportamento tem maior ou menor valor na sociedade capacitista. Ou seja, define a existência humana a partir de uma corponormatividade, na qual alguns são considerados inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação. O capacitismo, como instrumento de opressão, busca invisibilizar as lutas da pessoa com deficiência, tratando-a como incapaz de lutar pelos próprios direitos.

Contudo as lutas por identidade e reconhecimento desenvolvidas ao longo de décadas pelos próprios movimentos sociais, ações coletivas, organizações de caráter emancipatório



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

e novos sujeitos sociais trouxeram outras interpretações que nos inspiram na luta mesmo em tempo de retrocessos.

Vejamos o exemplo do movimento na década de 70 na Inglaterra, em que surgiu a União dos Deficientes Físicos Contra a Segregação (The Union of the Physically Impaired Against Segregation - UPIAS), organização de direitos das pessoas com deficiência, fundada em 1972 por Paul Hunt (1937-1979) quando ele convidou pessoas com deficiência a formarem um grupo para enfrentar os problemas da deficiência, estabelecendo assim as bases para o Modelo Social da Deficiência. Seus Princípios Fundamentais foram uma influência importante na revolução da compreensão das pessoas com deficiência sobre seu papel na sociedade.

Segundo o modelo social, a deficiência não se resume a alterações corporais, mas também pelas barreiras ambientais e econômicas que fazem com que as pessoas experimentem inúmeras restrições. A compreensão de que os indivíduos não eram deficientes por suas deficiências, mas pelas barreiras que a sociedade coloca em seu caminho foi elemento chave e envolveu questionar a percepção do Modelo Médico de que as pessoas com deficiência precisam de correção e cura. O modelo social faz a separação entre a lesão e a deficiência, localizando a primeira no nível médico e a deficiência passa a ser definido como um marcador social de opressão.

O modelo social da deficiência, revela que não é a natureza quem oprime, mas a cultura da normalidade, que descreve alguns corpos como desejáveis e outros como indesejáveis. Nesse modelo a sociedade é responsabilizada por sua inadequação em incluir todos, sem exceção. Os maiores impedimentos são as barreiras sociais que, ao ignorar as pessoas com deficiência, provocam a experiência da desigualdade. Quanto maiores forem as barreiras, maiores serão as restrições de participação impostas, como por exemplos: barreiras arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais, dentre outras.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

De lá para cá muito se tem lutado para que haja uma verdadeira *revolução pela inclusão*, como no provocativo subtítulo do filme “Crip Camp” que narra o protagonismo de pessoas com deficiência como Judy Heumann, militante ativa que como mulher com deficiência lutou por reconhecimento de seus direitos civis e humanos para viver em sociedade como qualquer cidadão. Muitos se juntaram a ela e com essa mobilização conseguiram provocar mudanças na legislação americana.

Como disse Boaventura Souza-Santos sobre a imbricação entre desigualdades e diversidade no contexto das relações de poder:

Na discussão em torno da igualdade e diferença reside a emancipação crítica das pessoas com deficiência, que lhes confere o livre arbítrio de ter o direito de serem iguais sempre que a diferença os inferioriza e ter o direito de serem diferentes sempre que a igualdade os descaracteriza (2006, p. 316).

Resta saber se seremos capazes de interpretar essas ameaças em curso, entendendo que não podemos correr o risco de seguirmos sem questionar para onde estamos indo. O desafio é resistir coletivamente para reinventar a política, a democracia e a cidadania com atenção redobrada aos territórios existenciais por onde circulam as pessoas com deficiência e suas cartografias singulares.

Referências

AMORIM, Annibal; GERTNER, Sonia; & AMORIM, Luciana. Cartografia histórico-conceitual da “deficiência”: construção social feita de invisibilidade/visibilidades e de utopias” in: Uma ponte ao Mundo,



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- Org.: Vasconcellos, Luiz C. Fadel e Chaveiro Eguimar. Goiania: Kelps. 2018.
- AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? São Paulo: Ed. Letramento, 2018.
- ASSIS, Dayane. N. C. Interseccionalidades. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- GERTNER, Sônia R. C. B.; & VASCONCELLOS, Luiz. C. F. Trabalho, inclusão e acessibilidade no pós-pandemia. Para onde vamos? In E-book - Diálogos sobre acessibilidade, inclusão e distanciamento social. RJ. 2020 E-book – Disponível em: http://www.ideiasus.fiocruz.br/portal/publicacoes/livros/Livro_Dialogos_sobre_Acessibilidade_Inclusao_e_Distanciamento_Social_1ed.pdf
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo soc., São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, June 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>
- KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais. Acesso em 10 de novembro, 2018, em <http://www.flacso.org.br/portal/pdf/s...>
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documentação para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas. Ano 10 v. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>
- MELLO, Anahi. G. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. In: Ciência & Saúde Coletiva, No. 21, pp. 3265-3276. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SANTOS, Boaventura. S. A construção intercultural da igualdade e da diferença. In: SANTOS, B.S. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 279-316.
- SCHEWE, Lelia. As deusas nos protejam dessas novas cruzadas: Anahí Guedes de Mello, anticapacitismo feminista desde el Sur global. Nômadas, Bogotá, n. 52, p. 215-226, June, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30578/nomadas.n51a13>.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

INTERSECCIONALIDADE NO COTIDIANO DE COLETIVOS DISCENTES E DOCENTE SOB A ÓTICA DECOLONIAL

*Flávia Luciana Naves Mafra*²⁸

*Isabela Grossi Amaral*²⁹

O debate sobre interseccionalidade envolve um grande desafio uma vez que esse conceito - assim como outros conceitos e práticas centrais das lutas de grupos subalternizados - tem sido apropriado e sua potência contida no contexto neoliberal. Assim, os debates sobre interseccionalidade refletem lutas de poder, estruturas de oportunidade e disputas territoriais internas aos campos de conhecimento (BILGE, 2018).

Com base nessa compreensão, encontramos-nos diante de uma grande responsabilidade, ao trazer para debate as experiências de mulheres diversas, que compartilharam conosco suas vivências, estratégias e sentimentos. Dispomo-nos, nesse contexto, a discutir formas como interseccionalidade se manifesta e permeia as práticas de mulheres que militam em coletivos estudantis e docente.

As mulheres a que nos referimos fazem parte de dois grupos distintos: a) o primeiro grupo inclui ativistas de cinco coletivos estudantis que pautam de formas diferentes o debate feminista. As narrativas dessas mulheres foram construídas e registradas em uma pesquisa iniciada em 2017, intitulada “Fronteiras do saber decolonial de gênero: leitura dos coletivos feministas na universidade pública”. b) O segundo grupo é o

²⁸ Administradora, Doutora em Ciências Sociais – Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA- UFRRJ, professora da Universidade Federal de Lavras, coordenadora do Laboratório de Estudos Transdisciplinares (LETRA) e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Comportamento Humano, Pessoas e Organizações (NECOP - UFMG). Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4629357550786692> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0003-2501-8904> E-mail: flanaves@ufla.br

²⁹ Administradora, Mestra em Administração pelo PPGA da Universidade Federal de Lavras. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8636612106904363> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-5760-783X> E-mail: isabelagrossi2@gmail.com



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Coletivo Mulheres Docentes da UFLA, criado em junho de 2020, do qual faço parte. Nesse caso, minhas observações refletem uma experiência pessoal, como militante do coletivo, com todas as vantagens e desvantagens que essa posição pode trazer e que não representam o ponto de vista do coletivo. Assim, a primeira parte deste artigo é escrita na primeira pessoa do plural, refletindo um trabalho coletivo (envolvendo as autoras e as militantes dos coletivos) e a segunda parte, na primeira pessoa do singular, por retratar minhas experiências pessoais no coletivo docente.

Teoricamente, orientamo-nos pela concepção de interseccionalidade como uma forma de investigação crítica e práxis (COLLINS, 2017), como lente analítica e ferramenta política (BILGE, 2018), que busca identificar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Tais eixos referem-se à:

[...] forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A interseccionalidade é também um eixo central das articulações do feminismo decolonial construídas por Maria Lugones. Os argumentos da autora reforçam a importância de que o conceito não seja distorcido, focalizando mais as categorias que se entrecruzam que a sua inseparabilidade nas experiências de mulheres oprimidas (LUGONES, 2008; CARASTHATIS, 2019). A separação categorial distorce e apaga os seres humanos e fenômenos sociais que existem na intersecção, prevalecendo um vazio, uma ausência sobre as experiências dos seres humanos (LUGONES, 2008; 2010).

Por isso, Lugones afirma que o conceito de interseccionalidade traz consigo a tarefa de reconceitualizar a lógica da intersecção, para, desse modo, evitar a separação das



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

categorias existentes e o pensamento categorial. E, para isso, é preciso partir das bases e nelas, a partir da intersubjetividade encarnada, compreender não apenas as opressões, mas também a resistência à colonialidade de gênero (LUGONES, 2014).

Coerente com esse argumento, compreendemos que o ponto de vista das mulheres que vivenciam opressões e subalternidade é uma perspectiva privilegiada de interpretação da realidade social, ofuscada pela ótica hegemônica de produção de conhecimento. Sendo assim, tomamos como ponto de partida as construções, narrativas e reflexões de estudantes e professoras obtidas por meio de entrevistas individuais (no caso das estudantes) e manifestações e diálogos em grupo de WhatsApp (no caso do coletivo de mulheres docentes). Começamos pelas narrativas das mulheres dos coletivos estudantis.

As estudantes relatam que buscaram os diferentes coletivos à procura de um espaço seguro, de apoio - individual ou coletivo, objetivo ou subjetivo - para o enfrentamento de opressões. As vivências nos coletivos permitiram que elas compreendessem que a opressão não é um sentimento pessoal ou individual e muito menos algo natural. A identificação e desnaturalização das opressões é uma etapa fundamental para o seu enfrentamento. Nesse processo, ocorre a construção e a consolidação de identidades que, segundo as estudantes, têm sido um dos papéis mais importantes dos coletivos. Os processos de identificação não são individuais, mas articulados com o contexto social. Ouvindo outras mulheres, outras histórias e narrativas, completamente diferentes, elas começam a identificar as múltiplas possibilidades de ser mulher.

Em consequência, elas também perceberam que as formas e significados das opressões são diferentes para cada uma delas. E, nas diferentes articulações dessas opressões, há demandas específicas que nem sempre são priorizadas pelos coletivos, muitas vezes, porque sequer são compreendidas. Quando essas diferenças se mostram profundas, e o coletivo



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

incapaz de oferecer resposta às demandas específicas, algumas dessas mulheres se desvinculam e vão construir outras articulações (novos coletivos) tentando priorizar essas demandas. Nesse sentido, elas buscam dar visibilidade e materialidade a vivências interseccionais, preenchendo o vazio deixado pelo pensamento categorial, como destaca uma das estudantes entrevistadas:

Tem lugar [no coletivo], mas as pessoas não se sentem, não sentem que há um lugar. E fazer com que fique, fazer com que esse espaço seja acolhedor, seja democrático, diverso, é uma coisa que a gente engatinha, infelizmente... (Ativista de coletivo estudantil).

Todas as ativistas reconheceram a dificuldade do que denominam compreensão e atuação de forma interseccional. Num dos momentos de discussão, promovidos entre vários coletivos (um momento raro e tenso), as mulheres de alguns coletivos assumiram o desconhecimento das demandas e das especificidades das mulheres negras: – Nunca pensamos sobre isso - elas disseram.

Os vazios das intersecções começam a ser preenchidos por histórias de mulheres, e essas histórias funcionam como novas referências para as relações sociais e para aqueles que não vivenciam as mesmas opressões. Dos processos identitários e das articulações entre as estudantes, surgem uma multiplicidade de expressões sociais e políticas que não fazem parte do imaginário social dominante. Toda essa dinâmica não levou, até o momento, à criação de grupos estáveis com pautas e estratégias unificadas. Em certo sentido, explicitam desigualdades e conflitos historicamente abafados que precisam ser considerados nos processos de mudança social. Afinal, como construir projetos comuns, que priorizem sujeitos e demandas invisibilizados, sem desnaturalizar as hierarquias que controlam nossas sociedades?



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

As dinâmicas e mudanças das mulheres nos coletivos não significam que suas vidas se tornem mais fáceis na universidade ou na sociedade. Por um lado, interseccionalidade e diversidade tornaram-se referências a políticas públicas e à educação (conquistas dos movimentos sociais), e as vítimas de violências racistas e sexistas passaram a ser denunciadas, reduzindo a violência e a discriminação explícita na universidade.

A instituição mantém um relacionamento formal com os coletivos, que reforçam sua imagem positiva em eventos específicos. As estudantes declaram que os coletivos são chamados a participar de ações específicas da universidade. Por exemplo: no Dia Internacional da Mulher, convoca-se o coletivo feminista (ou que explicita o termo feminismo em sua descrição). Semana da Consciência Negra, convidam o coletivo negro e assim por diante. Contudo esses grupos nunca foram convidados a participar de debates ou decisões sobre ensino, pesquisa e extensão. Ou seja, ainda prevalece uma fragmentação (pensamento categorial) nas estratégias e práticas da universidade. Bilge (2018) afirma que essa é uma estratégia de contenção de alguns grupos pela captura de suas pautas e imagens num processo em que diversidade e a interseccionalidade tornam-se ornamentais.

Por outro lado, as mulheres dos coletivos sentem-se vigiadas e marcadas (expressão de uma das estudantes) no contexto universitário. Uma sensação que só pode ser compreendida por quem vive na intersecção de múltiplas opressões. Afinal, a sociedade que naturalizou a invisibilidade dessas mulheres reage quando elas passam a ocupar, com seus corpos, experiências, ideias, discursos e práticas dissonantes, um espaço hegemônico de conhecimento e poder.

E, quando isso acontece, a produção de conhecimento, seus usos e limites também passam a ser questionados, surgindo grupos de estudo, novos projetos de pesquisa e extensão, outras referências bibliográficas nas aulas e até mesmo novas disciplinas, refletindo mudanças. As pequenas mudanças narradas pelas estudantes nos fazem pensar sobre as



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

implicações a discutir a produção do conhecimento, a partir de experiências interseccionais, sobretudo, num contexto em que a ciência tem sido atacada e desacreditada.

Se a popularização do conceito de interseccionalidade, no meio acadêmico, produziu esvaziamento (e branqueamento) do termo, também pavimentou um caminho para que esse debate ocorresse e para que mulheres negras, lésbicas, trans, não binárias, indígenas, deficientes, pobres, mães, trabalhadoras tivessem acesso ao meio acadêmico.

Agora, mudo de posição, de pesquisadora para militante para compartilhar minhas experiências num coletivo de mulheres docentes.

Minha trajetória no coletivo Mulheres Docentes da UFLA é recente, assim como o próprio coletivo. A motivação, para a minha participação nesse espaço, foi, a princípio, institucional: a revisão e a intervenção sobre a proposta de mudança no estatuto da universidade. Eu compartilhava com outras colegas uma preocupação de garantir a participação ativa de mulheres docentes (mas, não apenas elas) nos processos de tomada de decisão da instituição.

Ao iniciarmos a revisão do estatuto, deparamo-nos com um volume imenso de trabalho. Para garantir transparência e democracia na universidade, era necessário rever temas que não se referiam exclusivamente à questão de gênero. Mas, se deixássemos de lado aspectos que envolvessem a garantia da participação democrática, as possibilidades de expressão de nossas pautas específicas seriam ainda menores.

Revivíamos um dilema comum na história de movimentos de mulheres no Brasil e ao redor do mundo. Críticas sobre a interseccionalidade surgiram nesse contexto, referindo-se aos riscos de que as mulheres perdessem o foco e o espaço, voltando-se para lutas mais amplas, de interesse geral e deixassem de lado aspectos, sobretudo subjetivos, que são essenciais para as suas identidades e trajetórias.

Um dos eventos que mais me marcou, na curta trajetória no coletivo, refere-se aos debates que levaram à primeira



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

manifestação pública do grupo: a publicação de uma nota de repúdio “Contra toda a forma de discriminação contra falas e atitudes ofensivas a mulheres, pretas, pretos, LGBTs e grupos minoritários”.

Tudo começou com uma colega que compartilhou com o grupo uma experiência de agressão racista e sexista, numa lista virtual de discussão, da qual participavam membros da comunidade universitária. Ao narrar sua história, a indignação tomou conta do grupo, e possíveis reações começaram a ser discutidas. O debate se intensificou, mas começou a se dispersar entre dúvidas sobre possíveis ações legais, na crítica à legitimidade do agressor ou mesmo na tentativa de apoiar a colega. Até que a professora – negra, jovem, em estágio probatório – disse que não permaneceria no grupo, se não fosse publicada uma nota de repúdio, na qual já vínhamos trabalhando há uma semana.

Ela recebeu apoio, e a nota foi publicada. A decisão foi baseada na compreensão de que a posição epistêmica legítima dessa docente agredida deveria ser priorizada pelo grupo. Porque ela, na intersecção de sistemas de opressão, tinha as condições adequadas de avaliar o fato. Ou seja, a interseccionalidade foi um balizador das ações do grupo naquele momento. Não sem conflito, mas compreendendo que conflito e desigualdade fazem parte da realidade social.

Percebi, aos poucos e, principalmente depois que a primeira colega narrou sua experiência de opressão, que outras mulheres começaram a compartilhar situações semelhantes, bagagens pesadas que carregavam sozinhas. Penso que esse acontecimento trouxe ao grupo uma dimensão mais humana. Ou seja, embora o coletivo seja designado por uma ocupação (papel) exercida pelas mulheres (docência) - que foi o que primeiramente nos uniu - aos poucos, as conversas permitiram identificar opressões que se articulavam àquelas decorrentes do trabalho docente e outras facetas das mulheres que são também (mas não exclusivamente) docentes.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O coletivo me permitiu compreender que os padrões de comportamento demandados das mulheres na universidade – tanto estudantes quanto docentes – provocam sobrecarga e culpa, à medida que ocultam o lado humano e criam a expectativa de um reconhecimento que raramente se concretiza. Nesse processo, elas se tornam aquilo que fazem e não quem são, como conta uma das estudantes entrevistadas:

Eu ganhei meu espaço pelo que eu fiz, não pelo que eu era. A gente tem que mostrar que é muito bom em determinada coisa para ganhar respeito. Não basta só ser mulher, não basta só estar (Ativista de coletivo estudantil).

Da experiência como pesquisadora e da experiência como militante, aprendi ouvindo e convivendo com outras mulheres que a interseccionalidade é uma chave, para aprofundar a democracia e justiça nas universidades públicas, bem como na sociedade. Mas esse conceito está sendo apropriado de forma tal que as concepções fundadoras são diluídas, disciplinadas e desarticuladas (BILGE, 2018). O olhar para a intersecção precisa ser construído a partir das experiências únicas de quem vive na trama dessas opressões. Um lugar que não é apenas de subordinação, mas também de resistência dinâmica e permanente.

Referências

- BILGE, Sirma. Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. *Revista Feminismos*, v.8, n.3, set-dez, 2018, p. 67-82.
- CARASTHATIS, Anna. Beyond the “Logic of Purity”: “Post-post-intersectional Glimpses in decolonial feminism. In.: DI PIETRO, Pedro; MCWENNY, Jennifer; ROSHANRAVAN, Shireen (Eds.).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Speaking face to face: a visionary philosophy of Maria Lugones.
2019, p. 105-122.

COLLINS, Patrícia H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*. v. 5, n.1, jan-jun., 2017, p. 6-17.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de Estudos Feministas*, v. 7, n. 12, p. 171-88, 2002.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 73-101, 2008.

LUGONES, Maria. Towards a decolonial feminist. *Hypatia*, v.5, n.4, p. 742-759, 2010.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

MULHERES PESCADORAS: INTERSECCIONALIDADES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM ITAPISSUMA / PE / BRASIL

*Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão*³⁰

Como não sou doutora, mas uma marisqueira do qual muito me orgulho, sinto-me mais à vontade para falar da mulher marginalizada da minha terra que, tenho certeza, é o retrato fiel da maioria que vive espalhada e [...] esquecida por todo o litoral brasileiro, especialmente Norte e Nordeste. (Joana Mousinho – Encontro Nacional “Os Povos do Mar”, 1992) Leitão (2009, p. 162).

Resgatar a história das mulheres, especialmente das mulheres que vivenciam as opressões de gênero, raça, classe e geração consiste em nosso objetivo de pesquisa e no recorte metodológico deste artigo que problematiza quem são estas mulheres, o que fazem e os obstáculos que superam em sua rotina diária.

A pesquisa está fundamentada na epistemologia feminista e na literatura que envolve as interseccionalidades de gênero, raça e trabalho precário em suas complexidades acima mencionadas. A proposta metodológica de conhecimento situado, vem resgatando a histórias destas mulheres.

Interseccionalidades aqui definidas a partir de Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), que as identificam com o exercício de múltiplos sistemas de subordinações e discriminações para com as mulheres, desta forma envolve o sexismo, o racismo, o patriarcado, a opressão de classe, geração e outros conjuntos de estigmatizações e hierarquias que redundam em desigualdades.

³⁰ Doutora em Estudios Iberoamericanos – Universidad Complutense de Madrid. Professora Titular Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8086721690207482>. E-mail: maria.aleitao@ufrpe.br



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A pesquisa está inserida nas atividades do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade CNPq/UFRPE³¹ e do Núcleo de Pesquisa-Ação Mulher e Ciência³² vêm desde 2005 resgatando e visibilizando suas histórias de vida por meio de cartilhas, radionovelas, site e textos científicos idealizados a partir da concepção de trocas de saberes que envolve o diálogo com as comunidades, o que possibilitou evidenciar histórias de superação e identificar mudanças nas relações de poder e de trabalho.

Michelle Perrot (2005), em sua obra “As mulheres ou os silêncios da história”, nos inspira a mergulhar neste mar invisível que se constitui a vidas das mulheres, especialmente aquelas inseridas em trabalhos precários, como o são no Brasil as trabalhadoras da pesca. No Nordeste, geralmente são mulheres negras com baixa escolaridade e com muitas dificuldades de acesso aos direitos sociais, opressões que dialogam com o conceito de interseccionalidade, especialmente quando Kimberlé Crenshaw (2002, p. 179) explicita questões relacionadas as relações de trabalho quando atividades são definidos como inapropriado para mulheres. Mangubhai e Lawless chamam a atenção sobre necessidade da inclusão de gênero na pesca em pequena escala tornar-se uma nova norma, para enfrentar as desigualdades de gênero e modificar a as culturas institucionais inibidoras.

Algumas autoras brasileiras, de diferentes regiões do Brasil, têm se debruçado em suas pesquisas sobre as relações de gênero na pesca artesanal, entre elas estão: Maneschky (2012), Alencar (1993), Motta-Maúes (1999) e Woortmann (2007), Leitão (2009, 2010a e 2010b, 2012a e 2012b, 2013a e 2013b, 2019a e 2019b), diagnosticam a existência de divisão sexual do trabalho e a sobrecarga gerada na dupla jornada de trabalho. Estas investigações contribuem no processo de visibilização destas mulheres enquanto sujeitos sociais, cidadãs que desenvolvem uma atividade produtiva universalizada como

³¹ Disponível em: www.gpdeso.com

³² Disponível em: www.mulhereciencia.com



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

trabalho masculino e perpetuada pela exclusão social destas trabalhadoras.

Callou (2010) publicou uma obra consistente sobre as colônias de pesca que foram criadas em 1919 sob a tutela da Marinha de Guerra. A relação institucional das colônias com uma instituição de caráter militar, restrito aos homens, contribuiu para a exclusão das mulheres ao direito de associar-se e de serem reconhecidas como trabalhadoras desta cadeia produtiva. Situação legalmente resolvida pelo Decreto-Lei nº 81.563 de outubro de 1978, o qual possibilitou o acesso a carteira de pesca em Pernambuco, expedida pela SUDEPE, em 1979 (LEITÃO, 2010).

Na segunda década do século XXI, ainda existem muitas mulheres sem este registro de trabalho, porque a cultura institucional seja das colônias, seja das instituições públicas ainda predomina a concepção de que pescar significa coletar peixes e, desta forma não é contemplada a complexidade que envolve a cadeia produtiva da pesca artesanal em todas as suas dimensões: (1) coleta de diferentes espécies numa diversidade de ambientes aquáticos; (2) processo de beneficiamento do pescado e (3) comercialização do produto.

Um aspecto importante que distancia as mulheres pescadoras do acesso aos direitos sociais e contribui para sua invisibilidade no ambiente institucional relacionado a pesca artesanal consiste desde o Decreto-Lei nº 81.563, no arcabouço burocrático, a exemplo dos documentos exigidos em 1978, a denominada "folha corrida"³³, a "Carteira de identidade", ou, no caso de não ter o registro civil de nascimento, o "atestado de pobreza" para a isenção de pagamento (O LEME, 1979, p. 6).

Historicamente a situação de trabalhadoras e trabalhadores da pesca é precária, um contingente de pessoas que retiram seu sustento por meio do extrativismo realizado com poucos recursos

³³ O Alvará de Folha Corrida é um documento que comprova que, até a data de sua emissão, o/a cidadão/ã não possui condenações criminais transitadas em julgado cujo cumprimento ainda esteja em andamento.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

econômicos e com um saber construído e repassado de uma geração a outra.

Confirma-se a predominância da presença de pescadores negros no litoral de Pernambuco, dado constatado por Silva (2001, 1998, p. 222) desde a segunda metade do século XVIII, a partir da fonte documental - carta do Governador da Capitania de Pernambuco, José César de Menezes, em 22 de setembro de 1784, na qual cita que “O Preto João da Assunção” atuava na função de “Governador dos Pescadores da Vila do Recife”.

Outro aspecto a ser considerado, no que se refere a exclusão das mulheres nos processos institucionais das colônias, consiste em que elas atuam muito mais na coleta extrativista nos mangues, do que no mar. Historicamente os mangues são ambientes desvalorizados pela população, que equivocadamente os consideram um lugar sujo. Estuários bastante desvalorizada nos discursos de Agamenom Magalhães que foi interventor em Pernambuco durante o governo de Getúlio Vargas. Por outro lado, foi valorizado pelo médico e geógrafo Josué de Castro (1948, p. 23) que diferentemente do interventor citado, considerou o mangue como um ecossistema importante no equilíbrio ecológico da região, inclusive para os habitantes das palafitas.

É neste contexto que as mulheres, pescadoras de Itapissuma e Ponte dos Carvalhos, municípios do Litoral Norte e sul de Pernambuco, reconhecendo a partir da interação com o Conselho Pastoral da Pesca, o lugar periférico que ocupavam na sociedade, lutaram pelo direito a serem reconhecidas e legitimadas profissionalmente, e assim acessar os benefícios e políticas públicas relacionadas a cadeia produtiva da pesca artesanal. Fato histórico social publicado em O LEME, de maio de 1979:

Um grupo de pescadeiras que havia enviado seus documentos desde novembro do ano passado à SUDEPE em fins de março decidiu ir até Recife reclamar pessoalmente do Delegado Regional da



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

SUDEPE, a longa demora. Surpreendido pela atitude corajosa dessas pobres mulheres deu ordem imediata para que fossem atendidas sem demora.

A conquista deste direito possibilitou a busca por legitimação social, o que foi possível especialmente a partir do acesso aos espaços de poder e decisão.

Memória da Luta das Mulheres Pescadoras de Itapissuma

O resgate histórico que o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade CNPq/UFRPE vem elaborando ao longo dos últimos 16 anos, tem possibilitado o aprofundamento na temática de gênero e pesca, especialmente em Pernambuco, a partir do apoio de diferentes instituições por meio da aprovação dos seguintes projetos, sistematizados no quadro abaixo.

Quadro I – Projetos de pesquisa, ensino e extensão 2005-2014

Nº	PROJETOS CNPq
1	MCT/CNPq/PR-SMP 45/2005
2	MCT/CNPq 029/2009
3	MCT/MDS-SAGI/CNPq nº 36/2010
4	MCT/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 020/2010
5	MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 32/2012
PROJETOS SPM/PR	
6	“Gênero, Raça e Pesca: o trabalho de marisqueiras no litoral sul de Pernambuco”. Convênio Nº 0172/2008–SPM/PR
7	“Criação do Núcleo de Pesquisa – Ação Mulher e Ciência”. Programa 2016 – Políticas para as Mulheres: Promoção da Autonomia e Enfrentamento à Violência



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

PROJETOS PROEXT	
8	PROEXT2010 - Linha temática 3
9	PROEXT2011 Linha temática 13
10	PROJETO MEC/SECADI – Curso EAD GDE – “Gênero e Diversidade na Escola”: Jaboatão, Carpina, Ipojuca, Pesqueira e Tabira/PE. Junho 2009 a fevereiro 2010
11	PROJETO MPA- Ações para consolidar a Transversalidade de Gênero nas Políticas Públicas para a Pesca e aquicultura do MPA - Convênio 078/2009 entre MPA e FADURPE
12	PROJETO MDA - Contrato: 0309.541-78/2009/MDA/CAIXA
INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA	
13	2014 – Estágio de Investigadora Visitante no ICS – Universidade de Lisboa
14	2019 – Pesquisa IELT - Universidade Nova de Lisboa

Fonte: Dados a partir de mapeamento de documentos dos Projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão - 2005 a 2014.

Os resultados dos projetos foram publicados em periódicos científicos, em livros, e em forma de cartilhas e radionovelas Leitão (2019a, 2019b, 2017, 2015a, 2015b, 2014a, 2014b, 2013a, 2013b, 2013c, 2013d, 2012, 2011, 2010, 2008a, 2008b).

O resgate da história das mulheres pescadoras, em Pernambuco, especialmente no município de Itapissuma, pode ser resumido em três grandes momentos: (1) década de 1970 e o início das atividades do CPP, na Colônia de Pescadores e especialmente com as mulheres; (2) o empoderamento feminino concretizado na eleição a primeira mulher presidente de uma Colônia de Pescadores (as) no Brasil, em finais da década de 1980, e (3) a criação da Articulação das Mulheres Pescadoras em 2004.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O trabalho realizado pelo CPP, especialmente a atuação da Irmã Nilza Montenegro, que fazia parte da congregação das Dorotéias, com formação em Sociologia.

A religiosa realizou atividades de acompanhamento e apoio às causas, especialmente das pescadoras do município, com observações e reuniões periódicas. O seu trabalho de quase 20 anos, foi essencial para que as mulheres conseguissem o direito a carteira de pescadora profissional, expedida pela SUDEPE (LEITAO, 2019).

Ela morou no mesmo bairro que os/as pescadores/as, no mesmo tipo de habitação, e se aproximou delas a partir dos princípios da teologia da libertação, se inserindo no contexto de sua vivências cotidianas. Desta forma conseguiu realizar reuniões, alfabetização, conscientização e estabeleceu uma relação de confiança com as pescadoras.

O material de trabalho da irmã Nilza consistiu em importante fonte documental, para o resgate desta história de mulheres e o reconhecimento do seu lugar na sociedade, enquanto sujeitos de direitos. O acervo por ela organizado nos possibilitou conhecer o cotidiano das pescadoras de Itapissuma nas décadas de 1970 a 1990 e resgatar as ações do CPP neste período.

A coletânea documental³⁴ da Irmã Nilza, na forma de um arquivo pessoal, consiste em anotações de seu trabalho de campo, páginas manuscritas, datilografadas, conjunto de reportagens de jornais com notícias sobre Itapissuma durante os anos setenta a noventa do século XX.

Mulher Presidente de Colônia em Pescadores/as em Itapissuma

Resgatamos um marco importante no processo de empoderamento das pescadoras de Itapissuma, um divisor de águas, a vitória nas eleições em 1989 da primeira mulher

³⁴ Todo este material foi catalogado e organizado pelo Prof. Dr. Gilmar Soares Furtado, que também a entrevistou e gravou seus depoimentos nas três visitas a João Pessoa.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

presidente de uma Colônia de Pescadores(as) no Brasil. Seu nome é Joana Rodrigues Mousinho, mulher negra que vivencia em sua trajetória diversas interseccionalidades de gênero, raça, classe social, escolaridade.

Uma eleição histórica na participação política das mulheres da pesca artesanal. Visibilizou a luta das mulheres pescadoras pernambucanas no que se refere às conquistas de seus direitos sociais. Joana Mouzinha afirma, engajasse totalmente na defesa dos direitos sociais e ambientais, 13 anos após aquela eleição, ela afirma em uma entrevista ao jornal Diário de Pernambuco, 08 de março de 2002, que “Essa é minha vida, lutar pela cidadania. Dia da mulher é todo dia”.

Joana faz parte do terceiro marco no processo de inclusão e protagonismos das mulheres pescadoras de Pernambuco, a criação da Articulação das Mulheres Pescadoras, cujo evento catalizador e impulsionador, foi o 1º Encontro Nacional das Trabalhadoras da Pesca e Aquicultura, oficializado pela Portaria SEAP/PR N° 253, de 09 de setembro de 2004, assinada pelo Secretário Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República, José Fritsch.

No documento acima citado define o tema as “Trabalhadoras da Pesca e Aquicultura: rumo a superação das desigualdades sociais”, planeja encontros estaduais nos quais os debates contemplaram os contextos locais e regionais. Esclarece que as palestras, grupos de trabalho, oficinas, plenário geral, painéis alternativos e apresentação cultural versarão sobre: I - dificuldades e desafios enfrentados pelas trabalhadoras da pesca e aquicultura; II - direitos trabalhistas e previdenciários; III - assistência à saúde e questões ambientais e culturais; e, IV - projetos específicos para a produção e acesso ao crédito.

Na ocasião, a partir do ambiente crítico fomentado nos debates precursores e durante a realização do encontro, foi criada a Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco, liderada por Joana Mousinho, Maria das Neves Santos, Josefa Ferreira da Silva, Lindomar Rodrigues de Barros e Iolanda Moura dos Santos. O movimento Nacional da Articulação de Mulheres



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Pescadoras contou também com a participação dos representantes dos seguintes estados: Bahia, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Piauí e Pará.

A conjuntura nacional, possibilitou outros encontros e formações destas pescadoras que vem demarcando novos rumos da liderança das Colônias de Pesca em Pernambuco, desde 2006 vem crescendo o número destas instituições presididas por mulheres, a exemplo de Ponta de Pedras, Atapuz, Jaboatão dos Guararapes, Rio Formoso, São José da Coroa Grande, Tamandaré, Porto de Jatobá, entre outras.

A influência de Itapissuma na expansão das mulheres presidentes de Colônias de Pescadores/as em Pernambuco

O referencial teórico em diálogo com os dados coletados nos possibilitou responder as seguintes indagações: De que modo às transformações sociais iniciadas com a atuação do CPP em Itapissuma contribuiu no acesso das mulheres a espaços de poder nos movimentos sociais da pesca artesanal e na presidência das Colônias de Pescadores/as?

A partir de sua organização, a articulação além de participar nas ações relacionadas à equidade de gênero no que se refere ao acesso aos direitos laborais das pescadoras, vem sistematicamente, desde 2010, apoiando candidaturas a presidências e secretarias das colônias e das associações comunitárias de pescadores e pescadoras artesanais. Esta inserção tem sido realizada a partir da presença de representantes deste movimento social durante todo o processo eleitoral, ou seja, estes têm construído plataformas de direitos humanos que comportam as suas necessidades enquanto sujeitos subalternos na cadeia produtiva da pesca e construído formações discursivas, por meio de práticas articuladas em rede, que contemplam sua historicidade (SCHERER-WARREN, 2011, p. 22).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A eleição das colônias de pescadores/as tem sido apoiada pela Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco se concretiza na condição de movimento social em 2004 durante o I Encontro Nacional das Trabalhadoras da Pesca, em Brasília. No seu discurso, elas argumentaram que estavam insatisfeitas com o não atendimento, por parte do governo federal, de certas demandas levantadas por elas, foi definida uma comissão por estado, responsável por discutir e reivindicar os direitos das mulheres.

O texto sobre as memórias das pescadoras foi construído a partir de entrevistas concedidas à Lívia Tavares Froes, bolsista do projeto CNPq e publicado de forma reduzida em Leitão (2019).

Quem é Joana Mousinho – Presidente da Colônia Z-10/Itapissuma

Joana Mousinho, conforme informado anteriormente foi a primeira mulher eleita presidenta de Colônia de Pescadores/as no Brasil, em 1989. Atualmente possui 65 anos, é mãe de 4 filhos (2 falecidos). É aposentada, mas continua ativa na Colônia e nos movimentos sociais.

Iniciou o trabalho na pesca desde os oito (8) anos, uma atividade rotineira para ela e os outros 9 irmãos. Semelhantemente a outras mulheres que atuam na pesca artesanal, para sobreviverem, muitas vezes desenvolvem outras atividades para complementar a renda a exemplo de lavar roupa, carregar lenha e água. Aprendeu com seu pai, no cotidiano familiar, a tecer a rede à mão.

Seu ingresso na atuação política da Colônia iniciou em meados de 1975. Antes de ser eleita, em 1989, presidente da colônia, Joana compôs diretorias nas funções de membro do conselho fiscal e secretária da Colônia.

Enfrentou forte reação masculina ao exercício da presidência, incluindo risco de violação do seu corpo dentro da própria Colônia. Apesar da existência e permanência de homens



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

machistas, ela afirma que boa parte dos associados da Colônia reconhece seu trabalho.

Quem é Miriam Mousinho – Secretária da Colônia Z-10/Itapissuma

Miriam é sobrinha de Joana e Margarida tem 52 anos, 2 filhos. Formada em magistério, em 2004 teve a oportunidade de trabalhar na alfabetização de jovens e adultos pescadores e filhos pescadores na Colônia de Pescadores/as de Itapissuma. Sua rotina no trabalho da pesca começou cedo, aos 8, 9 anos, acompanhava a mãe e as tias Joana e Margarida na coleta do sururu.

Miriam chegou à presidência de Colônia e assumiu o cargo por dois mandatos. Desde finais da década de 1990 substituiu o secretário Severino em suas ausências. Após essa experiência, ela participou de uma chapa e foi eleita secretária e, posteriormente ela foi reeleita em 02 mandatos. Miriam ao comentar sua experiência relatou: “No início eu não queria, não queria fazer parte de diretoria, não queria fazer parte de nada!”. Afirmou que o trabalho é difícil, exige demanda de tempo interno à Colônia e atividades externas que incluem: participar de reuniões, formações, viagens.

Concluimos com uma citação de Longo (2018, p. 61) “Superar las injusticias significa dismantelar los obstáculos institucionalizados que impiden a algunas personas participar en condiciones de igualdad con el resto”.

Pena e Soria (2013) nos dão subsídios para entender que as mulheres de Itapissuma, na luta pela sobrevivência abriram espaços que lhes possibilitaram tomar consciência das desigualdades e estabelecerem estratégias de superação, entre elas a de liderar as Colônias de Pescadores/as, as quais estiveram excluídas de participarem por seis décadas.

Reconhecemos que existe muito caminho a trilhar em relação a superação das interseccionalidades de gênero, raça, geração, trabalho precário na realidade aqui abordada. Avanço



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

dificultado pelos retrocessos vivenciados no Brasil desde 2016, perdas de instituições e espaços de discussões para as mulheres, no que se refere as desigualdades de poder nas relações de gênero. Apesar deste contexto, estas pescadoras têm aproveitados as oportunidades que a vida lhes traz, a exemplo do apoio do CPP, no século XX e nos espaços das conferências da pesca e das mulheres no século XXI.

Este ano, Joana Rodrigues Mousinho³⁵ contribuiu com um discurso sobre as consequências do derramamento do óleo em Itapissuma, ao representar a Articulação Nacional das Pescadoras, na 326ª Reunião Ordinária do Conselho Nacional de Saúde (CNS)³⁶, no dia 14 de fevereiro, em Brasília. Na pauta os impactos na saúde causados pelo vazamento de óleo no mar. Aproveitou o momento para protestar sobre a suspensão dos registros geral da pesca, da suspensão ao benefício ao Programa Chapéu de Palha da Pesca³⁷.

Referências

- ALENCAR, Edna F. Pescadeiras, Companheiras e Perigosas. Um Estudo sobre a Pesca Feminina em Lençóis. Brasília, UnB (dissertação de mestrado), 1991
- BRASIL. PORTARIA SEAP/PR N° 253, DE 09 DE SETEMBRO DE 2004.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Povos do mar: herança sociocultural e perspectivas no Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 62, p. 45-48, 2010.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188.
- FURTADO, Gilmar Soares, & LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Lançando rede tecida e retecida na esperança de

³⁵ Canal do YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7JlkkriCV_M. Acesso 13 nov. 2020.

³⁶ Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/>. Acesso 13 nov. 2020.

³⁷ Para aprofundar o tema sobre esta política pública com transversalidade de gênero, ver Guimaraes e Leitão (2019).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- garantir peixe e sonho. In: LEITÃO, Maria do Rosário Fátima Andrade. Gênero e Cidadania: trabalho e meio ambiente. In: Mulheres na atividade pesqueira no Brasil. Sílvia Alicia Martinez e Luceni Hellebrandt. (Org.). Campos de Goytacazes. RJ: EDUENF, 2019a, p. 141-162.
- FURTADO, Gilmar Soares, & LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Memórias, mulheres e poder na presidência das Colônias de Pescadores/as em Pernambuco. In: Cultura [recurso eletrônico]: conceito sempre em desenvolvimento / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019b, p. 87-98.
- FURTADO, Gilmar Soares, & LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero, Pesca e Cidadania. In: Amazônica. Rev. Antropologia. (Online), Belém, UFPA, 5 (1): 98-115, 2013a.
- FURTADO, Gilmar Soares, & LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero e trabalho: oficinas com mulheres pescadoras do litoral ao sertão de Pernambuco. In: Trabalhadores e trabalhadoras na pesca: ambiente e reconhecimento/ SCHERER, Elenise (org.). 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013 b.
- LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade, & CRUZ, Maria Helena Santana (Orgs.). Gênero e trabalho: diversidades de experiências em educação e comunidades tradicionais. 1ª ed. Florianópolis: Editora de Mulheres, p. 221- 236, 2012a.
- LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade, & CRUZ, Maria Helena Santana. Gênero e pesca artesanal. Recife. Ed. Linceu 2012b.
- LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade, & CRUZ, Maria Helena Santana. Gênero, geração e políticas públicas na pesca artesanal. In: Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. RIAL, Carmem, PEDRO, Joana Maria, & AREND, Sílvia Maria Fávero (Orgs.). Ed. Mulheres. Santa Catarina. 2010a.
- AREND, Sílvia Maria Fávero. 30 anos de registro geral da pesca para mulheres. Recife: Editora FASA, 2010b.
- AREND, Sílvia Maria Fávero. Gênero e Políticas Públicas na pesca artesanal em Itapissuma. In: Angelo Brás Callou Fernamdes e Maria Sallet Tauk (Org.). Comunicação, gênero e Cultura em Comunidades Pesqueiras Tradicionais. Recife: FASA, 2009, v. 1, p. 161-174.
- LONGO, Roxana Gabriela. Feministas populares y procesos de exigibilidad de derechos. Universida de Buenos Aires, 2018.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis, & ALVARES, Maria Luzia Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2012, vol.20, n.3, pp.713-737.
- MANGUBHAI, Sangeeta, & AWLESS, Sarahl. Exploring gender inclusion in small-scale fisheries management and development in Melanesia. *Marine Policy*, v.123, January 2021, 104287. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2020.104287>.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. “Trabalhadeiras” & “Camarados”: Um Estudo sobre o Status das Mulheres numa Comunidade de Pescadores, Brasília, UnB (dissertação de mestrado), 1977.
- O LEME. Boletim do Conselho Pastoral da Pesca. Olinda, Ano7, nº42 de mar. 1979, p. 06.
- PENA, Nuria; PEREYRA, Branda; SORIA, Veronica (compiladoras). *Desarrollo y derechos de las mujeres: su participación y liderazgo en organizaciones comunitarias/ Buenos Aires: CICCUS, 2013.*
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Bauru, EDUSC, 2005.
- RODRIGUES GUIMARÃES, Daniela. Formação política em gênero: O processo de empoderamento da mulher pescadora em Pernambuco entre os anos de 2004 e 2014. *Revista Feminismos.* Salvador: v.7, n.1, p. 26-40, 2019.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Para uma abordagem pós-colonial e emancipatória dos movimentos sociais. In: *Movimentos sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina.* Florianópolis: Ed da UFSC, 2011, p. 17-35.
- SILVA, L. G. S. da. *A faina, a festa e o rito: gentes do mar e escravidão no Brasil (séculos X VII a XIX).* Coleção Textos do Tempo. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2001.
- SILVA, L. G. S. da. História e Meio Ambiente: a pequena pesca marítima no Brasil. *Revista de Sociologia e Política, Curitiba,* 10/11, 1998, pp. 219-231.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

GÊNERO, CLASSE E RAÇA/ETNIA: POR UMA ARTICULAÇÃO PLURINÍVEL E PLURIDIMENSIONAL

*Manuel Carlos Silva*³⁸

Elaborar um texto sobre os tópicos anunciados num breve ensaio não é tarefa fácil, acabando esta por ser uma revisitação de clássicos e síntese condensada de trabalhos publicados sobre desigualdades de classe, de gênero e étnico-raciais (SILVA, 2009, 2014, 2016). O texto visa um propósito de abordagem plurinível e pluridimensional sobre essas desigualdades e, a nível da *práxis* política, a necessidade de articulação de diversas organizações e movimentos sociais num horizonte de emancipação. A questão central poder-se-ia equacionar: por que é, após tantos séculos de lutas, não obstante avanços consideráveis nos sucessivos sistemas de exploração e dominação na história, persistem desigualdades de classe, étnico-raciais e de gênero?

Contrariamente ao desejado em certos círculos progressistas, as mudanças qualitativas de caráter revolucionário são exceções, caracterizando-se, em regra, as respostas dos oprimidos, por constrangimentos económicos e políticos, pelo consentimento (BURAWOY, 1979), acomodação ou de resistência passiva, sem deixar de registar fenômenos de resistência ativa, mas nem sempre bem-sucedidos. Como explicar então a discrepância entre condição objetiva e a não correspondente ação coletiva? Que (pre)condições necessárias para a superar?

Começando pelas desigualdades de gênero – tema central do simpósio –, não obstante avanços em termos de tempo longo

³⁸ Sociólogo, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS – Nova UMinho) e Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), Universidade de Brasília E-mail: mcsilva2008@gmail.com. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2200008399953329>. ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-8462-9516>.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

desde a antiguidade – em que, segundo Aristóteles (1997, s/d), a ‘natureza’ do homem era a de comandar e a da mulher a de obedecer – e apesar da abolição de feudos e barreiras na circulação de capitais e de força de trabalho, têm persistido discriminações adscritivas em função do sexo e da raça/etnia, o que nos obriga a indagar para já sobre o porquê das desigualdades de género. As respostas teóricas poder-se-iam subsumir em (i) concepções sócio-biológicas, com base no fenótipo sexual: enquanto os homens seriam o elemento ativo e, como tal, detentores de funções exteriores e públicas, as mulheres, por alegada constituição física e biológica, seriam o elemento passivo e predispostas a atividades interiores, domésticas; (ii) algumas teorias psicológicas, sobretudo a freudiana que remete as diferenças de género em função da posse ou ausência de pénis, respetivamente nos rapazes e nas raparigas; (iii) a orientação sociológica de cariz estruturo-funcional (PARSONS, 1956), a qual, focalizando-se em processos de socialização, assume a diferenciação por sexo de códigos, esquemas de percepção e papéis, os quais fazem que (a) homem detenha a função instrumental de ganha-pão; e (b) a mulher se oriente na função expressiva, materializada na tarefa nuclear de cuidar; (iv) a perspetiva marxista tradicional (ZARETSKY, 1973) que reconhece divisão sexual do trabalho mas remete desigualdades de género para as desigualdades de classe na ordem capitalista, sendo o trabalho doméstico considerado improdutivo; (v) a perspetiva feminista (MILLET, 1974), que, além de reagir de modo veemente perante teorias conservadoras e freudianas, sublinha a centralidade do conceito de género para explicar as discriminações de género, inspirando-se em Foucault (1992), mas para qual são aduzidos também contributos de (neo)weberianos e mesmo interacionistas e fenomenologistas.

A tradicional visão marxista, tendo-se focalizado de modo quase exclusivo na produção, suscitou críticas, sobretudo de feministas (ABBOT & WALLACE, 1991) que deslocaram o acento tónico para a família como a instituição nuclear da



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

reprodução social e seus mecanismos de suporte de dominação da mulher dentro e fora de casa. Porém, diversos são os marxistas que sustentam o trabalho doméstico feminino como trabalho indiretamente produtivo e parte integrante do processo global de reprodução e exploração das classes trabalhadoras em benefício do capital (POULANTZAS, 1975; CARCHEDI, 1989).

Em posicionamento e estratégia inversa, parte das feministas ignorou ou relegou para segundo plano o conceito de classe, assim como o de raça/etnia, os quais foram recuperados respetivamente ora por feministas marxistas ora por feministas negras, que relevaram respetivamente classe e raça numa base interseccional. Se a visão tradicional marxista tem relevado a dimensão produtiva e relegado a reprodutiva, torna-se, todavia, necessário empreender uma nova leitura dalgumas obras de Marx (1974, 1867, p. 515, 1976, 1846) – para quem o processo de produção implica o processo de reprodução e vice-versa e sobretudo de Engels (1980, 1884, p. 8), o qual coloca como central não só a produção como a reprodução social dos meios de subsistência e dos próprios seres humanos. Para Harris e Young (1981, p. 113) existem três sentidos de reprodução social consoante nível de abstração: (i) enquanto reprodução duma determinada sociedade/formação social; (ii) enquanto reprodução da força de trabalho; (iii) e enquanto forma de reprodução biológica de seres humanos, da espécie.

A dominação patriarcal não é apenas ideológica e/ou política mas assenta nas esferas de produção e reprodução e nas condições de vida objetiva, o que é apontado por Bourdieu (1998) como a força da 'razão androcêntrica'. A visão patri-androcêntrica não é tributária apenas de visões ultraconservadoras, mas foi legitimada pelo liberal Parsons (1956) na defesa da dicotomia entre o lado público e/ou a função instrumental pelo homem como provedor da casa e o lado informal e/ou função expressiva pela mulher, dicotomia esta que visa, segundo Reiter (1975), Segalen (1980), Walby (1990), Amâncio (1994) e Saffioti (2004), reproduzir a dominação masculina em ambas as esferas. Ao longo de séculos, sobretudo



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

durante a Idade Média, mas persistindo na modernidade, a mulher e a sexualidade feminina, nomeadamente em sociedades patriarcais, era vista como perigosa, incontrolável, ‘diabólica’ e a sexualidade masculina como superior em torno do sêmen e metáforas genitais, ainda hoje presentes (vg. “homem de colhões” ou de “tomates”). Por isso, um dos objetivos centrais da manutenção da ordem patriarcal era, sob o frequente binómio da honra-vergonha, instaurar um processo de vigilância e apertado controlo sobre a mulher e seus recursos, nomeadamente sobre o seu corpo e a sexualidade, nomeadamente quando transgressora das normas patriarcais e de classe dominantes.

Dada esta realidade pungente ainda nos dias de hoje com as recorrentes formas de dominação e violência sobre as mulheres e, por extensão, de grupos LGBTi, torna-se relevante ou mesmo imprescindível *(i)* imbricar conceitos de género e de classe, cruzando o legado feminista com perspectivas marxista, weberiana e interacionista; *(ii)* analisar de seguida a dominação de classe e género com relações de patrocínio civil e religioso, além do papel da instituição eclesiástica e/ou pentecostal, nomeadamente no caso do Brasil; *(iii)* indagar sobre formas de dominação masculina com outras formas de dominação e opressão não só a nível estatal como nas esferas da sociedade civil, nomeadamente na esfera do mercado, assim como na esfera doméstica e no quotidiano das relações de género.

Por fim, tendo presente a necessidade de assumir uma perspetiva plurínivel a respeito das formas de exploração e dominação em termos não só de género como de classe e de raça/etnia, importa balizar e estruturar essas formas a três níveis: *(i)* societal ou socioestrutural, focalizado nas condições objetivas de vida dos grupos de pertença das mulheres, englobando classe social, raça/etnia, nacionalidade, idade; *(ii)* político-organizacional, o qual pressupõe relações de dominação/subordinação em organizações e contextos extradomésticos (empresa/instituição, partido) e domésticos; e *(iii)* interacional, na qual importa relevar num registo de maior visibilidade as vivências, interações e sociabilidades, em que as



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e Histórias das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

mulheres são amiúde desvalorizadas, desclassificadas e/ou discriminadas em espaços públicos e privados.

Dado que as mulheres, assim como os diversos grupos étnico-raciais detêm uma determinada pertença em termos de classe, importa agora orientar e articular essas desigualdades com as nucleares desigualdades de classe, cuja dimensão nas desigualdades sociais foi amiúde desconsiderada ou mesmo negligenciada não só entre algumas correntes feministas – quer radical, quer sobretudo liberal.

O sentido etimológico de classe deriva de *classis*, termo para classificar os cidadãos conforme a capacidade tributária ao tempo de Sêrvio Túlio no século VI antes de Cristo. Se a ‘democracia’ greco-romana excluía mulheres, estrangeiros, ‘bárbaros’ e sobretudo escravos, na Idade Média o termo viria a ser substituído por estamento e ordem (distinguindo clero, nobreza e povo). Se o termo classe seria utilizado mais tarde por Lineu nas ciências naturais e por fisiocratas e liberais na economia, só com Marx (1974, 1867) ele viria a ganhar densidade analítica e constituir explicação seminal das contradições e lutas de classe ao longo da história.

Relativamente às desigualdades por estratificação social, segundo Durkheim (1977, 1893), elas seriam expressões de aptidões e hierarquizações sociais, enquanto efeitos da divisão do trabalho social e, como tal, benéficas e funcionais. Por sua vez, para Parsons (1988, 1951) e Davis e Moore (1976, 1945), sendo todas as sociedades constitutivamente diferenciadas, estratificadas e hierarquizadas, as desigualdades explicar-se-iam com base em dois eixos: (i) importância funcional diferencial das posições sociais; e (ii) a “escassez diferencial de pessoal” qualificado. Destes princípios resulta a tese (neo)liberal e inerente narrativa ideológica sobre meritocracia, veiculada pelos mídia e no senso comum: enquanto aos indivíduos mais talentosos e competentes seriam atribuídas funções superiores e melhor remuneradas, aos menos competentes caberiam funções mais baixas, pior remuneradas.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Em polo diametralmente oposto, para Marx e Engels (1998) as lutas de classes seriam o motor do desenvolvimento contraditório dos sucessivos modos de produção na história, constituídos por conjuntos binários de classes antagônicas: patrícios/escravos, senhores/servos, capitalistas/operários. A classe social seria constituída por um conjunto de atores sociais com lugar ou posição comum perante os meios de produção. Porém, no seio desta perspectiva, enquanto para marxistas estruturalistas (ALTHUSSER, 1972; POULANTZAS, 1975) a classe social se define em termos económicos, políticos e ideológicos, sendo contudo o económico visto como determinante, para marxistas histórico-culturalistas (THOMPSON, 1982) o mais relevante seriam os processos culturais, as lutas e experiências na formação, (des)organização e (des)mobilização de classe, tese inspiradora do princípio da economia moral que, sublinhando como primeiro móbil da ação social a segurança (*safety first*) (SCOTT, 1990), auxilia a compreender a discrepância entre condição objetiva e a não correspondente ação coletiva.

Por sua vez, a abordagem weberiana, partindo da clássica distinção entre classe na esfera económica, estatuto na esfera social e partido na esfera política, assume tais eixos não como compartimentos estanques nem de contraste absoluto, mas reversíveis, pelo que as vantagens numa das esferas são convertíveis noutras. Neste sentido poder-se-á sustentar um conceito amplo de classe no que concerne o acesso/controlo de recursos económicos, sociais e políticos, conjugando dimensão objetiva e subjetiva, mais tarde potenciada por Bourdieu (1979).

Se o legado marxista em torno da classe é central e incontornável, o weberiano é indispensável não só nas desigualdades de classe, como nas de género e étnico-raciais, nas dimensões objetiva e subjetiva, enfim bases fecundas para perspetivas de síntese e superação da dicotomia estrutura-ação e assunção duma concepção multidimensional de classe social, dando inclusive um contributo seminal para recentes teorias da interseccionalidade com base na classe, no género e na



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

raça/etnia. Conjugando elementos das abordagens marxista e weberiana, as desigualdades de classe poderão ser analisadas não só ao nível abstrato de “modo de produção”, como era usual no marxismo tradicional, mas podem convocar outras dimensões como o poder na vertente organizacional-política e os significados nas dimensões interativa e cultural. Por outro lado, a tradição marxista e os próprios partidos comunistas têm secundarizado os conceitos de raça/etnia e de gênero como bases de desigualdade e discriminação e como polos de luta e emancipação social. Por fim, importa reter que esta temática, tradicionalmente absorvida em torno do clássico dilema sociológico entre estrutura e ação, tem sido objeto de superação consistente e criativa pela introdução de conceitos mediadores tais como o de configuração em Elias (1980), o de estruturação em Giddens (1984) ou de *habitus* em Bourdieu (1979). Em suma, a classe é assim definida pela (não)posse e grau de controlo de recursos económicos, político-organizacionais e credenciais escolares, tendo presente a necessidade de interligar a análise multidimensional e a dimensão ético-política no horizonte da emancipação social e política.

No que concerne as desigualdades étnico-raciais, sendo um fenómeno basicamente moderno inerente ao processo de colonização desde o século XVI, assentou durante séculos no conceito de raça, seminalmente presente inclusive entre iluministas como Kant (2003, 1764). Raça, com efeito, remetia para a ideia de linhagem/descendência comum, reivindicando-se de características físicas inatas, o que viria a ser o ‘alimento’ do racismo biogenético, professado como elaboração pseudocientífica por Gobineau (1940, 1852). Particularmente, após o genocídio e as tremendas consequências do holocausto sob o nazismo e de outros regimes fascistas defensores da hierarquia racial, o conceito de raça é descredibilizado no Pós II Guerra Mundial e, sobretudo a partir dos anos 1970, vai sendo gradualmente substituído pelo conceito de etnia como contraponto e demarcação face ao de raça como conceito físico-biológico. Assim, etnia (derivado do termo *ethnos*, sinónimo de



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

povo) é entendida como conjunto de traços socioculturais aprendidos no processo de socialização, os quais definem um conjunto de indivíduos ligados por origem e condição comum, mesmo que imaginária, e outros elementos tais como território, língua, história, economia, cultura, religião e eventual organização e consciência étnica. Procurando sintetizar as principais teorias sobre o racismo, poder-se-á elencar: (i) as biogenéticas designadamente em Gobineau (1940, 1852), o qual, sustentando a hierarquização das raças, alega ‘explicar’ os comportamentos sociais na base de fatores de ordem biogenética, legitimando a pureza e a superioridade de umas raças sobre outras, assim como os seus respetivos valores e características culturais; (ii) as teorias etológicas e socio-biológicas (LORENZ, 1987), segundo as quais os genes, caracteres seletivos e/ou instintos, igualmente ‘explicariam’ os diferentes comportamentos e qualidades humanas; (iii) algumas teorias (socio)psicológicas tais como a de Dollard (1937), que, com base num estudo sobre as relações entre brancos e negros nos Estados Unidos, pretendia ‘explicar’ o preconceito racial pelo lado emocional inerente a determinadas predisposições psíquicas, tese esta que, embora não declaradamente racista, era susceptível de alimentar formas de racismo; e, por outro lado, tentando explicar os comportamentos racistas nomeadamente na Alemanha, sob um registo psico-social e mesmo psicanalítico autores como Adorno *et al* (1950) e Reich (1972) entendiam que os síndromas autoritários seriam explicáveis a partir processos de socialização e de sentimento de frustração, dando lugar a “personalidades autoritárias”, conformistas e subservientes para os ‘superiores’ e rígidas e preconceituadas para com os ‘inferiores’.

Já, porém, no campo da Sociologia, podemos a este respeito distinguir teorias de diverso cariz, a saber: (a) conservadoras com apelos a conceitos orgânicos de ‘vínculos primordiais’(SHILS, 1957); (b) liberais, orientando-se no sentido de analisar as discriminações nas relações face a face, veem o racismo como resultante da insuficiente adequação jurídico-



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

política; (c) funcionalista, segundo a qual a discriminação e o racismo seriam atribuíveis à anomia social derivada da diminuição da densidade moral ou da divisão forçada do trabalho (DURKHEIM, 1977); (d) a simmeliana, realçando o maior ou menor grau de clivagem entre autóctones e forasteiros conforme menor ou maior grau de integração destes (SIMMEL, 1987); (e) a Escola Chicago, segundo a qual a competição e a segregação racial em base bio-ecológica seria um (sub)produto de uma “sociedade cosmopolita e livre” (PARK, 2000); (f) interacionista e transacionalista, respetivamente defendida por Goffman (1988) e Barth (1969), para os quais os comportamentos étnicos seriam definidos respetivamente em função da partilha de identidades e significados biunívocos e da demarcação de fronteiras sociais entre o ‘nós’ e o ‘eles’; (g) (neo)weberiana, com destaque não só nos significados na crença de origem e de sentimentos de pertença de vida em comum (*Gemeinsamkeitgefühl*) (WEBER, 1978) e/ou das relações assimétricas de poder, estratificação ou exclusão social (PARKIN, 1979; REX, 1988); (h) marxista de cariz tradicional, segundo o qual o ‘racismo’ seria resultante de dominação capitalista entendida como meio de ocultar a exploração de classe no quadro da principal contradição do modo de produção capitalista (COX, 1970; MILES, 1984).

Se constatamos cada vez menos velhos arautos do racismo em base bio-genética, têm emergido defensores de um racismo neonacionalista, ‘sem raça’, diferencial’ e ‘cultural’ (BARKER, 1981; BADER, 2008, 1995; BALIBAR & WALLERSTEIN, 1988; CUNHA, 2000), sob formas de racismo institucional e quotidiano (ESSED, 2002) ou flagrante *versus* subtil (PETIGREW & MEERTENS 1995; VALA *et al.*, 1999; CABECINHAS, 2007; SILVA, 2014). Perante estas perspectivas e, embora possam ser recuperados a vários níveis elementos das concepções marxista, weberiana e interacionista/transacionalista, torna-se imprescindível, para além de abandonar a concepção sustentada por ideólogos colonialistas como forma de legitimação, classificação e hierarquização de raças, visitar o conceito de raça,



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

considerando três concepções contrastantes: (i) a marxista, segundo a qual raça seria uma ilusão, um construto de ‘falsa consciência’ para legitimar a desigualdade social (COX, 1970, 1948; MILES, 1984); (ii) objetivista, pela qual raça é vista como condição objetiva na medida em que, embora rejeitando visões racistas biogenéticas e eugenistas, sustenta todavia a raça como facto objetivo e até mais importante que o conceito de classe para explicar desigualdades (GLAZER & MOYNIHAM, 1975); (iii) crítica quer da primeira, quer da segunda: a primeira por sustentar uma visão ideologizada de raça, negar identidades/experiências em base rácica/étnica e a segunda por resvalar para essencialização de raça, perdendo de vista a historicidade do conceito raça e suas formas de exploração/dominação, assim como mutações de formas e ideologias de racismo (vg. de ‘biogenético’ para ‘neonacionalista’ e ‘cultural’). A esta luz, autores como Du Bois (1961, 1903), Hall (2002, 1980), Gilroy (1991), Omi e Winant (2002), defensores desta terceira corrente de superação e síntese das duas primeiras, articulam estrutura e representação e avançam o conceito historicizado de formação social racializada, definindo raça como um conceito que significa e simboliza conflitos sociais e interesses por referência a diferentes tipos de corpos humanos. Portanto, a raça, sendo uma construção social sem correspondência objetiva em termos biológicos, constitui um elemento de uma estrutura social racializada a nível macro-societal, organizativo e a micro-interativo, estruturando os diversos mundos socialmente racializados. Em idêntica perspetiva pluridimensional e plurínível, as relações interétnicas e, em particular, as formas de racismo e discriminação são explicadas numa base socio-estrutural, organizacional e interativa (LUHMANN, 1982; BOURDIEU, 1979; BADER, 2008; SILVA, 2014), acumulando-se fatores de desvantagem em base étnica e/ou de ‘subclasse étnica’ (MYRDAL, 1944), o que permite igualmente entender a cultura identitária, os hábitos e estilos de vida específicos, assim como as estratégias defensivas e solidárias face a estereótipos e discriminações. Tendo em conta as várias formas de exploração,



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

dominação e discriminação, torna-se hoje imperativa a perspectiva interseccional em torno da classe, do gênero e da raça e/ou etnia (DAVIS, 1983; CRENSHAW, 2000; HOOKS, 2000; STOLKE, 2006; NOGUEIRA, 2013) não numa perspectiva monocausal, mas pluridimensional e interseccional. Neste quadro, a desigualdade étnico-racial, em base (neo)colonial e racista, não pode ser desligada da perspectiva de gênero e de classe, obrigando a uma reconceptualização das teorias de classe (GARNSEY, 1982; BENSCHOP, 1993; BADER, 2008, 1995; WRIGHT, 1997; SILVA, 2009) e à incorporação da perspectiva decolonial emancipatória (QUIJANO, 2000; DUSSEL, 2009; MBEMBE, 2017).

Considerações

As desigualdades de classe, de gênero e étnico-raciais, sendo velhas e novas questões, continuam a ser objeto de polémica, não sendo axiológica e politicamente neutras na medida em que as diversas pertenças de classe, de gênero e étnico-raciais têm repercussões diferenciadas na sociedade e na biografia de cada um/a. Trajetórias, identidades, hábitos e representações sociais enraízam-se, na perspectiva marxista, nas condições objetivas de vida e exprimem velhas e novas estruturas de classe, as quais podem ser articuláveis com outras desigualdades assentes na pertença étnico-racial e de gênero, dimensões estas relevadas, para além da clássica abordagem weberiana, respetivamente pelas teorias decoloniais e pelas teorias feministas.

Pela exposição das principais ideias-chave deste breve ensaio, a análise das desigualdades ora de classe, ora de gênero, ora étnico-raciais, para além duma abordagem pluridimensional (económica, social, cultural e política), exigem uma prévia perspectiva plurinível em base societal ou socio-estrutural, organizacional-política e interativa. Porém, a estruturação das desigualdades nos diversos níveis não ocorre em termos ecléticos e circulares. Embora se sustente a relativa autonomia e interdependência dos três níveis, há alguma



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

hierarquização desde o nível socio-estrutural, passando pelo organizacional, até interativo.

A teoria estrutural-funcionalista da estratificação naturaliza e legitima desigualdades de castas, de classe, de gênero e étnico-raciais. Por sua vez, a corrente tradicional marxista, focalizando-se nas contradições de classe em termos económicos, subestima o lado organizacional e a dimensão interativa dessas desigualdades no quotidiano (associações seletivas, práticas de discriminação sexual e/ou étnico-racial). Porém, as correntes organizacionais e sobretudo interacionistas esquecem amiúde os parâmetros estruturais da exploração/opressão a nível classe, sexual e sobretudo étnico-racial. A posição de síntese sobre estes diversos tipos de desigualdade, articulando os legados marxista e weberiana e incorporando a dimensão interativa-transaccional, tem em conta os diversos fatores: (i) condição objetiva de vida em termos de classe, étnico-raciais e de gênero; (ii) posições hierárquicas (organizacionais e de poder); (iii) hábitos, trajetórias e estilos de vida; (iv) recursos cognitivos e simbólico-culturais (credenciais); (v) consciência e organização na ação coletiva.

No quadro de um fecundo cruzamento entre classe, gênero e raça/etnia, este exige analisar e avaliar as precondições da ação coletiva: (i) a relativa homogeneidade de posições objetivas de vida; (ii) as assimetrias/injustiças no acesso/controlo de recursos; (iii) o surgimento de sujeitos coletivos na base da pertença em termos de classe, do gênero e da raça/etnia; (iii) as identidades e interesses específicos, os hábitos e culturas (costumes, história, símbolos, rituais, valores); (iv) os reais grupos em conflito com determinados objetivos, implicando a libertação de normas e narrativas ideológicas dominantes e a construção de utopias realistas; (v) a organização social/política e liderança; bem como a utilização de (vi) recursos de poder internos e externos (aliados), de modo a mobilizar e eventualmente ora negociar ora polarizar os respetivos conflitos. A ação coletiva tem em vista interligar a análise multidimensional de classe com a dimensão ético-política num horizonte da emancipação social e política.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Referências

- ABBOT, Palmela, & WALLACE, Clara. Gender. (1991). Power and Sexuality, Basingstoke: Macmillan.
- ADORNO, Theodor, FRENKEL-BRUNSWICK, E., LEVINSON, D. J. & SANFORD, R. N. (1950). The Authoritarian Personality. Nova Iorque: Harper and Brothers.
- ALTHUSSER, Louis. [1972 (1965)]. Pour Marx. Paris: Maspéro.
- AMÂNCIO, Lígia. (1994). Masculino e Feminino. A construção social da diferença, Porto: Afrontamento.
- ARISTÓTELES. (1997/sd). Tratado da Política. Mem Martins: Europa-América.
- BADER, Veit. [2008 (1995)]. Racismo, Etnicidade. Cidadania. Reflexões sociológicas e filosóficas, Porto: Edições Afrontamento.
- BALIBAR, Étienne, & WALLERSTEIN, Immanuel. (1988). Race, Nation, Classe: Les identités ambiguës, Paris: La Découverte.
- BARKER, Martin. (1981). The new racism: conservatives and the ideology of the tribe. Frederick: Aletheia.
- BARTH, Frederic. (1969). Ethnic Groups and Boundaries, Londres: Allen & Unwin.
- BENSCHOP, Albert. (1993). Klassen, Ontwerp van een transformationene Klassenanalyse, Amsterdão: Het Spinhuis.
- BOURDIEU, Pierre. (1979). La distinction. Critique sociale du jugement, Paris: Minuit.
- BOURDIEU, Pierre. (1998). La Domination masculine, Paris: Seuil.
- BURAWOY, Michel. (1979). Manufacturing Consent, Chicago: University of Chicago Press
- CABECINHAS, Rosa. (2007). Preto e Branco. A naturalização da discriminação racial, Porto: Campo de Letras.
- CARCHEDI, Guglielmo. (1989). "Classes and Class Analysis". In E. O. Wright et al. (org.). The Debate on Classes. Londres, Nova Iorque: Verso, pp. 105-125.
- COX, Oliver C. [1970 (1948)]. Caste, Class & Race, Nova Iorque: Monthly Review Press, Modern Reader Paperback.
- CRENSHAW, Kimberlé W. (2000). "Race, Reform and Retrenchement. Transformation and Legitimation in antidiscrimination law". In L. Back e J. Solomos (orgs.). Theories of Race and Racism, Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 549-560.
- CROMPTON, Rosemary. (1997). "Diferença sexual e análise das classes" in Revista Crítica de Ciências Sociais, 49: 23-43.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- CUNHA, Manuela. (2000). A natureza da 'raça'. In *Cadernos do Noroeste. Série Sociologia, Sociedade e Cultura*, vol 13, 2: 191-203.
- DAVIS, Angela. (1983). *Women, Race and Class*, Nova Iorque: First Vintage Books.
- DAVIS, Kingley, & MOORE, Wilbert E. [1976 (1945)]. Alguns princípios de estratificação. In O. Velho et al. (orgs.). *Estrutura de Classes e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp.115-132.
- DOLLARD, J. (1937). *Caste and Class in Southern Town*. New Haven: Yale University Press.
- DU BOIS, W.E.B. [1961(1903)]. *The Souls of Black Folk*, Greenwich: Fawcet Publications, CT.
- DURKHEIM, Émile. [1977 (1893)]. *A divisão do trabalho social*, Lisboa: Presença.
- DUSSEL, Enrique. (2009). *Meditações anticartesianas sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade*. In B. S. Santos e M.P. Meneses (orgs.). *Epistemologias do Sul*, Coimbra: Almedina, pp. 283-335.
- ELIAS, Norbert. [1980 (1970)]. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- ENGELS, Friedrich. [1980 (1884)]. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Lisboa: Editorial Presença.
- ESSED, Philomena. (2002). *Everyday Racism: a New Approach to the Study of Racism*. In Ph. Essed e D. T. Goldberg (orgs.). *Race Critical Theories*: 176-194, Malden, Oxford: Blackwell.
- FOUCAULT, Michel. (1992). *Microfísica del poder*. Madrid: Ediciones de la Piqueta.
- GARNSEY, Elizabeth. (1982). *Women's work and theories of class and stratification*. In A. Giddens e D. Held (orgs.). *Classes, Power and Conflict*. Londres: Macmillan Education, pp. 425-445.
- GIDDENS, Anthony. (1984). *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press.
- GILROY, Paul. (1991). *There Ain't No Black in the Union of Jack: The Cultural Politics of Race and Nation*, Chicago: University of Chicago Press.
- GLAZER, Nathan, & MOYNIHAN, Daniel P. (1975), *Ethnicity: Theory and experience*, England: Harvard University Press.
- GOBINEAU, Arthur de. [1940 (1852)]. *Essai sur l'inégalité des races humaines*, Paris: Firmin-Didot



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- GOFFMAN, Erving. [1988 (1963)]. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro: Guanabara.
- HALL, Stuart. [2002 (1980)]. *Race Articulation and Societies Structured in Dominance*. In Ph. Essed e D.T. Goldberg (orgs.). *Race Critical Theories*, Malden, Oxford: Blackwell Publishing, pp. 176-194.
- HARRIS, Olivia, & YOUNG, Kate. (1981). *Engendered structures: some problems in the analysis of reproduction*. In J. S. Khan e J. R. Llobera (orgs.). *The Anthropology of Pre-Capitalist Societies*. Londres: MacMillan, pp 109-147.
- HOOKS, Bell. (2000). *Racism and Feminism*. In L. Back e J. Solomos (orgs.). *Theories of Race and Racism*, Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 373-388.
- KANT, Immanuel. [2003 (1764)]. *Observations on the Feeling of the Beautiful and the Sublime*, Berkeley, University of California Press.
- LORENZ, Konrad. (1987). *De constructie van het verleden*, Amsterd
- LUHMAN, Niklas. [1982 (1970)]. *The Differentiation of Society*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- MARX, Karl. [1974 (1967)]. *O Capital*. Lisboa: Delfos.
- MARX, Karl, & ENGELS, Friedrich. [1976 (1846)]. *A Ideologia Alemã*. Lisboa: Presença.
- MARX, Karl, & ENGELS, Friedrich. (1998). *O Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Hugin.
- MBEMBE, Achille. (2017). *Crítica da razão negra*, Lisboa: Antígona.
- MILES, Robert. (1984). *Marxism versus the 'Sociology of Race Relations*. In *Ethnic and Racial Studies*, 7, 2: 217-237.
- MILLET, Kate. (1974). *Política Sexual*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- MYRDAL, Gunnar. (1944). *An American Dilemma. The Negro Problem and Modern Democracy*, Nova Iorque: Harper and Row.
- NOGUEIRA, Conceição. (2013). *A teoria da interseccionalidade nos estudos de género e sexualidades: condições de produção de 'novas possibilidades' no projeto de uma psicologia feminista crítica*. In A. L. Brizola et al. (orgs.). *Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos*. Florianópolis: AbrapsoNuppe/CFH/USFC.
- OMI, Michael, & WINANT, Howard. (2002). *Racial Formation*. In Ph. Essed e D.T. Goldberg (orgs.). *Race Critical Theories*, Malden e Oxford: Blackwell Publishing, pp. 123-145.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- PARK, Robert. (2000). The nature of race relations. In L. Back e J. Solomos (orgs.). *Theories of Race and Racism*, Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 105-112.
- PARKIN, Frank. (1979). *Marxism and Class Theory. A Bourgeois Critique*, Londres: Tavistock Publications.
- PARSONS, Talcon. (1956). Family structure and the socialization of the child. In T. Parsons e R. Bales (orgs.), *Family, Socialization and Interaction Process*. Londres: Routledge & Kegan Paul, pp. 35-131.
- PARSONS, Talcott. [1988 (1951)]. *El sistema social*, Madrid: Alianza Editorial.
- PETTIGREW, Thomas F., & MEERTENS, R. W. (1995). O racismo velado: dimensões e medidas. In M. WIEVIORKA (org.). *Racismo e modernidade: actas do Colóquio "Três Dias sobre o Racismo"*, Venda Nova, Bertrand: 111-128.
- POULANTZAS, Nicos. (1975). *Classes in Contemporary Capitalism*. Londres: NLB.
- QUIJANO, Aníbal. (2000). Colonialidad del poder: eurocentrismo y América Latina. In L. Lander (org.). *La colonialidad del saber, eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latino-Americanas*, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), pp. 246-276.
- REICH, William. [1972 (1942)]. *La Psychologie de masses du fascisme*. Paris: Payot.
- REITER, Rayna. (1975). Men and women in the South France: public and private domains. In R. Reiter (org.). *Toward an Anthropology of Women*. Nova Iorque: Monthly Review Press, pp.252-282.
- REX, John. (1988). *Raça e Etnia*. Lisboa: Editorial Estampa
- SAFFIOTI, Heleieth. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Edição Expressão Popular.
- SCOTT, James. (1990). *Domination and de Arts of Resistance: hidden transcripts*. New Haven e Londres: Yale University Press.
- SEGALEN, Martine. (1980). *Mari et femme dans la société paysanne*. Paris: Flammarion.
- SHILS, Edward. (1957). Primordial, Personal, Sacred and Civil Ties. In *British Journal of Sociology*, 8 (2): 130-145.
- SILVA, Manuel Carlos. (2009). *Classes Sociais: Condição objectiva, identidade e acção colectiva*, Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- SILVA, Manuel Carlos. (2014). *Etnicidade e Racismo: uma reflexão pró-teórica*. In M.C. Silva e J. M. Sobral (orgs.). *Etnicidade,*



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- Nacionalismo e Racismo. Migrações, minorias étnicas e contextos escolares, Porto: Afrontamento, pp. 21-75.
- SILVA, Manuel Carlos. (2016). Desigualdades de Género. Família, Educação e Trabalho. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- SIMMEL, Georg. (1987). A metrópole e a vida mental. In O. G. Velho (org.). O fenómeno urbano, Rio de Janeiro: Guanabara.
- STOLKE, Verena. (2006). O enigma das intersecções: classe, raça, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. In Estudos Feministas, vol. 14,1:15-42.
- THOMPSON, E. [1982 (1963)]. The Making of the English Working Class. Harmonds- worth, Middlesex: Penguin.
- VALA, Jorge, LOPES, Diniz, & BRITO, Rodrigo. (1999). Novos racismos: Perspectivas Comparativas. Oeiras: Celta.
- WALBY, Sylvia. (1990). Theorizing Patriarchy. Londres: Routledge.
- WEBER, Max. [1978(1920)]. Economy and Society. Editado por G.Roth e C. Wittich, Berkeley e Londres: University of California Press.
- WRIGHT, Eric Olin. (1997). Um menu conceptual para o estudo das conexões entre a classe e a diferença sexual. In Revista Crítica de Ciências Sociais, 49: 5-21.
- ZARETSKY, Eli. (1973). Capitalism, the Family and Personal Life. Nova Iorque: Harpe.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

EMANCIPAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

*Fernando Bomfim Mariana*³⁹

Refletir acerca do tema do trabalho docente numa perspectiva emancipatória é algo absolutamente harmonioso com o Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: “A práxis da Interseccionalidade na contemporaneidade”. Isso porque este Seminário possibilitou ao longo de cinco dias de debates um conjunto infindo de olhares emancipatórios sobre diversas matérias direta ou indiretamente ligadas ao seu tema central. Dessa maneira, esta mesa de encerramento intitulada “Emancipação e Trabalho Docente”, ocorrida no dia 02 de outubro de 2020, referenda uma ótica epistemológica libertária, transformadora e sensível aos tempos vindouros.

As reflexões aqui apresentadas advêm de projetos acadêmicos e pesquisas científicas alavancadas nos últimos anos através do Laboratório Internacional de Movimentos Sociais e Educação Popular – LAMPEAR/CERES/UFRN (2011-2018) e dos Grupos de Pesquisa “Poder Político, Educação e Lutas Sociais” (GPEL-USP) e “Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Trabalho” (NEPET-UnB).

O sentido emancipatório que verso nesta apresentação está, essencialmente, circunscrito a uma concepção de emancipação em relação ao sistema capitalista – um sistema que apresenta diversas características relacionadas a violência, opressão, letalidade e destruição planetária, mas que ostenta três elementos instauradores e fundamentais para sua dinâmica: a hierarquia na sociedade; a divisão social do trabalho e o trabalho alienado; o antropocentrismo. Acredito que destacar tais

³⁹ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, atualmente é Professor Associado no Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: fbmariana@hotmail.com Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3281084849271795> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0003-2909-5149>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

elementos seja de crucial importância porque, ao retratar o trabalho docente emancipatório, precisamos clarificar os predicados aos quais desejamos nos libertar.

Para que possamos complexificar o raciocínio, esta comunicação está desenvolvida a partir de dimensões conjunturais, estruturais e ontológicas de suas temáticas, e tem o objetivo de oferecer uma fotografia das pesquisas em curso – dadas as intencionalidades deste seminário, seja uma apresentação resumida de tais eixos de pesquisas e estimulando a dialogicidade, a socialização e intercâmbio de produções acadêmicas. Poderíamos nos unir e romper com epistemologias seculares através das práxis de interseccionalidades contemporâneas? E antes de iniciar a exposição gostaria de sublinhar a incompletude e contradição gramatical deste texto, que ainda grafará o sujeito em gênero adverso aos prenúncios gramaticais de um futuro liberto do machismo.

A partir de uma dimensão de análise conjuntural gostaria de assinalar o caráter exploratório do trabalho docente no contexto da pandemia de COVID-19, tendo no “ensino remoto emergencial” três características indissociáveis entre si: sobretrabalho e exaustão física e mental, adoecimento e aumento da desigualdade social. A desregulamentação da carga horária do trabalho docente e sua substituição pela exigência permanente de trabalho conectado em plataformas digitais, o cansaço do trabalho ininterrupto no computador e a segregação de trabalhadores da educação que nunca foram qualificados para a utilização contínua das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), ou que nem sequer possuem equipamentos ou conexões de redes virtuais adequadas, são realidades tácitas do ensino remoto emergencial.

A luz das análises advindas da interseccionalidade elucidam ainda mais essas particularidades da exploração. No caso das mulheres docentes, que representam no Brasil mais de



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

80% das trabalhadoras da educação⁴⁰, existe a consolidação de uma quádrupla jornada de trabalho em curso, uma vez que além de arcarem com três turnos diários de trabalho, e o sobretrabalho inerente aos finais de semana, acabam se responsabilizando pelas atividades do trabalho domiciliar (que o patriarcado milenar lhes atribui exclusiva responsabilidade). A exclusão de segmentos da sociedade menos incluídos digitalmente também proporciona o aumento da desigualdade social no contexto do ensino remoto emergencial: negros e pobres no alvo da exclusão, além de uma porcentagem significativa de população idosa sem qualificação para o uso das TIC's.

Importante ressaltar, nesse contexto, que Instituições de Ensino e Secretarias de Educação utilizam suas políticas de inclusão social e seus programas de saúde do trabalhador enquanto expiação às dinâmicas de adoecimento causadas pelo sobretrabalho da cultura digital (em especial na exposição descontrolada e vertiginosa às telas e outras TIC's) e ao processo de marginalização de indivíduos menos aptos ao ensino remoto emergencial. Ao mesmo tempo em que nos adoecem e nos discriminam hoje, procurarão nos curar e nos incluir amanhã. A absurda lógica é de matar, para logo em breve ressuscitar.

Paralelamente a isso, ainda numa observação conjuntural, me pergunto quais seriam os conhecimentos emergenciais a serem construídos e sistematizados na área da educação para a superação da pandemia em curso. Quais saberes necessários para atravessarmos a emergência sanitária e ressignificarmos nosso cotidiano? Como transpassar a pandemia de COVID-19 com mais tranquilidade e maior salubridade? Abaixo relaciono alguns exemplos de saberes que, a meu ver, deveriam protagonizar os conteúdos das instituições de ensino nesta atual conjuntura:

⁴⁰ Em acordo com os dados mais recentes das estatísticas do Ensino Básico, apresentado no Censo do Professor, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor> (acesso em 24/11/2020).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

1. Saberes que possam aumentar nosso sistema imunológico – alimentação saudável, exercícios físicos em locais seguros (ao ar livre e sem aglomeração), e outros;
2. Saberes essenciais para a autogestão do próprio lar, obstruídos pela divisão sexual do trabalho (cozinhar, lavar, organizar e embelezar a casa, cuidados gerais, etc.);
3. Saberes para além da cultura digital, e construídos sem a mediação tecnológica, evitando a superexposição à tela e demais equipamentos de TIC's (jogos, brincadeiras, atividades artísticas em geral);
4. Saberes interdisciplinares que fortaleçam o pensamento crítico-reflexivo para tentarmos compreender as raízes e gêneses possíveis da pandemia de COVID-19, bem como suas formas de transmissão viral – isso para socializarmos com rigorosidade os conhecimentos científicos e evitarmos disseminação de informações falsas, além de não estagnarmos apenas nas ações de impedimento da propagação do contágio, e também combater a proliferação de outras pandemias (ou, até mesmo, possíveis mutações da COVID-19).

Ressignificar o currículo é uma postura política do trabalhador docente perante a conjuntura de seu labor na pandemia. Por outro lado, normatizar as categorias fundantes da escola e normalizá-las virtualmente no ensino remoto emergencial – e negligenciando, portanto, um olhar crítico sobre a realidade – também é uma postura política. Entre a emancipação societária e o conservadorismo das estruturas sociais nos posicionamos enquanto trabalhadores docentes hoje, desvelando quem somos perante o enfrentamento de agudas crises inerentes à vida humana. E é exatamente nas próximas



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

dimensões de análise – estrutural e ontológica – que prosseguimos este ensaio.

Numa síntese da crítica das estruturas societárias que a ótica da interseccionalidade pode oferecer na reflexão acerca de um trabalho docente emancipatório assinalo, primeiramente, um comentário sobre os dogmatismos e fundamentalismos – políticos, econômicos, raciais, religiosos, sexuais, patriarcais, militaristas, educacionais, antropocêntricos, dentre outros. Se uma sociedade civil organizada não consegue aflorar o livre pensamento de seus indivíduos, para que se questionem os dogmatismos e se libertem processos dialógicos e coletivos, todos os pressupostos da interseccionalidade estarão colocados em xeque. Como debater questões de gênero numa sociedade ancorada no patriarcalismo e nas heteronormatividades binárias da civilização judaico-cristã? Como pensar a raça humana nas infinitas diversidades étnicas se a desigualdade social é pressuposto do capitalismo? Como romper as visões antropocêntricas e especistas que condenam a humanidade às desventuras de destruição planetária? E é nisso que reside a base do trabalho docente emancipado, seja o questionamento desses dogmas através de exercícios pedagógicos de autoconhecimento e de investigações científicas que desvendem as estruturas que nos determinam – evidenciando epistemologias próprias aos olhares da interseccionalidade.

Paralelamente ao trabalho educativo voltado ao livre pensamento e de combate ao epistemicídio em curso, acredito que cada conjuntura societária específica carrega intrinsecamente suas bases estruturantes. E compreendê-las também reflete importante vertente do trabalho docente emancipatório. O trabalho escravo realizado pela população negra e outras minorias étnicas ainda ecoa no cotidiano das relações sociais de produção na atualidade. O extermínio de povos ancestrais ainda perdura nos casos de invasão dos territórios ancestrais – ora por grandes obras de infraestrutura, por mineradoras, por milícias paramilitares, e outras centenas de situações. O feminicídio é o legado milenar do patriarcado.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Ademais, retomando os elementos instauradores do capitalismo, o trabalhador docente deverá enfrentar o desafio da hierarquia social, da divisão social do trabalho e do antropocentrismo.

Na perspectiva da crítica à hierarquia, o trabalhador docente se envolve na neblina de um cotidiano escolar de relações de poder desreguladas. Entre oprimidos e opressores nos identificamos enquanto sujeitos pedagógicos em contradição, e a autorreflexão sobre conexões horizontalizadas de relações de poder reverberam harmoniosamente com práxis libertadoras na educação. Os exercícios de democracia direta nas escolas e universidades (através de assembleias, conselhos, associações, e outras formas organizativas criativas), as práticas de respeito aos saberes do corpo discente, as infinitas possibilidades de criação coletiva e autônomas de metodologias e processos avaliativos podem indicar os primeiros passos da longa caminhada pela igualdade. Além disso, o trabalho docente voltado para o princípio da igualdade social também incorpora o princípio da igualdade entre comunidades, populações e povos de todo o planeta. Estimular a cooperação em detrimento dos valores da competição e da meritocracia (abolindo prêmios e castigos no âmbito pedagógico) indica clarividência nas concepções de evolução humana, contrariando o darwinismo social e encorajando o apoio mútuo.

Ao se deparar com relações de trabalho heterônomas, e todas as materializações da divisão social do trabalho e alienação dos processos de produção nas escolas e universidades, o trabalhador docente enfrenta a lógica da produtividade nas suas funções. As lógicas da mercadoria e do capital imperam em todas as etapas e níveis da educação, nas redes de ensino públicas e privadas, e o trabalhador docente improdutivo é repreendido, punido e descartado. A exploração se dá em maior ou menor grau em acordo com as dinâmicas e especificidades de cada local de trabalho – em especial a partir das concepções de gestão. A martirização do trabalhador docente ainda está demasiadamente difundida, mas o alcance



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

do reino dos céus é tão insustentável como a conquista dos direitos mais elementares de dignidade do trabalho: tempo para estudar, salas de aula e arquiteturas escolares saudáveis, espaços de descanso, apoio pedagógico, qualificação profissional (notadamente para as TIC's), compartilhamento coletivo das atividades de gestão, e diversas outras circunstâncias que definem um cotidiano respeitável e justo. Os processos de intensificação, precarização, burocratização e complexificação do trabalho docente culminam na proletarianização dos sujeitos pedagógicos – cada vez mais desprovidos do controle integral dos processos educativos e alienados dos próprios propósitos, objetivos e finalidades da educação. Contraditoriamente, no plano das lutas sociais, não é inusitada a ausência consciência de classe do trabalhador docente. A reconfiguração de um trabalho docente autônomo é o maior desafio na contemporaneidade.

Recuperar o território educativo enquanto visão ampliada da educação, revitalizando a escola como base comunitária de respeito e cooperação, também pode colaborar para a desconstrução do antropocentrismo. A redescoberta da natureza envolta ao bairro e a visibilidade de outros espaços educativos certamente sensibilizam os sujeitos pedagógicos, e o reencontro com temáticas ambientais na *práxis* pedagógica se torna mais real e evidente. A observação, o aprendizado e a reverência em relação a outras formas de vida são caminhadas longínquas, porém que atinam sentido à própria travessia e desenlaçam sentidos biocêntricos para a educação. Tais saberes poderão derivar conhecimentos fundamentais para o autogoverno social, e entusiasmar novos projetos de sociedade que eliminem o especismo e valorizem todas as demais formas de vida, além do ser humano.

E é nisso que reside a base do trabalho docente emancipado, seja o questionamento de fundamentalismos e dogmas através de exercícios pedagógicos de autoconhecimento e de investigações científicas que desvendem as estruturas que nos determinam.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Finalmente, prosseguimos para a terceira dimensão de nossa análise, a dimensão ontológica. Esta perspectiva não pretende, obviamente, examinar questões complexas, tais como as dimensões ontológicas do trabalho ou os mergulhos profundos nas epistemologias que nutrem as temáticas da interseccionalidade. No contexto deste Seminário, e nas limitações intrínsecas a esta mesa de encerramento, me proponho a intentar uma fotografia poética para um ser humano do devir, ou ainda, para uma humanidade emancipada. E para isso evoco a centralidade da utopia como contribuição imprescindível a todas categorias teóricas pretendem destruir as opressões e desigualdades sistêmicas em nossa sociedade.

A utopia, além de toda evidente importância para a estrutura da psique humana, é uma janela para chegarmos aonde quisermos. É um encantamento do pensamento que, na sua rota de fuga, nos proporciona a imaginação de uma nova civilização. Utopia: não é proibido sonhar.

Esse não-lugar pode, todavia, indicar outras realidades imponderáveis até então. Diversas utopias se transmutam em realidades heterotópicas, sejam as heterotopias compreendidas enquanto brechas nas normatividades e regramentos dominantes. As heterotopias são experiências reais que contrapõem e contradizem os corpos sociais dominantes. Não são utopias porque pertencem ao mundo real, e são testemunhos vivos de que o ser humano pode se auto-organizar em ilimitadas maneiras: zapatistas, mulheres em Rojava, comunidades quilombolas, comunas e zonas autônomas, e diversas experimentações civilizatórias que, advindas de utopias, encontraram nas rachaduras do sistema capitalista a vitalidade substancial para alavancar algo novo – sementeiras da liberdade humana.

Desde um trabalho docente emancipatório recuperamos a transcendência propiciada pelas utopias e visibilizamos as heterotopias como referências de realidades possíveis, reduzindo visões etnocêntricas e valorizando os aportes antropológicos que maximizam a diversidade humana. Ao



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades **A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE**

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

mesmo tempo, minimizamos as concepções antropocêntricas, adultocêntricas e especistas que colocam o ser humano adulto enquanto a espécie exclusivamente detentora de todas as riquezas do planeta, nem que isso aponte para o completo desequilíbrio das outras infinitas formas de vida, extinção em massa de espécies animais e vegetais, e proliferação de pandemias. Para isso, recuperamos os segredos ancestrais que valorizam a indissociabilidade entre ser humano e natureza, as cosmogonias e a esperança na arte de viver. O trabalho docente nos possibilita fazer de nossas vidas uma esplêndida e sublime obra de arte.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

DIVERSIDADE SEXUAL, DE GÊNERO E A LUTA PELA TERRA: EXPERIÊNCIA DO COLETIVO LGBT DO MST

*Vinicius da Silva Oliveira*⁴¹
*Alessandro dos Santos Mariano*⁴²

O patriarcado destrói, o capitalismo faz a guerra
o sangue LGBT também é sangue Sem Terra!

Este artigo reflete sobre o processo de construção do Coletivo das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, sua elaboração tomou como referência o percurso histórico da construção do coletivo com a realização de seminários, cursos de formação e reuniões organizativas do grupo de estudos LGBT Sem Terra⁴³, através das sínteses e relatórios destes espaços. Recorremos também aos principais textos que vêm sendo utilizados como fundamentação teórica e política das categorias essenciais para o estudo e debate da diversidade sexual e de gênero no Movimento.

Desde sua constituição em 1984, o MST definiu como central em sua luta três objetivos: a luta pela terra, pela Reforma Agrária e por transformações sociais mais amplas, simbolizadas na construção do socialismo. As ocupações de latifúndios, possibilitadas pela capacidade de organização de uma

⁴¹ Do Coletivo LGBT do MST, Licenciado em Educação do Campo - Ciências da Natureza. UFPR-Litoral. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9346719768847841>. E-mail: viniciuspoliveira@gmail.com.

⁴² Do Coletivo LGBT do MST. Doutorando em Educação na Faculdade e Educação - Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0003-3779-1056>. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2795756243675011>. E-mail: alessandromstpr@gmail.com.

⁴³ O Grupo de Estudos LGBT Sem Terra foi criado ao final do primeiro seminário “O MST e a Diversidade Sexual”. É composto por militantes LGBT do MST que atuam em diversos setores da organização e objetiva o aprofundamento dos temas relacionados ao debate sobre diversidade sexual, bem como pensar nos processos de formação e auto-organização de LGBT Sem Terra.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

multiplicidade de sujeitos Sem Terra, são marca fundamental da sua forma de luta. Organizadas/os as/os Sem Terra constroem processos de formação política, uma organicidade que dê conta de fazer fluir os desafios que vão encontrando e lutas de enfrentamento ao agronegócio e ao Estado, exigindo seus direitos.

Já no seu início, o MST buscou a integração da família⁴⁴. Esse processo foi se dando ao longo de sua história em meio a avanços e contradições. As mulheres foram as primeiras a questionar a organização quanto aos mecanismos para realmente assegurar a participação de todos os integrantes da família. A juventude seguiu o mesmo caminho. Pensando o lugar das crianças, se constituiu um importante debate sobre a infância. Recentemente, também as LGBT⁴⁵ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis) passaram a se organizar no interior do Movimento apresentando questões sobre o seu protagonismo político e o enfrentamento de preconceitos e discriminações.

Na busca por organizar os sujeitos, o MST foi aprendendo que a luta pela terra é muito mais que sua expressão literal. Nela está contida a organização da vida em suas diversas dimensões. É a partir dessa compreensão que se estruturam os setores e coletivos dentro do Movimento: educação, formação, saúde, produção, frente de massas, gênero, cultura, comunicação, relações internacionais e juventude. Podemos dizer que a vitalidade do MST vem, fundamentalmente, da sua capacidade de se reinventar, de buscar formas para dar respostas organizativas às múltiplas necessidades que envolvem a vida das/os Sem Terra.

⁴⁴ Tendo em vista as diversas posições em torno do conceito de família, este é um processo permeado por contradições. Entendemos que a organização LGBT no interior do MST contribui para a ampliação do conceito de família construído pelo movimento.

⁴⁵ A partir deste momento utilizaremos sempre o artigo feminino para nos referir às pessoas LGBT, entendemos que este é um exercício pedagógico interessante para chamar atenção para as mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais que, por diversas questões, foram sendo invisibilizadas no próprio movimento LGBT.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Processo de Construção do Coletivo LGBT no MST

Primeiramente é fundamental ao se pensar em diversidade sexual e de gênero no MST é necessário retornar na gênese da constituição do MST em 1984, ano em que se realiza o I Encontro Nacional do MST no município de Cascavel no Paraná, que foi uma reunião de muitas lideranças de organizações de Sem Terra que faziam lutas isoladas por todo o território nacional. Ele emerge herdeiro das lutas pela terra que o antecederam, porém, trazendo como marca a participação masculina. Outro destaque é a criação do Setor de Gênero, somente nos anos 2000, que trouxe - dentre outras coisas - a pauta da participação da mulher na organização de forma igualitária, esse fato explica as dificuldades em avançar no protagonismo das mulheres.

Desde o ano 2000, para cá o Movimento amplia sua consciência, questionando o machismo naturalizado no campo e busca elaborar medidas concretas, como: o direito da mulher em ser titular nos lotes da Reforma Agrária, implementa a participação paritária nas instâncias do Movimento entre outros. No ano de 2014 em meio a uma conjuntura adversa contrária a política de assentamentos da Reforma Agrária, acontece o 6º Congresso Nacional que traz um novo lema: “Lutar Construir Reforma Agrária Popular!”; este busca demarcar outra estratégia de luta, declarando a luta por uma Reforma Agrária de cunho Popular, pois a do tipo clássica só de distribuição de terra, não dá conta dos objetivos da luta do MST, passando a pensar a organização de assentamentos com novas formas de produzir a terra, com agroecologia, sem uso de agrotóxico, ou seja, a produção de alimentos saudáveis, mas também relações humanas saudáveis, sem machismo, racismo, sem discriminação.

Neste bojo, inicia a auto organização das LGBT no MST, no qual apontamos dois elementos que contribuíram neste processo: No âmbito externo - a projeção da pauta LGBT na sociedade com a realização das paradas do orgulho LGBT, os



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

debates acadêmicos, a constituições de setoriais LGBT nos partidos de esquerdas, a constituição de políticas públicas específicas no governo federal; e por outro lado, uma ofensiva dos setores conservadores, buscando influenciar na construção da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), o projeto escola sem partido e falácias como a cura gay e ideologia de gênero. Outro elemento é no âmbito interno (dentro do MST) – a existência de diversos LGBT assumidos nos acampamentos e assentamentos, construindo as diferentes lutas e desempenhando tarefas organizativas diversas.

Nesta conjuntura, as LGBT se colocam como sujeito político, tencionando a estratégia política contida na nova concepção de Reforma Agrária (Popular) que, por exemplo, propõe a constituição de novas relações entre os seres humanos e a natureza. Neste sentido, o caminho desenvolvido pelas mulheres em pautar o feminismo e a constituição do Setor de Gênero, serviram de referência e inspirações para pautar o respeito à diversidade sexual e de gênero e a constituição do Coletivo LGBT dentro do MST.

O marco fundacional do Coletivo LGBT foi a realização do I Seminário “O MST e a Diversidade Sexual” em 2015, neste momento o debate toma uma dimensão nacionalmente organizado, fazendo importantes afirmações para todo o conjunto do MST.

- 1) A questão da diversidade sexual e a auto-organização dos sujeitos LGBT's Sem Terra só tem sentido se estiver vinculada ao projeto de Reforma Agrária Popular e às lutas mais gerais por transformações sociais e pelo socialismo.
- 2) Apesar desta luta ter sido forjada no bojo das lutas da esquerda, historicamente ocorreu por parte desta a negação e desqualificação das suas lutas, por muitas vezes, perseguindo os sujeitos LGBT's e ignorando as violências por eles vividas, na sociedade e nos próprios espaços de militância. O



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

momento atual indica cada vez mais a necessidade de debate e unidade da esquerda também nessa temática.

3) A luta pela liberdade sexual revolucionária é coletiva e esta construção deve ser feita, desde já, pelo conjunto de nossa organização, se contrapondo à perspectiva liberal burguesa.

4) [Afirmamos] A luta contra o patriarcado, como estratégica para a superação da sociedade de classes, entendendo que a igualdade substantiva dos sujeitos jamais será possível nos marcos do capital.

5) A formação do ser humano numa perspectiva omnilateral, que prioriza suas várias dimensões como: o trabalho, a político-ideológica, cultural, estética e afetiva é fundante do nosso projeto de Reforma Agrária Popular, que implica na construção de novas relações humanas e sociais (MST, 2017, p. 30).

Estes apontamentos revelam o conteúdo e os rumos da auto-organização LGBT Sem Terra. Já no primeiro ponto se explicita o caráter articulado da luta pela liberdade sexual com o projeto político do MST e a luta socialista. A partir daí se firma a LGBT Sem Terra como integrante da base social do Movimento que, assim como as mulheres, a juventude e as crianças Sem Terrinha, demandam reconhecimento e agrega uma diversidade ainda maior ao povo organizado sob sua bandeira.

Outro elemento que se traduz nas afirmações é o caráter da auto-organização que se inicia a construir. No terceiro ponto se evidencia que a luta pela liberdade sexual não deve ser construída apenas pelos sujeitos LGBT, mas pelo conjunto da organização, tendo em vista a sua dimensão coletiva. Assim, entendemos que a auto-organização se refere ao método de construção do debate que é impulsionado, planejado e protagonizado pelas LGBT, mas, que não deve se restringir a



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

elas. Da mesma maneira, deve ser construído de forma articulada com as instâncias e organicidade do MST.

Como encaminhamento deste primeiro seminário, foi criado o Grupo de Estudos LGBT Sem Terra, espaço responsável por acumular nos debates e coordenar com os setores e instâncias do MST: o acompanhamento das ações planejadas, bem como propor novas atividades. Não foi apresentada a demanda imediata de criar um coletivo LGBT no Movimento, mas sim, a constituição do grupo de estudos, que depois desse primeiro espaço nacional, muitas ações foram construídas nos estados e em atividades nacionais.

A partir de espaços dos setores, especialmente os de juventude, gênero, educação, cultura e comunicação, além das instâncias de coordenação do Movimento, as LGBT construíram uma série de ações que passou por rodas de conversas, intervenções nos encontros estaduais, temas de formação, indicação de LGBT para fazer cursos como o “Marxismo e Feminismo”, participação em lutas do movimento LGBT, entre outras iniciativas. Passando as LGBT a utilizar a identidade LGBT Sem Terra, identidade esta que está em construção permanente, mas que demarca um pertencimento a um movimento social camponês, e o caráter de classe trabalhadora. Portanto LGBT Sem Terra é uma identidade interseccional camponesa e de classe que expressa o acúmulo político e organizativo do MST.

De 2016 em diante, passaram a ser realizadas reuniões nacionais de formação e do processo de aproximação com o movimento LGBT, o Grupo de Estudos sistematizou o caderno de formação nº 5 do setor de gênero, chamado “Diversidade Sexual no MST – Elementos para o debate”. Cabe chamar atenção para a importância dessa publicação que documenta um debate coletivo, socializa uma formulação própria e coerente com a orientação política do Movimento, além de ser um instrumento de trabalho de base.

Esta cartilha contribuiu no processo de conscientização das lideranças do movimento, mas essencialmente na auto-



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

organização nos espaços de luta do MST, ocupações, marchas, cursos, encontros, multiplicaram ações, tanto em espaços nacionais como em espaços estaduais, que pautam a visibilidade, a formação sobre diversidade sexual e de gênero, bem como na articulação com o Movimento LGBT. Nos anos subsequentes de 2017 e 2018 intensifica a realização de cursos de formação de LGBT nas regiões por todo o Brasil, este processo corroborou com a formalização do Coletivo LGBT Sem Terra na organicidade do MST em 2018.

Coletivo LGBT do MST e intersecção com a luta pela terra

O Coletivo LGBT, a partir 2018, passou a integrar a estrutura organizativa do MST, com o objetivo de: “ser espaço de auto-organização das LGBT que integram a luta do MST, desenvolver a formação política e ideológica das LGBT, e a elaboração teórica sobre a diversidade sexual e de gênero” (MST, 2019, p.5). Sendo composto por militantes LGBT que participam da vida orgânica do MST, nas diversas frentes de atuação, desde os assentamentos e acampamentos, setores e instâncias.

Em sua composição, o coletivo é formado por 1 ou 2 militantes LGBT por estado, que são indicados pela Direção Estadual para compor o coletivo nacional e coordenar o coletivo LGBT no estado. O coletivo nacional tem um/a dirigente que integra a Direção Nacional do MST e uma coordenação política do coletivo: formada por quatro LGBT, uma lésbica, um gay, um/a bissexual, uma travesti, no sentido de fortalecer a representatividade, mas também, combater o machismo, a misoginia e a transfobia. A nível nacional as tarefas serão distribuídas por frentes: a) Formação política; b) Articulação da pauta LGBT na Via Campesina; c) Articulação com o movimento LGBT nacional; d) Setor de gênero; f) Interface com setores: FM, produção, educação, juventude, formação, saúde. Como linhas políticas o coletivo tem as seguintes:



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

1. Fortalecer a luta contra o capitalismo, o racismo e o patriarcado, que são base estruturante da exploração e dominação; 2. Construir territórios livres de preconceitos e discriminação por raça, etnia, diversidade sexual e/ou identidade gênero; 3. Respeitar e valorizar todas as formas de ser e amar do ser humano, criando ações de enfrentamento à homofobia e à transfobia; 4. Massificar a formação sobre a temática da diversidade sexual e identidade de gênero nos diversos espaços organizativos do MST; 5. Tornar o MST um espaço seguro para a existência das LGBTs com a inserção em diversas tarefas e instâncias do Movimento; 6. Promover ações e lutas em conjunto com o Movimento LGBT (MST, 2019, p.2).

Nesse ano de 2020, completa 5 anos de um processo intenso de estudo, organização e luta das LGBT no MST, um aprendizado tem sido que a existência LGBT enfrenta e confronta mecanismos de espoliação e violência que também estão a serviço da acumulação do capital: ser LGBT e lutar pela terra é desafiar subordinações históricas que foram construídas para nos dividir e nos explorar ainda mais como trabalhadores/as. Sabemos que gênero e raça/etnia são determinantes nos postos de trabalho a serem ocupados na cadeia produtiva, quais atividades serão melhores pagas e a quem, e nas micro-relações sociais (família, comunidade, sindicato) determinam qual o papel de dominação ou submissão por outro ser humano (SAFFIOTI, 2004).

Agregar, aproximar o debate da diversidade sexual e de gênero na luta pela terra, é possibilitar que contestamos a fundo os mecanismos que foram criados para nos sujeitar, mas também agregamos junto a luta pelo acesso aos bens materiais (terra, casa, alimentação, saúde...) a dimensão do respeito às diversas existências humanas, mas também a dimensão da liberdade sexual, desfazendo as correntes que nos privam de ser



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

humano diverso, viver e amar livremente, desta forma, produzimos lutas e antagonismos que questionam este sistema de dominação que é capitalista, mais é racista e patriarcal, que mobiliza e articula estas diversas elementos para explorar, subjugar a diversidade humana (ALVES, 2017).

As reivindicações das LGBT não são externas, nem secundárias na luta de classes, antes disso, expressam momentos importantes do antagonismo de classes que vem sendo alçadas na luta pelo MST. São lutas que se fundem, com um único propósito: a luta pela soberania do território, dos corpos, da vivência da sexualidade. Desta forma a luta pela terra é a luta LGBT, assim como a luta LGBT é a luta pela Reforma Agrária.

Considerações

O processo de organização das LGBT no MST é recente, tem apenas 5 anos, registramos aqui os primeiros passos, o caminho a percorrer é longo, atribulado, novas contradições serão evidenciadas e exigirão criatividade suficiente para encontrar novas respostas, elaborar novos conteúdos. No entanto, nesse pequeno período, já podemos apontar alguns aprendizados, um deles é da potencialidade da luta LGBT aliada a luta pela terra, que traz como conteúdo necessário a libertação dos trabalhadores/as a dimensão da liberdade sexual de forma articulada pela emancipação humana.

Outra dimensão é do direito das LGBT existirem, viver no campo, tendo direito de amar, direto ao gozo, ao prazer que é negado pela heterocisnormatividade, pois não deve haver contradição entre lutar, o direito de amar e de ser quem se é. Não é admissível que as pessoas precisem optar por uma delas. Os sujeitos em sua diversidade precisam estar mobilizados no esforço de superar as profundas desigualdades que caracterizam a atual organização social.

Um destaque deste processo é a potencialidade da identidade coletiva LGBT Sem Terra que se forja no calor das



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

lutas populares, que remetem ao acúmulo ao longo da história das lutas contra a escravização, pela democracia entre outras, que se faz necessária a luta pela diversidade sexual e de gênero também ser popular do conjunto da dos trabalhadores/as.

Por fim, no MST há um processo em curso, da compreensão de que o combate ao conjunto de discriminações contra as LGBT está articulado à superação do atual sistema econômico, político e cultural. Nesse sentido, envolve necessariamente esforços coletivos, que devem estar articulados em um projeto político amplo, um novo projeto de sociedade.

Referências

- ALVES, Leonardo Nogueira. Relações patriarcais de gênero e Serviço Social no Brasil. Dissertação Mestrado Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MST. Diversidade Sexual no MST: Elementos para o debate. Caderno de Formação nº 5. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, janeiro de 2017.
- MST. Coletivo LGBT Sem Terra: Linhas Políticas e Organicidade. São Paulo, 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O MST E A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE

*Caroline Bahniuk*⁴⁶

O texto se propõe a refletir sobre a juventude Sem Terra, colocando em destaque a sua relação com o Ensino Médio, a partir de experiências realizadas nas áreas de Reforma Agrária, tendo como referência a proposta de educação do MST. Porém, esse processo educativo ocorre no tensionamento com a formação hegemônica da juventude orientada à formação da força de trabalho e do consenso social.

O capital, em crise, e suas reconfigurações mais recentes, caracterizam o que tem sido chamado de capitalismo contemporâneo, articulado “sobre um tripé: a reestruturação produtiva, a financeirização e a ideologia neoliberal” (NETTO & BRAZ, 2008, p. 214). Esse contexto provoca inúmeras transformações e impactos na configuração e no modo de ser da classe trabalhadora, originários das determinações sociais de exploração, no entanto, elas não atingem os trabalhadores da mesma forma. Uma vez que a referida classe possui um caráter heterogêneo, é composta por sujeitos concretos, imbricado em outras determinações sociais de exploração e dominação: gênero, raça, diversidade sexual e posição geracional.

No tempo presente, observamos a expansão numérica da classe trabalhadora em nível mundial, porém de forma heterogênea e fragmentada, submetida a relações informais de trabalho, ao trabalho temporário, à intensificação da exploração, ao desemprego (ANTUNES, 2018; BADARÓ, 2019).

No que diz respeito à questão da posição geracional no interior da classe trabalhadora, evidenciamos que o desemprego e a precarização do trabalho atingem mais fortemente os jovens,

⁴⁶ Doutora em Educação e Pós Doutora em Serviço Social. Professora da Faculdade de Educação da UNB. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1261539000222236>. E-mail: carolbani@gmail.com



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

os quais encontram-se num processo de inserção no mundo do trabalho cada vez mais volátil, desregulamentado e flexível. Para os representantes da Pedagogia do capital a formação dos jovens encontra-se direcionada a adequação a essa nova configuração do trabalho.

A referida formação volta-se aos jovens da classe trabalhadora, e tem sua expressão no Ensino Médio e sua significativa ampliação nas últimas décadas, no Brasil. Para Kuenzer (2017) as reformas propostas a esse nível de ensino, tem fragilizado uma formação básica de caráter amplo, ao negligenciar o acesso ao conhecimento necessário para compreensão da realidade e suas contradições. Fato esse, que dificulta o prosseguimento dos estudos, em nível superior de qualidade, para a maioria dos jovens brasileiros. Para a autora, essa concepção educacional encontra-se em sintonia com o padrão da acumulação flexível e estrutura-se a partir da noção de competências e de aprendizado ao longo da vida, os quais serão requisitados para exercer diferentes ocupações, frente a alta rotatividade dos postos de trabalho. Nessa perspectiva, a educação está voltada para ensinar os jovens a aceitarem formas mais flexíveis e precárias de trabalho, ajustando-se melhor as diversas tarefas temporárias e repetitivas, aprendendo a conviver com trabalhos atípicos, a informalidade e o desemprego.

As políticas educacionais contemporâneas como o a aprovação do Novo Ensino Médio, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular, compõe juntamente a outras recentes modificações no campo da regulação do trabalho no Brasil (a lei da terceirização, a Reforma Trabalhista e a da Previdência) um arcabouço para constituição de uma nova subjetividade do trabalhador. Essa subjetividade ancora-se na dilapidação dos direitos sociais e na ideologia do empreendedorismo promulgando como saída frente ao desemprego a inserção individual em atividades precárias de subsistência.

Considerando essa breve contextualização, dividimos esse ensaio em dois momentos. No primeiro deles discutimos o



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

caráter de classe e a heterogeneidade dos sujeitos do MST, na relação com sua organicidade e seu projeto educativo, destacando a especificidade dos jovens Sem Terra. Num segundo momento discutimos as experiências escolares do Ensino Médio desenvolvidas nos acampamentos e acampamentos e assentamentos do MST.

O caráter de classe e heterogeneidade dos sujeitos do MST

A base social do MST, compõe parte da classe trabalhadora, porém ao longo da trajetória dessa organização, ela vem modificando-se. Na década de 1980, era formada, majoritariamente, por pequenos agricultores expulsos de suas terras. Mais recentemente, abarca um conjunto mais diversificado de pessoas, algumas sem experiências anteriores com a vida no campo, desempregados, e trabalhadores informais. O que certamente coloca novos desafios para a construção de estratégias político-organizativas.

A constituição atual do Movimento abrange: acampados, assentados prósperos e assentados precarizados, assalariados e semi-assalariados no campo e na cidade, arrendatários e rentistas. Todos, ainda que de formas diferentes, são atingidos pela perda progressiva do controle sobre o seu próprio funcionamento e pela subsunção do trabalho ao capital. Além disso, o avanço do agronegócio no campo brasileiro e o processo de urbanização e suburbanização, ambos provocam a redução da população no campo. Associado a esse processo, observamos que as dificuldades enfrentadas pelo MST nos últimos anos, resultam de diversos fatores, dentre os quais: o avanço do agronegócio e da reestruturação produtiva no campo; as constantes investidas de criminalização ao Movimento; a morosidade da reforma agrária; as políticas sociais assistencialistas, repercutindo na fração potencialmente organizada pelo MST; entre outros. A redução do número de ocupações revela, em certa medida, as dificuldades enfrentadas



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

na luta pela terra, como também as dificuldades de organização da classe trabalhadora na atual conjuntura. (BAHNIUK, 2015).

O MST, desde origem, tem por característica integrar em sua constituição diferentes sujeitos: homens, mulheres, crianças, jovens e idosos. E ao longo de sua trajetória de quase quatro décadas de existência busca construir o reconhecimento das especificidades de gênero, de posição geracional, motivados principalmente pela existência e reivindicação dos diferentes sujeitos que o compõe. Porém, tal processo não se realiza sem conflitos e contradições.

Em relação à questão educacional ela adentra ao Movimento, ainda nas primeiras ocupações de terra, no final da década de 1970, no Rio Grande do Sul. A presença de crianças em idade escolar nos acampamentos é um fator decisivo para desencadear o processo educacional no interior do MST. Com o passar dos anos e a ampliação das experiências educativas nas áreas de Reforma Agrária organiza-se o Setor de Educação, em 1987, com a intenção de articular os educadores dos diferentes estados onde o MST estava organizado, e construir uma proposta educativa.

Os setores compõem parte da organicidade do MST, a qual se organiza desde os acampamentos e assentamentos por meio de núcleos de base (NBs) – compostos por aproximadamente 10 famílias e a junção dos núcleos em caráter regional vão constituindo as brigadas, além das direções coletivas a nível: regional, estadual e nacional. Transversalmente os setores perpassam essas instâncias organizativas. Atualmente, compõem o MST os seguintes setores: Frente de massa, Formação, Educação; Comunicação, Projetos, Gênero, Direitos Humanos, Saúde, Finanças, Relações Internacionais. Somam-se a eles, alguns coletivos, como por exemplo, o da Cultura, e da Juventude e o das LGBTs.

O Setor de Educação, organiza-se em coletivos, e a centralidade de sua atuação consiste na luta por escolas públicas dentro das áreas de assentamentos e acampamentos; na formação de educadores da Reforma Agrária; nas



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

experiências educacionais realizadas com as crianças e os jovens Sem Terra; e na construção coletiva de seu projeto político-pedagógico, sistematizada em diversos materiais publicados. (KOLLING, VARGAS & CALDART, 2012). Convém sublinhar que o trabalho com a educação no MST acompanha sua trajetória e as formulações estratégicas de cada período, articulando-se aos objetivos fundamentais do Movimento - a luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação social.

No trabalho de educação do MST, desde seu princípio, há uma forte presença feminina, acompanhando a característica da feminização do magistério da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no Brasil. No entanto, ao mesmo tempo, há uma significativa participação de homens, e de companheiros/as que assumem sua orientação sexual e identidade de gênero como gays e lésbicas. O setor de educação, ao longo de sua trajetória, destaca-se por acolher sujeitos diversos, em particular os jovens e colocá-los em tarefas exigentes, provocando um intenso processo formativo. Tal fato, contribui para a formação de lideranças que passam a atuar de forma orgânica, tanto nesse como em outros espaços do MST. O nos permite dizer que esse setor cumpre um papel relevante para o reconhecimento da diversidade dos sujeitos Sem Terra, inicialmente as crianças e as mulheres, posteriormente os jovens, e mais recentemente as LGBTs⁴⁷ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais).

Em relação à luta das mulheres, desde o início do Movimento elas se colocaram presentes e propositivas, porém poucas mulheres, naquele período assumiam cargos de direção e tinham condições de se envolver com uma militância mais permanente. Na década de 1990, as mulheres constroem

⁴⁷ A trajetória do trabalho com as crianças e a construção da identidade Sem Terrinha estão presentes em diversos materiais da educação no MST. Ramos (2013) há um levantamento da produção sobre a infância no MST. Em relação as LGBTs, dois materiais inauguram a sistematização dessa reflexão no interior do Movimento, são eles: MST. *Diversidade Sexual no MST*. Elementos para o debate. Caderno de Formação, nº 5. São Paulo, 2017. NOGUEIRA, Leonardo *et al.* *Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

articulações mais consistentes, ampliando seu espaço no interior dessa coletividade. O que resulta no ano 2000 na criação do Setor de Gênero, precedido anos antes pelo Coletivo de Gênero. Nesse ano, é aprovado a paridade de gênero nos cursos, instâncias no MST, exceto na direção nacional, o que ocorre em 2006 (ARAÚJO, 2011).

Na relação com a educação destacamos a construção da Ciranda Infantil, na década de 1990, espaço formativo voltado para o cuidado e a formação das crianças Sem Terrinha, de grande importância para o reconhecimento da infância, mas também das mulheres. Ela se originou na tentativa de responder à necessidade da participação das mulheres nos processos de trabalho, inicialmente nas cooperativas. Atualmente, é um espaço presente na maioria das reuniões, encontros, cursos desenvolvidos pelo MST. De maneira incipiente, esse processo coloca como pauta a discussão a respeito do cuidado coletivo das crianças e o papel dos homens na educação das crianças.

O combate à violência contra mulher, o patriarcado, dentre outras vão tornando-se bandeiras de luta no Movimento. Como por exemplo, as lutas desencadeadas no dia 08 de março pelas mulheres Sem Terra, tornou-se uma data importante no calendário de luta do MST, em que elas têm protagonizado ações radicalizadas contra o capital.

No entanto, ainda permanece nos acampamentos e assentamentos, uma forte presença do machismo, o que fica evidente na sobrecarga e invisibilidade do trabalho feminino, na menor inserção das mulheres nos espaços políticos. O que demonstra a necessidade dessa luta, ao mesmo tempo, os limites dela nos marcos do capital. Nos últimos o MST, reivindica juntamente a outras organizações que compõem a Via Campesina, o feminismo camponês popular – com identidade e revolucionário, demarcando um feminismo de classe e articulado a transformação social.

A expressão nacional dos jovens no MST, data do início dos anos 2000, momento em que ocorrem alguns encontros dos jovens Sem Terra com outros jovens em luta, em particular junto



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

ao movimento estudantil das universidades. O que deriva em dois eventos organizados na Unicamp, nos anos de 2000 e 2002. Nesse período, há uma ampliação da presença dos jovens nas atividades nacionais do MST, com na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, em 2005. Essa condição contribuiu para o Movimento começar a refletir de forma mais sistemática sobre o lugar da juventude no MST (MST, 2020).

Nesse sentido, o Coletivo da Juventude, desde 2005, compõe a estrutura organizativa do Movimento, tendo por objetivos dar visibilidade a questão dos jovens no MST, organizá-los e promover atividades. No que tange as questões principais que perpassam a vida dos jovens Sem Terra elas dizem respeito ao acesso ao trabalho, a renda, a educação, a saúde, a internet conjuntamente a temas relativos à própria sexualidade, gravidez inesperada, entre outros. Atualmente compõem as áreas de Reforma Agrária aproximadamente 500 mil jovens, no entanto sua grande maioria não se encontra organicamente vinculado ao MST (MST, 2020). A permanência dos jovens no campo é um ponto nodal dessa discussão, todavia a decisão não se restringe a esfera individual, ou seja, engloba um conjunto de determinantes e condições necessárias para permanência no campo. A articulação entre estudo, trabalho e militância, de forma coletiva, se apresenta como um enfrentamento à saída individual dos jovens do campo. Destacam-se nesse processo, a dimensão da cultura e da agroecologia, como propostas coletivas de resistência e de incorporação dos jovens no Movimento.

O reconhecimento das particularidades dos diferentes sujeitos no interior do MST, não ocorre sem conflitos, ou seja, essa organização não está isenta das diversas formas de opressão e preconceitos estruturantes da sociedade capitalista. Em relação aos jovens, há alguns conflitos, no sentido de reconhecer e incorporar a especificidade e as propostas dos jovens no interior do Movimento.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O Ensino Médio e a formação dos jovens no MST

A seguir iremos verticalizar a discussão para relação dos jovens com a escola, colocando em destaque a etapa final da Educação Básica. No MST, o Ensino Médio começa a se desenvolver no decorrer da década de 1990, por meio de cursos alternativos, de formação de professores, seguidos dos cursos técnicos, voltados a responder as exigências da cooperação nos assentamentos. Somente na década de 2000, ganha maior expressividade a luta específica pelo Ensino Médio nos assentamentos. Nesse período, também se realizam parcerias entre os movimentos sociais do campo e as universidades públicas, muito das quais por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Esse fato, desencadeia um conjunto de cursos de nível superior realizados em diversas regiões do país, permitindo o acesso de alguns jovens Sem Terra no Ensino Superior (KOLLING, VARGAS & CALDART, 2012). A citação abaixo demonstra o acesso restrito ao Ensino Médio nas áreas de Reforma Agrária.

Em dados estimados pelo MST, sua conquista até aqui foi de aproximadamente 1.800 escolas públicas (estaduais e municipais) nos seus assentamentos e acampamentos, das quais 200 são de ensino fundamental completo e cerca de 50 vão até o ensino médio, nelas estudando em torno de 200 mil crianças, adolescentes, jovens e adultos Sem Terra (KOLLING, VARGAS & CALDART, 2012, p. 503).

A pouca cobertura do Ensino Médio nos espaços do MST, contribui com a evasão dos jovens do campo, pois nessa situação muitos deles saem dos assentamentos e acampamentos para dar continuidade a escolarização, e ainda conciliam os estudos com trabalhos precários e temporários nas cidades.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Em diversas localidades, há relatos de escolas precárias em comunidades próximas as áreas de Reforma Agrária, e diversas dificuldades com o transporte escolar, com a distância do ensino da realidade dos assentamentos e do vínculo com a luta pela terra, dentre outros. Por isso, há uma luta para a conquista de novas escolas nos acampamentos e assentamentos que abarquem desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, bem como há uma luta importante contra o fechamento de escolas no campo. O elevado número de fechamento dessas escolas na última década, provocou a organização da campanha: “Fechar escola é crime!”, em curso desde 2011, encabeçada pelo MST. Nessas lutas há uma participação significativa da juventude Sem Terra.

As experiências educativas desenvolvidas no MST têm como eixos norteadores os princípios formativos⁴⁸ ligados às matrizes do trabalho, da luta social, da organização coletiva, da cultura, do conhecimento e da história (KOLLING, VARGAS & CALDART, 2012). Segundo Caldart (2015) as bases da educação do MST, desde suas primeiras formulações, encontram-se nas experiências educacionais socialistas, principalmente a soviética e a cubana; na Pedagogia do Oprimido e na próprio Movimento e sua organização.

Em relação as escolas em áreas de Reforma Agrária, é importante dizer que elas possuem níveis distintos de desenvolvimento da Pedagogia do Movimento – nome dado a proposta de educação do MST – muito diferentes em cada localidade. Dependem da própria organização e vínculos dessas áreas com a luta e a correlação de forças de cada período.

Reconhecemos a Pedagogia do MST como a expressão da Pedagogia Socialista na atualidade, desenvolvida no seio das contradições e da luta de classes entre capital e trabalho, em cada particularidade, promove avanços e recuos frente à concepção de educação defendida. Para Frigotto (2017) a Pedagogia Socialista trata-se de uma ação teórica e prática na

⁴⁸ A síntese dos princípios do MST encontra-se no documento “Princípios da Educação no MST”, escrito em 1996 e compõe o dossiê MST-escola (MST, 2005).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

transformação das relações sociais capitalistas, não somente um dever ser. No entanto, uma proposta de educação socialista em maior extensão e profundidade depende da superação do atual modo de produção e seu tripé de sustentação: o capital, o Estado e o trabalho assalariado.

Na análise das experiências escolares do MST⁴⁹, verificamos inúmeras contradições, na relação com o Estado, com a reprodução do controle na escola, na presença de projetos empresariais, no limite na compreensão da proposta pelos educadores envolvidos, no cerceamento da auto-organização dos estudantes, na pouca profundidade dos conteúdos escolares, entre outros. Somados a essas questões estão presentes em muitas escolas públicas, de forma mais acentuada nas escolas do campo, uma alta rotatividade dos professores, falta de estrutura, formação precária dos docentes, o que dificulta o desenvolvimento da proposta educativa.

Em contrapartida, há germes de educação na direção da emancipação, quando há o reconhecimento da importância da articulação do estudo com a realidade, mediada pelo trabalho, o que diz respeito ao reconhecimento de cada estudante enquanto parte da classe trabalhadora e produtora da riqueza social. Ao mesmo tempo, essa relação significa a apreensão dos fundamentos gerais dos processos produtivos, o qual envolve conhecimentos escolares, aspectos organizacionais, e o estabelecimento de nexos e relações entre a produção local e mundial. Ainda que incipiente, e por vezes de maneira mais imediata, e/ou restringindo-se ao cuidado da horta, e a execução de atividades de auto-serviço, percebemos nas escolas do MST pesquisadas uma presença do trabalho e suas relações com o conhecimento e a auto-organização dos estudantes.

Nessa direção, o conhecimento escolar, torna-se mais vivo e articulado a compreensão da realidade em que se vive a qual

⁴⁹ Tomamos como referência as Escolas Itinerantes estudadas nos acampamentos do MST no Paraná e as Escolas de Ensino Médio nos assentamentos do MST no Ceará, a pesquisa encontra-se em: BAHNIUK, Caroline. Experiências escolares e estratégia política: da Pedagogia Socialista à atualidade do MST. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

não se explica sem a relação com a totalidade. Porém, concordamos com Caldart (2015) ao apontar uma tensão na relação entre conhecimento e realidade, ora tendendo para um ou outro, ou seja, a realidade sem a relação com o conteúdo escolar e vice-versa.

Outro aspecto importante das experiências escolares do MST, tem sido a escola como um espaço estimulador da inserção e da organização dos estudantes, sobretudo dos jovens e seu envolvimento mais efetivo tanto com as definições coletivas da escola, como também a ampliação das responsabilidades deles com esse espaço educativo, sua própria educação e de seus companheiros. A escola de maneira constante estimula a inserção dos jovens, nos espaços do MST e suas lutas. Ela incorpora parte do calendário de lutas do Movimento, e as empreendidas nas localidades onde se encontra, tornando um espaço de articulação e preparação para essas atividades.

Outro ponto em destaque, nesse vínculo entre trabalho, auto-organização e conhecimento, são as atividades culturais promovidas pelos jovens nos acampamentos e assentamentos, como por exemplo: a organização de exibição de filmes para a comunidade, grupos de teatro, participação rádio, embelezamento da escola, agrícola, entre outros.

De forma breve, nesse texto, buscamos caracterizar o MST, seu caráter de classe e a heterogeneidade dos sujeitos que o compõe, colocando em destaque a formação dos jovens, sobretudo as experiências educativas no Ensino Médio, as quais não se realizam sem limites e contradições. Esses limites se intensificaram nos últimos anos com a ofensiva conservadora e empresarial na educação pública. Assim, buscamos destacar a originalidade e a importância do MST, sua forma de organização e sua proposta educacional, que representam gérmenes na construção de experiências voltadas à emancipação humana.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Referências

- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARAÚJO, Djacira M. de O. A Pedagogia do Movimento Sem Terra e relações de gênero: incidências, contradições e perspectivas em movimento. *Dissertação (Mestrado)*. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- BAHNIUK, Caroline. Experiências escolares e estratégia política: da Pedagogia Socialista à atualidade do MST. *Tese (Doutorado)*. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- CALDART, Roseli. Pedagogia do Movimento e Complexos de Estudos. In: SAPELLI, Marlene; FREITAS, Luiz Carlos; CALDART, Roseli (orgs.). *Caminhos para a transformação da escola 3 – organização do trabalho pedagógico das escolas do campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O legado de Marx para a construção do projeto da Pedagogia Socialista. CALDART, R. S. e VILLAS BÔAS, R. L. (orgs.). *Pedagogia Socialista: Legado da revolução de 1917 e desafios atuais*. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 207-232.
- KOLLING, Edgar; VARGAS, Cristina & CALDART, Roseli. MST e a educação. IN: CALDART, Roseli Salette *et al* (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. São Paulo e Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. P.502-509.
- KUENZER, Acácia. Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime da acumulação flexível. *Ed. Soc. Campinas*, v.38, n° 139, p. 331-354, abr-jun, 2017.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MST. *Dossiê: MST Escola*. Documentos e estudos 1990- 2001. 2° ed. Veranópolis: Rio Grande do Sul. ITERRA, 2005.
- MST. Desafios da Juventude Sem Terra. *Jornal Sem Terra – Edição Especial: Juventude*. São Paulo, n° 2, 2020.
- NETTO, José Paulo & BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. 4. ed- São Paulo: Cortez, 2008 (biblioteca básica de serviço social).
- RAMOS, Márcia. A significação da infância em documentos do MST. *Rev. Tamoios*, São Gonçalo (RJ), ano 09, n. 2, pags.73 – 95, jul/dez. 2013.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

INTERSECCIONALIDADES DA OBESIDADE EM MULHERES POBRES NO BRASIL

Denise Oliveira e Silva⁵⁰

A condição humana é corporal e existe por meio de sua dimensão sensorial, afetiva, gestual e de movimentos. Em que o processo civilizatório das sociedades industriais baseado nas relações de simultaneidade e instaneidade de espaço-tempo da vida cotidiana, organizada pela centralidade do trabalho remunerado, alterou as relações de cozinhar e do comer e influenciou as relações do corpo como fonte de existência e local de experiência no mundo (TORNIS, 2006; AYMARD, GRIGNO & SABBAN, 1993).

Diversos filósofos e sociólogos apontam o corpo como locus de experiência da relação corpo-mundo por diversas dimensões. Para Merleau-Ponty, o corpo é expressão da perspectiva existencial da vida iniciada desde o nascimento até a morte, por meio de constantes movimentos intencionais (MERLEAU-PONTY, 1999). Para Pierre Bourdieu, o corpo é *habitus*⁵¹ de prática de reciprocidade no mundo e matriz de

⁵⁰ Nutricionista, Mestre em Ciência da Alimentação pela *Universidade de Gand*, Bélgica. Mestre em Ciências da Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Doutora em Ciências, da Saúde Pública pela Universidade de Brasília, Pós-doutora em Antropologia da Alimentação pela *Ecole des Hautes Études* em Science Sociales de Paris, França. É Pesquisadora Titular em Saúde Pública na Gerência Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz. Coordenadora do Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares. Editora Chefe da Revista de Alimentação e Cultura das Américas. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6107543687134940>. ORC-ID <https://orcid.org/0000-0002-6656-7347>. E-mail: denise.silva@fiocruz.br e deniseoliveira.palin@gmail.com.

⁵¹ Termo *habitus* é oriundo da tradição escolástica, de origem grega para designar as características do processo de aprendizagem adquirida pelo corpo e pela alma. Modernamente foi utilizado por Émile Durkheim para compreender o processo de educação e por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, no século XX, que de definiu como: "(...) sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas que funciona a cada momento como uma matriz de percepções e ações.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

percepção de ações, sendo instituído de forma duradoura em virtude da integralidade e distinção social, conhecidas e reconhecidas coletivamente como linguagem de espaços sociais (DENTZ, 2008; PEIXOTO, 2012). Para Michel Foucault o corpo é lócus de relações de poder de si e com os outros e revela-se como transgressão explicativa de lugar de utopia (FOUCAULT, 2004; 1966). Marcel Mauss considera que os gestos corporais representam a cultura por atitudes naturais ou não decorrentes da construção social do indivíduo e da coletividade de forma consciente e inconsciente (MAUSS, 1936).

Estas dimensões têm sido agregadas no termo corporeidade, constructo dinâmico que refere o corpo como estrutura e prática de intersubjetividade e intercorporalidade, de forma multidimensional de ação de linguagem, gestos, toques, rótulos, alteridades, espontaneidade linguagem corporal, sonoridade, expressividade para a identidade do corpo humano no ambiente (como parte da natureza) e meio (como parte da cultura) (CSORDAS, 1990; 2008).

Desde a Revolução Industrial, a mulher tem tido papel importante como força de trabalho. Se outrora o corpo feminino era valorizado por sua capacidade reprodutiva, historicamente passou de entidade funcionalista, sede de dogmas religiosos de impureza, sacrifício, culpa e purificação. Para ser valorizada nos dias atuais como objeto simbólico de capita saúde-beleza-erotismo como ideal de liberdade e valorizado pela ausência de gordura corporal de atendimento biomédico como obsessões de jogos de artifícios do corpo como capital e fonte de consumo de hábitos e modos de vida da biopolítica de saúde (GOLDENBERG & RAMOS, 2002).

No Brasil, os programas de saúde têm priorizado ações de combate a pandemia de obesidade como expressão do fenômeno denominado de “Sindemia Global”, que se revela em dimensão global, resultante da interação conjunta de pandemias simultâneas e sinérgicas. Em que a má nutrição pode ser evidenciada por impactos exponenciais na morbimortalidade de doenças crônicas não-transmissíveis (SWINBURN, 2019).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

As causas de obesidade são complexas e a gordura corporal tem fatores genéticos e ambientais para sua determinação que precisam ser contextualizados também por fatores identitários na biografia corporal dos indivíduos que vivem esta experiência.

O conceito de corporeidade como caminho de compreensão deste fenômeno pode se revelar como constructo explicativo. Mas deve ser relativizado de forma como expressão provisória da forma corporal, experiência sensorial, movimento, orientação, capacidade, gênero, co-presença, afeto, temporalidade e metabolismo/fisiologia (CSORDAS, 1990). E pode apoiar a interpretação complexa que relaciona a classe social, gênero, cor/raça e estratos de baixa renda na biografia existencial e na experiência de vida dos indivíduos (CSORDAS, 2008).

No Brasil os indicadores epidemiológicos revelam altas prevalências do sobrepeso e de obesidade. Presente em todas as capitais brasileiras e no Distrito Federal, com taxa de 51% para ambos os sexos, em todas as faixas etárias e em todos os níveis de escolaridade. Com maior velocidade de crescimento na região nordeste e nas classes de menor renda e em mulheres pardas e negras (PINHEIRO *et al*, 2019).

O interesse de compreender a corporeidade da obesidade na biografia de mulheres de baixa renda, diagnosticadas como obesas por programas de saúde e proteção social no Brasil, orientou o desenvolvimento de pesquisa pelo Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares da Gerencia Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz sobre Biografias de Mulheres Obesas Pobres no Brasil.

O desenho desta pesquisa foi definido por inspiração fenomenológica e de autores como Merleau-Ponty (1999), Pierre Bourdieu (DENTZ, 2008), Michel Foucault (1996, 2004), Marcel Mauss (1936), pela construção de percursos e trajetórias biográficas que conjugam o tempo cronológico e fenomenológico de experiências vividas, como expressão de emancipação, de criatividade e de desdogmatização da ciência em busca de



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

apreensão de novos significados (MALLIMACI & GIMÉNEZ-BÉLIVEAU, 2006; BERTAUX, 1980; ROSENTHAL, 1993; THOMSON, 1997; JOSSO, 1999).

Para obter acesso às mulheres de 20 a 55 anos, diagnosticadas como obesas (acima de 30,0 kg/m² do Índice de Massa Corporal) e de todas as macrorregiões brasileiras, foi utilizado os bancos de dados públicos do Programa Sociais (CadÚnico)⁵² e do Sistema Nacional de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN)⁵³, do ano de 2015.

A utilização destes bancos de dados ofereceu o contingente elegível⁵⁴ de 57.710 de mulheres para serem entrevistadas por estudantes de cursos de graduação das áreas de saúde e/o de ciências sociais, obrigatoriamente do sexo feminino.

Neste texto, serão apresentadas narrativas baseadas em depoimentos de 60 mulheres de variadas áreas geográficas do país que atenderam os requisitos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Protocolo CNS 466/2012) segundo orientações do CEP/ENSP-FIOCRUZ.

A corporeidade como força, resistência e negação

Os fatores causais do excesso de peso e da obesidade são complexos e controversos, mas têm sido relacionados com o desenvolvimento de sistemas alimentares predatórios do ecossistema e de perfil neoliberal de interesses do mercado agroindustrial mundial de alimentos. Estas mudanças têm contribuído para o advento do excesso de peso e a obesidade de forma diferenciada segundo, classe social, gênero, raça/cor e outros fatores sociais e econômicos.

⁵² Banco de dados que congrega famílias e indivíduos que possuem renda mensal per capita e familiar de até meio salário mínimo (R\$ 522,50 ou cerca de 104 dólares americanos) ou renda familiar total de até três salários mínimos (R\$ 3.135,00 ou cerca de 614 dólares americanos) em 2015, no Brasil.

⁵³ Sistema de informação e vigilância informatizado do estado nutricional da população atendida na Atenção Básica de Saúde do Brasil.

⁵⁴ Ter dados de peso, estatura e telefone de contato.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O perfil das participantes desta pesquisa são mulheres diagnosticadas como obesas (acima de 30 IMC) quando buscavam atendimento em serviços de saúde de atenção primária seja para cumprir a prerrogativa estabelecida pelo Programa Bolsa Família⁵⁵ de cumprir as condicionalidades de saúde (aferir peso, estatura e outras ações de monitoramento e avaliação do crescimento infantil e de jovens) para sua família, condição obrigatória que não sendo cumprida, pode desligar a família do benefício social; e pela busca de atendimento para lidar com alguma morbidade associada ao diagnóstico de excesso de peso e obesidade.

Nas narrativas biográficas a privação de alimentos no percurso biográfico, principalmente na infância é relatada a desnutrição infantil. Este fenômeno apontado pela Organização Mundial como risco para o excesso de peso e a obesidade na vida adulta, quando ocorre nas fases de crescimento e desenvolvimento biológico de indivíduos, determina disfunção energética denominado de economia energética que gera consequências na vida adulta, como a hipertensão, obesidade abdominal e a baixa estatura (MALLIMACI & GIMÉNEZ-BÉLIVEAU, 2006; BERTAUX, 1980; ROSENTHAL, 1993; THOMSON, 1997; JOSSO, 1999).

Na análise do banco de dados do SISVAN de 2015 foi identificada a mediana de estatura de 1,57m, inferior à mediana nacional de mulheres brasileiras de 1,61m, corroborando a relação entre baixa estatura e a obesidade.

A experiência da fome é relatada como algo vivido na infância junto com sua família e representa um tabu linguístico⁵⁶.

⁵⁵ É um programa de transferência de renda do Governo Federal, sob condicionalidades, instituído no Governo Lula em 2003 baseado no *mecanismo condicional de transferência de recursos* a famílias pobres com renda percapita de R\$ 89,00 a R\$ 178,00 que tenham em sua composição gestantes e crianças ou adolescentes entre 0 e 17 anos e extremamente pobres. Com condicionalidades de saúde (o acompanhamento de saúde das gestantes, as mulheres que estiverem amamentando e as crianças, que também devem ter a vacinação em dia) e de frequência escolar de crianças e os adolescentes entre 6 e 17 anos.

⁵⁶ Tabu, é definido por inúmeros autores como algo proibido e interdito de caráter próprio e impróprio. O que caracteriza a denominação de tabu linguístico é algo proibido de ser



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

[...] há eu passei muita necessidade com minha família, eu não quero nem lembrar [...] não tinha nada para comer; passamos 02 meses comendo mingau de milho [...], eu não gosto de lembrar deste momento da Fome; outro dia eu converso com você [...] fui muito magrinha até ter neném [...] eu ouvia o médico dizer que eu era desnutrida [...] (Entrevistada residente de uma área favelada).

A luta pela sobrevivência é a matriz de estratégias que reúnem os elementos sociais de construção do corpo de forma consciente e inconsciente (MAUSS, 1936). Em que a corporeidade se expressa pela representação de força. Como algo que se constitui como expressão da perspectiva existencial por meio de movimentos intencionais de subjetividade, onde o corpo é lugar de presença da experiência de vida (MERLEAU-PONTY, 1999). Em que o ciclo biológico da vida se conjuga com a consciência de necessidade de “força vital” para a assunção dos culturais e simbólicos para a mulher. Em que ser forte não é necessariamente ser pesada. Conforme uma das entrevistadas, “[...] minha filha, para aguentar esta vida, eu não podia ser magrinha não [...]” (Entrevistada de área de periferia de uma grande metrópole).

O corpo para as mulheres entrevistadas é o campo experimental de relação e modo de presença na vida. O “corpo forte” é a expressão de exercício de subjetividade para lidar com os afazeres domésticos e laborais que se iniciam na infância em torno dos 5 a 7 anos de idade de obrigações com de limpeza da casa, preparo das refeições e os cuidados com os irmãos mais novos.

dito. Podem ser expressão de crenças e valores da sociedade de desaprovação, por meio de itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega (GUERIOS RF, 1955; ORSI, 2011).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

[...] eu comecei a estudar com 13 anos aqui na cidade. Eu não podia ir para a escola porque não tinha sapatos [...]. Eu era magrinha, fui muito doente, tinha desnutrição; era ruim de comer; não gostava da comida da minha mãe. [...] tinha que cuidar dos meus irmãos enquanto meus pais iam para roça trabalhar [...] lá em casa as meninas bem pequenas aprendem a cozinhar, a lavar roupa e a cuidar da casa muito cedo [...] isto era trabalho das meninas. [...] nordestina e preta sabia que seria difícil para nós [...] minha família recebia os restos do dono da fazenda [...], mas lembro daquilo que eles não gostavam que virava sopa de ossos muito gostosa [...] (Entrevistada residente em bairro de periferia de uma grande metrópole).

A corporeidade forte é representação da maturidade feminina, pela transição de menina para a mulher (pela capacidade de gestar) com o advento da menarca como sinal biológico da passagem para a adolescência, período de mudanças de comportamento e de imagem corporal feminina.

A adolescência é um momento narrado com alegria. O aumento das mamas, dos quadris e de outras partes do corpo adjetivados como “belo” e “bonito”, e as primeiras experiências sexuais por vezes marcadas por experiências violentas e traumáticas com desfecho de gravidezes indesejadas.

[...] eu tinha um corpo bonito, todo mundo falava [...] eu fui estuprada por um homem que trabalhava numa fazenda (silêncio) [...] fiquei grávida de meu primeiro filho [...] meu peso começou a aumentar por aí e nunca mais voltei ao meu peso de quando era mocinha [...] me casei e tive mais três filhos era o que tinha que fazer senão seria moça mal falada [...] (Entrevistada de um bairro de periferia de uma grande metrópole).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O casamento e a gravidez com intervalos interpatais curtos (de 12 meses entre uma gravidez e outra) são os eventos biográficos narrados que agregam a corporeidade forte o excesso de peso. Este fenômeno conjuga a consciencia existencial e cultural da procriação e a formação da família como um “*habitus*” corporificado e internalizado na consciencia corporal de atendimento as demandas de papel de dona de casa e mãe em que o excesso de peso representa-se como co-produção biológica e simbólica-cultural da vida.

O aumento do peso na gestação e a amamentação são referencias populares e culturais de necessidade de aumento do peso, para criar no corpo reserva de gordura corporal. Sendo reconhecida e naturalizada como importante de forma consciente, como compromisso com a saúde do novo ser por meio de “*habitus*” estruturados e estruturantes cultural e de repertorio biomédico de pré-natal.

A ingestão alimentar para atender “a dois” por meio da comida fortalecida com proteína de origem animal, como aves e laticínios, são referidas como recomendações para o ganho de peso do futuro bebê e de atendimento a produção de leite materno.

As recomendações biomédicas estabelecem o ganho de peso entre 11,5 e 16,0 kg. Para atender as necessidades para o crescimento do feto e da amamentação (Institute of Medicine, 1991).

O retorno ao peso anterior a gravidez, se inicia após o parto na fase expulsiva do feto e da placenta em torno de cinco quilos, com a perda de peso adicional de um a dois quilos no primeiro mês pós-parto (Institute of Medicine, 1991).

Este processo ocorre de forma fisiológica sem necessidade de orientação dietética específica e ocorre em média de seis a doze meses. Entretanto, na ocorrência de novas gravidezes em intervalos interpartais curtos e dependendo do ganho de peso gestacional e se não houver orientação dietética e de gasto energético adequadas, o retorno ao peso antes da gravidez não ocorre.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

[...] o peso aumenta sem a gente perceber [...] o corpo aumenta na vida da mulher e a gente não liga [...] ficar prenha é danado para engordar e depois não se vai ter o corpo de antes e ainda vem um menino atrás do outro [...] quando vira excesso a gente vê e outros fala [...] (Entrevistada de uma cidade rural).

Nas narrativas biográficas o precursor do excesso de peso são os intervalos interpartais curtos que não permitem o retorno de peso antes da gestação, determinados pelas dificuldades de falta de tempo com as obrigações familiares. Em que o aumento de peso é construção social consciente e inconsciente do corpo no mundo (MAUSS, 1936).

[...] eu saio caso de segunda a sexta às quatro horas da manhã [...] pego ônibus e trem para chegar no meu trabalho as oito horas [...] trabalho fazendo faxina até as dezoito horas [...], às vezes as patroas deixam alguma comida, quando esquecem, como um pão, ou espero para comer em casa [...] antes salto do ônibus para comprar alguma comida no mercado [...], na verdade só tenho certeza do que vou comer depois que ganho o dinheiro da faxina [...], faço o jantar, sempre arroz, feijão e alguma mistura(frango ou o que está em promoção, às vezes vou na lasanha, as crianças gostam; é mais fácil [...] janto às vinte e duas horas [...] vou dormir a partir da meia noite e começa tudo de novo às quatro da manhã [...]. No domingo, lavo roupa, passo roupa, arrumo casa [...]. Não sei como agüento, preciso de um corpo forte [...]. E ainda sou pobre e preta; tenho cartão do Bolsa Família; e sou obesa [...] sei que vou sofrer mais, as pessoas vão rir mais de mim [...] escutei até que tem gente que nojo de quem é gordinha preta (silêncio)



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

(Entrevistada de um bairro de periferia de uma grande metrópole).

O ganho de peso nas gestações poderá evoluir para ser classificada como ser *obesa* - ter obesidade - como algo percebido e nomeado pelos outros como externalidade de inadequação de vestuários e de risco de morbidade anunciados pelos profissionais de saúde.

A distinção entre ser *obesa* e ter obesidade revelou percepções de estigmas. Ser *obesa* tem sentido de corporeidade externalizada decorrente da luta pela sobrevivência e a obesidade é doença e são referidas como tabus lingüístico (FOUCAULT, 2004) de sentido não reconhecido e significativo da gordura no seu corpo pelo uso de eufemismos de "*gordinha*", "*cheinha*", "*fofinha*" e "*acima do peso*".

[...] eu não sou *obesa*, sou *cheinha*, *gordinha*, até *acima do peso* eu entendo [...] esta palavra (*obesa*) é coisa de gente doente que aparece na televisão e que precisa de corpo de bombeiros para levar para o hospital [...] (Entrevistada residente em uma metrópole brasileira).

A gordura no corpo humano faz parte da existência biológica e da experiência da corporeidade no mundo. Sendo determinada por características genéticas étnico/raciais, biótipo e os efeitos genético aditivo e o genético ambiental. O primeiro tem maior influência na forma de distribuição da gordura corporal, pois 25% da gordura corporal é de origem genética. O segundo influenciado pela interação genótipo-alimentação excessiva e baixo gasto energético que podem ser determinados por fatores relacionados as inequidades sociais e econômicas, de inadequação de ingestão alimentar e a prática de atividades física de forma adequada (BOUCHARD, 1989).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

[...] Meu IMC, é este nome mesmo? Deu trinta e quatro. Eu não sei entender bem, mas fui classificada como obesa [...] eu sempre tenho dúvidas de qual peso eu devo pesar [...] agora estou preocupada com a pressão, e o médico disse se eu perder cinco quilos já está bom [...] mas com este peso eu ainda tô gorda para a nutricionista [...] e ela me pediu para pensar qual peso eu queria ter, quando eu falei ela disse “não, não, não ainda tá alto” [...] ela me quer magrinha [...] mas isto é perder trinta quilos! [...] se eu seguir a cabeça dela vou ficar cheia de pelanca e não tenho dinheiro para cirurgia plástica [...] tem médico que acha que podemos ter a vida destas mulheres de televisão, corpo magrinho, por causa de lipoaspiração, massagens e remédios [...] eu não sei que peso eu devo ter [...] eu quero ficar sem doença [...] ser sarada e barriga tanquinho é difícil [...] (Entrevistada residente em uma metrópole).

A obesidade é considerada uma doença moderna, identificada como algo que incapacita e mata, sendo reconhecida como um estigma pelas mulheres entrevistadas. Ser obesa e ter obesidade revelam-se como expressão de “alienação do corpo” que no campo biomédico tem o constructo “saúdável” baseado no índice de Massa Corporal, ou Body Mass Index (IMC ou BMI) a principal referencia mundial como preditor de valores standardizados de risco de morbimortalidade por doenças crônico-degenerativas⁵⁷.

Este índice é limitado para medir a composição de gordura corporal, porque, não mede a distribuição da massa magra e as características genéticas e fenótipas, de sexo, biotipo, faixa etária e etnia.

⁵⁷ Este índice é o parâmetro mais utilizado de diagnóstico de excesso de peso e obesidade, seguinte equação: $IMC = \frac{\text{Massa Corporal}}{\text{Estatura}^2}$ para referir risco de morbimortalidade de doenças cardiovasculares (DCV) (POULAIN, 1990).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

É importante para a saúde pública para a prevenção e combate aos riscos de morbimortalidade de doenças cardiovasculares quando seu valor está acima de 25 (ANJOS, 1992). Mas seu uso e a interpretação em nível individual não deve ser utilizado para padrão estético corporal.

O peso corporal e sua relação com a comida é um problema social moderno de gerenciamento dos padrões estéticos corporais vigentes e das escolhas alimentares do mercado de alimentos que tem trazido ansiedades sobre o que cozinhar, o que comer e quanto pesar (POULAIN, 1990; GRACIA-ARNAIZ, 2010).

Estes aspectos são os dilemas modernos da sociedade do espetáculo produtora de acumulação de capital de produtos de consumo de imagens, mercadorias e eventos (DEBORD, 1988). Em que o capital de consumo glorifica o corpo como objeto de valor e de novas morais biomédicas, farmacêuticas e de estética.

A construção moderna da auto-imagem é construída pela ausência de gordura corporal (lipofobia) e da obesogenia como expressão de saúde. Gracia-Arnaiz (2010), recomenda sua problematização a partir da reflexão crítica da medicalização da alimentação e do corpo que transita entre as normas estéticas e os imperativos sanitários evocados pela mídia da imagem de um corpo belo e saudável de características eurocentricas como objeto e produção de consumo que discrimina e estigmatiza (GOLDENBERG, 2011).

Em mulheres negras acima do peso considerado inadequado por padrões eurocêtricos a obesidade será fortalecedora dos significados históricos e estruturais do racismo disruptivos e de sofrimento da mulher negra brasileira (NOGUEIRA, 1999).

As mulheres participantes desta pesquisa tem mediana de idade de 34 anos. São preponderantemente negras ou pardas (71,6%). Nascidas na região nordeste (48,6%), na região sudeste (26,4%), na região sul (11,4%); na região norte (8,7%) e na região centro-oeste (4,9%). Com peso médio de 83,0 kg; e IMC médio de 33,9 kg/m². 58,7% apresentaram obesidade Grau I



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

(IMC entre 30,0 e 34,9 kg/m²), 26,8% obesidade Grau II (IMC entre 35,0 e 39,9 kg/m²) e 14,5% obesidade Grau III (IMC maior ou igual a 40,0 kg/m²) (SILVA & CABRINI, 2017; World Health Organization, 1998). São mulheres que apresentam o peso aumentado numa fase de vida jovem, produtiva e fértil que habitam as regiões consideradas com maior desigualdades e inequidades sociais do país decorrente do recorte da pesquisa de construir trajetórias biográficas de mulheres pobres cadastradas no CAD-Único. O que representa o fator limitante de descrição da obesidade em mulheres sobretudo negras/pardas. O que revela a importância de correlacionar de forma crítica a relação das inequidades e desigualdades sociais do racismo como o excesso de peso e a obesidade (ORAKA *et al*, 2020; NASCIMENTO, 2018).

Obesidade: inequidades, biopoder e racialidade

A desigualdades e inequidades sociais e econômicas no Brasil tem a junção da pobreza e a cor da pele. Esta situação marcada pela distinção racial desde a época da colonização se perpetua até os dias atuais como matriz da “inferioridade nata” no imaginário racista brasileiro apontada por Nogueira (1999) do corpo da mulher negra brasileira. Criada como dimensão de exclusão social e política a partir do sequestro mais hediondo realizado pelos europeus na história recente da humanidade.

A escravidão de homens e mulheres africanos negros, foi a matriz do processo civilizatório brasileiro de distinção racial naturalizado de “casa grande e senzala”⁵⁸ por Gilberto Freyre⁵⁹, de separação e distinção simbólica e social entre os brancos e negros no Brasil. Mantido até os dias atuais e atestado por indicadores econômicos, sociais e demográficos brasileiros, de baixa renda, baixa escolaridade, subemprego e desemprego,

⁵⁸ A “senzala” espaço físico onde viviam escravos e escravas de todas as faixas etárias solteiros ou casados. A “casa grande” residência da família dos proprietários rurais, representantes do patriarcado sistema colonial e escravagista vigente.

⁵⁹ Gilberto Freyre, autor do livro Casa Grande & Senzala publicado em 1933.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

que revelam perfil de desigualdades sociais na população negra no país (JACCOUD & BEGHIN, 2002). O que para intelectuais e ativistas do movimento negro brasileiro é decorrente da distinção étnico/racial que permanece como ideologia dominante das elites brasileiras, mesmo após a Lei Aurea de Abolição da Escravidão e a Proclamação da República. E tem sido a matriz histórica e estruturante da inequidade dos benefícios econômicos e sociais que perpetuam a pobreza e a miséria até os dias atuais na população parda e negra no Brasil (JACCOUD & BEGHIN, 2002; THEODORO, 2008; PEREIRA, 1998; SILVERIO & TRINIDAD, 2012; LOPES, 2005).

Embora sejam reconhecidas a partir de 2003, políticas de ações afirmativas para a população negra, as implicações do racismo histórico e estrutural, principalmente, para os negros e negras que habitam em espaços rurais e periferias urbanas como as mulheres participantes desta pesquisa vivem a expressões de exclusão social (LOPES, 2005; DOMINGUES, 2005; SILVERIO, 2003; GUIMARÃES, 2004).

No repertório interpretativo sobre as causas da obesidade, os inquéritos alimentares realizados no Brasil, revelam que a raça/etnia tem relação com o baixo consumo de alimentação diversificada e com principalmente nas classes de baixa renda e em mulheres pardas e negras (ORAKA, 2020).

Para as entrevistadas participantes desta pesquisa os fatores determinantes da obesidade em sua trajetória biográfica não são somente a comida e a atividade física. São referidos traumas de sobrevivência de dimensão cronológica e fenomenológica que descrevem na biografia como trajetória de *força-excesso- ser obesa- ter obesidade*.

As políticas públicas em contemplado os aspectos de descrição da problemática da obesidade segundo o quesito raça/cor, mas não assumem o racismo institucional e os serviços de saúde é mais frequentado por mulheres brancas do que negras (OLIVEIRA & KUBIAK, 2019; GOES & NASCIMENTO, 2013).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

As ações de cuidado e assistência a obesidade tem contribuído para fomentar a alienação do corpo como espaço de classificações biomédicas e de padrões de estética de vestuário. Relatada quando o anúncio do corpo obeso e da obesidade é apresentada por profissionais de saúde, recebido quase sempre recebido como surpresa e negação principalmente quando está associado ao sentimento de racismo institucional. Reconhecido como barreira ao acesso de mulheres negras em serviços de saúde derivado expressões pessoal, interpessoal e institucional (WERNECK, 2016).

A obesidade é um problema estigmatizado na sociedade moderna lipofóbica e na mulher negra como potencializará os componentes de racismo étnico e racial que segundo as entrevistadas tem no contato com os serviços de saúde público, seu palco de expressão. Reconhecido pelas entrevistas porque elas não podem consumir, pela renda baixa, os produtos estabelecidos nas normas farmacológicas, dietoterápicas, de atividade física e estética. Nas narrativas o medo e o risco de morbimortalidade que exclui socialmente e impossibilita para o trabalhar base do sustento da família são as referências principais.

[...] eu sempre fui forte, meu corpo sempre foi forte, todo mundo dizia [...] talvez eu fosse gordinha e não via [...], todas a minhas amigas eram fortes também [...] pegam no pesado, ninguém é fraquinha [...] talvez eu fosse gordinha naquela época, mas ninguém falava, eu não ia a médico e não tinha doença [...] (Entrevistada de uma área favelada urbana).

Os profissionais de saúde invisibilizam as raízes do racismo no Brasil, baseado na distinção étnico/racial na população brasileira que se perpetua até os dias atuais escamoteada por invenções de miscigenação/democracia e paraíso racial. Que tem fortalecido situações estigmatizantes no campo da saúde, alimentação e nutrição.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Embora a Política Nacional Integral de Saúde da População Negra (PNSIPN) tenha sido publicada em 2007⁶⁰ e marca o “*reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde, com vistas à promoção da equidade em saúde*”. Depois de mais de 10 anos de sua publicação, carece de informações de monitoramento e avaliação de sua execução no país principalmente na esfera federal e pelo movimento negro. Sendo sua implementação sido analisada por meio de estudos acadêmicos que apontam avanços na inclusão da população negra na agenda de políticas públicas no SUS, mas com muitos desafios de definição de indicadores de avaliação e monitoramento para a retroalimentação e o desconhecimento da PNSPN, pela população brasileira e notadamente pelos profissionais de saúde (ABPN, 2012; BATISTA, MONTEIRO & MEDEIROS, 2013; BATISTA & BARROS, 2017).

As políticas públicas para prevenção, cuidado e assistência as mulheres negras obesas precisam supera o defeito de origem d a sociedade brasileira baseado no racismo de distinção social e reconhecer o biopoder e a racialidade como como propostas por Sueli Carneiro⁶¹ para compreender a obesidade. A importância de considerar estes dois aspectos poderá contribuir para a superação do racismo institucional que gera situações estigmatizantes de manipulação e identidade deteriorada dos corpos na população negra. Este é o caminho a ser trilhado para as ações de prevenção, cuidado e assistência de mulheres negras pobres com excesso de peso e obesidade no Brasil.

⁶⁰ BRASIL, Política Nacional de Saúde da População Negra. Brasília, 2007. Acessível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf

⁶¹ Intelectual negra brasileira, autora de vários livros sobre racismo e feminismo negro, em sua tese de doutorado relacionou os conceitos de Michel Foucault para tratar a racialidade e o biopoder e formulou a noção de epistemicídio, como morte simbólica do povo negro brasileiro.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Referências

- TORNS, T. Las dificultades de vivir una vida apresurada. Reflexiones en torno a nuestro uso del tiempo. CEAPA Madrid, 2006.
- AYMARD, M., GRIGNO, C., & SABBAN, F. Le temps de manger: alimentation, emploi du temps et rythmes sociaux. Paris: Ed. de la Maison de Sciences de L'Homme: Institut National de la Recherche Agronomique, 1993.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DENTZ, R. A. Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty. Intuitio, v. 1, n. 2, p. 296-307, 2008.
- PEIXOTO, A. J. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 18, n. 1, p. 43-51, 2012.
- FOUCAULT, M. Des espaces autres. Empan, n. 2, p. 12-19, 2004.
- FOUCAULT, M. Le corps, lieu d'utopie. Anthologie sonore de la pensée française par les philosophes du XXe siècle, 1966.
- MAUSS, M. Les techniques du corps. Journal de psychologie, v. 32, n. 3-4, p. 271-293, 1936.
- CSORDAS, T. J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. Ethos, v. 18, n. 1, p. 5-47, 1990.
- CSORDAS, T. J. Intersubjectivity and intercorporeality. Subjectivity, v. 22, n. 1, p. 110-121, 2008.
- GOLDENBERG, M; & RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, p. 19-40, 2002.
- SWINBURN, B., *et al.* The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change: The Lancet Commission report. Lancet; 393(10173):791-846, 2019.
- PINHEIRO, M. C., *et al.* Abordagem intersetorial para prevenção e controle da obesidade: a experiência brasileira de 2014 a 2018. Revista Panamericana de Salud Pública, v. 43, 2019.
- MALLIMACI, F., & GIMÉNEZ-BÉLIVEAU, V. Historias de vida y método biográfico. Estrategias de Investigación cualitativa, Barcelona, Gedisa, 2006.
- BERTAUX, D. L'approche biographique: sa validité éthodologique, ses potentialités Cahiers Internationaux de Sociologie, NOUVELLE SÉRIE, Vol. 69, HISTOIRES DE VIE ET VIE SOCIALE (Juillet-Décembre 1980), pp. 197-225 Published by: Presses Universitaires de France Stable, 1980.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- ROSENTHAL, G. Reconstruction of life stories: principles of selection in generating stories for narrative biographical interviews. In: *The narrative study of lives 1*, (1), pp. 59-91, 1993.
- THOMSON, A. Reconstroo a memória: Questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Proj. Historia*. São Paulo, (15) abr., 1997.
- JOSSO, M. C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a ser viço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez., 1999.
- GUERIOS, R. F., Mansur. Tabus linguísticos. *Revista Letras*. (3):pp. 7-37, 1955.
- ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*. 9(12): 334-348, 2011.
- Institute of Medicine. *Nutrition during lactation*. Washington, DC: National Academy Press; 1991.
- BOUCHARD, C. Fatores Genéticos na Obesidade. In: *Clínicas Médicas da América do Norte*, Rio de Janeiro: Interlivros, pp. 77-94, 1989.
- POULAIN, J. P. *Sociologie de L’Obesité*. Presses Universitaires de France: Paris. 360p. 1990.
- ANJOS, L. A. Índice de Massa Corporal (massa corporal.estatura⁻²) como Indicador do Estado Nutricional de Adultos: Revisão da Literatura. *Rev. Saúde Pública*, 26(6): pp. 431-6, 1992.
- GRACIA-ARNAIZ, M. Comemos lo que somos. Reflexiones sobre cuerpo, género y salud. Barcelona. *Icaria-Observatorio de la Alimentación*. 267 p. 2010.
- DEBORD, Guy. *Commentaires sur la société du spectacle*. G. Lebovici, 1988.
- GOLDENBERG, M. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea (Título não-corrente)*, v. 9, n. 2, 2011.
- NOGUEIRA, I. B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 13, n. 135, 1999.
- SILVA, D., CABRINI, D., et al. Trajetórias biográficas do aumento e excesso de peso de mulheres do Programa Bolsa Família, Brasil. 2017.
- World Health Organization. *Obesity: preventing and managing the global epidemic*. Genebra; 1998.
- ORAKA, C. S., et al. Raça e obesidade na população feminina negra: uma revisão de escopo. *Saúde e Sociedade*, v. 29, p. e191003, 2020.
- NASCIMENTO, S. S. Saúde da Mulher Negra Brasileira: A necessária intersecção em raça, gênero e classe. *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, n. 243, p. 91-103, 2018.
- NOGUEIRA, I. B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v.13, n. 15, 1999.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- JACCOUD, L., & BEGHIN, N. Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental. Brasília: IPEA, 2002.
- THEODORO, M. (org). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília: IPEA, 176 p., 2008.
- PEREIRA, D. M. A Face Negra do Brasil Multicultural. Fundação Cultural Palmares. 1998.
- SILVERIO, V. P., & TRINIDAD, C. T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set., 2012.
- LOPES, F. Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde. Cad. Saúde Pública. 21(5):1595-601, 2005.
- DOMINGUES, P. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. Revista Brasileira de Educação. 29, pp. 164-76, 2005. Acessível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a13.pdf>.
- SILVERIO, V. R. Ação afirmativa e o combate do racismo institucional no Brasil. Caderno de Pesquisa. 117:219-46, 2002.
- SILVERIO, V. R. Ação Afirmativa: Percepções da “Casa Grande e da Senzala”. Perspectivas, São Paulo, 26: 57-79, 2003.
- GUIMARAES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Revista Antropologia, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004.
- OLIVEIRA, B. M. C., & KUBIAK, F. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. Saúde em Debate, v. 43, p. 939-948, 2019.
- GOES, E.F.F. & NASCIMENTO, E. R. Mulheres negras e brancas e os níveis de acesso aos serviços preventivos de saúde: uma análise sobre as desigualdades. Saúde em Debate, v. 37, p. 571-579, 2013.
- WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde e Sociedade, v. 25, p. 535-549, 2016.
- ABPN, Saúde da população negra / Luís Eduardo Batista, Jurema Werneck e Fernanda Lopes. (Orgs.). Brasília, DF: ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. (Coleção negras e negros: pesquisas e debates / coordenação Tânia Mara Pedroso Müller).
- BATISTA, L. D., MONTEIRO, R. B., & MEDEIROS, R. A. Iniquidades raciais e saúde: o ciclo da política de saúde da população negra. Saúde em Debate. Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 681-690, out./dez., 2013.
- BATISTA, L. D., & BARROS, S. Enfrentando o racismo nos serviços de saúde. Cad. Saúde Pública, 33 Suprimento 1. 2017.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

TRABALHO E ORGANIZAÇÃO DAS CAMAREIRAS NA ESPANHA – UMA EXPERIÊNCIA INTERSECCIONAL⁶²

*Ernest Cañada*⁶³

Nos últimos anos, as camareiras⁶⁴, trabalhadoras basicamente dedicadas à limpeza de quartos de hotel, popularmente conhecidas como "kellys", em decorrência da reivindicação que fizeram de um termo coloquial, irromperam com força no palco público na Espanha. Graças a um intenso processo de mobilização social, esse grupo passou de praticamente invisível para protagonista de momentos-chave no debate político. Em pouco tempo, surgiu um movimento plural que dá voz e rosto a uma das expressões mais claras da precariedade do trabalho na Espanha. Por sua vez, a sua luta visualiza a extrema desigualdade em que se baseia o turismo e, em particular, a hotelaria, um dos setores de atividade que há décadas gera a maior rentabilidade e benefícios empresariais.

Um trabalho duro e desvalorizado

Historicamente, a limpeza de quartos de hotel tem sido um trabalho realizado quase inteiramente por mulheres em um contexto de precariedade que configurou estruturalmente o trabalho turístico (CAÑADA, 2020). Socialmente tem sido considerada uma extensão das tarefas domésticas e de cuidado e, portanto, desvalorizada e mal remunerada, além de ser

⁶² Traduzido para o português por Thiago Sebastião de Melo.

⁶³ Doutor em Geografia. Coordenador da Alba Sud. E-mail: ernest@albasud.org

⁶⁴ Embora a Classificação Brasileira de Ocupações tenha 4 códigos diferentes para especificidades de camareiras, optei por manter camareira sem o adjetivo "de hotel" pelo uso corrente no Brasil. Ademais, mantive os termos escolhidos pelo autor sempre que encontre correspondente no Brasil, mesmo que pouco usual, como "Reflexões finais" ao invés das usuais "Considerações finais" por entender que dá maior força expressiva ao texto.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

especialmente difícil. O grupo tem se colocado como exemplo de feminização no trabalho turístico, cuja indústria aproveita a naturalização da desigualdade existente para ter mão de obra mais barata e flexível (MORENO & CAÑADA, 2018). Nas pesquisas acadêmicas sobre o trabalho das camareiras em diferentes partes do mundo, destaca-se a abundância de estudos que mostram uma tendência geral à precarização das condições de trabalho.

Um primeiro aspecto que se destaca na literatura é a invisibilidade social desse grupo (HUNTER & WATSON, 2006). Na maioria dos países, as mulheres constituem a base desse grupo laboral, com uma presença muito proeminente de trabalhadoras de origem migrante de países com rendimentos mais baixos (DYER, *et al.*, 2010). A desigualdade social de gênero tem implicado que quando um setor de trabalho é feminilizado - exercido principalmente por mulheres - ele se desvaloriza socialmente e, portanto, tem salários mais baixos, piores condições de trabalho, menos reconhecimento profissional e maiores níveis de exploração (FERREIRA & SILVA, 2016; HSIEH, *et al.*, 2017). Nesse contexto, a construção de suas identidades como grupo de trabalho incorpora gênero, classe, raça e etnia em uma interseção complexa (ADIB & GUERRIER, 2003).

Por outro lado, a sazonalidade do turismo favoreceu para tradicionalmente as empresas hoteleiras adotarem mecanismos de contratação flexíveis, o que teve consequências significativas na qualidade do emprego gerado e que afetou particularmente a limpeza (ADLER & ADLER, 2003). Num contexto de avanço generalizado dos processos de flexibilização laboral, muitas empresas têm recorrido às formas de contratação temporária e a tempo parcial, à externalização de parte da força de trabalho, ao recurso às agências de trabalho temporário, bem como ao aumento de intensidade do trabalho, com o resultado da piora das condições de trabalho das trabalhadoras e da ampliação da precariedade (KNOX, 2010; SEIFERT & MESSING, 2006). Da mesma forma, também foi identificado que em tempos de alta



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

ocupação é comum que as horas estabelecidas sejam ultrapassadas, tornando a conciliação entre trabalho e vida diária especialmente complicada (DYER, *et al.*, 2011; MCNAMARA, *et al.*, 2011). Por meio de vários mecanismos, foi identificado um aumento progressivo na intensificação do trabalho (SEIFERT & MESSING, 2006).

Nessas condições laborais, o trabalho em apartamentos tem gerado maiores índices de acidentes, lesões graves e incidentes de natureza psicossocial do que outros empregos no setor de serviços, o que evidencia o risco à saúde de determinadas condições e relações de trabalho, que resultou em uma vasta bibliografia (CAÑADA, 2019). Por exemplo, em um desses estudos, empregadas domésticas latinas que trabalham nos Estados Unidos identificaram como abuso laboral uma série de eventos que se repetem sistematicamente em seu dia a dia: baixos salários, dificuldade de acesso a licença médica remunerada, utensílios de limpeza inadequados, falta de instrumentos de proteção, tratamento arbitrário e favoritismo de chefias, atribuições diferenciadas e injustas de cargas de trabalho, aliadas ao desrespeito e injúrias. Esses maus-tratos também se traduzem em efeitos sobre sua saúde física e psicossocial (HSIEH, *et al.*, 2017).

Pelas várias formas de contratação que coexistem no mesmo quadro, mas também por motivos de origem e nacionalidade, bem como pelas próprias condições em que têm de exercer o seu trabalho, este grupo costuma estar fortemente dividido e segmentado, o que serve de base para acentuar os altos níveis de exploração e reduzir suas capacidades de resistência (MCDOWELL, *et al.*, 2007; PUECH, 2007). Esse fato reforça as características de um ambiente de trabalho já especialmente hostil às organizações sindicais (LAMBERT & HEROD, 2016). Em outros contextos, foi descrito que a forte atitude empresarial contra os sindicatos e a crença dos trabalhadores nas baixas possibilidades de sucesso dificultam a filiação sindical (MACAULAY & WOOD, 1992).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Se estas eram as condições de trabalho das camareiras, segundo a literatura disponível, o que tem acontecido em Espanha para que eclodisse nos últimos anos um movimento social da envergadura e visibilidade que teve, simbolizado pelo nome de “as Kellys”? Entender em que condições chegaram e o que aconteceu após a eclosão da crise iniciada em 2008, no que tem sido meu próprio campo de pesquisa nos últimos anos (CAÑADA, 2015, 2016, 2018a, 2018b), é a chave para chegar mais perto de um movimento dessas características.

A crise como divisor de águas

Entre o final dos anos noventa e os primeiros dois mil, a composição e a situação de uma parte das camareiras passaram por uma série de mudanças que foram especialmente relevantes para a configuração do movimento atual. Paralelamente a um certo boom econômico na Espanha daqueles anos, as trabalhadoras, tanto de origem espanhola como estrangeira, desenvolveram diferentes estratégias individuais e coletivas para tentar melhorar suas condições. Algumas delas decidiram deixar o setor hoteleiro e encontrar trabalho em outras atividades menos exigentes fisicamente. Foram progressivamente substituídas por trabalhadoras mais jovens, de origem estrangeira, incorporadas com piores condições contratuais. Outras consolidaram sua posição e alcançaram certa estabilidade como fixas ou fixas descontínuas. Em alguns casos, tornar-se representante sindical também pôde estabelecer alguma segurança dentro da empresa, apesar de possíveis retaliações e obstáculos a uma possível ascensão profissional. Também havia quem preferia não ficar muito tempo no mesmo hotel e mudava repetidamente de local de trabalho por decisão própria com base nas vantagens comparativas que pudera encontrar numa ou outra empresa.

A partir de 2008, a decomposição da economia espanhola espalhou-se rapidamente da economia financeira para a real, com efeitos devastadores sobre a classe trabalhadora



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

(MURRAY, 2015). O início da crise levou rapidamente a um aumento dramático do desemprego, atingindo uma taxa de 26% em 2013. As perdas de empregos concentraram-se especialmente na construção e setores relacionados. No entanto, houve uma deterioração constante da qualidade do emprego em outros setores, bem como uma extensão da precariedade (OXFAM, 2018). No caso do turismo, apesar dos efeitos dos primeiros anos de crise, voltou a crescer rapidamente e experimentou uma expansão extraordinária.

A resposta do governo espanhol, extremamente condicionado pelas políticas de ajuste da União Europeia para garantir o pagamento da dívida, foi a adoção de um programa de resgate junto com uma nova virada do parafuso nas políticas trabalhistas de caráter neoliberal que vinham aplicando desde os anos oitenta. A retórica por trás dessas reformas era que a rigidez do mercado de trabalho e os altos custos da mão de obra sufocavam o crescimento econômico. Com a reforma trabalhista de 2012, promovida pelo governo do Partido Popular, foram modificadas as condições que permitiram maiores facilidades para demissões e extensão da terceirização (CAÑADA, 2018c). Ao regulamentar que no que diz respeito a jornada laboral, horário, salário e classificação profissional, o acordo de empresa teria prioridade de aplicação sobre os demais acordos coletivos porventura existentes, a terceirização passou a ser uma fórmula atraente para o empresariado hoteleiro, pois poderia se desprender de trabalhadores diretos vinculados ao acordo coletivo de trabalho para o setor de hospedagem, e contratar uma empresa multisserviços que tenha seus trabalhadores sob acordos societários, muitas vezes assinados com representação fraudulenta, ou associados a outras áreas de atividade com menor reconhecimento profissional e remuneração, como de limpeza. A terceirização na Espanha está regulamentada desde a aprovação do Estatuto do Trabalhador em 10 de março de 1980. Foi assumida na medida em que uma série de responsabilidades foram estabelecidas pela comunidade empresarial no caso de subcontratação de obras ou serviços. No



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

entanto, não eram utilizados com frequência por não serem lucrativos, na medida em que tinham que pagar aos terceirizados o mesmo que aqueles que contratavam diretamente. Desta forma, o acordo setorial prevalecia sobre qualquer outro acordo, estabelecendo mínimos. Um trabalhador não poderia ganhar no cálculo anual da sua remuneração menos do que o que o acordo do seu setor fixava. Portanto, os acordos de empresas que foram firmados na época eram superiores ao que os acordos setoriais estabeleciam.

A reforma trabalhista de 2012 levou a uma maior fragmentação das relações de trabalho, minando o poder dos trabalhadores e das organizações sindicais. Foi neste contexto de fragilidade sindical, que conduziu a uma progressiva perda de apoios desde os anos de transição política, que se deu uma política muito extensa de terceirização das atividades-fim do setor hoteleiro, com especial incidência nos departamentos de pisos, porque era onde as empresas podiam economizar mais custos trabalhistas e porque sendo feminizados esperavam menos resistência. Em última análise, atuou como um dos principais fatores de precarização do grupo de camareiras.

Todas essas mudanças tiveram como efeito principal uma degradação generalizada das condições de trabalho no setor hoteleiro, especialmente das camareiras, e, portanto, o fim das vias de melhoria que elas puderam praticar nos últimos anos, anteriormente mencionadas. A possibilidade e decisão das empresas de reduzirem os custos trabalhistas e flexibilizarem a força de trabalho foi alicerçada em um dos departamentos onde foi possível fazer maior economia devido à sua extensão, entre 20% e 30% da força de trabalho, e mesmo 50% em hotéis que não possuem restaurante, segundo diversas fontes consultadas. Esta situação afetou particularmente as trabalhadoras de meia-idade que fizeram a sua carreira profissional neste setor, que experimentaram alguma melhoria profissional e que a partir desse momento se encontravam presas a um trabalho cada vez mais árduo, desenvolvido em piores condições, com salários mais baixos (que em muitas famílias passavam a ser a única



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

renda), com enormes dificuldades para mudar de emprego e com saúde gravemente deteriorada. Por baixo, consolidava-se uma nova geração de trabalhadoras femininas, muitas vezes oriundas de outros setores com maiores níveis de desemprego, e com uma elevada presença de mulheres procedentes da emigração de países do Sul, para as quais trabalhar em hotelaria era o que as empresas na época ofereciam.

Deterioração das condições trabalhistas

Os principais efeitos que todo esse conjunto de transformações tiveram nas camareiras foram os seguintes:

a) Degradação das condições contratuais

Em primeiro lugar, destaca-se a deterioração das condições contratuais, com diminuição do emprego estável, com contratos fixos ou fixos descontínuos, e aumento do trabalho temporário e a tempo parcial, a expansão da terceirização e a recorrência de práticas formativas, tanto na graduação quanto na pós-graduação. A isso se soma a situação em que, para além da contratação formal, ocorrem inúmeros abusos e ilegalidades por parte das empresas, como a extensão da jornada de trabalho para além do tempo fixado em contrato sem remuneração.

b) Redução salarial e perda da categoria profissional

Para as trabalhadoras contratadas em empresas multisserviços, ao passar do convênio hoteleiro para o convênio de limpeza ou empresa, o salário foi reduzido entre 30% e 40%. Em outros casos, as empresas externas pagam por quarto arrumado, com uma grande variação segundo a área e o tipo de empresa, mas em qualquer caso com uma diminuição nítida do vencimento final recebido. A não aplicação do acordo setorial acarreta também a perda de alguns benefícios, como o pagamento de um suplemento⁶⁵ de 40% a mais por trabalho em

⁶⁵ Adicional.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

feriado ou de um suplemento noturno. Outro benefício perdido foi o do hotel ter que garantir café da manhã e almoço durante a jornada laboral. Agora é cada vez mais frequente que a empresa não assuma esse compromisso, principalmente quando terceiriza o pessoal de um setor. Um problema comum adicional são os truques que as empresas de serviços múltiplos costumam usar para evitar o pagamento de horas extras ou outras compensações para as trabalhadoras.

Em muitos casos, a terceirização também significa a perda da categoria profissional reconhecida em seu contrato, que vai de “camareira” a “faxineira”, “passadeira” ou “operária”, conforme o caso. No caso das governantas e de outros cargos intermediários, ocorre situação semelhante, tanto em termos de salários como de reconhecimento de sua categoria profissional, e até generaliza-se que para complementar os baixos salários elas também devem assumir o serviço de limpeza.

A diminuição salarial experimentada por este grupo de trabalhadoras tem maior impacto devido ao contexto de desemprego generalizado dos últimos anos. Se, antes da crise, para muitas trabalhadoras seu salário poderia ser mais uma renda familiar complementar, com a queda do emprego em outros setores, como a construção civil, essa pode se tornar a única renda que entra naquele domicílio. Além disso, ao reduzir seu valor, a situação de dependência mantida pela família é agravada. Esta perda de salários coloca muitas das trabalhadoras deste setor numa situação de “pobreza laboral”, com rendimentos que dificultam a cobertura das suas necessidades básicas.

c) Intensificação do trabalho

O aumento da carga de trabalho experimentado desde a crise na grande maioria dos hotéis na Espanha é generalizado. O desemprego em massa e as possibilidades oferecidas pelas últimas reformas trabalhistas atuam como um mecanismo disciplinar que favorece a intensificação do trabalho. No setor hoteleiro, estabeleceu-se a prática comum de impor um



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

determinado número de quartos e tarefas fixas por dia, geralmente impossíveis de cumprir. Tal como acontece com muitas trabalhadoras contratadas a título temporário e a tempo parcial, sejam de empresa terceirizadas ou não, são frequentes as situações de abuso em que as trabalhadoras acabam por trabalhar mais horas do que as devidas e, sobretudo, sem serem remuneradas.

Na medida em que as empresas multisserviços competem entre si para fazer os melhores negócios com os hotéis, isso faz com que elas, posteriormente, tentem reduzir o pessoal ou aumentar o número de quartos que cada trabalhadora precisa limpar. Além disso, quando os hotéis aumentam as suas exigências à empresa multisserviços, tanto em termos de qualidade como com novas tarefas, não se traduz num aumento de funcionárias que compensa esta expansão do trabalho, mas sim a sobrecarga tende a afetar as trabalhadoras. A falta de experiência no setor hoteleiro de inúmeras empresas multisserviços, como boa parte das camareiras contratadas, aumenta o trabalho de coordenação e fiscalização das governantas e supervisoras.

Por outro lado, a redução de categorias profissionais como "manobristas", principalmente homens dedicados a colocar e retirar móveis dos quartos, tirar a roupa suja, substituir a roupa limpa no escritório ou limpar janelas, entre outras tarefas, ou a eliminação de sistemas de ajuda quando o trabalho se acumula, também resultou em uma sobrecarga para as camareiras.

d) Maior incerteza na duração do emprego, horas e calendário de trabalho.

A contratação das trabalhadoras por meio de empresas multisserviços faz com que vivam em situação de insegurança permanente em relação ao tempo real de contratação, independentemente do que o contrato indique. Um elemento já identificado com as trabalhadoras contratadas temporariamente é o fato de a maioria sentir que tem que aceitar alterações nas suas horas ou dias de descanso de acordo com as necessidades



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

da empresa, por medo de não serem renovadas ou simplesmente não as chamem novamente. Isso causa um estado de insegurança que torna muito difícil conciliar o trabalho com a vida pessoal, principalmente quando se trata de mulheres com filhos pequenos. Aliás, se nos departamentos de apartamentos já é comum que as trabalhadoras tenham que correr para terminar o número de quartos atribuídos, com a terceirização isso aumenta e passa a ser comum elas não tirarem os descansos que lhes correspondem ou que frequentemente pulem os horários das refeições.

Algumas trabalhadoras afirmam que esse poder discricionário da empresa para alterar horários ou feriados tornou-se uma forma de impor cargas de trabalho e poder dispor delas de acordo com seus interesses. Ou mesmo a gestão de turnos torna-se um elemento de recompensa ou sanção, com uma clara intenção disciplinar. Assim, é comum que muitas trabalhadoras afirmem não saber qual é o seu calendário de trabalho no início da semana, o que dificulta muito a conciliação com a vida pessoal e familiar.

e) Perda da qualidade do serviço e desprofissionalização

O fato de as empresas multisserviços concorrerem entre si para obter o contrato de gestão de determinado serviço num hotel, faz com que exerçam pressão sobre as condições de trabalho, o que afeta a qualidade do serviço prestado. O aumento da carga de trabalho, e que essa tenha que ser realizada em tempo geralmente insuficientemente estipulado, causa cada vez mais pressão sobre as trabalhadoras, o que torna difícil para elas fazerem bem o seu trabalho, tanto nas tarefas de limpeza como no atendimento personalizado ao cliente. Por sua vez, ao acentuar a rotatividade de pessoal nos diferentes centros de trabalho, a insegurança laboral e a dificuldade de construção de uma carreira profissional nestas condições, as trabalhadoras acabam por reduzir o vínculo afetivo com a profissão e o local de trabalho. A consequência desta nova forma de organização é a perda da qualidade do serviço



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

devido à incapacidade das trabalhadoras de conseguirem cumprir todas as tarefas atribuídas, apesar do esforço diário e da pressão que sofrem.

Por outro lado, em muitas ocasiões, as empresas multisserviços que assumiram a gestão dos departamentos de apartamentos não tiveram experiência nem preparação para assumir trabalhos em hotéis. Um dos principais déficits identificados diz respeito ao baixo investimento na capacitação desse pessoal pelas empresas multisserviços. Um problema adicional é que a maioria das empresas de multisserviços não se dedica exclusivamente à limpeza de quartos de hotel, mas cobre vários setores. Por outro lado, as pessoas empregadas não necessariamente sabem o suficiente sobre as características do trabalho nos hotéis, com a perda de qualidade de serviço que isso pode acarretar. Por sua vez, a alta rotatividade de pessoal, que pelas condições em que têm que trabalhar para empresas multisserviços acabam deixando o trabalho com frequência, causa a perda de profissionais capacitados no setor. Mas o rodízio não se limita ao pessoal contratado por empresas multisserviços, mas também das empresas de hotéis, com as mudanças de pessoal que isso também implica.

Da mesma forma, a dificuldade generalizada das trabalhadoras vinculadas a este departamento poderem desempenhar adequadamente o seu trabalho também pode afetar o profissionalismo do setor na medida em que, por um lado, as trabalhadoras mais velhas têm mais dificuldade em realizar o seu trabalho de forma adequada e, por outro lado, existem também mais obstáculos para ajudar na formação das trabalhadoras mais jovens (devido aos ritmos de trabalho, ao ambiente de tensão e competição entre fixas e fixas descontínuas com as eventuais, ou mesmo segundo a nacionalidade). Na medida em que elas se retiram desses empregos, as trabalhadoras que as substituem nessas condições dificilmente tiveram a formação necessária para poderem exercer o seu trabalho adequadamente e ao mesmo tempo adquirir



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

hábitos de trabalho saudáveis que contribuam para a prevenção de riscos e doenças ocupacionais.

f) Segmentação, divisão e aumento da competição

Por meio da terceirização, está ocorrendo uma segmentação profunda entre as trabalhadoras de determinadas condições contratuais em relação às que são subcontratadas. A contratação por meio de empresas diferentes dentro de um mesmo hotel enfraquece o vínculo comum e o apoio entre trabalhadores e trabalhadoras e, no caso específico de cargos intermediários, como governanta, coloca-as em uma situação muito complicada, entre as demandas da empresa externa e as do hotel. Esta situação também parece estar afetando a mesma capacidade de coordenação entre departamentos de um mesmo hotel.

Com a expansão das trabalhadoras de origem imigrante de países com renda média inferior à da Espanha, principalmente a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, que ocupam as posições mais baixas do mercado de trabalho, com a eclosão da crise e o surgimento das empresas multisserviços, praticamente sem presença sindical e estruturas de coesão social, em muitos locais de trabalho a solidariedade entre os trabalhadoras tendeu a ser organizada por nacionalidades de origem, agudizando as divisões internas. Neste contexto, as mulheres espanholas têm sido vistas como uma minoria, o que em alguns momentos tem facilitado a promoção de certos discursos estigmatizantes para outros grupos.

g) Acentuação de problemas de saúde

A intensificação do trabalho e a acentuação das condições de insegurança aumentam os riscos à saúde das empregadas domésticas, tanto físicos como psicológicos. Uma primeira manifestação imediata é o cansaço e a exaustão constantes que tornam o dia a dia fora do hotel muito difícil. Hematomas nas pernas também são comuns pelas pancadas que se dão quando se está sempre correndo. Dor no pescoço, costas, ombros,



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

lombar, braços, também estão muito presentes devido à repetição constante dos mesmos movimentos, somadas às posturas ruins, que são muito difíceis de evitar devido ao intenso ritmo de trabalho. Elas também sofrem de problemas com os joelhos, geralmente os direitos, que usam para mover as camas sem ter que se curvar. Também é comum que muitas donas de casa que trabalham no setor há anos tenham se submetido a cirurgias devido a hérnias ou problemas no túnel do carpo.

Os produtos de limpeza também podem ser uma fonte de riscos para a saúde das trabalhadoras. Embora seja verdade que nos últimos anos os hotéis tenham mais controle sobre o tipo de produtos que utilizam, são muitas as camareiras que alertam para diferentes situações que tornam esses mecanismos não tão eficazes. Por outro lado, as mesmas trabalhadoras têm a percepção de que os produtos mais fortes, e, portanto, mais tóxicos e perigosos para a saúde, são os mais eficazes para a limpeza e, portanto, continuam a utilizá-los porque lhes permite poupar tempo. Ou, muitas vezes, são as próprias trabalhadoras que não querem utilizar equipamentos de proteção individual, como luvas ou máscaras, por ser muito incômodo, e com o ritmo acelerado de trabalho que realizam, preferem não os utilizar, pois é perda de tempo, como elas explicam. Por outro lado, em hotéis e empresas terceirizadas nem sempre estão disponíveis em quantidade suficiente.

Essa forma de trabalhar, somada ao cansaço e à dor, além da sensação de nunca chegar a tempo de terminar no horário programado e, em alguns casos, a situações de maus-tratos por parte das governantas e supervisoras, fazem com que estresse e ansiedade se tornem uma constante, além de sofrerem de insônia. Assim, em muitos locais de trabalho, não é incomum ver trabalhadoras chorarem por causa da angústia e do desamparo que sentem. Com o passar dos anos, esse tipo de situação pode levar à depressão.

Devido ao cansaço e às dores, além do estresse, tornou-se normal que as trabalhadoras precisem tomar remédios para suportar a jornada de trabalho. A frase "tomo ibuprofeno no café



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

da manhã" se tornou comum. O fato de durante anos estarem tomando esse tipo de medicamento continuamente, somado aos possíveis excessos da automedicação, também pode ter outros tipos de repercussões em sua saúde.

h) Diminuição da capacidade de representação e defesa coletiva

As empresas multisserviços dificultam a união das trabalhadoras na defesa de seus interesses e das possibilidades de organização sindical. Esse maior desamparo tem impacto no aumento da pressão, que às vezes pode se transformar em assédio e maus-tratos para cumprir as cargas de trabalho atribuídas, algo que é amplamente compartilhado por trabalhadoras ocasionais e com contratos de tempo parcial. Ou seja, não é algo exclusivamente associado com a terceirização, mas pode contribuir para isso. Por sua vez, as organizações sindicais também viram na reforma trabalhista e na área específica da terceirização um ataque frontal aos direitos fundamentais dos trabalhadores e contra si próprias como sindicatos de classe. Esta ofensiva do empresariado às organizações sindicais ocorre num momento em que estes se encontram numa situação de fragilidade e em que se espalhou uma opinião crítica de várias posições ideológicas e políticas sobre o seu papel e legitimidade. Além disso, a terceirização reduz diretamente a capacidade de escolher seus representantes.

Considerações

Todas essas transformações geraram tamanha pressão entre as trabalhadoras que, quando surgiu uma janela de oportunidade, que visibilizou publicamente as condições de trabalho e exploração desse grupo, elas a aproveitaram quase como a única oportunidade de saída. A oportunidade foi proporcionada pela campanha sindical internacional pela



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

dignidade do trabalho das camareiras promovida pela UITA⁶⁶, embora posteriormente tenha sido transbordada pela iniciativa autônoma de muitas associações de trabalhadoras constituídas como "kellys". Mas não foram todas as camareiras que impulsionaram esse processo. A mobilização não foi liderada pelo grupo de trabalhadoras mais jovens que ingressaram no mercado de trabalho em um contexto de maior precariedade. Pelo contrário, foi promovido por trabalhadoras com idade avançada, com alguma carreira profissional no setor hoteleiro, tanto espanholas como latino-americanas, com reflexos relevantes na sua saúde e, sobretudo, poucas perspectivas de melhoria do emprego, nem sequer chegar à idade de aposentar. O processo de organização e mobilização teve um caráter plural e, apesar das diferenças entre a organização e os sindicatos, e mesmo dentro das organizações autônomas de trabalhadoras, conseguiu posicionar seu problema na agenda pública da política espanhola durante vários anos (CAÑADA, 2018).

Referências

- ADIB, A.; & GUERRIER, Y. (2003). The Interlocking of Gender with Nationality, Race, Ethnicity and Class: the Narratives of Women in Hotel Work. *Gender, Work and Organization*, 10(4), 413–432.
- ADLER, P. A.; & ADLER, P. (2003). Seasonality and Flexible Labor in Resorts: Organizations, Employees, and Local Labor Markets. *Sociological Spectrum* 23, 59-89.
- CAÑADA, E. (2015). *Las que limpian los hoteles. Historias ocultas de precariedad laboral*. Barcelona: Icaria Editorial.
- CAÑADA, E. (2016). *Externalización del trabajo en hoteles. Impactos en los departamentos de pisos*. Barcelona: Alba Sud Editorial.
- CAÑADA, E. (2018a). Too precarious to be inclusive? Hotel maid

⁶⁶ Na tradução literal do inglês IUF (International Union Food) seria União Internacional dos Trabalhadores em Alimentação – UITA, que é a União Internacional de Associações de Trabalhadores da Alimentação, Agricultura, Hotelaria, Restaurante, Catering, Tabaco e Afins, uma organização sindical com atuação globalizada.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- employment in Spain. *Tourism Geographies*, 20(4), 653-674.
- CAÑADA, E. (2018b). La rebelión de las camareras de piso. En P. Ibarra, R. Gomà, R. González y S. Martí. *Movimientos sociales y derecho a la ciudad Historias de dignidad, resistencia y esperanza* (pp. 118-133). Barcelona: Icaria Editorial.
- CAÑADA, E. (2018c). Reforma trabalhista e terceirização na Espanha: a precarização do trabalho das camareiras". *Revista do Centro de Pesquisa e Formação. Edição Especial Ética no Turismo*. Jun 2018, pp. 55-70.
- CAÑADA, E. (2019). El trabajo de las camareras de piso: un estado de la cuestión. *Papers de Turisme*, 62, 67-84.
- CAÑADA, E. (2020). Trabalho turístico e precariedade. *Turismo: Estudos & Práticas*, 9 (Dossiê Temático), 1-21.
- DYER, S.; MCDOWELL, L.; & BATNITZKY, A. (2011). Migrant work, precarious work – life balance: what the experiences of migrant workers in the service sector in Greater London tell us about the adult worker model. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, 18(5), 685–700.
- DYER, S.; MCDOWELL, L.; & BATNITZKY, A. (2010). The Impact of Migration on the Gendering of Service Work: The Case of a West London Hotel. *Gender, Work & Organization*, 17(16), 635–657.
- FERREIRA, Freire Guimarães, C. R.; & SILVA, J. R. (2016). Pay gap by gender in the tourism industry of Brazil. *Tourism Management*, 52, 440–450.
- HSIEH, Y. C.; SÖNMEZ, S.; APOSTOLOPOULOS, Y.; & LEMKE, M. K. (2017). Perceived workplace mistreatment: Case of Latina hotel housekeepers. *Work*, 56(1), 55–65.
- HUNTER, P.; & WATSON, D. (2006). Service unseen: The hotel room attendant at work. *International Journal of Hospitality Management*, 25(2), 297–312.
- KNOX, A. (2010). "Lost in translation": an analysis of temporary work agency employment in hotels. *Work, Employment and Society*, 24(3), 449–467.
- LAMBERT, R.; & HEROD, A. (Eds.). (2016). *Neoliberal capitalism and precarious work: Ethnographies of accommodation and resistance*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- MACAULAY, I. R.; & WOOD, R. (1992). Hotel and Catering Industry Employees' Attitudes towards Trade Unions. *Employee Relations*, 14(3), 20–28.
- MCDOWELL, L.; BATNITZKY, A.; & DYER, S. (2007). Division,



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- Segmentation, and Interpellation: The Embodied Labors of Migrant Workers in a Greater London Hotel. *Economic Geography*, 83(1), 1–25.
- MORENO, D.; & CAÑADA, E. (2018). *Dimensiones de género del trabajo turístico*. Barcelona: Alba Sud Editorial, Informes en Contraste, 4.
- MCNAMARA, M.; BOHLE, P.; & QUINLAN, M. (2011). Precarious employment, working hours, work-life conflict and health in hotel work. *Applied Ergonomics*, 42(2), 225–232.
- MURRAY, I. (2015). *Capitalismo y turismo en España. Del “milagro económico” a la “gran crisis”*. Barcelona: Alba Sud Editorial.
- OXFAM. (2018). ¿Realidad o ficción? La recuperación económica, en manos de una minoría. Barcelona: Oxfam Intermon.
- PUECH, I. (2007). Cleaning time, protest time: employment and working conditions for hotel maids. *Sociologie du Travail*, 49(1), 50–65.
- SEIFERT, A. M.; & MESSING, K. (2006). Cleaning up after globalization: An ergonomic analysis of work activity of hotel cleaners. *Antipode*, 38(3), 557–578.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

TURISMO, GÊNERO E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

*Cristiane Sousa de Araujo dos Santos*⁶⁷

Após inúmeras buscas relativas à qualidade de vida do(a) trabalhador(a) do turismo, observou-se que há poucos estudos a respeito do assunto. Dessa forma, verificou-se a necessidade da presente pesquisa bibliográfica, a qual tem por objetivo apresentar algumas reflexões a respeito do turismo, gênero e qualidade de vida no trabalho.

Considera-se que o turismo se caracteriza por ser um setor de boas perspectivas de negócios e emprego, sendo uma atividade econômica dinâmica e complexa que possui implicações políticas, sociais, ambientais e culturais. De acordo com Andrade (1995) o turismo é capaz de viabilizar viagens, hospedagens, alimentação e lazer àqueles que se deslocam de suas moradias em busca do cumprimento de seus objetivos pessoais ou profissionais.

Para Organização Mundial do Turismo (OMT, 1999) turismo é definido como: “todas as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e permanências em lugares diferentes onde residem habitualmente, por período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo como objetivos o ócio, negócios e outros”. (*apud* MASINA, 2002, P.16). Desse modo, a população que utiliza o turismo seja para o lazer, para negócios ou outra condição, possivelmente precisará da figura do trabalhador(a). Este(a) trabalhador(a), por sua vez, é o

⁶⁷ Mestra em Turismo, Trabalho e Gênero (CET/UnB). Integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB), convidada a participar da elaboração deste trabalho. Docente da Universidade Católica de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9645582097826775>. ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-5319-1646>. E-mail: profecristianearaujo@gmail.com



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

responsável por executar a parte operacional de um trabalho, ou ainda, de várias funções em um mesmo cenário.

No ambiente empresarial, se faz necessário atenção à saúde do(a) trabalhador(a), pois muitas vezes, ele(a) pode estar insatisfeito(a), ou simplesmente, não ter condições adequadas para a execução de um determinado ofício. Além disso, é respeitável considerar no ambiente de trabalho questões relacionadas à desigualdade de gênero, e a divisão sexual do trabalho, visto que as relações de gênero são capazes de estruturar o processo do trabalho.

O Turismo

O turismo é um setor de boas perspectivas de negócios e emprego e necessita tornar-se objeto de políticas públicas sólidas que sejam direcionadas para o ordenamento e para seu desenvolvimento. Beni (2007) e Novo e Silva (2010) ressaltam que o principal traço do desenvolvimento turístico é o planejamento e o norteador do planejamento são o conhecimento e a análise crítica da situação atual, que permitem a elaboração de diagnóstico e prognóstico para a atividade. Dessa forma, para que haja uma gestão efetiva da atividade, se faz necessário um planejamento bem arquitetado, visto que instituições que planejam têm resultados superiores àquelas que agem de maneira impulsiva.

Diante disso, nos últimos anos, observou-se a atividade do turismo se desenvolver com base em um planejamento e na implementação de políticas públicas em diversos setores, graças à criação do Ministério do Turismo (MTur) no ano de 2003, que surgiu com o objetivo de desenvolver o turismo como atividade econômica autossustentável em geração de empregos e divisas, proporcionando inclusão social.

Para o MTur (2010, p.15), “o turismo de negócios e de eventos compreende o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional de caráter comercial, promocional, técnico científico



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

e social”. Portanto, é possível perceber que o turismo está inserido em um contexto multidisciplinar e complexo.

Beni (2002) argumenta que a política de turismo é importante para que haja conexão entre o econômico, o cultural, e o social, e que a base das instituições públicas, em seus planos e programas, é que irá determinar prioridades, administrar os recursos existentes e promover incentivos com o propósito de formatar diretrizes de regulamentação e apoio para o setor.

O turismo é um fenômeno social e econômico que teve origem espontânea decorrente da vontade peculiar do ser humano de conhecer locais e culturas diferentes. Esse interesse foi aguçado principalmente por razões comerciais como, por exemplo, a descoberta de novos nichos para fornecedores e consumidores.

As atividades de turismo e lazer não servem tão somente para agregar valor econômico ao local visitado, servem também para desempenhar funções socioculturais. Portanto, o turismo não pode apenas ser visto como uma procura de prazer e fuga de rotina, mas também um estímulo a novos olhares, perspectivas e valores nas relações entre indivíduos, grupos e comunidades.

Trabalho e Qualidade de Vida no Trabalho

Ao se tratar do conceito de trabalho, é possível tratar da temática a partir de ângulos diferentes. Santos (2018, p 29) retrata que “é uma atividade que tem um objetivo, que designa um gasto de energia por meio de um conjunto de atividades coordenadas que visam produzir algo útil”. Além disso, a autora afirma que “o trabalho pode ser agradável ou desagradável, que pode ser, ou não, associado a trocas de natureza econômica e pode ser, ou não, executado dentro de um emprego”.

Antunes (2009) direciona que o conceito de trabalho é amplo e não inclui quem não vende a força de trabalho, mas inclui o trabalhador produtivo e o trabalhador improdutivo, com a finalidade de “fornecer materialidade à tese da centralidade do



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

trabalho e sua importância na sociedade”, visto que, na visão do autor, o trabalho é elemento essencial e fundante da existência humana. O mesmo autor conceitua, ainda, que a classe que vive do trabalho é composta de “homens e mulheres, produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção e que são levados a vender a sua mão de obra no campo ou na cidade em troca de salário”.

A classe de trabalhadores assalariados, assim como o meio de produção capitalista, caminha para um trabalho alienado, conforme evidencia Antunes (2015), onde o produto chega ao trabalhador como novo, assim, esses trabalhadores(as) desenvolvem tarefas cada vez mais especializadas e estruturadas sucessivamente em que o desafio é compreender “o sentido abrangente, diferenciado e heterogêneo que compõe a classe trabalhadora dos dias atuais, a qual foi designada de classe que vive do trabalho”. (Santos, 2018 P. 29).

Em tempo, importante destacar acerca da Organização Internacional do Trabalho (OIT), agência das Nações Unidas (ONU), que tem a missão de promover oportunidades para homens e mulheres com a finalidade de que tenham acesso a um trabalho decente (OIT 1999). Santos (2019), aborda que de acordo com a OIT, “trabalho decente é condição fundamental para a superação da pobreza, para a redução das desigualdades sociais, para garantia da governabilidade democrática e para o desenvolvimento sustentável”.

De acordo com a autora, a OIT defende que trabalho decente é definido como “uma atividade adequadamente remunerada exercida e condições de liberdade, equidade e segurança com a capacidade de oferecer vida digna ao trabalhador”, incluindo o trabalhador do turismo.

No que se refere à qualidade de vida no trabalho (QVT) é importante iniciar distinguindo os termos trabalhador e trabalhadora. Há de se pensar que o fato de os termos indicarem gênero, masculino e feminino não muda em questão de terminologias, porém, ao se consultar dicionários, obtém-se: “trabalhador substantivo, que se refere ao sexo masculino, que é



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

capaz de trabalhar” (HOUAISS, 2004, p.725). Enquanto isso, o termo “trabalhadora”, no mesmo dicionário, intitula como empregada, obreira, operária. O plural dos termos denominado trabalhadores(as) é definido como: pessoas do sexo feminino ou masculino que desenvolvem algum tipo de trabalho; que são capazes de trabalhar e que podem demonstrar excesso de dedicação na realização de alguma coisa.

O mundo do trabalho conta com um cenário complexo em que o sistema capitalista deixa evidente impactos que podem gerar consequências positivas e negativas no ambiente de trabalho tanto para instituições quanto para trabalhadores. Lamentavelmente, a classe trabalhadora encontra-se em situação vulnerável e têm seu trabalho cada vez mais precarizado, enquanto empregadores insistem em produtividade, capacidade de resiliência, eficiência, eficácia, o que acaba por contribuir para a fragilidade no ambiente de trabalho e para a desigualdade social onde o trabalhador permanece com a remuneração de sua mão-de-obra e o empregador com o crescimento de seu capital sem a preocupação de divisão do lucro obtido.

Muitas instituições não têm a devida preocupação com o bem-estar de seus trabalhadores, de modo a estarem atentos a diagnósticos que possam mirar a saúde mental e física de seus empregados. Ferreira (2013, p. 62) afirma que “os impactos da reestruturação produtiva têm levado os trabalhadores a desempenhar seus ofícios sistematicamente e no limite de suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas”, o que pode causar sérios riscos e impactos na saúde dos trabalhadores.

Diante de diversas correntes que estudam a QVT este estudo foca a abordagem feita por duas correntes, conforme explica Santos (2018, p. 42), “a primeira corrente trabalha o padrão hegemônico assistencialista, superficial, que está em busca de produtividade, padrão que adoce e rouba do trabalhador a felicidade e o prazer de trabalhar”. A segunda corrente é a “contra-hegemônica, que tem um viés preventivo e busca estudar e atacar a raiz do mal-estar, cujo ponto de partida



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

é a opinião dos colaboradores, suas falas e seus anseios”. A corrente contra-hegemônica, entende a QVT como “responsabilidade de todos os atores envolvidos no contexto organizacional”. (FERREIRA, 2013).

Nesse sentido, para Ferreira (2012, P. 172), o conceito de QVT engloba duas perspectivas interdependentes:

Sob a ótica das organizações, a QVT é um preceito de gestão organizacional que se expressa por um conjunto de normas, diretrizes e práticas no âmbito das condições, da organização e das relações socioprofissionais de trabalho que visa à promoção do bem-estar individual e coletivo, o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores e o exercício da cidadania organizacional nos ambientes de trabalho.

Sob a ótica dos trabalhadores, ela se expressa por meio das representações globais (contexto organizacional) e específicas (situações de trabalho) que estes constroem, indicando o predomínio de experiências de bem-estar no trabalho, de reconhecimento institucional e coletivo, de possibilidade de crescimento profissional e de respeito às características individuais.

Sobre bem-estar e mal-estar os conceitos utilizados vão ao encontro do que é proposto por Ferreira e Seidl (2009), onde a abordagem de bem-estar no trabalho está relacionada a um sentimento agradável e tem origem nas situações de trabalho, além disso, se manifesta de forma individual e coletiva. Ao contrário, encontra-se o mal-estar no trabalho, que se refere a sentimentos desagradáveis os quais têm origem nas situações de trabalho que são manifestadas de forma individual ou coletiva (FERREIRA, 2012).

Nesse contexto, Santos (2018, p. 44) destaca que:



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A QVT de trabalhadores (as) do turismo deve ser compartilhada por todos os envolvidos de uma instituição, nunca se esquecendo do objetivo institucional em que todos devem estar orientados para a busca permanente de integrar bem-estar, eficiência e eficácia no trabalho.

Ferreira (2012, p. 287) compara a QVT a uma obra de arte, em que a construção da QVT pode ser considerada em si mesma “uma atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espíritos de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda concernentes ao bem-estar no trabalho”. Diante disso, é importante observar que ações que promovam Qualidade de Vida no Trabalho são importantes desde a opinião do trabalhador, até os empregadores e da sociedade de modo geral.

Outro ponto de importante destaque é o que defende Santos (2018):

[...] que a atividade hoteleira é um ramo do turismo em frequente crescimento e, conseqüentemente, proporciona a expansão do mercado de trabalho, é possível verificar onde começa e onde termina a jornada de trabalho das pessoas. Para tanto, diversos fatores podem colaborar com a forma de gerir as organizações em que, cada vez mais, é necessário criar modelos, desenvolver processos e cuidar da saúde de seus trabalhadores, que muitas vezes trabalham no limite de sua capacidade física e mental (SANTOS 2018, p. 44).

Relações de Gênero e a Divisão Sexual do Trabalho

A luta por igualdade de gênero se deu no início do século XX com o início dos movimentos feministas. Seguindo a lógica da construção social do gênero em Beauvoir, pode-se pensar



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

criticamente o papel e as relações das mulheres na sociedade. Outras autoras, como Scott e Safiotti, analisam as estruturas de poder trazidas pela hierarquização da sociedade a partir da divisão em questão.

Dentre algumas autoras que criticam a divisão sexual do trabalho, cabe citar Hirata e Kergoat, que demonstram que essa divisão limita o acesso ao trabalho e padroniza e hierarquiza certas ocupações como “masculinas” e “femininas”, demonstrando, mais uma vez, relações de poder entre os gêneros. Trabalhos dedicados ao “cuidado”, são majoritariamente ocupados por mulheres, como enfermeiras, freiras e professoras dos anos iniciais, por exemplo, enquanto cargos de maior destaque são ocupados majoritariamente por homens, como médicos, papas e cardeais e professores universitários.

Diante disso, é importante acrescentar que as mulheres também lidam com a questão da dupla jornada de trabalho, e de outras circunstâncias e discriminações. De acordo com Araújo (2010), cabe lembrar que, apesar da contribuição econômica das mulheres com o trabalho doméstico, ainda existem desarmonias no mercado de trabalho relacionadas à idade e à escolaridade.

Araújo (2010, p. 29) expõe que “na visão econômica o trabalho doméstico é improdutivo”. Diante disso, é possível notar que o acesso aos recursos financeiros está estruturado por relações de gênero tanto na sociedade, quanto nos lares afetando, portanto, todas as pessoas, mas, em especial, todas as mulheres.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa bibliográfica permite o levantamento de estudo referente a um tema delimitado, bem como o aprofundamento teórico que direciona a pesquisa. Gil (2002, p.44) discorre: “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

O objetivo da pesquisa bibliográfica é definido como uma fonte de informação para estudos destinados a este fim, tendo como principal vantagem o fato de proporcionar ao pesquisador uma ampla diversidade de cobertura para os estudos. Além disso, a finalidade desse tipo de estudo é poder colocar o pesquisador em contato com o que já foi produzido, registrado e relacionado ao tema (PIANA, 2009, p.120).

A partir do propósito de pesquisar a respeito de qualidade de vida no trabalho relacionado ao trabalhador do turismo, houve uma vasta investigação referente à temática. Observou-se que, para o tema relacionado à QVT, existem muitos estudos; porém quando o tema é direcionado para o setor do turismo, o quantitativo de estudos, torna-se limitado.

Para construção do estudo bibliográfico, foram utilizados livros (biblioteca), serviços *on line* (artigos). O passo seguinte foi pensar na construção lógica da pesquisa bibliográfica, que consiste na organização das ideias. Para tanto, foi importante trabalhar com caracterização e conceitos de turismo, trabalho, QVT, gênero e divisão sexual do trabalho. A inclusão dos dois últimos temas deve-se ao fato de que o ambiente de trabalho é formado por homens e mulheres e busca-se diminuir a discriminação e as desigualdades no posto trabalho.

Finalizadas as etapas anteriores, inicia-se a redação do estudo, conforme recomenda Gil (2002, p.85), “a última etapa da pesquisa bibliográfica é constituída pela redação do relatório”. Ele complementa que: “não existem regras fixas acerca do procedimento a ser adotado nesta etapa, pois depende do estilo do autor que desenvolve a investigação”.

Considerações

A pesquisa bibliográfica é importante para fundamentação teórica de um objeto de estudo e para isso, foi necessária a condução da pesquisa por caminhos retilíneos. Nesse sentido, para delimitação da pesquisa bibliográfica apresentada, no que se reporta ao termo trabalho, o estudo teve por base o



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

entendimento dos autores: Araújo, Antunes e Santos, quanto à qualidade de vida no trabalho, a definição foi pela abordagem defendida por Ferreira.

Em se tratando de gênero e divisão sexual do trabalho, observou-se durante a pesquisa relacionada a QVT de trabalhadores(as) do turismo que é possível a diferenciação de trabalho, bem como formas de tratamentos diferenciadas entre homens e mulheres. Por isso torna-se pertinente a abordagem do tema. Para o tema citado, o delineamento para a pesquisa bibliográfica foi definido por meio do que defendem Hirata, Kergoat, Saffiot e Scott.

Em tempo, constata-se que ainda há desigualdade nas relações de gênero e que, de acordo com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável nº 5 da Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), em todas as ações públicas se faz necessário incluir, até 2030, a igualdade de gênero nas relações de trabalho e oportunidade de emprego, portanto salientamos a importância dessas ações na situação em estudo.

Diante do exposto, devido à importância do tema e ao desenvolvimento da pesquisa, percebemos que as questões referentes à qualidade de vida têm se apresentado de forma que o ambiente de trabalho deve estar preparado para receber o trabalhador ou trabalhadora, dando possibilidades para que possa desenvolver suas funções com eficiência e eficácia, preservando, assim, a qualidade de vida no trabalho, logo, a saúde do(a) trabalhador(a).

No que se refere ao turismo, sendo um fenômeno social integrador no campo da pesquisa, este apresenta inúmeras possibilidades para seu desenvolvimento, sobretudo oferecendo qualidade de vida no lazer e na saúde dos hóspedes, como nas relações sociais estabelecidas entre trabalhadores do turismo local e da rede hoteleira.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Referências

- ANDRADE, José Vicente de. Turismo Fundamentos e Dimensões. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho - ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boi Tempo Editorial. Campinas, SP, 2009.
- ANTUNES, Ricardo & PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. Serviço Social e Sociedade, (123), 407-427, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0407>
- ARAÚJO, Neuza de Farias. Contribuição econômica das mulheres para a família e a sociedade – Ensaio sobre gênero e economia numa perspectiva comparativa. Brasília: Otimismo, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. V1. 4. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BENI, Mario Carlos. Análise estrutural do turismo. 7ª ed. São Paulo: SENAC, 2002.
- BENI, Mario Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 12ª ed. São Pulo, SENAC, 2007.
- Brasil. Ministério do Turismo. Turismo de Negócios e Eventos- Noções Básicas. 2 ed. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Negocios_e_Eventos_Orientacoes_Basicas.pdf.
- FERREIRA, Mario César. Qualidade de Vida no Trabalho uma Abordagem Centrada no Olhar dos Trabalhadores, Brasília, Paralelo 15, 2012.
- FERREIRA, Mario César; ALVES, Luciana; & TOSTES, Natalia. Gestão de qualidade de vida no trabalho (QVT) no serviço público federal: o descompasso entre problemas e práticas gerenciais. Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, v. 25, n. 3, jul./set., 2009.
- FERREIRA, Mario César; & SEIDL, J. Mal-estar no trabalho: análise da cultura Organizacional de um contexto bancário brasileiro. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, 25(2), 245-254, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- HIRATA, Helena; & KERGOAT, Danielle. Tradução: MURAD, Fátima. *Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez., 2007.
- HOUAISS, Antônio; & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2ª. ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2004.
- MASINA, Renato. *Introdução ao Estudo do Turismo: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- NOVO, C. B. M. C.; & SILVA, G. T. *Planejamento e Organização do Turismo*. Centro de Educação Tecnológica do Amazonas. Manaus - AM, 2010.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) - 1999
Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/o-que-e-trabalho-decente>. Acesso em: 24/011/2017.
- PIANA, Maria Cristina. *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- SAFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani, *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).
- SANTOS, Cristiane Sousa de Araújo dos. *Qualidade de vida no trabalho: o caso de trabalhadores(as) do turismo na hotelaria de Caldas Novas-GO*. 2018. 131 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol. 20, nº2, Porto Alegre, jul./dez. 1995.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A INTERSECCIONALIDADE NA (DES)CONSTRUÇÃO DE SABERES DO SAMBA E DE RODAS DE SAMBA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Vitor João Ramos Alves⁶⁸

Ao longo da história da formação socioespacial do Brasil, políticas e discursos racistas, misóginos e preconceituosos procuravam segregar, omitir ou excluir a participação da população negra na construção sociocultural do país. Entretanto, esta população, com a participação efetiva das mulheres, resiste e luta pela liberdade de celebrar e expressar continuamente sua cultura e sua negritude, também por meio da arte.

Conforme Borges (2004), a identidade cultural afrobrasileira resgata a história de negras e negros, vividos durante o regime escravocrata, na forma de uma cultura de resistência, representada pelos quilombos, as revoltas nas plantações e nas cidades, a capoeira, as irmandades religiosas, as práticas culinárias de origem africana, assim como a música e a dança – todas ligadas aos rituais religiosos afro e, ainda, à continuidade das relações com a África.

Para a autora, “o legado cultural do atlântico negro tornou-se uma metalinguagem de protesto político contra situações opressivas diversas” (2004, p. 156-157), a qual cita como exemplo, a expansão do *Rap* entre os descendentes de imigrantes marroquinos ou argelinos na periferia de Paris; e a invenção do *Hip hop* pelos jovens turcos de Berlim, que se auto denominam negros alemães. Da mesma forma, referenciamos aqui o *samba* do Brasil e suas representações como *rodas de*

⁶⁸ Doutor pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. Docente do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, e integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades (CET/UnB), convidado a participar da elaboração deste trabalho. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003037867498422> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0002-2548-7340> E-mail: vitorjoaoramosalves@gmail.com



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

samba, entendidas como expressões cultural e popular, originárias dos povos africanos – trazidos como escravos durante o período colonial – que ressignificam ambientes da música popular em espaços sociais (Bourdieu, 1989, 2004). Espaços estes que se perpetuam como mecanismos de emancipação de mulheres e negros, por reforçar o protagonismo de lutas passadas, feitas solidária e comunitariamente.

A articulação de diferentes marcadores sociais – gêneros, sexualidades, raças/etnias, cor, classes sociais, entre outras – surgem nesse contexto como possíveis conexões de diferentes fatores, a fim de contribuir para um entendimento crítico e problematizador das relações sociais, espaciais e culturais, entre sujeitos e seus territórios de vivência. A interseccionalidade, portanto, surge como conceito que corrobora na pesquisa e compreensão das complexidades sociais de sujeitos e grupos em diferentes fatores: vulnerabilidade, violência, segregação socioespacial, discriminação, racismo, LGBTQIA+fobia, entre outros, que se efetivam de modo simultâneo e transversal no Brasil.

Este capítulo, assim, tem como objetivo, a partir da pesquisa bibliográfica, problematizar e destacar a importância da interseccionalidade na construção e desconstrução de saberes e práticas sobre o samba brasileiro e suas manifestações como rodas de samba, a partir da interseccionalidade; ou seja, na associação metodológica de categorias de análise como gêneros, classes, raças, entre outras. Acredita-se que, com uma abordagem metodológica interseccional, é possível também reconhecer o protagonismo de mulheres negras de periferias urbanas na construção do samba como identidade nacional e gênero musical; e as rodas de samba como espaço social e símbolo de empoderamento feminino negro.

O Samba e as Rodas de Samba no território brasileiro

Considerado uma das maiores expressões da cultura popular do Brasil e de alguns países da América Latina e Caribe,



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

não separado do cotidiano de suas populações mais pobres, o samba (e suas inúmeras representações e particularidades) é um saber de alto valor; uma cultura pulsante do e no território.

Em pesquisa de doutorado (ALVES, 2019), efetivada no Programa de Pós-graduação do Departamento de Geografia (PosGea), da Universidade de Brasília (UnB), foi possível identificar que, conforme Azevedo (2013), o termo “samba” aparece publicado pela primeira vez no Brasil em um texto de Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, na revista pernambucana *Carapuceiro*, no ano de 1838, referindo-se a um tipo de dança ou folguedo popular de negros. Já na América Latina e Caribe, o autor pontua que é possível encontrar referências à palavra samba ou *semba*, tanto na Argentina como em Cuba, sempre relacionadas às culturas africanas ou aos costumes da população negra. Na África, o termo foi identificado em Angola e no Congo, a partir do século XIX, e em Luanda a partir de 1980.

O autor ainda pontua que um grupo de pesquisadores certificam a origem do termo samba de *semba* ou umbigada, “termo quimbundo, língua do grupo banto falada em Angola, empregado para designar dança de roda, na qual o dançarino, em dado momento, bate contra o peito ou umbigo do outro” (AZEVEDO, 2013, p. 113). Para outro grupo, é verbo que significa cabriolar, brincar, divertir-se. O termo ainda tem sentido, na língua banto, chamada quimbundo, de orar ou rezar.

Entretanto, o termo admite múltiplas definições, carrega os mais variados e contraditórios significados, artísticos e culturais. Pode representar desde um gênero musical (partido alto, samba-enredo de escolas de samba, samba de terreiro ou samba de raiz) a formas artísticas tradicionais e rurais (tambor de crioula, coco de roda, congo, maracatu, batuque, jongo, samba de roda, samba de viola, entre outras). Estes últimos, produzidos e praticados em zonas rurais e populares de todo o Brasil (AZEVEDO, 2013).

Nas formas expressivas encontradas, desde os grandes desfiles carnavalescos até as animadas rodas de samba,



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

simplesmente no Brasil não se iguala a qualquer outro lugar do mundo. Sua origem histórica, remete-nos às violentas ondas migratórias do período colonial escravocrata e seus registros se fazem presentes, em sua maioria, nos territórios hoje conhecidos como Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, entre outros. Vale ressaltar que sua origem se deu, por todo o território brasileiro, de forma complexa, dialética, sinérgica e espontânea; contribuindo também para uma interpretação da formação socioespacial brasileira, juntamente com os demais processos culturais nele presentes, conforme observado em Alves (2019).

No estado do Rio de Janeiro, por exemplo, a partir da decadência da lavoura cafeeira no Vale do Paraíba e da promulgação da Lei Aurea em 1888, deu-se uma grande migração de negros livres para diferentes partes do território fluminense, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Negros e mestiços misturavam-se aos pobres já existentes nas cidades que acabavam incorporando naturalmente suas tradições, costumes, religiosidade, arte e discurso, originando, assim, o “samba urbano carioca”. Durante todo o seu processo de enraizamento no território, o samba se manteve, em sua maior parte, restrito aos morros (áreas de segregação), favelas, cortiços e templos religiosos relacionados à cultura africana (VIANNA, 2012; AZEVEDO, 2013; BRAZ, 2013; NETO, 2017).

Já no território da Nova Capital Federal brasileira, o Distrito Federal, o samba se desenvolve num contexto histórico específico: durante os anos iniciais de construção de Brasília, hoje conhecida como Região Administrativa I: Plano Piloto. Inserido no período de transformações no território, pelo movimento modernista (Era Vargas) e desenvolvimentista (Governo Kubistchek), que idealizavam a industrialização e o fortalecimento nacional, o samba se manifestava, inicialmente, de forma espontânea e modesta no território. Materializava-se a partir de apresentações improvisadas em caminhões, no meio da poeira dos acampamentos e em áreas abertas nas proximidades das edificações da Capital (FRANCISCO, 2012; ALVES, 2019).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A partir do ano de 1961, em todo o território do Distrito Federal, houve o início das escolas de samba (hoje famosas em suas atuações), tal como existem na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, profissionalizando músicos, compositores e letristas homens. Os desfiles eram realizados com a presença das agremiações Alvorada em Ritmos, Brasil Moreno, Candangolândia, Unidos da Cidade Livre e Unidos do Cruzeiro (que se tornaria futuramente a Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro – ARUC – tempos depois).

Nesse mesmo período ocorria um aumento da demanda habitacional no Distrito Federal e exigiu uma ampliação dos equipamentos e infraestruturas urbanas nas Regiões Administrativas, que iam surgindo ao redor da RA I: Plano Piloto. Com a especulação imobiliária e a precariedade dos equipamentos de transporte público (precários até hoje), ocorreu um afastamento dos antigos núcleos do samba em todo território. Esse fato, então, mudou o perfil dos adeptos das escolas e contribuiu para o fortalecimento de um novo movimento do samba no Distrito Federal: as “rodas de samba”. Geralmente, esses encontros de rodas de samba ocorriam principalmente nas Regiões Administrativas, distantes das associações ou grêmios recreativos de samba, localizados inicialmente no Plano Piloto.

As rodas de samba do Distrito Federal brasileiro, assim, se apresentam como um produto social, promovido pelos operários que vieram construir a nova Capital e que hoje resistem nas Regiões Administrativas, simbolizando um movimento que contrapõe o controle social e territorial do Estado, juntamente com os agentes hegemônicos do capital (ALVES, 2019).

Esse movimento se caracteriza como encontros de sambistas, estudantes e simpatizantes do samba, especificamente do “samba de raiz”, em áreas públicas localizadas nas áreas periféricas, principalmente das Regiões Administrativas do Distrito Federal, para tocar, cantar, dançar e divulgar o samba autoral e o samba de raiz. Percebe-se, então, que a difusão da cultura do samba e o surgimento de suas territorialidades no Distrito Federal foram e são historicamente



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

acompanhados por uma forte produção e controle do território, juntamente com os processos de segregação e exclusão social, determinados pelo poder hegemônico colonizador ainda dominante no país. Em pesquisa empírica para a construção da tese de doutorado (ALVES, 2019), também foi possível observar a significativa presença de mulheres negras sambistas nas rodas de samba estudadas, o que nos permite a efetivação de futuras pesquisas aqui propostas.

Portanto, entre disputas e lutas, em prol da fixação territorial; mais ainda em uma realidade de violências e vulnerabilidades; é que o samba e os movimentos de rodas de samba se territorializam tanto na Capital Federal como em todo o território brasileiro, tal como um movimento de resistência socioespacial, revelando os anseios e desejos de uma população – constituída principalmente de mulheres – em constante pretensão de possibilidades futuras, mesmo que o presente se exponha em forma de carências de muitas delas.

Entende-se assim que as rodas de samba aqui tratadas, a partir da concepção metodológica da interseccionalidade, podem se caracterizar como uma celebração e, enquanto espaço social, capazes de unir a música, o canto, a dança e a interação entre os e as sambistas, numa mistura de raças, idades, classes sociais; todas reunidas em torno do pandeiro, do tamborim, do cavaquinho, os quais sintetizam a alma dos e das sambistas.

As contribuições da interseccionalidade nas pesquisas sobre o samba e rodas de samba

Ao trazer para a discussão os estudos de Bourdieu (1989, 2004) – sobre o espaço social – associando-os com o debate da interseccionalidade no samba e suas rodas de samba, compreende-se que os sujeitos sambistas são observados historicamente através de suas determinações sociais. Os e as sambistas seriam considerados/as, conforme o autor, como “agentes”, entendidos como “aqueles que agem” e promovem transformações no espaço social.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Cada agente, apresenta Bourdieu (2004), se constitui a partir de uma bagagem socialmente adquirida; a partir da incorporação das estruturas sociais, sob a forma de estruturas de disposições. É no convívio em sociedade que o agente – aqui observado como os sambistas – assimila normas, regras, valores, preceitos, ações e comportamentos de seu grupo ou classe social.

Os agentes certamente têm uma apreensão ativa do mundo. Certamente constroem sua visão de mundo. Mas essa construção é operada sob coações estruturais. [...] as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social (BOURDIEU, 2004, p. 157).

Assim, com base no autor, entende-se as rodas de samba como um espaço social, que tende a funcionar como um “espaço simbólico”, caracterizadas por diferentes estilos de vida e de grupos. A partir dessa compreensão, entende-se também a importância metodológica de se voltar o olhar para os agentes sambistas, principalmente para as agentes mulheres negras de periferias urbanas presentes nestes movimentos; e, da mesma forma, para o espaço social por elas produzidos.

As percepções do mundo social – aqui pensado como também construção dos agentes sambistas – apresentam-se em combinações e probabilidades muito desiguais; porque os esquemas de percepção e apreciação exprimem o estado das relações de poder simbólico – nele existentes –, podendo ser percebidos e expressos de diversas maneiras. Assim, categorias de análise do tipo gêneros, classes sociais, raças, entre outras, contribuem para uma interpretação destes esquemas de percepção e apreciação do espaço social analisado e seus



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

respectivos agentes. Contudo, pode cair em um certo reducionismo de princípio unificador comum, não revelando as relações de poder envolvidas nas diversas formas de opressão e disputas sociais e espaciais existentes.

Conforme nos apresenta Rodrigues (2013), há uma dificuldade enorme em se incorporar categorias do tipo gênero, por exemplo, aos estudos e pesquisas acadêmicas sobre as lutas antirracistas; ou até mesmo a categoria raça nos estudos relacionados à gênero. Dificuldades estas que não são exclusividade nas pesquisas brasileiras.

Entretanto, o autor ainda apresenta que, no início dos anos 80, houve uma rápida e contínua expansão de estudos articulando raça, gênero e classe que, em seu conjunto, passaram a constituir um campo acadêmico específico: o pensamento feminista negro. Feministas negras pioneiras, tal como Hazel Carby, Bell Hooks, Patrícia Hill Collins, Patrícia Williams e Kimberlé Crenshaw, já procuravam romper com as limitações do feminismo branco e sua perspectiva de unicidade contextual das lutas feministas, compreendendo que a opressão existente incide também sobre a coletividade e não apenas sobre determinados agentes sociais (RODRIGUES, 2013). Mas essa articulação ficou restrita exclusivamente ao tema abordado.

Em poucas pesquisas e estudos sobre o samba e as rodas de samba brasileiras, por exemplo, já é possível observar a presença das categorias de análise aqui relacionadas: as questões de classes sociais, raças, gêneros, entre outras. Podem ser citadas as publicações, trabalhos e estudos críticos de Azevedo (2013) e Braz (2013). Entretanto, essas categorias ainda aparecem construídas como análises isoladas entre si; não promovem uma percepção e apreciação do espaço social, de seus agentes e do próprio fato rodas de samba em sua totalidade.

Assim, surge a interseccionalidade como possível conceito e ferramenta teórico-metodológica, criada por feministas negras, ativistas e teóricas feministas nos anos 1980, para a promoção de análises que articulem os processos de interação entre as



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

relações de poder no espaço social, numa combinação de categorias – como classe, gênero, sexo e raça por exemplo – em contextos singulares, práticas coletivas e arranjos socioculturais.

Segundo Hirata (2014), a origem da interseccionalidade remonta do final dos anos de 1970, a partir do movimento conhecido como *Black Feminism*, cuja crítica coletiva se voltava contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo. Usado, pela primeira vez, num texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989), para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, sua utilização alcança o auge nas academias a partir da segunda metade dos anos 2000.

Nas abordagens de Hirata (2014), ainda é possível identificar que Crenshaw (2002) propõe uma subdivisão em duas categorias: a “interseccionalidade estrutural” – a qual posiciona as mulheres de cor na intersecção da raça e do gênero e nas consequências sobre a experiência da violência conjugal e do estupro, e nas formas de resposta a tais violências – e a “interseccionalidade política” – com pautas nas políticas feministas e nas políticas antirracistas que têm como consequência a marginalização da questão da violência em relação às mulheres de cor –. Ademais, a autora ainda a define como uma proposta para levar em conta as “múltiplas fontes da identidade” dos sujeitos ou agentes, embora não tenha a pretensão de propor uma “nova teoria globalizante da identidade” (HIRATA, 2014, p. 62).

O conceito também é trabalhado por Akotirene (2019), que apresenta a seguinte teorização:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 27).



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Ao buscarmos ampliar o debate, a partir de Costa (2013), entende-se que a interseccionalidade expede duas dimensões de poder. Enquanto conceito utilizado para o “desempoderamento”, refere-se à maneira pela qual o racismo, as relações patriarcais, a discriminação, a opressão de classe e outros eixos possíveis de poder e discriminação criam desigualdades. Por outro lado, é utilizado para o “empoderamento”, o qual refere-se à produção de agências políticas, mobilizações democráticas e sujeitos/agentes políticos.

O autor ainda apresenta que a utilização do conceito permite um padrão de análise baseado na interação de uma multiplicidade de eixos de diferenciação e poder. Enfatiza diferentes dimensões da vida social, que não podem ser analisadas separadamente; mas chama atenção para uma análise que articula os vários sistemas de diferenciação existentes nos específicos contextos locais. Ele se torna importante ferramenta para uma compreensão de como são produzidas e mantidas a discriminação, opressão e dominação, além da mobilização política dos agentes em seus espaços sociais.

Entretanto, no movimento de construção do conceito, surgiram algumas críticas em sua utilização, a partir das abordagens de Kergoat (2010). As críticas são apresentadas a partir de uma noção “geométrica” de intersecção das categorias adotadas pela análise. Conforme a autora, o pensar em termos cartográficos leva a uma naturalização das categorias de análise, ou seja, a partir de uma multiplicidade de categorias, que mascara as relações sociais: “[...] são as práticas sociais – e não as relações intersubjetivas – que podem dar origem a formas de resistência e que podem, portanto, ser as portadoras de um potencial de mudança no nível das relações sociais” (KERGOAT, 2010, p. 95).

Assim, a autora esclarece que se deve, portanto, desnaturalizar as construções que se baseiam na diferenciação das desigualdades, sem com isso perder a dimensão concreta das relações sociais. “Essa análise vai contra a ideia de que, por



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

exemplo, as relações de classe se inscrevem unicamente na instância econômica, e as relações patriarcais, unicamente na instância ideológica” (KERGOAT, 2010, p. 99). Cada um desses sistemas, afirma a autora, possui suas próprias instâncias, que exploram economicamente, dominam e oprimem. Articulam-se entre si, de maneira *intra* e *intersistêmica*.

Portanto, deve-se seguir alguns princípios e orientações metodológicas: (1) um imperativo imperialista: sendo as categorias gênero, raça e classe relações de produção, as quais entrecruzam exploração, dominação e opressão, exige-se uma análise de como se efetiva a apropriação do trabalho entre os grupos; (2) um imperativo histórico: considerar o caráter dinâmico das relações sociais, a partir de uma historicidade, mas sem perder sua relação com as demais; (3) definir as invariantes nos princípios de funcionamento das relações sociais; e por fim, (4) deve-se atentar à maneira como os dominados reinterpretam e subvertem as categorias: isso impede sua reificação. Porém, observa a autora, a subversão só pesa sobre as relações sociais se esta for coletiva (KERGOAT, 2010).

Assim, quando em observação empírica a partir do olhar da interseccionalidade, orienta a autora, deve-se observar que as relações entre as categorias de análise são inseparáveis e não somente se reforçam, mas se coproduzem mutuamente. O cuidado em se trabalhar as categorias de forma igualitária, sem privilegiar uma das outras, é o desafio para o pesquisador.

Ao trazer o samba e suas respectivas rodas de samba como objetos de pesquisa, a partir da abordagem interseccional, pode-se citar Braz (2013, p. 16) que o conceitua como “uma das mais ricas expressões socioculturais da classe trabalhadora brasileira” e “práxis artístico-cultural [...] inserida no âmbito das relações sociais que conformaram a formação social brasileira” (BRAZ, 2013, p. 77).

A interseccionalidade, portanto, vem contribuir como conceito e ferramenta teórico-metodológica para um debate que não apresente um viés colonizado e colonizador de fala; vinculado a uma lógica avaliativa externa, eurocêntrica e



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

produtivista. Mas sim, como vínculo possível entre as categorias gênero, classe social, raça e outras, contribuindo para uma percepção e apreciação totalizante do espaço social, de seus agentes – em particular as mulheres negras de periferias urbanas – e do próprio fato rodas de samba presentes no território brasileiro. É possível, assim, desvelar novos caminhos para pesquisas e estudos que nos reaproximem das mulheres do e no samba; reconhecendo-as como protagonistas de lutas sociais e práticas de resistência; para além da imagem estereotipada construída historicamente no contexto cultural do Brasil.

Considerações

A história do samba no território brasileiro é contada a partir do discurso de uma sociedade violenta, branca, patriarcal, racista, sexista, misógina e LGBTQIA+fóbica. Os homens se sobressaíam em todo o processo constituinte do samba e suas representações como rodas de samba. O protagonismo das mulheres, em especial das mulheres negras, era omitido e diminuído. Poucas conseguiram o destaque como compositoras, cantoras e instrumentistas nas rodas de samba: Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Leci Brandão, Alcione, entre outras.

Assim, o debate proposto neste capítulo surge como um esforço inicial de pensar o conceito de interseccionalidade e suas questões de método para refletir e propor outras e novas pesquisas sobre o samba e suas rodas de samba – a partir do cruzamento das relações de classe, raça, gênero e outras categorias –. Busca-se, portanto, contribuir para uma melhor compreensão das relações sociais entre as mulheres negras do e no samba para promover uma desconstrução e construção de saberes (do samba e das rodas de samba), como esforço e incentivo para a construção de alternativas, numa escala local e global, de preservação, valorização, emancipação e autonomia das agentes sambistas, presentes no território brasileiro.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Para tal, faz-se necessário um retomar das categorias analíticas, aqui pontuadas, a fim de pensar conjuntamente as dominações de poder presentes no espaço social do samba; e avançar no conhecimento da dinâmica e da interdependência das relações sociais, contribuindo com a luta contra as múltiplas formas de opressão e dominação socioespacial.

A interseccionalidade, portanto, é proposta como conceito e ferramenta teórico-metodológica nas pesquisas do samba e das rodas de samba como forma de combate às opressões múltiplas, imbricadas na sociedade atual.

Referências

- ALVES, Vitor João Ramos. As Rodas de Samba do Distrito Federal Brasileiro, Patrimônio-territorial Latinoamericano, Expressão de Resistência Espacial Negra. Tese de doutorado em Geografia. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade de Brasília. Brasília/DF, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AZEVEDO, Ricardo. Abençoado & Danado do Samba: um estudo sobre o discurso popular. 1ª ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2013.
- BORGES, Manuela. Ogum, Orfeu e Anastácia: a Escola de Música e Dança Didá. Revista Brasileira do Caribe: Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Universidade Federal de Goiás, V(9), jul./dez., Goiânia, Ed. CECAB, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRAZ, Marcelo. O samba entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil. In: BRAZ, Marcelo (Org.). Samba, Cultura e Sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- COSTA, Joaze Bernardino. Controle de vida, interseccionalidade e política de empoderamento: as organizações políticas das trabalhadoras domésticas no Brasil. Estudos Históricos (Rio de



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

- Janeiro), Rio de Janeiro, 26(52), 471-489, dez. 2013. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862013000200011>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862013000200011&lng=pt&nrm=iso.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, n^o 1, 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.
- FRANCISCO, Severino. *Música: Da poeira à eletricidade*. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo soc.* vol.26 no.1 São Paulo Jan./Jun., 2014. Acessado em 10 dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>
- KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos Cebrap*, 86: 93-103. São Paulo, 2010.
- NETO, Lira. *Uma história do samba: volume 1 (as origens)*. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Anais Eletrônicos*. Florianópolis, 2013. ISSN: 2179-510X. Disponível em: <https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminism%20negro2.pdf>
- VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CAMINHOS DAS PESQUISAS

*Neuza de Farias Araújo*⁶⁹

Este texto tem por objetivo tecer algumas considerações sobre o tema abordado no Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: “A práxis da interseccionalidade na contemporaneidade”, realizado entre os dias 28, 29 e 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020, em formato virtual, pontuando, a partir dos debates efetivados, os possíveis caminhos que se abrem para pesquisas no domínio da produção do conhecimento, tendo como embasamento teórico os significados da interseccionalidade.

Conforme os apontamentos de Collins (2015), o paradigma da interseccionalidade surge em função da busca pela liberdade: de raça, de gênero ou de classe social; visando a luta e esforço para libertar as mulheres negras das algemas construídas pela sociedade branca-machista hoje ainda vigente (COLLINS, 2015). Conforme a autora, por mais diversas que sejam as situações incluindo as identidades e experiências a opressão é a essencial.

Collins ainda apresenta que “por mais que haja várias experiências, a opressão permanece sendo essencial (COLLINS, 2015, p. 20). A autora também afirma que a opressão constitui uma situação injusta. Ela refere-se às mulheres afro-estadunidenses, as quais vivenciam experiências específicas, as quais impulsionam as ações políticas referentes a opressão sofrida por elas no contexto em que vivem.

Ainda apresentando as contribuições de Collins (2015), identificamos que existem três aspectos do feminismo negro que

⁶⁹ Doutora docente associada IV do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília (CET/UnB). Coordenadora dos Grupos de Pesquisa CNPq “Gêneros e Interdisciplinaridades” e “Feminismos e História das Mulheres”. Endereço do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9684502030719345> ORC-ID: <https://orcid.org/0000-0001-6442-6981>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

tem relações estreitas entre si: a experiência, o pensamento (análise) e a ação.

- 1) as experiências quotidianas das mulheres negras;
- 2) as análises que fazem as mulheres negras dessas experiências;
- 3) as ações das mulheres negras a partir dessas experiências e dessas análises as diversas experiências das mulheres afro-americanas face à opressão foram o ponto de partida do feminismo negro.

A interseccionalidade, portanto, pode ser vista como uma das formas de combate às opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto, como instrumentos de luta política. E nesse sentido que Collins (2015); Collins e Bilge (2016) considera a interseccionalidade ao mesmo tempo um “projeto de conhecimento” e uma “arma política”. Para Sirma Bilge (2009): a interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Feministas e pessoas com deficiência, lutando contra o abuso policial, todas encaram vulnerabilidades que refletem as intersecções de racismo, sexismo, opressão de classe, transfobia, capacitismo e muito mais.

A interseccionalidade, então, proporcionou a muitos defensores uma forma de enquadrar as suas circunstâncias e lutar por sua visibilidade e inclusão. Sendo assim, a noção de interseccionalidade pode ser compreendida com base na interseccionalidade teórica e na interseccionalidade política, dimensões que não estão separadas na vida pública. Nos aspectos teóricos encontra-se uma variedade de posições. Sobre a interseccionalidade entre gênero e outras categorias sociais, podemos citar: múltipla discriminação, efeito cumulativo, sexualidade e gênero como metáforas raciais.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Quanto aos aspectos políticos, a proposta de interseccionalidade e gênero e outras categorias, sociais é necessário considerar os direitos das mulheres e as culturas locais. Com estas considerações procuramos apresentar algumas notas que poderão servir para nossas reflexões e futuras pesquisas, trabalhos acadêmicos que serão elaborados pelos membros dos nossos grupos de pesquisa. No que se refere as pesquisas realizadas por estes grupos figuram a pesquisa sobre trabalho doméstico, a sociabilidade através do turismo, as trabalhadoras do turismo sobretudo as que se ocupam de grupos de turistas e que fazem as trilhas e caminhadas trabalhos que apresentam vulnerabilidades assim como os salários, divisão do trabalho, as questões referentes ao assédio moral, as desigualdades sofridas pelas mulheres no tocante a participação em trabalhos de turismo de eventos, em grandes eventos a divisão do trabalho apresenta-se de forma desigual, cabe as mulheres os trabalhos secundários e ou falta de igualdade na distribuição de atividades desempenhadas por homens e mulheres.

Pesquisas realizadas por componentes dos referidos Grupos de pesquisa CNPq “Gêneros e Interdisciplinaridades” e “Feminismo e História das Mulheres”, destacam-se em número de 14 dissertações defendidas e aprovadas pelo programa de Pós-graduação em Turismo do Centro de Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, no período de 2013 a 2019. Os trabalhos defendidos mostram que os objetos de estudos, concentraram-se nas questões do turismo e suas correlações com o trabalho, a educação, o lazer, as relações de gênero, eventos, turismo rural, turismo cidadão, turismo e terceira idade, turismo e educação, além da temática turismo e pessoas com necessidades especiais. Os resultados mostram que há correlações com a interseccionalidade.

Destaca-se a seguir alguns resumos de pesquisas desenvolvidas por autoras e autores dos mencionados grupos de pesquisas no contexto da produção do conhecimento.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A Participação de Pessoas Idosas no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites

Autor: Elmar Rodrigues de Lima (2014)

A dissertação versa sobre a participação dos idosos-idosas no mercado de trabalho no setor de turismo no Distrito Federal possibilidades e limites. Considerando que as pessoas idosas estão atuantes na sociedade, sendo condição de todos os seres vivos, pretendemos fazer uma reflexão sobre a questão do trabalho dos idosos/as e sua atuação em tarefas, em especial pensar nas questões de contribuição e aumento de renda, muito particulares aos idosos-idosas. Esta dissertação faz parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Turismo no CET da Universidade de Brasília e insere-se na linha de pesquisa Cultura e Sustentabilidade em Turismo.

O objetivo geral do trabalho é analisar a inserção do idoso/idosa no setor de Turismo. O contexto do tema escolhido é caracterizado por espaço e tempo envolvendo um estudo do Idoso, do Trabalho, no setor de Turismo. Utilizamos o método quanti-qualitativo e análise das categorias idoso, trabalho, turismo e gênero. O Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso definem como população idosa, aquela de sessenta (60 anos ou mais). Essa definição resulta numa heterogeneidade do segmento considerado idoso/idosa. Apresentaremos o perfil da população idosa, os aspectos demográficos, renda, políticas públicas, os idosos em estatística do IBGE.

Procuramos também tecer algumas considerações sobre os direitos das pessoas idosas, gerações, a feminização de idosas, os sentidos do trabalho, novas configurações da divisão sexual do trabalho. Apresentamos o turismo como fenômeno social, e gênero, suas relações na divisão do trabalho no setor de turismo.

Fonte: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18571>



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Turismo e Lazer do(a) Idoso(a) na cidade de Brasília como forma de Inclusão Social

Autora: Iraci Nascimento de Castro (2016)

Esta dissertação propõe conhecer e analisar o papel do turismo e sua relação com os(as) idosos(as) nos espaços de lazer e turismo em Brasília. A pesquisa foi conduzida com o objetivo geral de analisar como as práticas de turismo possibilitam aos(às) idosos(as) experiências para sua inclusão social na cidade de Brasília.

O estudo ganha relevância e é justificado pelas mudanças e transformações que vêm ocorrendo na sociedade, as quais também modificam seus hábitos, pois a velhice deixou de ser uma etapa caracterizada pelo isolamento e solidão, e o lazer tornou-se uma alternativa para melhorar a qualidade de vida e sobretudo a saúde dessa população. Na perspectiva da metodologia, foi realizada uma pesquisa qualitativa com a utilização de pesquisa bibliográfica, técnicas de observação direta sistemática, análise documental e entrevistas com 25 idosos(as) nos locais turísticos tradicionais de Brasília.

Para a análise dos dados coletados nas entrevistas, consideramos as seguintes categorias: Turismo, Lazer, Acolhimento, Inclusão Social, Gênero e Brasília. A partir dessa análise, confirmamos nossa hipótese de que o turismo e o lazer possibilitam formas de inclusão social aos(às) idosos(as). Assim, concluímos que o turismo e o lazer são formas de interação e socialização, visto que a solidão nesses momentos passa a não existir, assim como as dores e as preocupações.

Em relação a questões de gênero, a pesquisa apontou que a beleza da mulher idosa hoje pode ser percebida para além de características físicas, manifestando-se na satisfação com a realização profissional, na segurança afetiva e familiar, na possibilidade de escolha de como fazer uso de seu tempo e de sua liberdade, no equilíbrio e ponderação em suas ações, na postura de independência e autoestima elevada.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Além disso, a pesquisa desvendou, também, a existência de contradição por parte dos entrevistados: reconheceram as dificuldades e apontaram expectativas não atendidas; mas, ao mesmo tempo, revelaram-se satisfeitos, podendo indicar para os amigos e familiares a cidade de Brasília como uma cidade acolhedora e afirmaram que a relação com os habitantes foi satisfatória.

A pesquisa mostrou que o conhecimento da opinião desses turistas pode constituir-se em uma importante ferramenta voltada ao setor turístico capaz de ajustar suas estratégias para atender às necessidades dessa crescente demanda.

Fonte: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22838>

Turismo Rural Comunitário e a questão de Gênero: O Caso das Assentadas Rurais de Chapadinha-Brasília

Autora: Dorcas Santos Cabral (2017)

A pesquisa parte da relevância alcançada pelo Turismo de Base Comunitária (TBC), conceituado na literatura como aquele em que as comunidades, de forma associativa, organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo. Nele, o turista é levado a interagir com o lugar e com as famílias residentes (CORIOLANO, 2009, p. 282).

Nesse viés conceitual, observa-se a ascensão do Turismo Rural Comunitário (TRC) como “um turismo com selo próprio”, combinando atributos originais e autênticos a partir de comunidades indígenas e rurais, com uma proposta de desenvolvimento para o turismo na escala local, apoiado em bases endógenas – humanas, naturais e de infraestrutura – das pequenas comunidades.

A correlação do TRC com as questões de gênero confere importância fundamental neste estudo, tendo em vista a presença das mulheres do Assentamento Rural Chapadinha-DF. São agricultoras familiares orgânicas, que têm como principal



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

atividade o cultivo de hortifrutigranjeiros, cujas trajetórias evidenciam a persistência diante das dificuldades, a preocupação com a garantia da segurança alimentar de suas famílias, a vontade de melhorar suas vidas e as de toda a comunidade.

A atuação dessas mulheres superou a invisibilidade no âmbito do assentamento e alcançou importantes conquistas sociais. Nesse contexto, a pesquisa sugere a inserção do TRC no assentamento rural, na perspectiva de ampliar a visibilidade ao protagonismo dessas agricultoras, bem como fortalecer as práticas de sustentabilidade em suas dimensões econômica, ambiental, sociocultural e político institucional no âmbito do assentamento. Esse entendimento encontra espaços de convergências com as teorias da Pluriatividade Rural, que defende a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas em uma mesma comunidade, e da Multifuncionalidade Agrícola, que engloba desde as funções de proteção do meio ambiente, até as funções socioeconômicas envolvendo o lazer, a cultura e a distribuição de emprego e renda.

O turismo rural tem sido apontado como uma promissora alternativa de emprego e renda para as famílias agrícolas, sendo considerada uma atividade que dinamiza economicamente os espaços rurais. É, também, visto como potencialmente sustentável, pois além dos benefícios econômicos, pode contribuir para a conservação ambiental e para o resgate e valorização sociocultural das comunidades e famílias rurais. No entanto, a prática do Turismo Rural, mesmo caracterizado como de uma abordagem social com fins de auxiliar e promover melhorias no meio em que se é praticado, ainda é observado com o escopo mercadológico. Entendemos que é de extrema importância ressaltar os impactos negativos ao meio rural oriundos da visão capitalista do turismo. Esse posicionamento vai ao encontro da abordagem feita do turismo como um fenômeno social, como um processo humano (Portanto, há que se ponderarem os riscos e os pontos fracos desse segmento, no sentido de conduzi-lo para iniciativas que operem em condições



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

de sustentabilidade, dentro de um contexto de programas que conduzam a benefícios econômicos, sociais e ambientais para as comunidades envolvidas.

A pesquisadora constatou que há certa ilusão, ou uma perspectiva muito otimista com relação aos benefícios do turismo rural. Portanto, cabe ao planejador turístico, atentar para os aspectos positivos e negativos deste fenômeno do meio rural, e munir a comunidade dos instrumentos possíveis para conduzir o turismo de forma consciente. O turismo rural é entendido pelas mulheres como uma nova opção para a complementação da renda, sem que elas tenham de sair de sua comunidade, associando as atividades domésticas e agrícolas com as atividades relacionadas ao turismo. Porém, o cenário feminino do assentamento Chapadinha demonstra que as mulheres já conquistaram uma posição de autonomia econômica e de segurança quanto ao seu papel na sociedade.

A aproximação desta pesquisadora com as agricultoras permite considerar que, em sua maioria, elas têm o poder de decisão sobre os seus atos. A maioria das mulheres vivem sós, separadas dos maridos por questões de agressões as mais diversas. Portanto, a sujeição ao poder masculino não encontra espaço em suas vidas. Isto leva a acreditar que em relação às mulheres, a prática turística no assentamento poderá estabelecer com autonomia, divisão sexual no trabalho e equidade nos ganhos financeiros. A luta pela conquista da terra fortaleceu as mulheres do assentamento Chapadinha-DF. Elas moram em barracos improvisados, com pouco conforto, trabalham sob o sol ou a chuva no cultivo da terra, e se sentem orgulhosas com os resultados dos seus trabalhos.

Esta trajetória de luta, já abordada aqui, levou essas. Elas participam dos movimentos sociais reivindicando direitos e atendimento às suas 103 demandas sociais. A Marcha das Margaridas é um exemplo desses movimentos. Esse movimento já conquistou muito espaço político para as mulheres rurais, tais como direito à posse da terra, financiamento para o trabalho agrícola, dentre outros. O eco feminismo se revela no dia a dia



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

das agricultoras rurais, a partir da preocupação com a produção orgânica, do cuidado com as nascentes, das práticas de preservação ambiental dentro dos seus espaços.

A consciência feminista e eco feminista se situa nos seguintes pressupostos: autonomia financeira, não submissão à dominação masculina, autonomia na tomada de decisões no campo, ser respeitada pelos homens em quaisquer circunstâncias. Para assegurar os seus direitos dentro da comunidade.

Fonte: <https://repositório.unb.br/handle/10482/23251>

Moto-turismo no Brasil: o caso do evento Motocapital em Brasília/DF

Autor: Sergio Moreira Oller (2016)

O trabalho é resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo, que trata de um estudo de caso sobre o evento Motocapital em Brasília, e os moto-turistas não residentes no Distrito Federal que se deslocam até lá, mediante o uso da motocicleta. Considerado um importante evento de motos da América Latina, e o terceiro mais importante do mundo, o Motocapital, na sua última edição (XII, 2015), conseguiu reunir participantes e moto-clubes de várias regiões do Brasil e de outros países, como por exemplo, a Argentina, o Uruguai e os Estados Unidos. O estudo mostra ilustrações do Moto-turismo e as principais rotas e eventos dessa modalidade turística a nível mundial, destacando-as como importantes atrativos turísticos para os seus respectivos países.

A opção metodológica recaiu na abordagem qualitativa devido a considerar que ela ajuda a expressar o sentido dos fenômenos sociais e a compreensão dos significados das ações humanas.

O estudo de caso mostrou-se relevante para o conhecimento das situações concretas. Ressaltando os aspectos humanos e culturais no âmbito do moto-turismo, a pesquisa traz



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

um estudo sobre o perfil do moto-turista não residente no Distrito Federal, e as características das suas viagens, mediante o uso da motocicleta. A pesquisa trata do Evento Motocapital em Brasília, não apenas como importante atrativo para a atividade turística da Capital Federal, mas também como atrativo para a prática do moto-turismo. É ainda, um tema com poucas referências bibliográficas e acadêmicas. A pesquisa também destaca a importância das mulheres motociclistas no mundo do motociclismo, pois além de ter sido observado um aumento considerável no número de mulheres que estão habilitando-se a pilotar uma motocicleta, o evento Motocapital, por segundo ano consecutivo, ofereceu um espaço exclusivo para elas. Foram realizadas entrevistas semi-diretivas com 45 pessoas, sendo 32 homens e 13 mulheres.

Os resultados informam que o moto-turista que participa do Motocapital possui uma faixa etária bem variada, é de classe média.

As atividades turísticas são atividades humanas, executadas por pessoas, planejadas pela humanidade. O Turismo é abrangente, pois se relaciona com outras áreas do conhecimento (Antropologia, Geografia, Economia, Psicologia etc.). Daí surge a sua interdisciplinaridade. Os fatores econômicos são importantes para o desenvolvimento de uma determinada região, mas não são os únicos. As perspectivas culturais e os aspectos humanos também exercem um papel de grande importância na motivação das viagens dos turistas, inclusive dos moto-turistas.

Nesse sentido, a Cultura é importante no estudo do âmbito do moto-turismo, que envolve as questões da identidade, das tribos e moto-clubes, da simbologia, das motivações e características das viagens em motocicleta. Não obstante, deve-se considerar a diversidade das localidades de destino, e as suas interações com os visitantes. Por outro lado, o setor de eventos do Brasil representa uma atividade econômica importante para o país, gerando milhares de empregos e renda.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Nesse aspecto, o país melhorou a sua competitividade no setor turístico, tornando-se a nação que mais eventos internacionais recebeu da América Latina no ano 2014. Apesar das melhorias, aspectos como a falta de segurança, a dificuldade na emissão de vistos ou a precariedade de algumas infraestruturas representam um empecilho, desestimulando o aumento do número de turistas estrangeiros que visitam o Brasil. A respeito das questões de gênero, o número de mulheres motociclistas e de grupos femininos sobre duas rodas tem aumentado nos últimos anos não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Feitos como a fundação do primeiro moto-clubes registrado da história ser só de mulheres, dentre outros, ou de que o Motocapital oferece um espaço exclusivo para elas, são provas incontestáveis de que o gênero feminino vem conquistando cada vez mais importância e peso no mundo das motocicletas.

Por outro lado, e do mesmo modo que em outras áreas, as mulheres motociclistas também sofrem diferenças de gênero e preconceitos pelo simples fato de serem mulheres. Vale ressaltar que no caso da pesquisa feita no Motocapital, na qual, apesar da diferença das respostas a respeito da participação da mulher no mundo do motociclismo entre homens e mulheres, não foram registradas respostas preconceituosas ou denegridoras a respeito desse tema. Nesse aspecto, a fundação de moto-clubes e associações exclusivamente femininas no Brasil e em outros países foi a forma que as mulheres encontraram para incentivar o uso da motocicleta, favorecendo o bem-estar, o respeito e a igualdade entre os gêneros. No Motocapital, as características encontradas do moto-turismo são as viagens realizadas mediante o uso da motocicleta. São pessoas que procedem não apenas de todas as regiões do Brasil, mas também de vários países do mundo.

O evento Motocapital de Brasil caracteriza como um espaço simbólico e de religião tribal porque reúne, durante a sua realização, vários moto-clubes, tanto brasileiros como estrangeiros, sendo que cada um possui as suas características



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

próprias (vestimentas, filosofia de vida, símbolos, regras internas, divisão hierárquica etc.) que os diferenciam, os fazem ser únicos, uns dos outros. A formação desses grupos sociais, ou tribos urbanas (moto-clubes), tal e como vimos, é característica das sociedades pós-modernas, cujos membros possuem não uma, mas várias identidades.

A respeito da participação das mulheres, conforme já foi referido no trabalho, há um espaço importante sendo ocupado por elas, representando empoderamento. Seus perfis, conforme analisado, mostram que a faixa etária delas é bem ampla, com profissões bem variadas, sendo a maioria casadas, de classe média e que viajam acompanhadas dos respectivos maridos, na garupa destes, por motivos de sociabilidade (ter companhia) e segurança, caso algum imprevisto aconteça.

Outro aspecto a se caracteriza como um espaço simbólico e de religação tribal porque reúne, durante a sua realização, vários moto-clubes, tanto brasileiros como estrangeiros, sendo que cada um possui as suas características próprias (vestimentas, filosofia de vida, símbolos, regras internas, divisão hierárquica etc.) que os diferenciam, os fazem ser únicos, uns dos outros. A formação desses grupos sociais, ou tribos urbanas (moto-clubes), tal e como vimos, é característica das sociedades pós-modernas, cujos membros possuem não uma, mas várias identidades.

A respeito da participação das mulheres, conforme já foi referido no trabalho, há um espaço importante sendo ocupado por elas, representando empoderamento. Seus perfis, conforme analisado, mostram que a faixa etária delas é bem ampla, com profissões bem variadas, sendo a maioria casadas, de classe média e que viajam acompanhadas dos respectivos maridos, na garupa destes, por motivos de sociabilidade (ter companhia) e segurança, caso algum imprevisto aconteça. Outro aspecto é maior dinamização do Turismo de Eventos na capital, Brasília, dentro de um contexto de integração social.



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

A participação das mulheres no turismo de evento: 8º Fórum Mundial da Água, Brasília/DF

Autora: Maristela Leite de Albuquerque (2019)

A dissertação investiga a participação das mulheres no trabalho do turismo de eventos, enquanto categoria de gênero, no evento 8º Fórum Mundial da Água. Tem como base o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ODS 5 - Alcançar a Igualdade de Gênero e Empoderar todas as Mulheres e Meninas – da Organização das Nações Unidas - ONU 2015, acordado por ocasião da conferência da ONU citada, onde os 193 países membros incluindo o Brasil acordaram promover a igualdade de gênero em todas as dimensões.

O objetivo é analisar a participação das mulheres no trabalho do turismo no 8º Fórum Mundial da Água que ocorreu em 2018 em Brasília. Na perspectiva da metodologia, foi realizada uma pesquisa qualitativa com a utilização de técnicas de observação direta sistemática, pesquisa bibliográfica e de campo, análise documental e entrevista. Foram utilizados como aportes teóricos estudos que abordam os conceitos de gênero, turismo, turismo de eventos, a relação entre eventos, trabalho e gênero, à luz das ideias de Joan Scott, Guita Green Debert, Helena Hirata, Alda Britto da Motta, Neuza de Farias Araújo, Maria José Magalhães, Ricardo Antunes, entre tantos outros.

A pesquisa realizada partiu da hipótese de que as mulheres estão adentrando com mais vigor no mercado de trabalho de eventos na cidade de Brasília. Dessa maneira, o mercado de turismo de evento está crescendo cada dia mais e isso faz com que a cidade de Brasília tenha visibilidade internacional. Em decorrência disso, Brasília foi escolhida como cidade-sede para receber o evento mundialmente conhecido como 8º Fórum Mundial da Água.

Esse evento possivelmente daria oportunidade de igualdade de direitos às mulheres enquanto categoria de gênero. Partindo da premissa de que o turismo não é um acontecimento apartado da realidade socioeconômica e das relações históricas



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

que o causam, alguns elementos podem ser apontados para reflexão quanto às questões levantadas, a partir de uma ótica transdisciplinar. Isso porque, a partir da visão de Óscar De La Torre (1992, p. 19), o “turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduo ou grupos de pessoas”, e pode ser incentivado por diversas razões: lazer, eventos, negócios, inter-relações de importância social. E esse fenômeno chamado turismo pode movimentar populações de vários países e estabelecer relações sociais.

Portanto, essa movimentação de fluxos massivos de viajantes, estimula o crescimento do turismo de eventos. Desse modo, devido à intensidade de expansão desse setor, é preciso planejar e implantar políticas públicas específicas para integrar um processo de planejamento. Destaca-se a importância do turismo não só como distração, mas como um fator de solidariedade do homem com o homem e o universo. O turismo de eventos vem agregando nessas atividades por uma atividade social na qual há interações entre as pessoas.

Como já foi citado neste trabalho, à luz dos conceitos de Zanella e Matias, há necessidade de se planejar o evento de forma correta. Não somente seus objetivos devem ser claros, mas também o profissional ou a equipe responsável por elaborar o projeto são os grandes responsáveis em obter sucesso. É nesta etapa que toda e qualquer ação voltada para os trabalhos devem ser pensadas cuidadosamente. Tal qual a igualdade dos trabalhos realizados por homens e mulheres, as oportunidades de trabalhos oferecidos e a promoção da cidade sede do evento deve ser pensadas e estabelecidas.

O turismo de evento abre grandes possibilidades de trabalho tanto para homens quanto para as mulheres, tornando possível expor as relações entre trabalho produtivo e improdutivo, manual e intelectual, material e imaterial, assim como a forma exposta pela divisão sexual do trabalho.

Ao pensar em gênero e divisão de trabalho, observou-se na pesquisa relacionada com as entrevistas feitas com as trabalhadoras participantes do evento que elas relatam que



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

houve algumas barreiras e limitações nas possibilidades de atuarem mais nas decisões e diretrizes nas questões relacionadas ao tema tão importante que é a água e que seria necessário o envolvimento de todos os povos. Nos depoimentos das personagens referentes às categorias 4 a 5, ficou demonstrado que houve formas diferenciadas nas participações delas nas atividades de tomadas de decisões e diretrizes referentes ao tema da água.

Quanto à divisão sexual do trabalho no espaço de educação e social, as entrevistadas entenderam que essa divisão não existiu, especialmente para atuação da mulher, que historicamente foi condicionada a permanecer na esfera privada, na casa, no lar, no cuidado com os filhos e marido, dos afazeres de responsabilidade de mulher. Contudo, no tocante a decisões importantes para o futuro da sociedade no aspecto político, elas relataram que os homens estão à frente. Percebe-se, notoriamente, a existência dessas diferenças no aspecto político, em que a questão hídrica envolve toda a comunidade no uso e nos recursos e que o poder de decisão não poderia estar somente voltado a um olhar masculino, da maneira como elas relataram.

O Fórum Mundial da Água contribui para o diálogo do processo decisório sobre o tema em nível global, visando ao uso racional e sustentável desse recurso. Por sua abrangência política, técnica e institucional, o Fórum tem como uma de suas características principais a participação aberta e democrática de um amplo conjunto de atores de diferentes setores, traduzindo-se em um evento de grande relevo. Diante disso, a pesquisa apresentada observou que, no 8º Fórum Mundial da Água, os trabalhos desempenhados por ambos os sexos não conseguiram oferecer oportunidades igualitárias de trabalhos, visto que as mulheres não se sentiram representadas na atuação de poder e decisões do evento.

Considerando o que foi exposto e analisando os objetivos deste trabalho, propõe-se, aos gestores de eventos, promover reflexões sobre as causas das desigualdades, investindo em



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

tentativas de desconstruir o modelo atual de gênero e mostrando a capacidade da mulher. Isso é fundamental para resgatar os valores fundamentais para um mundo baseado no respeito em relações de igualdade, solidariedade e de justiça social. Aponta-se, ainda, a necessidade de criação de políticas públicas, sobretudo nas questões de prevenção de violências às mulheres e de incentivo ao turismo de eventos, para que se proporcionem mais oportunidades para as mulheres, de forma igualitária.

Diante disso, a pesquisa apresentada observou que, no 8º Fórum Mundial da Água, os trabalhos desempenhados por ambos os sexos não conseguiram oferecer oportunidades igualitária de trabalhos, visto que as mulheres não se sentiram representadas na atuação de poder e decisões do evento.

Considerando o que foi exposto e analisando os objetivos deste trabalho, propõe-se, aos gestores de eventos, promover reflexões sobre as causas das desigualdades, investindo em tentativas de desconstruir o modelo atual de gênero e mostrando a capacidade da mulher. Isso é fundamental para resgatar os valores fundamentais para um mundo baseado no respeito em relações de igualdade, solidariedade e de justiça social.

Aponta-se, ainda, a necessidade de criação de políticas públicas, sobretudo nas questões de prevenção de violências às mulheres e de incentivo ao turismo de eventos, para que se proporcionem mais oportunidades para as mulheres, de forma igualitária.

Fonte: <https://repositório.unb.br/handle/10482/35304>

A Transformação Humana nas Viagens: Encontro de si e busca de ser

Autora: Camila Aparecida Leves Maneze (2019)

O trabalho aborda como tema o ato de viajar autônomo. O ato de viajar acompanha a construção da história humana, é antigo e provido de várias motivações, tais como a busca por experiências significativas para o sentido da vida. Por meio de



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

um recorte de gênero, evidencia-se como elemento central do estudo a viajante independente, considerada “a nova filha errante da estrada”, que viaja desacompanhada ao seu próprio modo e tempo, vivencia diversas formas de acomodações e meios de transporte, mas que pode privilegiar um modal, a bicicleta, e assumir as viagens como um novo estilo de vida móvel. Deixa-se guiar pela viagem e por seus sentidos, ao acaso da aventura e do encontro. Transgrida o imaginário social e a ordem social estabelecida que remetem o ato de viajar à figura masculina. Realiza uma experiência de viagem não convencional, considerada uma das expressões de viver as mobilidades turísticas contemporâneas.

O fio condutor, ao tratar do ato de viajar com autonomia, é trabalhar com os seus aspectos subjetivos, por meio das experiências que se aproximam das dimensões simbólicas dos ritos de passagens. Tais experiências podem promover mais do que o encontro com o outro diferente de si, revelando-se um processo de autoconhecimento na busca ou encontro, consciente ou não, de ser e de si.

Fonte: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34886>

Os resumos das pesquisas apresentadas nos indicam o caminho de uma produção científica em direção ao aprofundamento do conhecimento sobre as problemáticas sociais econômicas e políticas, questões que envolvem as relações sociais e de gênero, o enfrentamento de situações sociais e políticas, sobretudo aos gêneros, as mulheres, idosos, inseridos nas dimensões do turismo.

As conferências e debates realizados durante o Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades – A Práxis da Interseccionalidade na Contemporaneidade foram de suma importância para estudantes, professores, pesquisadores e profissionais do turismo e áreas afins, proporcionando grandes contribuições e avanços no que se refere a interseccionalidade e suas correlações com as problemáticas existentes, nos



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

estimulando reflexões, à respeito da necessidade de avançarmos nos objetivos que levam a transformação social e inclusão de grupos e comunidades valorizando sobretudo os direitos humanos, para caminharmos em direção a um projeto de sociedade com justiça social.

Referências

- BILGE, Sirma. Théorisations féministes.del'intersectionnalité. Diogène, pp. 70-88. Presses Universitaires de France, 2009.
- COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013.
- COLLINS, Patrícia Hill. Cahiers du CEDREF, 2015.
- FRANÇOISE LABORIE, Helene Le Doaré, Danielle Senotier (Orgs.). Editora UNESP, 2009.
- GUILLAUMIN, Colette. L'idéologie raciste. Paris, Gallimard, 2007.
- GUILLAUMIN, Colette. Sexe, race et pratique du pouvoir: L'idée de nature. 1ª ed. Paris, Côté Femmes, 1992.
- HIRATA, Helena. Gênero, Classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo social soc.vol. 26, nº.1. São Paulo, jan./jun., 2014.
- HIRATA, Helena. Gênero e Trabalho. Desafios Nacionais Debates Internacionais PPGS/USP. São Paulo, 2017.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alessandro dos Santos Mariano

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – e membro do HISTEDBR (Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2016). Especialista em Educação do Campo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2015) e em Ensino de Ciências Humanas e Sociais em Escolas do Campo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2008). Em seu currículo Lattes os termos mais frequentes na contextualização da produção científica são: Educação do Campo, Organização do Trabalho Pedagógico, Complexos de Estudos, Currículo e Diversidade Sexual no MST.

Ana Beires

Mestre em Ciências da Educação, Investigadora em Educação e Gênero, UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. Integrante do Projeto BO(U)NDS - Laços, Limites e Violência, da UMAR, atuando em revisão de literatura; metodologias qualitativas de recolha, análise e interpretação de dados (entrevistas, grupos de discussão focalizados, narrativas biográficas); escrita de artigos científicos; organização de eventos científicos; e participação em conferências nacionais e internacionais.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Camila Iglesias

Licenciada em Direito, mestre em Criminologia pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto e doutoranda na mesma Instituição. É também investigadora em projetos nacionais e internacionais no âmbito da violência contra a mulher e violência entre parceiros íntimos. É investigadora do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) e também colaboradora externa na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Caroline Bahniuk

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (2003). Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico pela mesma instituição (2006). Mestre em Educação (2008) e Doutora em educação (2015) ambos cursos realizados na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente realiza estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na UFSC. Possui experiência na área da docência, formação de educadores e no acompanhamento pedagógico de escolas de Educação Básica. Pesquisa os seguintes temas: Trabalho e Educação; Experiências sócio educativas nos movimentos sociais, Políticas públicas para a Educação Básica.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Cristiane Sousa de Araujo dos Santos

Mestra pelo Centro de Excelência em Turismo (CET/UnB), em 2018, com especialização e Graduação em Gestão Pública pela Universidade Católica de Brasília, em 2012. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gênero e Interdisciplinaridades – GINTER – CET/UnB/CNPq, professora da Universidade Católica de Brasília. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino técnico e tecnológico, pós-graduação, atuando principalmente nos seguintes temas: Gestão de Pessoas, Qualidade de vida no trabalho, Inovação e tecnologia, Empreendedorismo, Gestão do Atendimento, marketing, entre outros.

Denise Oliveira e Silva

Pesquisadora Titular em Saúde Pública da Gerência Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz. Mestrado em Ciências da Alimentação pela Universidade de Gand, Bélgica (1992). Mestrado em Ciências da Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz (1995). Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília(2000) Pós-doutorado em Antropologia da Alimentação pelo Centre Edgar Morin de Institut Interdisciplinaire d'Anthropologie du Contemporain, Paris, França (2012).Coordenou o Grupo de Trabalho de Nutrição na execução de atividades de assistência e cuidado as populações faveladas de Manguinhos, Rio de Janeiro; de preceptoría de estágios de estudantes de graduação em nutrição e residentes em saúde pública ; implementação de projetos de pesquisa e desenvolvimento e formação de pós-graduação em sistemas de vigilância alimentar e nutricional realizadas no Centro de Saúde Germano Sival Faria da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (1986 a 1995). Coordenou a formação em nível de pós-graduação em sistemas de vigilância alimentar e nutricional



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (1987-2015). Foi Secretária de Programas Especiais do extinto Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (1996-1997). Foi coordenadora Nacional do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional como Gerente de Projetos do Ministério da Saúde do Brasil (1996 a 2000). Integrou a equipe responsável pela formulação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (1999-2000). Foi Diretora da Diretoria Regional de Brasília da Fiocruz Brasília (2000-2005). Assessorou a Presidência do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional na formulação da Lei de Segurança Alimentar e Nutricional na Casa Civil da Presidência da República do Brasil (2003-2005). Integrou a equipe responsável pela formulação da Política Nacional de Saúde da População Negra (2005-2007). Foi professora associada do Programa de Pós-graduação em Nutrição Humana da Universidade de Brasília (2004-2012). Coordenou o Programa de Formação em Lato Sensu em Vigilância Alimentar e Nutricional em Distritos Sanitários Indígenas da Escola de Governo – Fiocruz – Brasília e da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (2005-2008). Coordenou a implementação do Programa de Formação em Lato Sensu de Políticas Públicas de Alimentação e Nutrição no Brasil da Escola de Governo-Fiocruz Brasília e da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (2005-2015). Coordenou o curso de Lato Sensu em Alimentação e Cultura da Escola de Governo-Fiocruz Brasília e da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (2004-2015). Atualmente desempenha funções de gestão como Vice-Diretora da Gerência Regional de Brasília da Fiocruz. Coordenação do Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura da Gerência Regional de Brasília da Fiocruz na implementação de projetos de pesquisas sobre patrimônios alimentares de populações quilombolas na região do Grande Kalunga, Goiás; biografias alimentares de mulheres obesas pobres no Brasil; hábitos, comensalidade e patrimônios alimentares de Feiras Permanentes Populares no DF; territórios saudáveis e sustentáveis na RIDE-DF. Integra o Programa de Pós-graduação



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

em Políticas Públicas de Saúde da Escola de Governo – Fiocruz – Brasília. É professora associada dos programas: de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; Pós-graduação em Saúde Pública do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães. Coordena o Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares. É editora chefe da Revista de Alimentação e Cultura das Américas. Coordena o Grupo de Trabalho para a criação de Programa de Formação em Lato e Stricto Sensu em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional para Moçambique da Fiocruz.

Donária Coelho Duarte

Possui graduação em Ciências da Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Atualmente é Professora Associada da Universidade de Brasília onde leciona na graduação no Curso Gestão de Agronegócios (UnB) – Unidade Planaltina e no Mestrado do Centro de Excelência em Turismo (CET). É membro do Laboratório de Estudos de Turismo e Sustentabilidade do Centro de Desenvolvimento Sustentável (Lets/UnB) e membro do Grupo de Pesquisa Produção, Consumo, Turismo e Sustentabilidade do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB (CDS/UnB – Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq). Coordena o Núcleo de Estudos sobre Turismo Responsável, Acessível e Sênior (Netras - All). Sua área de atuação inclui os seguintes temas: turismo acessível, turismo sênior, turismo responsável, gênero e turismo rural.



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Ernest Cañada Mullor

Fundador e coordenador da ALBASUD – centro de investigação especializado em turismo a partir de perspectivas críticas. Professor associado na Universidade de Barcelona/Espanha e na Universidade de Angers/França. Tem diversas publicações entre livros e artigos científicos a respeito do Turismo em leituras interseccionais. Doutor em Geografia e História pela Universidade das Ilhas Baleares com a tese “Possibilidades e limites de um turismo inclusivo. Território, trabalho e comunidade nas geografias do turismo”.

Eunice Léa de Moraes

Doutora em Educação, professora adjunta da Faculdade de Educação (FAED) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Associada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/ABPN; Associação de Docentes da UFPA/ ADUFPA/ ANDES; Associação Nacional de Pós-graduação em Educação. ANPED. Membro do GT 21: Educação e Relações Étnico-raciais da ANPED. Projetos de pesquisa: Educação Libertadora e Feminismo Negro: uma teia conceitual de resistência a interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe. (PPGED/ICED/UFPA.2017-2020). As contribuições das educadoras negras para o ensino, para a pesquisa e para a extensão da Universidade Federal do Pará: ao encontro da memória e da experiência histórica dos percursos trilhados (ICED/UFPA. 2021-2023). Representante discente do PPGED no Colegiado e na Congregação do ICED/UFPA (2017). Assessora da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (2013-2015). Membro do Conselho Nacional de Política de Igualdade Racial (CNPIR 2003-2010).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Assessora da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (2007-2012). Coordenadora Geral do Programa de Qualificação Profissional (PNQ) do Ministério do Trabalho e Emprego (2003-2007). Consultora do Programa Vento Norte da Amazônia das Escolas Sindicais Amazônia e Chico Mendes da Central Única dos Trabalhadores (CUT/2000-2001). Assessora Pedagógica do Programa Vento Norte da Escola Sindical Amazônia (CUT/1999). Experiência na área de Educação e Trabalho, com ênfase na formação de educadores (as), formação de formadores(as), currículo, capacitação profissional, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia de ensino e aprendizagem, relações de gênero e étnico-raciais, gênero e raça no mercado de trabalho, sexismo e racismo, pedagogia Freireana. Artigos publicados sobre educação, relações de gênero e raça no mundo do trabalho, interseccionalidade de gênero, raça e classe, educação libertadora Freireana, feminismo negro.

Fernando Bomfim Mariana

Historiador pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1997), com mestrado (2003) e doutorado (2008) em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Professor Associado I da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FEUnB), no Departamento de Teoria e Fundamentos (TEF), área Educação e Trabalho; e credenciado no Programa de Pós-graduação em Educação – Modalidade Profissional da FEUnB (PPGEMP) no campo de pesquisa Política, Gestão, Sociedade e Cultura. Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA) no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e pesquisador do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Trabalho” (NEPET), ambos sediados na Universidade de Brasília. Coordenador do Projeto de



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Extensão “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”; e do PIBID subprojeto Pedagogia na UnB. Possui experiência na autogestão de projetos educacionais voltados para o Ensino Público em todos os níveis, bem como no desenvolvimento de metodologias dialógicas e coletivas direcionadas para a gestão democrática da educação e para a formação de professores. Enquanto Professor Adjunto do Departamento de Educação do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) na área “Movimentos Sociais e Educação Popular” (2009-2018) coordenou o Laboratório Internacional de Movimentos Sociais e Educação Popular, o Conselho Gestor da Incubadora de Cooperativas AFESOL – Articulação e Fortalecimento de Empreendimentos Econômicos Solidários, o Grupo Permanente de Arte e Cultura “TRAVESSIA”. Na área de formação de professores coordenou institucionalmente o Programa Novos Talentos-UFRN (Projeto “Educação Popular, Trabalho e Direitos Humanos”, 2014-2016) e o Subprojeto Pedagogia (CERES) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (2014-2018), ambos da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica da CAPES.

Flávia Luciana Naves Mafra

Doutora em Ciências Sociais - Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2006). Concluiu o mestrado em Administração pela Universidade Federal de Lavras em 1997 e graduou-se em Administração (1994). Atualmente é professora da Universidade Federal de Lavras, desenvolvendo pesquisas sobre trabalho, movimentos sociais, desenvolvimento, meio ambiente e formas de organização na sociedade capitalista. É coordenadora do Laboratório de Estudos Transdisciplinares - LETRA e membro do NECOP (UFMG).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Isabela Grossi Amaral

Atua na área de software de tecnologia financeira e operações na Equals Stone Company, uma Fintech de capital aberto na Nasdaq. Trabalha com Key Accounts, como: Mercado Livre, Ifood, McDonalds, Nike, Alitalia, United, C&A, Magazine Luiza, Netshoes, AirCanada, entre outras. Mestra em Administração pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, na linha de pesquisa em Organizações, Gestão e Sociedade. Graduada em Administração pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Participa do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Transdisciplinares - LETRA na UFLA.

Manuel Carlos Ferreira da Silva

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e em Sociologia pela Universidade de Amsterdã, onde se doutorou *cum laude*, em 1994, em Ciências Sociais, Culturais e Políticas. Distinguido com o Prémio Sedas Nunes pela obra Resistir e Adaptar-se. Constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal (Porto, Afrontamento, 1998), é professor catedrático aposentado em Sociologia da Universidade do Minho, na qual foi Diretor do Centro de Investigação em Ciências Sociais (CICS) (2004-2014). Membro integrado do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS – Nova UMinho), é Professor Visitante no Programa Pós-graduação Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPDSCI) na Universidade de Brasília (UnB) e investigador do NEUR-CEAM da UnB. Foi Diretor do Curso de Sociologia (1995-1998), Diretor do Departamento (2000-2002) e Diretor do Curso de Doutorado em Sociologia da Universidade do Minho (2006). Lecionou Teorias Sociológicas, Sociologia Rural e



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Urbana, Sociologia do Desenvolvimento, Desigualdades Sociais, Estratificação e Classes Sociais. Foi avaliador de cursos em Ciências Sociais em Portugal pela Agência A3ES (2010-2014), de candidaturas para bolsas de doutoramento e pós-doutoramento (2004-2013), assim como da produção científica em ciências sociais na FCT/Portugal e na ANVUR/Itália. Coorganizador de vários congressos nacionais, nomeadamente da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e internacionais (CongLab, 2009), foi presidente da APS (2010-2012). Coordenou diversos projetos de investigação em concursos (inter)nacionais, designadamente aprovados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), sendo de relevar: as Relações interétnicas: do racismo e da xenofobia ao multiculturalismo. Um estudo de minorias étnicas de origem africana e etnia cigana (FCT, POCTI SOC/103, 2001-2006); a Toxicodependência em contexto famalicense: para além do duplo olhar de *insiders and outsiders*, UMinho e Câmara Vila Nova Famalicão (2002-2003); a Prostituição feminina em regiões de fronteira (SAPIENS/99, POCTI/36472/SOC) (2001-2005) (com M.Ribeiro et al); as Desigualdades de gênero no trabalho e na vida privada: entre leis e práticas sociais, FCT, PTDC/SDE/72257/2006 (2007-2011); Modos de vida e formas de habitar: Ilhas e Bairros Populares no Porto e em Braga (FCT - PTDC/ IVC-SOC/ 4243/ 2014,2014, 2016-2019). Entre as obras destacam-se, para além de Resistir e Adaptar-se (1998), Estado e Nação: entre o global e o local (2005), Desenvolvimento e Assimetrias socioespaciais (2005); Vidas na Raia: Prostituição Feminina em regiões de fronteira (2007); Classes Sociais. Condições de vida, identidade e ação coletiva (2009); Socioantropologia Rural e Urbana (2012); Trabalho, Técnicas e Mundo (2012); Prostituição e Tráfico de Mulheres para fins de exploração sexual (2013); Etnicidade, Nacionalismo e Racismo (2014); Sina Social Cigana (2014); Cidade, Habitação e Participação (2015); Desigualdades de Género (2016); Desigualdades e Políticas de Género (2016).



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão

Doutora em Estudios Iberoamericanos – Universidad Complutense de Madrid (1998), mestre em Desenvolvimento Urbano - Universidade Federal de Pernambuco (1988) graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco (1981). Pós-doutorado na UFSC, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (2011-2012), Investigadora Visitante no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2014). Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco atua na Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Orientou monografias de conclusão de curso de graduação, dissertações de mestrado e bolsistas CNPq na realização de pesquisas financiadas por esta instituição de fomento. Tem publicado na área de Sociologia/Antropologia, nos seguintes temas: gênero, desenvolvimento local, políticas públicas, comunidade costeira e cidadania, mulher e ciência. Coordena, desde 2002, o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade CNPq/UFRPE, com a página www.gpdeso.com e também coordena o Núcleo de Pesquisa-ação Mulher e Ciência. Tem coordenado projetos financiados pelo CNPq, MPA, MDA, SPM, MEC. Recebeu prêmio HQ-MIX Melhor Livro Teórico do ano 1999, sobre caricaturas.

Maria José Magalhães

Possui doutorado em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (2005), Portugal. Docente do Centro de Investigação e Intervenção Educativas - Faculdade de Ciências da Educação do Universidade do Porto/PT. Investigadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero, com experiência na área



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

de Educação, ênfase em Sociologia da Educação, Universidade de Lisboa/PT. Integrante do Grupo de Pesquisa CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades e Feminismos e História das Mulheres pelo Centro de Excelência em Turismo (CET/UnB). Presidente da UMAR Feminismos - Mulheres Alternativa e Resposta.

Neuza de Farias Araújo

Possui Pós-doutorados em Estudos Interdisciplinares pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutorado em Economia do Trabalho pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto Portugal. Doutorado em Sociologia pela Universidade Denis – Diderot – Paris VII – França. Diploma de Estudos Aprofundados em Ciências Sociais pela Universidade de Paris I – Phanthéon – Sorbonne, França. Pós-graduação em Fundamentos do Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharelado em Serviço Social pela Universidade Regional do Nordeste de Campina Grande, Paraíba. Professora Associada Nível 4, do quadro de pessoal permanente da Universidade de Brasília. Professora do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, Brasil. Coordena os grupos de pesquisas Interdisciplinaridades de Estudos de Gênero/UnB, e História das Mulheres/UnB cadastrados no CNPq. Pesquisadora associada da Association International des Sociologues de Langue Française (AISLF) (França-Canadá), integrando o grupo de Recherche Sociologia das relações sociais (Université de Toulouse França). Pesquisadora colaboradora/visitante no Centre de Recherche Sociologiques et Politique de Paris (CRESPPA GTM/CNRS, 2012) e do Centro de Educação e Intervenção da Universidade do Porto (2012). Tem coordenado e participado de vários eventos nacionais e internacionais, com trabalhos apresentados e publicados. Áreas de interesse:



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Turismo e Interdisciplinaridades, Trabalho, Mulheres Chefes de Família, Estudos sobre as Mulheres, Violência e Sociedade. Transformações do Trabalho, Deslocamentos, Sociabilidades.

Raquel Rodrigues

Doutorada (2016) em Ciências da Educação - Especialização em Pedagogia Social pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica do Porto. Licenciada (2008) e Mestre (2010) em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Detentora de experiência como investigadora júnior em diferentes projetos nacionais e internacionais e como formadora de professores na área da acessibilidade e cidadania universal. Organizadora de diferentes seminários e congressos nacionais e internacionais. Desenvolve trabalhos relacionados às temáticas da Pedagogia Social, da Educação Social, dos Direitos Humanos e das Metodologias de Investigação

Renatha Cândida da Cruz

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2020) e Graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Bacharel (2006), Licenciada (2007) e mestra (2015) em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Especializada em Educação Inclusiva com Ênfase no Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de Tecnologia de Palmas - Fatec (2012). Participa do Grupo de Pesquisa Território e Fluxos da UFG, coordenadora Observatório do Mundo do Trabalho Regional Uruaçu, membra da Comissão Permanente de Políticas de Promoção da Igualdade Étnico-Racial (CPPIR) do IFG,



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

membra do Observatório do Estado Social Brasileiro, idealizadora e coordenadora do Projeto Meninas Cientistas IFG.

Sônia Regina da Cunha Barreto Gertner

Graduada em Pedagogia (UFF) e Psicologia (Famath). Mestre em Saúde Pública (ENSP), Especialista em Saúde Mental e Psicanálise (UERJ) e em Gestão de Organizações de Ciência e Tecnologia em Saúde (ENSP). Atualmente responsável pela Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz (CST/Cogepe/Fiocruz). Membro do Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência. Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Escola Nacional em Saúde Pública Sergio Arouca, na Área de concentração: Determinação de Processo Saúde-Doença: Produção/Trabalho, Território e Direitos Humanos, no Eixo: Direitos Humanos e Saúde.

Vera Simone Schaefer Kalsing

Professora Associada do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras (UFLA). É Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Mestre e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência em docência nas áreas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política. É Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão do Departamento de Administração e Economia da UFLA. Atuou como professora-formadora do Curso de Pedagogia a Distância nas disciplinas de Sociologia I, II e III, e A Criança, a Família e a Instituição de Educação Infantil e como Professora-Formadora do Curso de



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020
Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

Pós-Graduação Lato Sensu Gênero e Diversidade na Escola. Possui experiência em pesquisa, extensão e publicações nas áreas de gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos, tecnologias reprodutivas conceptivas e bioética, metodologia de pesquisa, violência contra meninos e meninas em situação de rua, mulheres assentadas, da economia solidária e do Conselho de Políticas de Igualdade Racial de Lavras. Foi membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Ufla, de 2011 a 2014. E membro do Colegiado do Curso de Graduação em Pedagogia na modalidade a distância da Ufla, de 2012 a 2015. É membro do Colegiado de Curso do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão. Atualmente, coordena o MURA Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Raça do Departamento de Ciências Humanas da UFLA. Suas linhas de pesquisa são relações de sexo, raça e classe, interseccionalidade e consubstancialidade, questões raciais no Brasil. Coordena a pesquisa Mulheres no Ensino Superior.

Vinícius da Silva Oliveira

Integrante do Coletivo LGBT do MST. Licenciado em Educação do Campo – Ciências da Natureza – UFPR/Litoral, com experiência nas áreas de pesquisa.

Vitor João Ramos Alves

Doutor pelo Departamento de Geografia da Universidade de Brasília – PPGGEA/UnB/DF – (2017-2019), com pesquisa sobre rodas de samba na formação socioespacial brasileira e patrimônio-territorial na América Latina. Professor Substituto e Colaborador do Centro de Excelência em Turismo –



Grupo de Pesquisa CNPq
Gêneros e Interdisciplinaridades
<http://cet.unb.br>

Grupo de Pesquisa CNPq
Feminismos e História das Mulheres
<http://cet.unb.br>



Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades A PRÁXIS DA INTERSECCIONALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

28, 29, 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020

Cooperação entre Universidade de Brasília (BR) e Universidade do Porto (PT)

CET/UnB/DF – (2018-atualmente), na disciplina Turismo e Interpretação do Patrimônio, Comunicação no Turismo e Planejamento e Gestão do Turismo. Vinculado aos Grupos de Pesquisas CNPq: (i) Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe – GECIPA – PPGGEA/UnB/DF; (ii) Patrimônio, Memória e Território – UNESP/SP; e (iii) Gêneros e Interdisciplinaridades – CET/UnB/DF. Mestre em Turismo pelo CET/UnB/DF (2015-2016), cujo trabalho versou sobre patrimônio natural e a ética do cuidado na relação sociedade-natureza. Graduado em Turismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB/DF – (2012-2014). Experiência profissional na área de Gestão do Turismo e Planejamento. Licenciatura Plena de Matemática, pelo Centro Universitário de Barra Mansa (2004). Especialista em Logística Empresarial, nível de Pós-Graduação *lato sensu* (MBA), pelo Centro Universitário de Barra Mansa (2002). Título de graduação de Tecnólogo em Processamento de Dados pela Faculdade de Ciências Administrativas de Barra Mansa (1998).

Grupos de Pesquisa

CNPq Gêneros e Interdisciplinaridades GINTER/CET/UnB e o Grupo de Pesquisa Feminismos e História das Mulheres CNPq/CET/UnB

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (U.Porto/Portugal)

Entre os dias 28, 29 e 30 de setembro, 01 e 02 de outubro de 2020, foi realizado - em formato virtual - o Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades : "A práxis da interseccionalidade na contemporaneidade". Este evento foi resultado da parceria entre os grupos de pesquisas CNPq "Gênero e Interdisciplinaridades" e "Feminismos e História das Mulheres", do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB) com a Universidade do Porto (U.Porto/Portugal). Um encontro de importantes reflexões teóricas sobre a interseccionalidade e suas inferências na sociedade, com participação popular, que aqui são compartilhadas.

Boa leitura!

